

ESPÍRITO IMORTAL

# EVANGELHO SEM MISTÉRIOS

---

O Evangelho de Lucas sob a ótica espírita

**Morel Felipe Wilkon**

**2014**

Os simbolismos do Evangelho de Lucas analisados e interpretados de acordo com os conhecimentos proporcionados pelo Espiritismo

## Índice

INTRODUÇÃO .....	3
CAPÍTULO 1 .....	4
CAPÍTULO 2 .....	22
CAPÍTULO 3 .....	30
CAPÍTULO 4 .....	40
CAPÍTULO 5 .....	54
CAPÍTULO 6 .....	68
CAPÍTULO 7 .....	95
CAPÍTULO 8 .....	105
CAPÍTULO 9 .....	120
CAPÍTULO 10 .....	145
CAPÍTULO 11 .....	153
CAPÍTULO 12 .....	176
CAPÍTULO 13 .....	186
CAPÍTULO 14 .....	193
CAPÍTULO 15 .....	204
CAPÍTULO 16 .....	212
CAPÍTULO 17 .....	220
CAPÍTULO 18 .....	229
CAPÍTULO 19 .....	237
CAPÍTULO 20 .....	245
CAPÍTULO 21 .....	253
CAPÍTULO 22 .....	260
CAPÍTULO 23 .....	276
CAPÍTULO 24 .....	286

## INTRODUÇÃO

***“Nada há de oculto que não haja de ser descoberto, nem de escondido que não haja de saber-se e vir à luz”. Lucas 8:17***

Este é um trabalho provisório. É, na verdade, uma tentativa de dissipar os aparentes mistérios dos Evangelhos. Nasce da vontade de conhecer e dar ao conhecimento o conteúdo mais profundo do ensinamento de Jesus.

Acreditamos que por trás de todos os atos, parábolas e demais ensinamentos de Jesus existam importantes simbolismos. Aliás, mais importante do que os fatos materiais aparentes são os simbolismos que encontramos nos Evangelhos. São eles que dão a conhecer - no sentido bíblico do termo - a essência do ensinamento do Cristo.

Cada evangelista apresenta o seu enfoque, o seu objetivo, o seu ponto de vista. Eles escreveram em períodos turbulentos, em que várias correntes de pensamento disputavam a veracidade da sua interpretação sobre o evento do Cristo. Não muito diferente de hoje. O Evangelho de Lucas talvez seja o que mais se aproxima do Cristianismo que chegou até nós.

Não temos porque duvidar de que os fatos narrados nos Evangelhos sejam reais. Mas aconteceram ou foram narrados de maneira que ficassem, no transcorrer dos séculos, significados ocultos ou aparentemente ocultos, simbolismos para que nós pudéssemos apreender suas lições conforme o nosso grau de entendimento.

Os Evangelhos foram escritos em grego, e as traduções que conhecemos nem sempre são coerentes, seja pela interpretação pessoal do tradutor, seja pelo fato de que muitas palavras mudam de sentido com o tempo. Trataremos disso no futuro. Para este esboço, analisamos mais de uma dúzia de traduções e os comentários de vários estudiosos, representantes de correntes de pensamento diversas. Também analisamos o texto grego onde nos pareceu mais necessário. Transcrevemos a tradução Almeida Corrigida e Revisada Fiel, por ser a mais tradicional e conhecida. Numa futura edição, se for o caso, trarei as referências.

Permita-se, mais do que raciocinar (que é imprescindível), sentir as palavras e o que há por trás delas. Agradeço a Deus e aos queridos amigos espirituais que me proporcionaram momentos de profunda e grata inspiração. Bom estudo!

## CAPÍTULO 1

- 1. Muitos já se dedicaram a elaborar um relato dos fatos que se cumpriram entre nós,**
- 2. conforme nos foram transmitidos por aqueles que desde o início foram testemunhas oculares e servos da palavra.**
- 3. Eu mesmo investiguei tudo cuidadosamente, desde o começo, e decidi escrever-te um relato ordenado, ó excelentíssimo Teófilo,**
- 4. para que tenhas a certeza das coisas que te foram ensinadas.**

Lucas escreve o seu Evangelho se dirigindo ao Teófilo, que muitos estudiosos da Bíblia pensam se tratar de alguma pessoa. Mas Teófilo quer dizer “amigo de Deus”, então, parece claro que Lucas se dirige aos que se ocupam com as coisas de Deus, aos “amigos de Deus”, independente de ter havido algum Teófilo ou não.

Muitas pessoas não se questionam a respeito da Bíblia. Acham que a Bíblia é a palavra de Deus. Aceitam tudo cegamente, sem estudarem a respeito e sem fazerem uso da razão.

Mas nós vemos que já desde aquele tempo houve, com Lucas, a preocupação de averiguar as origens dos fatos narrados sem aceitar cegamente o que lhe havia chegado aos olhos e ouvidos.

Muitos já haviam escrito antes. Mateus, Marcos e dezenas de outros que não chegaram até nós. Lucas, como homem culto que era, acostumado, certamente, ao método científico, se deu ao trabalho de pesquisar, conferir novas e antigas fontes, interrogar pessoas e coletar dados importantes.

**5. No tempo de Herodes, rei da Judéia, havia um sacerdote chamado Zacarias, que pertencia ao grupo sacerdotal de Abias; Isabel, sua mulher, também era descendente de Arão.**

***“No tempo de Herodes, rei da Judeia...”*** - Judeia significa “louvor a Jeová”. Jeová é como era chamado o deus dos judeus, e o louvor a Jeová é a necessidade de manifestação religiosa, de cerimônias, de rituais.

Deus não precisa de louvores, era o homem daquele tempo (e não só daquele tempo) que precisava fazer da sua religiosidade um ato cerimonial e espalhafatoso.

Herodes, que era um homem odiado pela maioria dos judeus, por não ser do seu povo (ele era idumeu, e não judeu), era um homem absolutamente materialista. “No tempo de Herodes” quer dizer “nos tempos do materialismo exacerbado”.

“No tempo de Herodes, rei dos judeus”, era o período em que o mais completo materialismo governava, comandava, controlava a religiosidade dos homens, simbolizada pelos judeus, os que “louvam a Jeová”.

**6. Ambos eram justos aos olhos de Deus, obedecendo de modo irrepreensível a todos os mandamentos e preceitos do Senhor.**

**7. Mas eles não tinham filhos, porque Isabel era estéril; e ambos eram de idade avançada.**

**8. Certa vez, estando de serviço o seu grupo, Zacarias estava servindo como sacerdote diante de Deus.**

**9. Ele foi escolhido por sorteio, de acordo com o costume do sacerdócio, para entrar no santuário do Senhor e oferecer incenso.**

**10. Chegando a hora de oferecer incenso, o povo todo estava orando do lado de fora.**

**11. Então um anjo do Senhor apareceu a Zacarias, à direita do altar do incenso.**

Havia um casal, já de idade avançada, que não tinha filhos. Eram Zacarias e Isabel. Zacarias era sacerdote, e num dia em que estava no serviço sacerdotal, no templo, queimando incenso enquanto o povo orava do lado de fora, apareceu a Zacarias um anjo.

Anjo quer dizer mensageiro, nada mais que isso. Os anjos mencionados na Bíblia são, na maioria das vezes, espíritos desencarnados, espíritos que se manifestam para dar mensagens, como acontece em reuniões mediúnicas, em quaisquer manifestações religiosas ou mesmo em circunstâncias que não têm nada a ver com religião, já que a religião é invenção do homem, mas o espírito é criação de Deus - está em toda parte em todo tempo. Há passagens em que a palavra grega *ággelos* se refere a espíritos encarnados.

**12. Quando Zacarias o viu, perturbou-se e foi dominado pelo medo.**

**13. Mas o anjo lhe disse: "Não tenha medo, Zacarias; sua oração foi ouvida. Isabel, sua mulher, lhe dará um filho, e você lhe dará o nome de João.**

Então apareceu um anjo, um mensageiro, para dizer a Zacarias que Isabel iria engravidar, apesar da sua idade, e daria à luz um menino que deveria se chamar João.

O anjo foi visto, provavelmente, através da clarividência de Zacarias. É interessante notar que muitas vezes, na Bíblia, quando há manifestações de espíritos, sejam

eles chamados de espíritos, de anjos ou deus, no caso de Jeová, é citada uma nuvem. Sabemos se tratar do ectoplasma, um fluido denso, animalizado, produzido apenas pelos espíritos encarnados, e que permite que os espíritos desencarnados tomem a mesma forma e se manifestem com a aparência semelhante aos encarnados. Mas, no caso em análise, não é citada nenhuma nuvem. Acreditamos, então, que Zacarias era médium clarividente, que é aquele que vê pelos olhos da mente. Em alguns casos pode ver o espírito como se ele estivesse ali em carne e osso.

**14. Ele será motivo de prazer e de alegria para você, e muitos se alegrarão por causa do nascimento dele,**

**15. pois será grande aos olhos do Senhor. Ele nunca tomará vinho nem bebida fermentada, e será cheio do Espírito Santo desde antes do seu nascimento.**

**16. Fará retornar muitos dentre o povo de Israel ao Senhor, o seu Deus.**

**17. E irá adiante do Senhor, no espírito e no poder de Elias, para fazer voltar o coração dos pais a seus filhos e os desobedientes à sabedoria dos justos, para deixar um povo preparado para o Senhor".**

**18. Zacarias perguntou ao anjo: "Como posso ter certeza disso? Sou velho, e minha mulher é de idade avançada".**

**19. O anjo respondeu: "Sou Gabriel, o que está sempre na presença de Deus. Fui enviado para lhe transmitir estas boas novas.**

**20. Agora você ficará mudo. Não poderá falar até o dia em que isso acontecer, porque não acreditou em minhas palavras, que se cumprirão no tempo oportuno".**

Para quem acha estranho que o anjo seja um espírito como qualquer outro, vale lembrar que Gabriel, que é como o anjo se apresentou, quer dizer "homem de Deus". Ora, qualquer espírito é um homem de Deus, principalmente se estiver fazendo a Vontade de Deus.

No versículo 5, Zacarias é apresentado como um sacerdote e Isabel é apresentada como descendente de Arão.

Arão foi irmão de Moisés, o legislador do judaísmo. Arão foi o primeiro sumo-sacerdote judeu, foi quem deu origem à classe sacerdotal.

Zacarias e Isabel, então, representam a religião daquele tempo, que estava com a idade avançada e não dava frutos. A religião da época era como Zacarias e Isabel, que não tinham filhos. A religião da época era estéril assim como o casal Zacarias e Isabel.

É bom lembrar que naquele tempo, e para aquele povo em especial, a infertilidade era considerada um castigo de Deus. Ao anunciar o nascimento de um filho a Zacarias, o espírito Gabriel está dando a notícia de uma nova oportunidade oferecida por Deus aos homens apesar da sua infertilidade religiosa.

A história de Zacarias e Isabel é muito semelhante à história de Abraão e Sara, relatada no Gênesis. Abraão e Sara também eram velhos e não tinham herdeiros. Mas Deus, pelo proceder reto e justo de Abraão, o escolhe para ser o formador do seu povo.

Toda a história bíblica dos hebreus, mais tarde chamados judeus, começa com Abraão. Claro que não podemos compreender tudo isso ao pé da letra. Deus não escolhe ninguém. Se Deus escolhesse alguém estaria sendo parcial, e então não seria Deus.

Somos nós que nos escolhemos através dos nossos pensamentos, palavras e ações corretos.

João Batista, filho de Zacarias e Isabel, que foi anunciado pelo anjo ou espírito Gabriel, foi o precursor de Jesus, foi quem anunciou Jesus, foi quem preparou o caminho para Jesus.

Por isso a ideia de Lucas de citar os pais de João Batista, Zacarias e Isabel. João Batista descendia de uma classe sacerdotal, era o profeta por excelência e prepara o caminho para Jesus.

Assim podemos ver que a religião preparou o caminho para a compreensão do ensino de Jesus. João Batista representa o ápice de um processo de conscientização conhecido como religião, que culmina com a religação com Deus através da assimilação do ensino de Jesus. Lembramos que a palavra religião vem do latim *religare*, significando exatamente a religação, o retorno da creatura ao Creador.

A religião sacerdotal, cerimonial, ritualística e tradicional foi necessária como preparação para o entendimento do ensino de Jesus. Mas Jesus não tem nada a ver com religião no sentido tradicional. Jesus não fundou nenhuma religião e o ensino de Jesus não depende, de maneira alguma, de que a pessoa que o estude seja religiosa. Não há a menor necessidade de religião para compreender e seguir o ensino de Jesus.

O espírito ou anjo que apareceu a Zacarias diz que João, que ia nascer, não iria beber vinho nem qualquer bebida embriagante, ou seja, nenhuma bebida alcoólica, e

estaria desde o ventre da sua mãe “cheio do espírito santo”. Isso quer dizer que João Batista era um nazireu, ou seja, um homem consagrado a Deus.

Um exemplo conhecido de nazireu foi Sansão, que tinha a força simbolizada nos seus cabelos, porque os cabelos compridos simbolizavam o seu voto a Deus, a sua consagração a Deus. Tanto é que quando Dalila traiu Sansão essa traição consistiu em lhe cortar os cabelos.

É importante termos em mente que os manuscritos que deram origem ao que conhecemos como Novo Testamento foram escritos em grego koiné, o grego popular que se falava na época. Não havia sinais de pontuação e o texto era todo escrito em letras maiúsculas. Escrever “espírito” com inicial maiúscula ou minúscula fica a critério do tradutor.

Outro ponto importante é que a maioria das traduções diz “cheio do espírito santo”. Os manuscritos não trazem artigo antes de “espírito santo”. No grego não existe artigo indefinido, só artigo definido. Se “espírito santo” fosse um ente específico, seria de esperar que fosse precedido por artigo definido. Como não há artigo, a melhor tradução é “um” espírito santo, e não “o” espírito santo.

Então João estava cheio de “um” espírito santo. A palavra “santo”, no contexto bíblico, não tem a conotação que damos a essa palavra hoje. Santo é tudo o que é voltado a Deus, dedicado a Deus, separado para Deus. Paulo, em suas epístolas, refere-se a si mesmo, aos membros das comunidades cristãs, à própria comunidade e ao povo judeu como “santos” (as referências são tantas que seria exaustivo citar). Santo é o que se opõe ao profano. O que é dedicado a Deus é santo, o que não é dedicado a Deus é profano.

Para Rohden a palavra “santo”, originalmente, quer dizer todo, inteiro, universal. Em vários idiomas, como o alemão e o inglês, a palavra “santo” tem esse sentido de total, inteiro, integral.

Um espírito santo, então, quer dizer um espírito íntegro, um espírito completo em sua experiência terrena; ou, simplesmente, um espírito dedicado a Deus. Jesus disse mais tarde, que dentre os nascidos de mulher não há ninguém maior do que João Batista. Nascido de mulher é o espírito que ainda precisa reencarnar, o espírito que ainda não se libertou do ciclo reencarnatório – embora Severino Celestino afirme que “nascido de mulher” queira dizer apenas “judeu”, ou seja, o homem nascido de mulher judia, que é, ainda hoje, considerado oficialmente judeu.



João Batista era o maior dos espíritos que ainda precisava reencarnar na Terra, pois era cheio de um espírito santo, era vivificado por um espírito santo. O homem encarnado chamado João Batista era um espírito dedicado a Deus, portanto, um espírito santo. Por precisar reencarnar, talvez não pudesse ser considerado, ainda, um espírito santo, íntegro. Essa denominação caberia melhor a um espírito puro, conforme indica a classificação kardekiana nas questões 112 e 113 de O Livro dos Espíritos. Gabriel, o espírito que anunciou João Batista, possivelmente se enquadrasse nessa classificação, que Allan Kardec denomina como espíritos puros ou anjos.

Não se trata, portanto, de espírito santo como uma das três pessoas de Deus, como querem alguns religiosos. Era o espírito que iria reencarnar como João Batista, que, aliás, havia reencarnado 900 anos antes como Elias.

João Batista era a reencarnação de Elias, é o que está escrito no versículo 17; que João Batista seguiria “no espírito e na virtude de Elias” - *ἐν πνεύματι καὶ δυνάμει Ἠλίου*. A preposição *ἐν* pode perfeitamente ser traduzida como “com”, ficando, então, “com o espírito e o poder de Elias”. *Δυνάμει* é poder.

Gabriel, o espírito que anunciou a vinda de João Batista, repetiu as palavras do profeta Malaquias, que 400 anos antes já havia previsto a reencarnação de Elias:

*“Eis que eu vos enviarei o profeta Elias, antes que venha o grande e terrível dia do Senhor; e ele converterá o coração dos pais aos filhos, e o coração dos filhos a seus pais; para que eu não venha, e fira a terra com maldição”.* (Malaquias 4:5-6)

Gabriel também diz a Zacarias que João Batista iria converter muitos israelitas, ou seja, muitos judeus, ao seu deus. Ele diz ao “seu” deus, ele não diz “a Deus”. João Batista, por mais elevado que fosse, ainda foi um profeta de uma religião, de uma religião que tinha o seu próprio deus.

Jesus é quem nos possibilita, com o seu exemplo vivo, converter as nossas mentes a Deus; Jesus é quem começa a converter as mentes à causa primária de todas as coisas, ao Deus creador, ao Deus infinitamente justo e bom, ao Deus que sempre nos concede novas oportunidades e novas chances de aprendizado, novas chances de reajuste, novas chances de rearmonização com os outros e conosco mesmos através da reencarnação.

Só a reencarnação explica suficientemente o perdão de Deus e as aparentes desigualdades que encontramos todos os dias à nossa frente. Todas as aparentes injustiças da Vida são causadas por nós mesmos, nesta ou em outras existências.

Se não houvesse reencarnação, não haveria explicação para tanta desigualdade e sofrimento, para tantas crianças que já nascem doentes sem nunca terem feito mal a ninguém nesta existência.

Dizer que Deus tem um plano e que por isso uns nascem saudáveis e outros nascem doentes, uns nascem ricos e outros nascem pobres, uns nascem felizes e outros nascem infelizes - isso é argumento de quem não pensa por si mesmo, isso é argumento de quem está acostumado a ouvir o líder religioso dizer as suas próprias verdades como se fossem verdades absolutas.

Só o estudo nos leva ao esclarecimento. E não há como progredirmos como pessoas e como espíritos sem o esclarecimento.

**21. E o povo estava esperando a Zacarias, e maravilhava-se de que tanto se demorasse no templo.**

**22. E, saindo ele, não lhes podia falar; e entenderam que tinha tido uma visão no templo. E falava por acenos, e ficou mudo.**

**23. E sucedeu que, terminados os dias de seu ministério, voltou para sua casa.**

**24. E, depois daqueles dias, Isabel, sua mulher, concebeu, e por cinco meses se ocultou, dizendo:**

**25. Assim me fez o Senhor, nos dias em que atentou em mim, para destruir o meu opróbrio entre os homens.**

Zacarias não acredita no espírito Gabriel (ou anjo Gabriel). Zacarias duvidou, e talvez por causa disso é que tenha ficado temporariamente surdo e mudo.

No passado, Abraão, Gideão e Ezequias já haviam pedido um sinal a Deus, para que acreditassem na sua palavra, e nada aconteceu a eles. Mas Zacarias pede um sinal e é tornado surdo e mudo. Zacarias tinha o conhecimento que os outros não tinham, já era um homem esclarecido, já conhecia as experiências de Abraão, Gideão e Ezequias e do próprio Moisés através dos livros. Não podia alegar desconhecimento do poder de Deus. Talvez tenha lhe faltado fé.

Simbolicamente, a antiga tradição religiosa representada por Zacarias estava surda e muda, e essa antiga tradição religiosa ficaria surda e muda até que o último profeta, João Batista, aparecesse para preparar o caminho do Cristo.

Não é à toa que tantas vezes Jesus coloca como condição para a compreensão do seu ensino que tenhamos olhos de ver e ouvidos de ouvir. A religião tradicional não tinha – e não tem, ainda hoje – olhos de ver e ouvidos de ouvir. Olham e não veem, escutam e não ouvem.

Depois disso Isabel fica recolhida em casa durante cinco meses. Durante cinco meses não sai à rua, ninguém vê a sua gravidez. Isabel, que era conhecida por todos como “a infértil”, o que era uma imensa vergonha para a época, agora recolhe-se durante cinco meses e só torna à vida pública quando a gravidez já é visível e inegável a qualquer um.

Isso se aplica a cada um de nós. O casal Zacarias e Isabel, representantes da religião tradicional, representantes das exterioridades, do exclusivismo, do achar que deus é só seu, de considerar que os outros que não seguem a sua religião estão sem Deus, este casal sofre uma transformação através do anúncio da chegada de João Batista.

A antiga religião fica surda e muda. O aparecimento da mudança representada por João Batista não é visto por ninguém enquanto não se torna notória e incontestável.

Só quando a chegada da mudança é fato visível - como a gravidez de cinco meses - é que “Isabel se deixa ver”. Do mesmo modo nós, quando abraçamos novas resoluções e formamos novos hábitos, transformamos o nosso modo de pensar, “ficamos grávidos” de uma nova maneira de sentir, de uma nova maneira de ser, de uma nova maneira de viver. Então nós precisamos de um tempo de isolamento, de um tempo em que fiquemos surdos e mudos aos costumes antigos, aos velhos modos de pensar, de se portar e de viver em sociedade.

É o que o apóstolo Paulo quer dizer quando fala do homem novo que deve substituir o homem velho. Esta é a transformação ocorrida com o casal Zacarias e Isabel, que simbolizam a preparação de um novo tempo (representada pela vinda de João Batista) e a transformação interna que isso provoca em cada um de nós.

Quando nós tomamos contato com a realidade espiritual, quando nós nos deparamos com a chegada de verdades que ignorávamos, ficamos temporariamente surdos e mudos para o mundo. As coisas antigas, os velhos hábitos, já não nos atraem, e nos isolamos por um tempo até nos readaptarmos com o mundo em que vivemos encarnados, passando a ouvir tudo com outros ouvidos, a manifestar tudo através de palavras condizentes com uma nova compreensão da Vida.

**26. E, no sexto mês, foi o anjo Gabriel enviado por Deus a uma cidade da Galiléia, chamada Nazaré,**

**27. A uma virgem desposada com um homem, cujo nome era José, da casa de Davi; e o nome da virgem era Maria.**

28. E, entrando o anjo aonde ela estava, disse: Salve, agraciada; o Senhor é contigo; bendita és tu entre as mulheres.
29. E, vendo-o ela, turbou-se muito com aquelas palavras, e considerava que saudação seria esta.
30. Disse-lhe, então, o anjo: Maria, não temas, porque achaste graça diante de Deus.
31. E eis que em teu ventre conceberás e darás à luz um filho, e pôr-lhe-ás o nome de Jesus.
32. Este será grande, e será chamado filho do Altíssimo; e o Senhor Deus lhe dará o trono de Davi, seu pai;
33. E reinará eternamente na casa de Jacó, e o seu reino não terá fim.
34. E disse Maria ao anjo: Como se fará isto, visto que não conheço homem algum?
35. E, respondendo o anjo, disse-lhe: Descerá sobre ti o Espírito Santo, e a virtude do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra; por isso também o Santo, que de ti há de nascer, será chamado Filho de Deus.
36. E eis que também Isabel, tua prima, concebeu um filho em sua velhice; e é este o sexto mês para aquela que era chamada estéril;
37. Porque para Deus nada é impossível.
38. Disse então Maria: Eis aqui a serva do Senhor; cumpra-se em mim segundo a tua palavra. E o anjo ausentou-se dela.

Isabel, que já era de idade avançada, e era tida como estéril, já que não tinha filhos, estava grávida de seis meses, esperando João Batista. O espírito Gabriel foi então até a cidade de Nazaré à procura de Maria, a futura mãe de Jesus.

Maria era virgem, era noiva de José, ainda não moravam juntos. Mas para a legislação judaica daqueles tempos a noiva já era considerada propriedade do marido, e qualquer transgressão por parte dela seria punida. A pena para o adultério, por exemplo, era a condenação à morte por apedrejamento.

As mulheres ficavam noivas aos 12,13, 15 anos, e se casavam ainda meninas. Maria era uma menina quando ficou grávida.

O anjo Gabriel anuncia a Maria que ela daria à luz um menino que se chamaria Jesus.

***“Como se fará isto, visto que não conheço homem algum?”*** - Os judeus usavam o eufemismo “conhecer” para se referir ao ato sexual. No Gênesis, o primeiro livro da Bíblia, logo depois que Deus fez Eva está escrito que Adão “conheceu” Eva. Quer dizer que Adão e Eva mantiveram relações sexuais.

Maria era virgem e disse isso ao anjo, querendo saber como engravidaria de Jesus. O anjo lhe responde que: ***“Descerá sobre ti o Espírito Santo, e a virtude do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra; por isso também o Santo, que de ti há de nascer, será chamado Filho de Deus”***.

Aqui, novamente, não há artigo antes de “espírito santo”, e, como já vimos, as iniciais maiúsculas são adotadas pelos tradutores de acordo com as suas concepções. Se não há artigo ante de “espírito santo”, não se trata “do” espírito santo, mas de “um” espírito santo.

Descerá sobre Maria um espírito santo, um espírito íntegro, dedicado a Deus, e o poder (δυναμις) de Deus a cobrirá com sua sombra, ou, literalmente, “a ofuscará”. Não é dito, nem direta nem indiretamente, que Maria permaneceria virgem ou que prescindiria de manter relação sexual com José. Maria diz ao anjo que era virgem, queria saber como nasceria através dela este ser que seria chamado filho do Altíssimo. O que o anjo responde a ela é sobre como se daria a encarnação deste espírito santo, deste espírito dedicado a Deus. Gabriel explica que este espírito desceria até ela e que ela sentiria o poder de Deus (traduzido como “virtude”), que este poder produziria uma espécie de torpor, “a ofuscaria”, ou, como foi traduzido, ela seria “coberta pela sombra” do poder de Deus.

É ao próprio Jesus que ele está se referindo. O espírito superior, o espírito mais puro que já pisou sobre a Terra, Jesus, descerá sobre Maria para encarnar por intermédio dela e a virtude do altíssimo, ou seja, o poder de Deus cobrirá Maria, a envolverá, estará com ela, pelo fato do maior espírito da Terra estar temporariamente ligado a ela. Em parte alguma se fala que ela permaneceria virgem ou que ela não se uniria sexualmente a José.

O anjo Gabriel diz ainda a Maria que Isabel, que era sua parente, também havia engravidado, apesar da sua idade avançada, porque ***“para Deus nada é impossível”***.

Para Deus não é impossível que uma mulher de idade avançada engravide, e para Deus não é impossível que uma virgem, noiva, que ainda não havia consolidado o seu casamento, engravidasse. Nada impediria que ela se unisse sexualmente a José, mesmo que o casamento ainda não se tivesse concretizado. Isto poderia ser impossível para os homens, por causa das suas leis, dos seus costumes, das suas crenças, dos seus preconceitos.

Mas, para Deus, que nos criou à sua imagem e semelhança, e que criou o sexo, e que nunca proibiu o sexo, e que nunca se manifestou contrariamente ao sexo, para Deus não é impossível que Maria se una sexualmente com José e engravide, e dê à

luz o espírito mais puro que conhecemos, Jesus, um espírito íntegro, completo, voltado para Deus, um espírito santo.

Este o significado da palavra santo - total, universal, completo, integral. A palavra são, que é muito próxima da palavra santo, tem esse sentido de integridade ligado ao corpo: Corpo são; corpo íntegro. A palavra santo tem esse sentido de integridade ligado ao espírito: Espírito santo; espírito íntegro.

Por que Maria deveria engravidar virgem? Por que Maria deveria permanecer virgem depois de conceber? Porque a mulher era vista como fonte de todo pecado.

Santo Agostinho, ali pelo ano 400, foi quem associou o chamado pecado original ao sexo. Agostinho é o patrono do celibatarismo, é por causa dele que padre não pode casar, é por causa dele que o sexo é visto como sujo e pecaminoso.

Esse mesmo Santo Agostinho é um dos espíritos que colaboraram na codificação do Espiritismo, e Allan Kardec comenta que Agostinho havia modificado muitos dos seus pontos de vista. É evidente que sim.

Santo Agostinho viveu de 354 a 430. No seu livro mais famoso, as Confissões, ele deixa ver as suas ideias a respeito do sexo. Arrepende-se de ter sido fissurado por sexo na juventude e, depois de maduro, mais sábio, mais vivido, e, claro, com os hormônios em baixa, coloca a culpa de todo o mal no sexo.

Agostinho foi capaz de escrever bobagens como: “Por que o demônio não fala com Adão, e sim, com Eva?” Agostinho achava, também, que a salvação não dependia apenas da vontade e dos atos, mas de Jesus.

Nas obras da codificação, organizadas por Allan Kardec, percebe-se o quanto Agostinho mudou de ideia a esse respeito. Afinal, entre a sua existência como Santo Agostinho e a sua colaboração na codificação do Espiritismo, passaram-se 1500 anos.

Jesus diz que dentre os nascidos de mulher não havia ninguém maior do que João Batista. Os nascidos de mulher são todos os espíritos que ainda precisam reencarnar. Mas, 900 anos antes, João Batista havia sido Elias. João Batista foi a reencarnação de Elias; e Elias, embora fosse um grande profeta, foi um homem sanguinário que mandou degolar 450 sacerdotes inimigos - para quem não acredita na Lei de causa e efeito, Elias degolou e foi degolado quando reencarnado como João Batista.

Em 900 anos o espírito de Elias progrediu muito e reencarnou como João Batista. Em 1500 anos o espírito de Santo Agostinho progrediu muito e colaborou na codificação do Espiritismo, retificando posicionamentos equivocados.

Essa questão da virgindade de Maria tem tanta importância para a Igreja Católica que o dogma da Imaculada Conceição só foi aprovado em 1854 pelo papa Pio IX. O dogma da Imaculada Conceição é que decide, num canetaço do papa, que Maria permaneceu virgem depois de dar à luz, depois de Jesus nascer.

O cristianismo começou depois da morte de Jesus, principalmente através de Paulo. Foi duramente perseguido nos primeiros tempos. Milhares de cristãos foram mortos. No ano 380, por meio do Imperador romano Teodósio, o cristianismo se torna a religião oficial do Império romano. O Império romano compreendia quase toda a Europa, parte da África, da Ásia e o Oriente Médio. Para tornar o cristianismo aceito por todos, por tantos países diferentes, costumes, culturas e idiomas diferentes, eles adotaram rituais, lendas e crenças de outras religiões, das chamadas religiões pagãs.

Havia muitas lendas de deuses nascidos de virgens: Krischna, na Índia, nasceu sem uma união sexual, nasceu de uma união mental ióguica entre Vasudeva e Devaki; o deus Hórus, no antigo Egito, foi concebido quando o seu pai já estava morto. Ísis, sua mãe, se transformou em pássaro e pousou sobre a múmia de Osíris, seu esposo morto, e assim ela foi fecundada; para alguns, Buda também foi concebido de maneira fora do comum, de maneira extraordinária, sem união sexual.

O que é que há de importante neste relato da concepção de Maria? Quem escreveu o Evangelho tinha uma finalidade para citar tudo o que citou.

Lucas era um homem culto, que vivia o que se convencionou chamar de cristianismo primitivo. Lucas aprendeu com Paulo, um homem igualmente culto. Lucas provavelmente conheceu muitos discípulos de Jesus, além de Maria, a mãe de Jesus.

Uma leitura atenta dos Evangelhos deixa claro que Jesus não ensinava para o povo tudo o que ensinava para os seus discípulos. Há um sentido profundo em tudo o que está escrito.

Todo o Evangelho é um código eterno de sabedoria cósmica, válida em qualquer tempo e em qualquer lugar.

Todos nós somos filhos de Deus, fomos criados à imagem e semelhança de Deus. Jesus disse que nós somos deuses (João 10:34). Todos temos dentro de nós, em nosso íntimo, toda a potencialidade crística. Foi Jesus mesmo quem nos disse que poderíamos fazer todas as coisas que ele fazia e até maiores (João 14:10).

Então eu tenho o Cristo dentro de mim, você tem o Cristo dentro de você. O Cristo é a manifestação de Deus individualizada. É algo que todos temos dentro de nós em estado latente, esperando ser desenvolvido. É a nossa essência divina. É como um diamante recoberto de pedra bruta. A cada reencarnação evoluímos um pouco, a cada existência removemos parte da pedra bruta que recobre o diamante que temos dentro de nós. Pouco a pouco, cada vez chegamos mais perto. Quem já evoluiu suficientemente é capaz de perceber a presença do seu Cristo interno.

Jesus completou a sua evolução terrena, Jesus unificou-se com o seu Cristo interno, Jesus anulou a sua personalidade para viver a sua individualidade divina.

Maria representa o espírito que já evoluiu suficientemente a ponto de descobrir que há o Cristo dentro de si. Maria está grávida do Cristo, do seu Cristo interno, Maria já é capaz de perceber o Cristo.

Maria submete-se humildemente à vontade de Deus, que é o cumprimento da Sua lei. Todo aquele que percebe a sua realidade espiritual, todo aquele que toma a decisão firme de seguir o caminho reto das Leis de Deus, pressente o seu Cristo interno, sente o Cristo que habita dentro de si mesmo, está “grávido” do Cristo, que um dia há de vir à luz, ou seja, há de manifestar-se em sua plenitude, como o diamante que é livrado de toda impureza e é cuidadosamente lapidado.

Depois disso Maria resolve ir visitar Isabel, que era sua parente.

**39. E, naqueles dias, levantando-se Maria, foi apressada às montanhas, a uma cidade de Judá,**

**40. E entrou em casa de Zacarias, e saudou a Isabel.**

**41. E aconteceu que, ao ouvir Isabel a saudação de Maria, a criancinha saltou no seu ventre; e Isabel foi cheia do Espírito Santo.**

**42. E exclamou com grande voz, e disse: Bendita és tu entre as mulheres, e bendito o fruto do teu ventre.**

**43. E de onde me provém isto a mim, que venha visitar-me a mãe do meu Senhor?**

**44. Pois eis que, ao chegar aos meus ouvidos a voz da tua saudação, a criancinha saltou de alegria no meu ventre.**

**45. Bem-aventurada a que creu, pois não de cumprir-se as coisas que da parte do Senhor lhe foram ditas.**



Assim que Isabel ouviu Maria lhe cumprimentando, sentiu que a criança no seu ventre se agitava. Um espírito se manifesta por intermédio de Isabel. Provavelmente o espírito do próprio Elias, que em breve iria reencarnar como João Batista. Embora estivesse no ventre de Isabel, ainda em formação, o espírito de Elias e João Batista era suficientemente adiantado para manter esse grau de lucidez. O espírito que iria reencarnar como João Batista reconheceu o espírito que iria encarnar como Jesus, que estava no ventre de Maria, e se manifesta através de Isabel dizendo em alta voz, como é comum nos fenômenos mediúnicos de incorporação ou psicofonia: ***“Bendita és tu entre as mulheres, e bendito é o fruto do teu ventre.*** Maria responde com uma belíssima demonstração do seu entendimento de Deus.

46. Disse então Maria: A minha alma engrandece ao Senhor,
47. E o meu espírito se alegra em Deus meu Salvador;
48. Porque atentou na baixeza de sua serva; Pois eis que desde agora todas as gerações me chamarão bem-aventurada,
49. Porque me fez grandes coisas o Poderoso; E santo é seu nome.
50. E a sua misericórdia é de geração em geração Sobre os que o temem.
51. Com o seu braço agiu valorosamente; Dissipou os soberbos no pensamento de seus corações.
52. Depôs dos tronos os poderosos, E elevou os humildes.
53. Encheu de bens os famintos, E despediu vazios os ricos.
54. Auxiliou a Israel seu servo, Recordando-se da sua misericórdia;
55. Como falou a nossos pais, Para com Abraão e a sua posteridade, para sempre.
56. E Maria ficou com ela quase três meses, e depois voltou para sua casa.

As palavras de Maria chamam a atenção para a Lei de causa e efeito. Se referindo às ações de Deus, Maria diz: ***“Depôs dos tronos os poderosos, e elevou os humildes. Encheu de bens os famintos, e despediu vazios os ricos”.***

Alguns religiosos interpretam isso como uma demonstração de que Deus prefere os pobres. Por que Deus preferiria os pobres? O que o pobre tem de melhor do que o rico ou o remediado? Se Deus gostasse de pobreza, não teria criado o Universo tão rico e abundante e farto.

O que Maria diz se refere à Lei de causa e efeito, que faz com que nós sempre colhamos aquilo que nós plantamos. Tudo o que nos acontece é o resultado de nossas ações passadas. Por isso, quem abusa do seu poder numa existência é derrubado na existência seguinte, enquanto que aquele que era humilde é elevado, beneficiado. Aliás, isso demonstra mais uma vez a reencarnação.

Raramente acontece de um poderoso ser derrubado e do humilde ser elevado numa só existência. É preciso considerar a realidade da reencarnação para com-

preendermos o sentido da oração de Maria. Se não levarmos em conta a reencarnação, o que ela está dizendo é uma mentira e uma grande bobagem.

**57. E completou-se para Isabel o tempo de dar à luz, e teve um filho.**

**58. E os seus vizinhos e parentes ouviram que tinha Deus usado para com ela de grande misericórdia, e alegraram-se com ela.**

**59. E aconteceu que, ao oitavo dia, vieram circuncidar o menino, e lhe chamavam Zacarias, o nome de seu pai.**

**60. E, respondendo sua mãe, disse: Não, porém será chamado João.**

**61. E disseram-lhe: Ninguém há na tua parentela que se chame por este nome.**

**62. E perguntaram por acenos ao pai como queria que lhe chamassem.**

**63. E, pedindo ele uma tabuinha de escrever, escreveu, dizendo: O seu nome é João. E todos se maravilharam.**

**64. E logo a boca se lhe abriu, e a língua se lhe soltou; e falava, louvando a Deus.**

**65. E veio temor sobre todos os seus vizinhos, e em todas as montanhas da Judéia foram divulgadas todas estas coisas.**

**66. E todos os que as ouviam as conservavam em seus corações, dizendo: Quem será, pois, este menino? E a mão do Senhor estava com ele.**

Quando chegou o tempo de Isabel dar à luz, os vizinhos vieram vê-la, congratulando-se com ela pelo fato de ela ter engravidado em idade já avançada, quando todos tinham certeza de que ela era infértil, o que era considerado uma vergonha e um castigo de Deus.

Os vizinhos sugeriram que se colocasse no menino o nome do pai, Zacarias. A mãe, Isabel, diz que ele se chamaria João. Os vizinhos estranham, pelo fato de que a escolha não competia à mãe, mas ao pai, e também porque não era costume dar ao filho um nome que não houvesse em sua família.

Perguntam por meio de sinais a Zacarias, já que ele estava temporariamente surdo e mudo, como deveria se chamar o menino. Zacarias pediu uma tabuinha de escrever (não existia caneta e papel, como hoje), e escreveu: João é o seu nome.

Assim que Zacarias escreveu isso deixou imediatamente de estar surdo e mudo. As pessoas presentes ficaram muito surpresas com aquilo e perguntavam umas às outras: - O que seria aquele menino, o que haveria de especial nele?

**67. E Zacarias, seu pai, foi cheio do Espírito Santo, e profetizou, dizendo:**

**68. Bendito o Senhor Deus de Israel, Porque visitou e remiu o seu povo,**

**69. E nos levantou uma salvação poderosa Na casa de Davi seu servo.**

**70. Como falou pela boca dos seus santos profetas, desde o princípio do mundo;**

**71. Para nos livrar dos nossos inimigos e da mão de todos os que nos odeiam;**

**72. Para manifestar misericórdia a nossos pais, E lembrar-se da sua santa aliança,**

73. E do juramento que jurou a Abraão nosso pai,  
 74. De conceder-nos que, Libertados da mão de nossos inimigos, o serviríamos sem temor,  
 75. Em santidade e justiça perante ele, todos os dias da nossa vida.  
 76. E tu, ó menino, serás chamado profeta do Altíssimo, Porque hás de ir ante a face do Senhor, a preparar os seus caminhos;  
 77. Para dar ao seu povo conhecimento da salvação, Na remissão dos seus pecados;  
 78. Pelas entranhas da misericórdia do nosso Deus, Com que o oriente do alto nos visitou;  
 79. Para iluminar aos que estão assentados em trevas e na sombra da morte; A fim de dirigir os nossos pés pelo caminho da paz.  
 80. E o menino crescia, e se robustecia em espírito. E esteve nos desertos até ao dia em que havia de mostrar-se a Israel.

***“Zacarias, seu pai, foi cheio do Espírito Santo...”***, ou seja, um espírito se manifestou através da mediunidade de Zacarias, e esse espírito, servindo-se dos órgãos vocais de Zacarias, fala de um salvador poderoso, salvação ***“dos nossos inimigos e da mão de todos os que nos odeiam”***.

Quem são os nossos inimigos? Quem são os que nos odeiam? Costuma-se dizer, entre alguns religiosos, que o nosso inimigo é Satanás. Você acha que satanás existe?

Satanás quer dizer adversário, nada mais que isso. E o seu adversário é você mesmo. Sempre que você se apegue às coisas materiais em detrimento das coisas do espírito, você é satanás. Sempre que você dá mais importância à matéria do que ao espírito você é satanás. Sempre que você vê as coisas apenas pelo ponto de vista material, que é passageiro e ilusório, e deixa de lado as verdades espirituais, que são eternas e reais, você está sendo satanás.

Quando Jesus anuncia aos seus apóstolos tudo o que deveria acontecer com ele, que ele seria preso, humilhado, condenado sumariamente e crucificado, Pedro tenta dissuadir Jesus, tenta aconselhar Jesus a deixar disso. Pedro acha que Jesus está “viajando”. Jesus diz a Pedro: *“Para trás de mim, Satanás, que me serves de escândalo; porque não compreendes as coisas que são de Deus, mas só as que são dos homens.”* Mateus 16:23

Pedro estava preocupado unicamente com os aspectos materiais, sem compreender ou aceitar o sentido espiritual.

Satanás é isso; é o nosso adversário interno, é o nosso instinto animal, é o apego à materialidade.

Mesmo os eventuais inimigos externos que nós tenhamos (todos nós em algum momento formamos inimigos, nesta ou em outras existências) só são inimigos ou só podem ser considerados inimigos enquanto nós estivermos sujeitos à materialidade. Quando estivermos voltados para as coisas de Deus, para a espiritualidade, toda e qualquer inimizade perde a razão de ser.

Isso vale para as obsessões, tão comentadas no meio espírita. Nós sabemos que o espírito obsessor só tem acesso até nós se nós dermos acesso a ele através dos nossos pensamentos, palavras e ações equivocadas.

Então fica claro quem é o seu inimigo. E quem é o nosso salvador? Será que Jesus é o nosso salvador?

Podemos considerar Jesus como o nosso salvador por ele ter nos ensinado o caminho que precisamos seguir para progredirmos espiritualmente. Se encarmos a Vida como uma prova, o Evangelho de Jesus é o gabarito da prova. O Evangelho de Jesus é o conjunto de respostas de que necessitamos para passarmos por esta prova.

Mas Jesus não nos salva. Jesus nos mostra o caminho para a nossa autossalvação.

\*\*\*

Essa fala do espírito através de Zacarias também menciona as promessas feitas no decorrer dos séculos “pela boca dos santos profetas”.

Se é “pela boca” dos profetas, não foram os profetas que falaram por si mesmos, mas apenas serviram de intermediários para que espíritos desencarnados falassem por intermédio deles.

Os profetas nada mais eram do que médiuns. A palavra grega profeta é formada pelo prefixo *pro*, que quer dizer “em lugar de”, e *phetes*, que quer dizer “locutor”. Profeta, então, é aquele que fala em nome de alguém, ou aquele através do qual alguém fala.

\*\*\*

É dito que João Batista viria ***“para dar ao seu povo conhecimento da salvação, na remissão dos seus pecados”***.

Salvação na remissão dos pecados - A palavra pecado, conforme nos ensina Champlin, significava, em grego, errar o alvo. Referia-se à tentativa frustrada de acertar um alvo com o arco e flecha. Pecar, então, é errar, é a tentativa frustrada de acertar. O sentido de pecado que você conhece foi inventado pela igreja.

Pastorino traduziu “rejeição dos erros” em vez de “remissão dos pecados”. A palavra grega traduzida como “remissão” ou “perdão” é  $\alpha\phi\epsilon\sigma\epsilon\omega\varsigma$ . Seu sentido original é de “deixar ir”, “deixar para trás”, “mandar embora”, “libertar”.

Mas Pastorino usa o verbo “resgatar” em vez de “remir”. São sinônimos. Um dos sentidos de resgatar é justamente remir. A diferença fundamental é que o resgate dá a ideia mais clara de que é uma ação praticada por nós mesmos, por nossa própria iniciativa, e não pela iniciativa de um terceiro.

Somos nós que resgatamos os nossos erros, ou, usando uma expressão facilmente compreensível, nós resgatamos o nosso *carma*.

O que nós vemos aqui, então, é o resgate dos erros, e não a remissão dos pecados. Ou, numa tradução mais literal, o que nos é ensinado como “remissão dos pecados” é a libertação dos erros, é deixar os erros para trás.

Deus é infinitamente justo, não iria perdoar pecados de um ou de outro só porque aceitou Jesus. Isso chega a ser vexatório. E todas as outras religiões não cristãs? Mais de dois terços da humanidade encarnada estariam perdidos porque não aceitaram Jesus?

Jesus veio nos ensinar o caminho da salvação de nós mesmos, que começa pelo resgate dos erros no cumprimento espontâneo da Lei de causa e efeito, ou lei do *carma*.

Paramos de errar, deixamos o nosso passado de erros para trás, nos conscientizamos de que somos responsáveis pelos nossos atos e que colheremos os seus resultados e, assim, nos salvamos.

Essa salvação, em última análise, é a libertação do ciclo reencarnatório, é não precisar mais reencarnar, é alcançar um grau de elevação moral e intelectual que nos permita não mais reencarnar.

\*\*\*

Emmanuel faz uma observação muito oportuna a respeito do versículo 79, que diz: ***“Para iluminar aos que estão assentados em trevas e na sombra da morte; a fim de dirigir os nossos pés pelo caminho da paz”.***

Emmanuel nos lembra que na Terra é natural que o chefe, o dirigente, o gerente, o administrador, atribua tarefas aos outros, movimentando grande número de pessoas ao seu encargo.

Jesus poderia mobilizar milhões de espíritos seus substitutos para desenvolver tarefas aqui no mundo material. Mas não, ele veio pessoalmente. Guardadas as proporções, é o mesmo que o presidente de uma multinacional ajudar os operários diretamente, sem passar por intermediários.

Jesus deu a maior demonstração de humildade possível colocando-se no mesmo patamar que nós, seres imperfeitos e tantas vezes ridículos em nossas disputas e contendas.

## CAPÍTULO 2

1. E aconteceu naqueles dias que saiu um decreto da parte de César Augusto, para que todo o mundo se alistasse
2. (Este primeiro alistamento foi feito sendo Quirino presidente da Síria).
3. E todos iam alistar-se, cada um à sua própria cidade.
4. E subiu também José da Galiléia, da cidade de Nazaré, à Judéia, à cidade de Davi, chamada Belém (porque era da casa e família de Davi),
5. A fim de alistar-se com Maria, sua esposa, que estava grávida.
6. E aconteceu que, estando eles ali, se cumpriram os dias em que ela havia de dar à luz.
7. E deu à luz a seu filho primogênito, e envolveu-o em panos, e deitou-o numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na estalagem.

***“... saiu um decreto da parte de César Augusto, para que todo o mundo se alistasse”.*** - Esse alistamento é o censo, semelhante ao que o IBGE faz hoje. Tanto Lucas como Mateus mencionam este alistamento ou recenseamento.

César Augusto era o Imperador romano. Lembramos que Roma dominava grande parte do mundo civilizado no tempo de Jesus. Toda a região no entorno do Mar Mediterrâneo, incluindo partes da Europa, da África e da Ásia eram dominadas por Roma.

***“... todos iam alistar-se, cada um à sua própria cidade”.*** - Rohden traduz assim: “foram todos para se inscrever, cada um à sua cidade pátria”. Aí já não é na sua cidade, mas na sua cidade pátria, ou seja, na cidade dos seus antepassados.

Acreditamos que seria um absurdo se todos devessem se dirigir à sua cidade pátria, ou seja, à cidade dos seus ancestrais. Isso criaria um trânsito de gente que viraria um caos. Roma entrou para a História, entre outras coisas, pela sua organização

administrativa, e não iam inventar uma coisa inviável como essa, de exigir que milhões de pessoas abandonassem tudo para viajarem até as cidades dos seus antepassados.

Até hoje existe um ditado que diz que “todos os caminhos levam a Roma”. No auge do Império romano chegou a haver cento e cinquenta mil quilômetros de estradas. Quem zelava tanto pela organização e pelo livre acesso das suas tropas pelas estradas não faria uma bagunça generalizada como seria o deslocamento de populações inteiras.

Essa análise é importante para percebermos o ensinamento que nos é oferecido por trás da letra do texto. Se o alistamento ou recenseamento não exigia que as pessoas fossem até as suas cidades pátrias, se deslocando pelo país, o que está escrito aqui tem uma razão maior, e nós devemos buscar essa razão no simbolismo que há por trás de todos os atos narrados nos Evangelhos.

José e Maria foram até Belém, cidade de Davi, do qual descendiam, para recensear-se. Quando estavam em Belém chegou a hora de Maria dar à luz e assim nasceu Jesus. Maria envolveu o bebê em panos e o deitou numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na estalagem.

Estalagem ou hospedaria, na época, era apenas um abrigo para os viajantes, não era um hotel. E manjedoura ou presépio é onde se guardava o gado, um lugar junto a casa, onde as pessoas também se abrigavam quando não havia mais lugar na casa. Isso era comum, não há nada de especial nisso. Jesus nasceu de maneira humilde, mas humildade não quer dizer pobreza. Alguns dizem que Deus prefere os pobres, mas isso não é verdade. Deus não faz distinção entre os seus filhos.

Encontramos um simbolismo profundo aqui. O recenseamento, como é narrado no texto, com cada um se dirigindo à cidade dos seus ancestrais, a quem eles chamavam “pais” (“pais” pode designar ancestrais; “irmãos” pode designar parentes), essa viagem representa justamente a volta à origem, a volta ao seu íntimo, a recapitulação das existências anteriores na existência atual por meio da superação de si mesmo, da superação do seu personalismo, da superação do seu ego.

Esta viagem é o encontro com o Cristo interno, é a verdade que vem à tona, a verdade que não depende de aparência, a verdade que pode surgir na humildade da manjedoura. Uma viagem de retorno à origem para que nasça um menino. Um retorno à sua origem divina para que nasça o homem novo, de que nos fala o apóstolo Paulo. É preciso que o homem velho, cheio de preconceitos gerados pelo or-

gulho e o egoísmo, dê lugar ao homem novo, o homem que reconheceu o seu Cristo interno.

Quando voltamos à nossa origem divina e verdadeira encontramos Jesus. Não é somente através de Jesus que nós chegamos a Deus. Não é nem preciso ser religioso para encontrar Deus. Mas como cristãos nós encontramos no ensinamento de Jesus o guia seguro que nos leva a Deus.

Aliás, este é o sentido que vemos na palavra religião: a religação com Deus, a volta a Deus. Nós partimos de Deus, pois fomos creados por Ele, à sua imagem e semelhança, e após milênios e milênios de experiências em que vamos tomando consciência de nós mesmos e desenvolvendo o nosso livre-arbítrio, nos conscientizamos de que precisamos voltar a Ele.

E nós só encontramos a partícula divina que cada um de nós tem dentro de si mesmo, nós só contatamos com o nosso Cristo interno por nós mesmos, individualmente, virginalmente, sem interferência de quem quer que seja.

Este é o ensinamento da maternidade de Maria para nós. Maria representa cada um de nós. Todos nós temos o Cristo dentro de nós. Maria tem o Cristo dentro de si, e faz uma longa viagem de retorno à sua origem para que nasça o homem novo de dentro de si, este homem novo que foi concebido virginalmente, ou seja, sem a interferência de ninguém, através dos seus próprios conhecimentos e experiências.

Assim com todos nós. Todos nós temos o Cristo interno dentro de nós, à espera do nosso amadurecimento espiritual. Conforme vamos aprendendo e nos desenvolvendo, vamos retornando à nossa origem divina, retornando a Deus, despertando o homem novo dentro de nós.

**8. Ora, havia naquela mesma comarca pastores que estavam no campo, e guardavam, durante as vigílias da noite, o seu rebanho.**

**9. E eis que o anjo do Senhor veio sobre eles, e a glória do Senhor os cercou de resplendor, e tiveram grande temor.**

**10. E o anjo lhes disse: Não temais, porque eis aqui vos trago novas de grande alegria, que será para todo o povo:**

**11. Pois, na cidade de Davi, vos nasceu hoje o Salvador, que é Cristo, o Senhor.**

**12. E isto vos será por sinal: Achareis o menino envolto em panos, e deitado numa manjedoura.**

**13. E, no mesmo instante, apareceu com o anjo uma multidão dos exércitos celestiais, louvando a Deus, e dizendo:**

**14. Glória a Deus nas alturas, Paz na terra, boa vontade para com os homens.**

**15. E aconteceu que, ausentando-se deles os anjos para o céu, disseram os pasto-**



**res uns aos outros: Vamos, pois, até Belém, e vejamos isso que aconteceu, e que o Senhor nos fez saber.**

**16. E foram apressadamente, e acharam Maria, e José, e o menino deitado na manjedoura.**

**17. E, vendo-o, divulgaram a palavra que acerca do menino lhes fora dita;**

**18. E todos os que a ouviram se maravilharam do que os pastores lhes diziam.**

**19. Mas Maria guardava todas estas coisas, conferindo-as em seu coração.**

**20. E voltaram os pastores, glorificando e louvando a Deus por tudo o que tinham ouvido e visto, como lhes havia sido dito.**

É possível depreendermos do texto que estes pastores fossem os próprios donos da manjedoura em que José, Maria e Jesus estavam.

O aviso do anjo aos pastores é significativo pela sua escolha. Os pastores são os responsáveis pelo seu rebanho. E Jesus disse que nenhuma das ovelhas que o Pai lhe confiou seria perdida (João 10:26-30). Jesus, espírito superior responsável maior pelo planeta Terra, tem a missão de conduzir a humanidade terrena a Deus. É o grande pastor da Terra.

Como os pastores viram o anjo? O anjo do senhor, um espírito superior, pode ter se materializado, tornando-se visível aos pastores. É possível, também, que os pastores estivessem desdobrados, num fenômeno hoje mais conhecido como projeção consciente, em que o espírito encarnado mantém a consciência desperta no plano astral provocando o autodesdobramento.

Na tradução de Rohden diz que os pastores “passavam a noite em claro”, o que bem pode ser, simbolicamente, uma expressão para designar aquele que mantém o domínio da consciência enquanto desdobrado, no controle dos seus veículos de manifestação, o corpo físico e o corpo astral, ou seja, “no domínio do seu rebanho”, “montando guarda sobre o seu rebanho”. É comum para quem pratica a projeção consciente ver e comunicar-se com espíritos desencarnados, já que estão no mesmo plano.

Grande parte do ensinamento de Jesus é construído sobre a importância do controle sobre o pensamento, e nisso também encontramos sentido nos “pastores que passam a noite em claro nos campos montando guarda sobre os seus rebanhos”, ou, para bom entendedor, pessoas que alcançaram algum domínio sobre os seus campos eletromagnéticos, montando guarda sobre os seus pensamentos. Ou, como nos ensinou Jesus, vigiando os seus pensamentos, orando e vigiando.

Os pastores vão até onde estava Jesus (o que parece confirmar que a manjedoura era realmente deles) e falam sobre o que tinha ocorrido a eles.

Vejamos a clareza do simbolismo: Os pastores, ou melhor, as “pessoas que alcançaram algum domínio sobre os seus campos eletromagnéticos”, através do controle dos seus pensamentos, ou seja, “montando guarda sobre os seus rebanhos”, encontraram o Cristo - poderíamos considerar que encontraram o seu Cristo interno, ou que encontraram o homem novo.

Se aceitarmos a hipótese de que a manjedoura era deles mesmos, podemos depreender que eles encontraram o homem novo dentro de sua própria casa, ou seja, estando no seu corpo físico, estando encarnados.

Ao final, os pastores agradeceram a Deus pelo que tinham visto e ouvido. Jesus alerta muitas vezes que devemos ter olhos de ver e ouvidos de ouvir, para que possamos compreender a sua mensagem que é toda espiritual.

Sempre vale a pena lembrar uma palavra de Emmanuel:

*“José e Maria dirigindo-se a Belém obedecem à ordenação política de César, mas Jesus vindo ao seu encontro, nas palhas da Manjedoura, fora do ambiente doméstico, mostra que a Claridade Divina pode bafejar os trabalhos da criatura em qualquer parte. O casal de Nazaré não apresenta desculpas a fim de evitar a obrigação devida à ordem, Jesus não apresenta condições especializadas para se oferecer às criaturas”.*

**21. E, quando os oito dias foram cumpridos, para circuncidar o menino, foi-lhe dado o nome de Jesus, que pelo anjo lhe fora posto antes de ser concebido.**

**22. E, cumprindo-se os dias da purificação dela, segundo a lei de Moisés, o levaram a Jerusalém, para o apresentarem ao Senhor**

**23. (Segundo o que está escrito na lei do Senhor: Todo o macho primogênito será consagrado ao Senhor);**

**24. E para darem a oferta segundo o disposto na lei do Senhor: Um par de rolas ou dois pombinhos.**

Alguns dias depois, cumprindo o que determinava a lei antiga, a lei de Moisés, José e Maria levaram Jesus a Jerusalém, onde ofereceram o sacrifício que a ocasião exigia. Percebemos que, se Jesus fosse Deus, como muitos ainda entendem, não haveria necessidade de apresentá-lo ao Senhor. Pois não seria ele mesmo o Senhor? Por outro lado, notamos que o nome “Jesus” lhe fora posto antes de ele ser concebido, o que demonstra a preexistência de Jesus, e, conseqüentemente, de todos nós.

**25. Havia em Jerusalém um homem cujo nome era Simeão; e este homem era justo e temente a Deus, esperando a consolação de Israel; e o Espírito Santo esta-**

va sobre ele.

26. E fora-lhe revelado, pelo Espírito Santo, que ele não morreria antes de ter visto o Cristo do Senhor.

27. E pelo Espírito foi ao templo e, quando os pais trouxeram o menino Jesus, para com ele procederem segundo o uso da lei,

28. Ele, então, o tomou em seus braços, e louvou a Deus, e disse:

29. Agora, Senhor, despedes em paz o teu servo, Segundo a tua palavra;

30. Pois já os meus olhos viram a tua salvação,

31. A qual tu preparaste perante a face de todos os povos;

32. Luz para iluminar as nações, E para glória de teu povo Israel.

33. E José, e sua mãe, se maravilharam das coisas que dele se diziam.

34. E Simeão os abençoou, e disse a Maria, sua mãe: Eis que este é posto para queda e elevação de muitos em Israel, e para sinal que é contraditado

35. (E uma espada traspassará também a tua própria alma); para que se manifestem os pensamentos de muitos corações.

Um espírito santo estava sobre Simeão. Já vimos que não se trata do Espírito Santo como uma das pessoas de Deus, mas se trata de “um” espírito santo, de um espírito bom, de um espírito dedicado a Deus, certamente o guia espiritual de Simeão.

Este espírito revelou a Simeão que ele não morreria sem ver o Cristo do Senhor. Cristo é como traduziram para o grego a palavra hebraica Messias, era o salvador prometido há muitos séculos em muitas profecias, esperado por todo o povo a que Jesus pertencia. A maioria esperava que o Messias se apresentasse como um grande rei poderoso, por isso poucos compreenderam a mensagem de Jesus.

Movido ou impelido pelo espírito, Simeão foi ao templo e encontrou Jesus. Encontramos novamente alusão aos olhos: ***“Agora, Senhor, despedes em paz o teu servo, segundo a tua palavra; pois já os meus olhos viram a tua salvação”.***

Simeão acha que já pode morrer em paz porque “os seus olhos viram a salvação”. Simeão teve olhos de ver e encontrou o Cristo. Simeão simboliza todos os que, por meio de uma vida justa, ajustada, alinhada com as Leis de Deus, encontram o Cristo dentro de si.

A expressão “temente a Deus” é infeliz, pois Deus não exige temor, mas obediência. Através da obediência às Leis de Deus, que estão gravadas em nossa consciência, desenvolvemos “olhos de ver” e encontramos o nosso Cristo interno, a partícula divina que habita dentro de cada um de nós.

Primeiro foram os pastores, agora Simeão. Um homem “justo e temente a Deus”. Era considerado um profeta, o que hoje no meio espírita se conhece como médium.

Simeão levou uma vida justa e “temente a Deus”, intimamente ligado ao seu guia espiritual, e esperou muito pelo seu encontro com o Cristo.

Simeão diz que a salvação é para todos os povos, o que deixa claro que a salvação independe de religião.

Preste atenção ao que Simeão diz ainda referindo-se a Jesus: ***“Eis que este é posto para queda e elevação de muitos em Israel, e para sinal que é contraditado; para que se manifestem os pensamentos de muitos corações”***.

Jesus despertou e vem despertando muitas consciências. A consciência desperta submete-se quase que imediatamente à Lei de causa e efeito, colhendo o que plantou rapidamente.

Por terem a consciência desperta, muitos caem e muitos elevam-se, reencarnação após reencarnação, de acordo com os seus atos. Todos estamos submetidos à Lei de causa e efeito, que é Lei de Deus. Mas, quanto mais desperto e elevado o espírito, mais rápidos são os seus efeitos, colhendo resultados, muitas vezes, na mesma existência.

Pela consciência desperta ocasionada pelo ensinamento de Jesus, vem à tona a contradição entre palavras e ações, das pessoas que dizem uma coisa e fazem outra bem diferente; ou contradição entre o pensamento e a palavra, em que a pessoa pensa coisas negativas e os seus lábios disfarçam com palavras de efeito, com palavras bonitas.

Essas contradições, vindo à tona, tornando-se conhecidas de todos, revelam os pensamentos íntimos dessas pessoas, os pensamentos dos seus corações, quase sempre poluídos de orgulho e egoísmo, inveja e intolerância.

**36. E estava ali a profetisa Ana, filha de Fanuel, da tribo de Aser. Esta era já avançada em idade, e tinha vivido com o marido sete anos, desde a sua virgindade;**

**37. E era viúva, de quase oitenta e quatro anos, e não se afastava do templo, servindo a Deus em jejuns e orações, de noite e de dia.**

**38. E sobrevindo na mesma hora, ela dava graças a Deus, e falava dele a todos os que esperavam a redenção em Jerusalém.**

Ana, assim como Simeão, hoje seria, pela visão espírita, considerada médium. Passava os dias servindo a Deus. ***“Não se afastava do templo, servindo a Deus com Jejuns e orações”***.

Em João 2:19-21, é dito que Jesus se referiu ao templo como sendo o corpo físico. Ana, então, não saía do corpo, não se desdobrava, não se projetava, como possivelmente acontecia com os pastores, mas passava em jejuns e orações, ou seja, meditando. Meditava, abstendo-se de coisas materiais, e assim “elevava sua vibração”.

O simbolismo do templo como sendo o corpo físico também é válido para Simeão, que encontrou o Cristo no templo, ou seja, estando no corpo, estando encarnado.

Nós vimos três narrações de encontro com Jesus, simbolizando os diversos modos como cada espírito encarnado encontra o seu Cristo interno. Todas as narrativas mostram que houve uma procura. Jesus disse que “quem procura acha”. Para encontrarmos o Cristo dentro de nós precisamos procurá-lo.

- 41. Ora, todos os anos iam seus pais a Jerusalém à festa da páscoa;**
- 42. E, tendo ele já doze anos, subiram a Jerusalém, segundo o costume do dia da festa.**
- 43. E, regressando eles, terminados aqueles dias, ficou o menino Jesus em Jerusalém, e não o soube José, nem sua mãe.**
- 44. Pensando, porém, eles que viria de companhia pelo caminho, andaram caminho de um dia, e procuravam-no entre os parentes e conhecidos;**
- 45. E, como o não encontrassem, voltaram a Jerusalém em busca dele.**
- 46. E aconteceu que, passados três dias, o acharam no templo, assentado no meio dos doutores, ouvindo-os, e interrogando-os.**
- 47. E todos os que o ouviam admiravam a sua inteligência e respostas.**
- 48. E quando o viram, maravilharam-se, e disse-lhe sua mãe: Filho, por que fizeste assim para conosco? Eis que teu pai e eu ansiosos te procurávamos.**
- 49. E ele lhes disse: Por que é que me procuráveis? Não sabeis que me convém tratar dos negócios de meu Pai?**
- 50. E eles não compreenderam as palavras que lhes dizia.**
- 51. E desceu com eles, e foi para Nazaré, e era-lhes sujeito. E sua mãe guardava no seu coração todas estas coisas.**
- 52. E crescia Jesus em sabedoria, e em estatura, e em graça para com Deus e os homens.**

Seguindo o mesmo simbolismo do encontro íntimo com o Cristo, nós encontramos nesta passagem outra importante lição. José e Maria subiram com Jesus a Jerusalém, que ficava no alto de uma colina. O provável significado da palavra Jerusalém é “visão da paz”. Subir com Jesus a Jerusalém quer dizer “elevar-se com o Cristo para a visão da paz”

José e Maria, enquanto estão “elevados na visão da paz” com o Cristo, estão bem.

Quando precisam descer, quando precisam deixar para trás a “visão da paz” para voltarem às suas ocupações materiais, perdem o contato com o Cristo.

Ao perceberem que perderam o contato com o Cristo, voltam-se para procurá-lo, procuram entre os parentes e conhecidos, e só vão encontrá-lo ao elevarem-se novamente para a “visão da paz”.

Lá está o Cristo, no seu lugar, em meio às coisas de Deus. Prevenidos, então, eles descem para as suas obrigações materiais sem descuidarem-se das coisas espirituais, ou seja, em contato com o Cristo.

Isso acontece com todos que descobrem o seu Cristo interno. Todos que despertam para a espiritualidade, num primeiro momento, só têm contato com o Cristo quando estão no alto, quando estão vibracionalmente elevados, em plena visão da paz.

Quando precisam tratar das coisas materiais, dos seus deveres físicos, saem da visão da paz, descem suas vibrações e perdem o contato com o Cristo.

Então se põe a procurá-lo, ainda tentando conseguir o acesso ao Cristo por intermédio de outros, simbolizados pelos parentes e conhecidos, que representam o líder religioso - o padre, o pastor, o dirigente espírita, o babalorixá. Mas não o encontram por intermédio de ninguém. O máximo que um líder religioso consegue fazer por um fiel ou seguidor é apontar o caminho, mas a busca e o encontro com o Cristo são processos individuais, cada um deve fazer por si. Cada um encontra o Cristo “virginalmente”, sem participação externa, pois é um processo individual.

Só vão reencontrá-lo quando elevarem-se novamente alcançando a visão da paz. Vão encontrá-lo em meio às coisas de Deus. Depois de algum tempo e muita disciplina são capazes de descer da visão da paz, de tratar das obrigações materiais sem perder o contato com o Cristo, com a fagulha divina que cada um de nós tem dentro de si, esperando ser despertada e desenvolvida.

### **CAPÍTULO 3**

- 1. E no ano quinze do império de Tibério César, sendo Pôncio Pilatos presidente da Judéia, e Herodes tetrarca da Galiléia, e seu irmão Filipe tetrarca da Ituréia e da província de Traconites, e Lisânias tetrarca de Abilene,**
- 2. Sendo Anás e Caifás sumos sacerdotes, veio no deserto a palavra de Deus a João, filho de Zacarias.**
- 3. E percorreu toda a terra ao redor do Jordão, pregando o batismo de arrependimento, para o perdão dos pecados;**

**4. Segundo o que está escrito no livro das palavras do profeta Isaías, que diz: Voz do que clama no deserto: Preparai o caminho do Senhor; Endireitai as suas veredas.**

**5. Todo o vale se encherá, E se abaixará todo o monte e outeiro; E o que é tortuoso se endireitará, E os caminhos escabrosos se aplanarão;**

**6. E toda a carne verá a salvação de Deus.**

João Batista percorreu toda a região do Jordão, ***“pregando o batismo de arrependimento, para o perdão dos pecados”***.

Na tradução do Haroldo Dutra Dias nós encontramos *“anunciava o mergulho do arrependimento para o perdão dos pecados”*. Outros traduzem como *“remissão dos pecados”*.

Batismo quer dizer mergulho. João Batista mergulhava as pessoas no Rio Jordão como um símbolo de renascimento. Quando reencarnamos, nosso espírito forma um corpo físico mergulhado no líquido amniótico. A água também simboliza o princípio gerador universal, tanto é que em Gênesis 1:2 é dito que *“o espírito de Deus se movia sobre a face das águas”*, mas não é mencionada a criação da água. Vemos neste segundo versículo da Bíblia: Deus, o princípio espiritual e o princípio material.

A palavra grega traduzida como “conversão” ou “arrependimento” é *metanoia*, que é a mudança de mente, mudança de opinião, mudança de sentimentos, mudança de vida, a transformação mental. Rohden traduz como transmentalização, ou “a conversão de uma vida de erros e pecados para uma vida de verdade e santidade”. É a reforma mental, a reforma íntima ou a conscientização.

Ao sair da água, o batizado começava uma nova vida, disposto a resgatar os próprios erros e a reformar-se mentalmente a partir da sua conscientização.

A palavra “pecado” quer dizer erro, significando, a princípio, errar o alvo - só mais tarde tomou conotação religiosa.

A palavra perdão vem do latim *perdonare*. Mas o idioma do Novo Testamento é o grego. A palavra grega que se traduz como perdão é *aphesis*. Esta palavra, *aphesis*, é traduzida nos textos como perdão, remissão, libertação. Pastorino traduziu como resgate. O seu primeiro significado é “deixar ir”.

O que se traduz normalmente como remissão dos pecados ou perdão dos pecados, é, na verdade, a libertação dos erros, o resgate dos erros, é deixar os erros para trás, abandonar os erros.

João Batista mergulhava as pessoas num processo de reforma mental para o resgate dos erros, para o resgate espontâneo do *carma*, para o reajuste espontâneo com a Lei de causa e efeito.

A própria pessoa, o próprio espírito encarnado, através da sua transmentalização, da sua mudança de opinião, de sentimentos, da sua mudança mental, da mudança do seu padrão de pensamentos, é que se conscientiza de que precisa resgatar os seus erros, resgatar o seu *carma*, rearmonizar-se com a Lei de causa e efeito espontaneamente, sem esperar que os resultados dos seus erros passados se apresentem para ela.

Seria absurdo se um mergulho ou um ato qualquer, por si só, causasse o perdão ou a remissão dos pecados de alguém. Deus seria muito injusto se fosse assim. É verdade que não conhecemos os desígnios de Deus, mas acreditamos que Deus seja todo o bem. Nada que fuja à justiça, então, pode advir de Deus. Aqueles que não conhecessem ou não acreditassem no mergulho, mesmo que fossem excelentes pessoas, estariam perdidas?

Nós só estamos quites com a Lei divina, que é toda harmonia e justiça, quando resgatamos os nossos erros passados. O mergulho, então, é a conscientização de nossa natureza espiritual e divina e, conseqüentemente, dos mecanismos da Lei de causa e efeito, e a prontificação para o nosso reajuste. Deixamos o passado de erros para trás e passamos a praticar o bem como forma de reparar e compensar o mal feito no passado.

João Batista batizava, ***“segundo o que está escrito no livro das palavras do profeta Isaías”***, preparando o caminho do Senhor, ou seja, afastando os obstáculos, que são os erros. Preparar a humanidade terrena para receber a boa nova de Jesus (evangelho que dizer “boa nova”, “boa notícia”, “novidade boa”) requer uma disposição básica: a conscientização. Ainda hoje grande parte da humanidade é composta de espíritos que mal deixaram o estágio de animalidade. Vivem, ainda, em função de instintos e paixões. Só quando nos conscientizamos de que somos espíritos imortais, partículas divinas, é que conseguimos começar a entender a grandiosidade do ensinamento de Jesus, que nos liberta e ilumina.

**7. Dizia, pois, João à multidão que saía para ser batizada por ele: Raça de víboras, quem vos ensinou a fugir da ira que está para vir?**

**8. Produzi, pois, frutos dignos de arrependimento, e não comeceis a dizer em vós mesmos: Temos Abraão por pai; porque eu vos digo que até destas pedras pode Deus suscitar filhos a Abraão.**



**9. E também já está posto o machado à raiz das árvores; toda a árvore, pois, que não dá bom fruto, corta-se e lança-se no fogo.**

A ***“ira que está para vir”*** é a ação do *carma*, ou, melhor dizendo, a Lei de causa e efeito, segundo a qual nós sempre colhemos o que plantamos. Conforme a consciência vai se desenvolvendo, nos tornamos mais sensíveis aos resultados dos nossos atos.

João diz para as pessoas que elas devem “produzir frutos dignos de arrependimento”, quer dizer, de nada adianta o arrependimento ou conversão como ato ritualístico. O batismo ou mergulho, por si só, não tem valor algum. Muitos acham que basta se arrepender (ou converter), “aceitar Jesus” e está tudo resolvido. Não é assim. Lembramos que a palavra grega traduzida como conversão ou arrependimento é *metanoia*, que quer dizer “mudança de mente”, “transformação mental”. Se houve essa mudança, essa transformação, que é a tomada de consciência, a conscientização, é preciso produzir frutos, é preciso obras. Jesus nos ensinou, em Lucas 6:43-44, que receberemos de acordo com as nossas obras e que é pelo fruto que se conhece a árvore.

João Batista chama a atenção deles duramente, alertando que não adianta eles dizerem, como diziam, que tinham Abraão por pai (eles eram todos descendentes de Abraão), porque Deus ***“até destas pedras pode suscitar filhos a Abraão”***.

Os judeus daquele tempo (o povo no meio do qual Jesus nasceu e viveu), se gabavam de serem descendentes de Abraão, eles se achavam o povo escolhido de Deus, como se bastasse ser descendente de Abraão para estarem a salvo de qualquer coisa.

Eles achavam que essas pregações se dirigiam aos outros, para eles bastava sabermos que eram descendentes de Abraão. Nós vemos isso hoje, ainda, em determinados meios religiosos. Alguns religiosos pensam que estão salvos e que são escolhidos de Deus só porque se converteram a uma determinada igreja.

Mas João Batista diz que Deus poderia fazer até das pedras descendentes de Abraão. Isso pode parecer um modo de dizer, uma figura de linguagem, mas, na verdade, não é.

Lineu considerou as coisas divididas em três reinos: o reino mineral, o reino vegetal e o reino animal. Para o Espiritismo existe Deus, o princípio inteligente e o princípio material. E o princípio inteligente precisa atravessar todos os estágios da matéria, desde o átomo até o arcanjo.

Podemos acrescentar aos reinos mineral, vegetal e animal o reino hominal, que é o estágio em que nos encontramos, e o reino de Deus, que é o nosso próximo estágio evolutivo.

Então nós vemos que Deus pode, sim, fazer das pedras filhos de Abraão. Até as pedras, um dia, evoluirão suficientemente para atravessar todos os reinos e chegar onde estamos. A evolução não pára nunca. Há uma frase atribuída a Léon Denis que diz: “A alma dorme na pedra, sonha no vegetal, agita-se no animal e acorda no homem”.

Depois João se utiliza de uma bela figura de linguagem para nos falar do despertar da consciência e da Lei de causa e efeito: **“... já está posto o machado à raiz das árvores; toda a árvore, pois, que não dá bom fruto, corta-se e lança-se no fogo”**.

As árvores são os homens e mulheres, são os espíritos encarnados.

A raiz das árvores é a consciência; se nós somos representados pelas árvores, a nossa consciência é a raiz das árvores, pois a consciência é a “raiz” do espírito.

O machado é o despertar da consciência através do conhecimento.

A questão 621 de O Livro dos Espíritos nos diz que a Lei de Deus está escrita em nossa consciência. A consciência está despertando para a Verdade através do ensino de Jesus. Já não há desculpa de desconhecimento. O espírito que não produz bom fruto será atingido pela ira que está para vir, como diz João Batista, que nada mais é do que a colheita daquilo que plantamos. A semeadura é livre, mas a colheita é obrigatória.

E o que acontece com o espírito que é atingido pela ira que está para vir, como diz João Batista?

Ele é a árvore que não dá bom fruto. E a árvore que não dá bom fruto será cortada e lançada no fogo. O fogo representa a purificação e a transformação. O fogo molda e purifica. O aço precisa ser fundido a uma temperatura de quase mil graus para depois ser moldado. O fogo que purifica e molda o espírito é a dor. A dor é um mecanismo de alerta para a nossa conduta. O caminho que leva a Deus é uma reta. Sempre que nos desviamos do caminho reto que leva a Deus somos avisados pela dor. Então sofreremos a dor, e, se aprendemos com ela, retomamos o caminho.

Não podemos pensar, de modo algum, que este fogo de que João Batista fala seja o “fogo eterno” ou o “fogo do inferno”. Isso não existe. Deus não criaria seus filhos para deixá-los queimando no fogo do inferno. Deus é infinitamente misericor-

dioso e bom, sempre nos oferece novas oportunidades, sempre nos concede novas chances.

Quando cometemos erros, somos submetidos aos resultados dos erros, que são as dores morais. Quando não produzimos frutos, sofremos pelo vazio de uma existência inútil. Mas sempre recebemos novas chances através do esquecimento temporário do nosso passado com a reencarnação.

**10. E a multidão o interrogava, dizendo: Que faremos, pois?**

**11. E, respondendo ele, disse-lhes: Quem tiver duas túnicas, reparta com o que não tem, e quem tiver alimentos, faça da mesma maneira.**

**12. E chegaram também uns publicanos, para serem batizados, e disseram-lhe: Mestre, que devemos fazer?**

**13. E ele lhes disse: Não peçais mais do que o que vos está ordenado.**

**14. E uns soldados o interrogaram também, dizendo: E nós que faremos? E ele lhes disse: A ninguém trateis mal nem defraudeis, e contentai-vos com o vosso soldo.**

O ensinamento de João Batista é essencialmente humano. É um preparo para o ensino de Jesus ao pregar a *metanoia*, a conscientização. Ensina a compartilhar o que se tem; ser honesto e correto; e não abusar do poder. É isso que se depreende do que ele responde ao povo, aos publicanos e aos soldados que lhe perguntaram o que deveriam fazer.

São citados publicanos e soldados. Eram duas classes desprezadas pelos judeus. Os publicanos, que eram os cobradores de impostos, eram mal vistos por cobrarem tributo para o invasor romano. Em troca dos tributos, Roma oferecia alguma ordem e proteção aos povos submetidos ao seu poder e permitia, até certo ponto, que eles mantivessem suas próprias leis. No caso do povo judeu eles mantiveram a sua própria religião, com a complacência de Roma.

Os tributos não eram cobrados diretamente por Roma. Roma vendia o direito de cobrança a alguém que tivesse posses e condições de cobrar impostos, e esse alguém cobrava do povo. Para ter lucro, cobrava mais do que era devido. Por isso os publicanos eram tão odiados pelos judeus.

Fora o fato de colaborarem com os romanos, pesava sobre os publicanos o fato de misturarem-se com os estrangeiros. Para os israelitas, todo estrangeiro, qualquer pessoa que não pertencesse ao seu povo, era considerada impura.

Os soldados, por sua vez, representavam Roma, defendiam os interesses de Roma, estavam sempre lembrando, com sua presença, que eles, os israelitas, eram dominados por outro povo dentro de sua própria terra.

Mas alguns publicanos e soldados são mergulhados por João, fazem a *metanoia*, que simboliza o mergulho para dentro de si mesmo para a conscientização. E perguntam a João o que deveriam fazer.

João diz para eles não cobrarem nada além do que lhes era devido, ou seja, pede apenas para que eles sejam honestos, e, no caso dos soldados, que não tratassem mal a ninguém, quer dizer, que não abusassem da sua posição de autoridade.

Emmanuel aproveita esta passagem do Evangelho para nos deixar uma lição. João Batista diz aos publicanos para não pedir mais do que devem. Emmanuel lembra que nós também não devemos pedir mais do que nos é devido, e isso se encaixa no dia-a-dia de quem convive no meio espírita ou em outro meio religioso.

*“Quantos pedem novas mensagens espirituais, sem haver atendido a sagradas recomendações das mensagens velhas? Quantos aprendizes aflitos por transmitir a verdade ao povo, sem haver cumprido ainda a menor parcela de responsabilidade para com o lar que formaram no mundo?”.*

**15. E, estando o povo em expectativa, e pensando todos de João, em seus corações, se porventura seria o Cristo,**

**16. Respondeu João a todos, dizendo: Eu, na verdade, batizo-vos com água, mas eis que vem aquele que é mais poderoso do que eu, do qual não sou digno de desatar a correia das alparcas; esse vos batizará com o Espírito Santo e com fogo.**

**17. Ele tem a pá na sua mão; e limpará a sua eira, e ajuntará o trigo no seu celeiro, mas queimará a palha com fogo que nunca se apaga.**

**18. E assim, admoestando-os, muitas outras coisas também anunciava ao povo.**

**19. Sendo, porém, o tetrarca Herodes repreendido por ele por causa de Herodias, mulher de seu irmão Filipe, e por todas as maldades que Herodes tinha feito,**

**20. Acrescentou a todas as outras ainda esta, a de encerrar João num cárcere.**

Alguns pensavam que João pudesse ser o Cristo, o Messias. Cristo é messias em grego. Messias é uma palavra hebraica que quer dizer ungido. Cristo seria aquele “ungido por Deus”, aquele em quem Deus derramou azeite, simbolizando a consagração a Deus.

Havia muitas profecias, há vários séculos, prometendo a vinda do messias, do enviado de Deus que iria devolver ao povo judeu, que se considerava o povo eleito de Deus, a grandeza a que eles julgavam ter direito.

Esperavam o messias há muito tempo, mas ultimamente estavam ansiosos esperando que o messias ou Cristo viesse para libertá-lo do jugo romano, já que toda aquela região era dominada por Roma. E alguns agora pensavam que João pudesse

ser o messias. João responde a isso dizendo que ele batizava com água, mas aquele que viria, o Cristo, este batizaria com espírito santo e com fogo.

João preparava quem estivesse pronto para a reforma mental, para o processo de conscientização que seria proposto por Jesus.

Jesus viria para mergulhar (a palavra batizar quer dizer mergulhar) quem estivesse preparado num espírito santo, na sintonia dos bons espíritos, dos espíritos dedicados a Deus, para sermos guiados e fortalecidos em nossa caminhada. Sintonizamos com as mentes que estejam na mesma sintonia que nós. Quando seguimos os ensinamentos que foram trazidos por Jesus, nos conectamos com as mentes dos espíritos que pensam e sentem como nós. “Mergulhamos” na frequência vibratória que caracteriza um espírito santo, um espírito dedicado a Deus.

E Jesus mergulharia no fogo, no fogo purificador, transformador, para moldar os espíritos encarnados e desencarnados dispostos à transformação, dispostos ao abandono do homem velho e para a assunção do homem novo.

João cuidava ainda das coisas terrenas, cotidianas; Jesus vem para a transformação espiritual.

João diz que Jesus viria para separar o trigo e a palha. O trigo ele guardaria no celeiro e a palha ele queimaria num fogo que nunca se apaga. Jesus iria mergulhar no fogo, para a purificação; e iria jogar a palha (aqueles que não estivessem prontos) num fogo que nunca se apaga. Duas imagens do fogo, mas a função do fogo é a mesma nos dois casos.

Aquele que está preparado (representado pelo trigo) é mergulhado na frequência vibratória característica de um espírito bom, de um espírito dedicado a Deus, entra em sintonia com um espírito bom, ou com os bons espíritos, e é mergulhado no fogo para purificar-se de suas impurezas e transformar-se.

Aquele que não está preparado (representado pela palha) é lançado ao fogo para moldar-se, para livrar-se das suas impurezas através da dor, que nada mais é que um mecanismo de alerta para o reajuste espiritual.

Jesus vem separar o trigo e a palha. O trigo vai para o celeiro e a palha vai para o fogo. Mas o trigo também irá para o fogo para virar pão. Ninguém come pão cru. Ou seja, todos passam pelo fogo.

É fácil perceber, então, que não há a menor hipótese de estar-se tratando de algum castigo, muito menos de um castigo eterno. O fogo nunca se apaga, mas a palha não fica lá para sempre.

O trigo fica no fogo até virar pão. A palha fica no fogo até sofrer a transformação, mas, como disse Lavoisier, “Na natureza nada se cria, nada se perde, tudo se transforma”.

O fogo é eterno porque representa a dor como mecanismo de reajuste através da purificação e transformação.

Emmanuel chama a atenção para uma imagem que poderia passar despercebida. Jesus foi chamado de mestre, pastor, messias, salvador, que são belos títulos; mas João Batista o apresenta como o trabalhador atento que tem a pá nas mãos, o trabalhador abnegado e otimista. Jesus é o trabalhador divino que vai trabalhando pelo mundo à nossa frente, nos dando o exemplo.

\*\*\*

Lucas narra a prisão de João Batista a mando de Herodes. Herodes havia tomado a mulher de seu irmão Filipe e vivia com ela em flagrante adultério, o que era contrário à lei. Assim como Elias denunciava publicamente o rei Acabe, o mesmo espírito, reencarnado agora como João Batista, denuncia o “rei” Herodes.

**21. E aconteceu que, como todo o povo se batizava, sendo batizado também Jesus, orando ele, o céu se abriu;**

**22. E o Espírito Santo desceu sobre ele em forma corpórea, como pomba; e ouviu-se uma voz do céu, que dizia: Tu és o meu Filho amado, em ti me comprazo.**

Diferente de outras passagens em que, no texto grego, não há artigo antes de “espírito santo”, e que, portanto, a tradução correta é “um” espírito santo, nesta passagem está escrito, no texto grego, “o” espírito santo - το Πνευμα το Αγιον.

Nos evangelhos de Marcos e João está escrito “o espírito”, no evangelho de Mateus está escrito “o espírito de Deus”, e aqui em Lucas “o espírito santo”. Parece se tratar de um espírito muito superior para receber essa designação especial. De qualquer modo, não vemos motivos, de modo algum, para considerar que este espírito seja Deus ou uma das pessoas de Deus.

Uma voz diz, se referindo a Jesus, que este é **“o meu filho amado”**. A voz ouvida poderia ter sido um fenômeno de pneumatofonia ou voz direta.

Qualquer espírito superior poderia tratá-lo por filho. Costumamos tratar alguém de quem gostamos de “meu filho”, isso é comum em todos os tempos em todos os lugares.

Para quem não concebe a ideia de que haja espíritos superiores a Jesus, é só pensar nos trilhões de estrelas que há no Universo, e de outros tantos e tantos trilhões de planetas que há em torno delas e da infinitude do cosmos e consequentemente dos mundos habitados.

Achar que Deus criaria o Universo infinito para povoar apenas um grãozinho de areia chamado planeta Terra beira a loucura. É muita falta de imaginação.

A maior parte dos espíritas considera Jesus como o governador do planeta Terra, o responsável maior pelos espíritos que aqui habitam. Certamente haverá, na própria via-láctea, espíritos superiores a ele.

Mateus diz que é o espírito de Deus. Nós sabemos que todos os espíritos são de Deus. Eu, você, o maior santo e o maior bandido, todos somos espíritos de Deus, todos somos filhos de Deus, todos fomos criados por Deus, à sua imagem e semelhança, portanto, perfectíveis. Jesus é, dos espíritos da Terra, o que mais se aproxima da perfeição de Deus.

Nós somos criação divina, então nós somos parte de Deus. Jesus nos disse que nós somos deuses (João 10:34). Cada um de nós é uma centelha divina, é uma faísca, uma fagulha de Deus, com potencialidades divinas. Essa potencialidade divina é o nosso Cristo interno, é Deus em nós.

Nos realizamos espiritualmente como filhos de Deus quando nos tornamos um com o Cristo e um com Deus, ou seja, quando abandonamos todo personalismo, todo egoísmo, e deixamos que Deus se manifeste através de nós. Jesus alcançou isso.

Então o espírito de Deus que desceu sobre Jesus pode ser a própria ressonância do seu espírito com Deus, já que ele é “um com Deus”.

**23. E o mesmo Jesus começava a ser de quase trinta anos, sendo (como se cuidava) filho de José, e José de Heli,**

**24. E Heli de Matã, e Matã de Levi, e Levi de Melqui, e Melqui de Janai, e Janai de José,**

**25. E José de Matatias, e Matatias de Amós, e Amós de Naum, e Naum de Esli, e Esli de Nagaí,**

**26. E Nagaí de Máate, e Máate de Matatias, e Matatias de Semei, e Semei de Jo-**

- sé, e José de Jodá,  
 27. E Jodá de Joanã, e Joanã de Resá, e Resá de Zorobabel, e Zorobabel de Salatiel, e Salatiel de Neri,  
 28. E Neri de Melqui, e Melqui de Adi, e Adi de Cosã, e Cosã de Elmadã, e Elmadã de Er,  
 29. E Er de Josué, e Josué de Eliézer, e Eliézer de Jorim, e Jorim de Matã, e Matã de Levi,  
 30. E Levi de Simeão, e Simeão de Judá, e Judá de José, e José de Jonã, e Jonã de Eliaquim,  
 31. E Eliaquim de Meleá, e Meleá de Mená, e Mená de Matatá, e Matatá de Natã, e Natã de Davi,  
 32. E Davi de Jessé, e Jessé de Obede, e Obede de Boaz, e Boaz de Salá, e Salá de Naassom,  
 33. E Naassom de Aminadabe, e Aminadabe de Arão, e Arão de Esrom, e Esrom Perez, e Perez de Judá,  
 34. E Judá de Jacó, e Jacó de Isaque, e Isaque de Abraão, e Abraão de Terá, e Terá de Nacor,  
 35. E Nacor de Seruque, e Seruque de Ragaú, e Ragaú de Fáleque, e Fáleque de Eber, e Eber de Salá,  
 36. E Salá de Cainã, e Cainã de Arfaxade, e Arfaxade de Sem, e Sem de Noé, e Noé de Lameque,  
 37. E Lameque de Matusalém, e Matusalém de Enoque, e Enoque de Jarete, e Jarete de Maleleel, e Maleleel de Cainã,  
 38. E Cainã de Enos, e Enos de Sete, e Sete de Adão, e Adão de Deus.

Lucas oferece uma genealogia de Jesus, diferente da oferecida por Mateus, talvez para tentar demonstrar que Jesus era descendente de Davi, como afirmavam as profecias que devia ser o messias, e faz chegar sua genealogia até Deus.

#### **CAPÍTULO 4**

1. E Jesus, cheio do Espírito Santo, voltou do Jordão e foi levado pelo Espírito ao deserto;
2. E quarenta dias foi tentado pelo diabo, e naqueles dias não comeu coisa alguma; e, terminados eles, teve fome.
3. E disse-lhe o diabo: Se tu és o Filho de Deus, dize a esta pedra que se transforme em pão.
4. E Jesus lhe respondeu, dizendo: Está escrito que nem só de pão viverá o homem, mas de toda a palavra de Deus.
5. E o diabo, levando-o a um alto monte, mostrou-lhe num momento de tempo todos os reinos do mundo.
6. E disse-lhe o diabo: Dar-te-ei a ti todo este poder e a sua glória; porque a mim



me foi entregue, e dou-o a quem quero.

**7. Portanto, se tu me adorares, tudo será teu.**

**8. E Jesus, respondendo, disse-lhe: Vai-te para trás de mim, Satanás; porque está escrito: Adorarás o Senhor teu Deus, e só a ele servirás.**

**9. Levou-o também a Jerusalém, e pô-lo sobre o pináculo do templo, e disse-lhe: Se tu és o Filho de Deus, lança-te daqui abaixo;**

**10. Porque está escrito: Mandará aos seus anjos, acerca de ti, que te guardem,**

**11. E que te sustentem nas mãos, Para que nunca tropeces com o teu pé em alguma pedra.**

**12. E Jesus, respondendo, disse-lhe: Dito está: Não tentarás ao Senhor teu Deus.**

**13. E, acabando o diabo toda a tentação, ausentou-se dele por algum tempo.**

Alguns espíritas não aceitam que Jesus tenha sido tentado. Alegam que Jesus é superior demais para ser tentado. Então dizem que Jesus foi provado. Essa diferença de palavras fundamentalmente não altera nada.

***“Jesus, cheio do Espírito Santo...”*** - Aqui novamente não há artigo antes de “espírito santo”, então a tradução correta é “um” espírito santo, e não “o” espírito santo.

O Espírito Santo, como uma das três pessoas da Santíssima Trindade, foi uma invenção dos teólogos que passou a vigorar a partir do 1º Concílio de Constantinopla, no ano 381.

Jesus estava cheio de um espírito santo, ou seja, estava sob a influência ou na companhia de um espírito santo, de um espírito dedicado a Deus.

Talvez a maior parte dos espíritas imagine que não possa ter havido influência de qualquer espírito sobre Jesus, sendo ele, segundo a crença espírita, o Governador da Terra. Aqui eu digo crença espírita porque o Espiritismo também é crença. É ciência, é filosofia, é religião, mas também é crença.

Quem garante que Jesus é o Governador da Terra? O que importa, é claro, é o seu ensino; mas o que temos, sobre o papel ou a natureza de Jesus, são opiniões.

As religiões cristãs tradicionais o têm como Deus. Nós não podemos conceber essa ideia porque ele não nos disse que era Deus, pelo contrário, sempre se referiu a Deus como não sendo ele, o que é lógico. Acreditamos que Jesus contasse com o auxílio de grande número de espíritos evoluídos, ou espíritos santos, que o auxiliassem na sua tarefa.

Não deve ter sido sem motivo que ele se comunicou com os espíritos de Elias e Moisés no monte Tabor. E é possível, ou até provável, que um ou mais espíritos

superiores a Jesus, espíritos não pertencentes à Terra, vieram em seu apoio enquanto ele esteve encarnado. Jesus é o espírito mais elevado da Terra, provavelmente é quem superintende a evolução da Terra desde o seu princípio.

\*\*\*

Jesus foi conduzido ou acompanhado por um espírito ao deserto. Ninguém sabe que deserto é esse. Há conjecturas. Mas o que nos importa aqui não é a geografia.

Jesus foi guiado por este espírito durante 40 dias no deserto, sendo tentado pelo diabo. Diabo é uma palavra grega, *diabolos*. É um adjetivo, não é um substantivo; ou seja, é uma qualidade, não é um ser.

Essa palavra deve ser entendida como “aquele que desune”, “aquele que separa”, o opositor, o adversário. A palavra hebraica satanás, que tem o mesmo sentido, é algumas vezes traduzida como diabo.

Então diabo ou satanás não são seres, são qualidades. Diabo ou satanás é o que separa o homem da sua origem divina, é o que forma o antagonismo entre o corpo e o espírito, é o que contrapõe a matéria em relação ao espírito, é o apego à materialidade em oposição às coisas de Deus.

É ridículo pensar que Jesus, o espírito mais elevado que há na Terra, que muitos consideram Deus, seria tentado por um ser, qualquer que seja este ser. Este ser, naturalmente, teria sido criado por Deus, pois tudo o que existe foi criado por Deus. Se Jesus fosse Deus e o diabo fosse um ser, o Creador seria tentado pela própria criatura!

A tentação ou provação de Jesus foram pensamentos que surgiram em meio a profundas meditações e à preparação para o começo da sua missão.

Jesus acaba de ser batizado (ou mergulhado) por João Batista, e deve começar em seguida a sua missão como encarnado. Quais foram as tentações de Jesus?

O texto diz que Jesus ficou 40 dias sem comer e que depois teve fome, então foi tentado a transformar pedra em pão; depois foi tentado a ter todo o poder e a glória sobre todos os reinos do mundo; e, por último, foi tentado a se atirar de cima do pináculo do templo.

O que representam essas três tentações? São as tentações do egoísmo, do orgulho e da vaidade.

O egoísmo de transformar pedra em pão, visando à saciedade dos desejos; o orgulho do poder e da glória, de estar acima de tudo e de todos, de ser rico e famoso; a vaidade de se atirar de cima de uma grande altura achando que nada lhe aconteceria, de se achar invencível, capaz de qualquer proeza.

É claro que Jesus não chegou a desenvolver estes pensamentos. Isso fica evidente nas respostas que ele elaborou para essas tentações, retiradas do Antigo Testamento. Foram apenas constatações que passaram pela sua cabeça enquanto meditava e se preparava para o início da sua atividade.

Se não havia ninguém com Jesus no deserto, foi o próprio Jesus quem contou esse episódio para alguém. Para um ou mais dos apóstolos, provavelmente. Por que ele contou? Para que ficasse registrado. Tudo o que ficou registrado sobre as palavras e os atos de Jesus contém ensinamentos que foram cuidadosamente elaborados por ele.

Se você é cristão, de qualquer denominação religiosa, você há de convir que tudo na vida de Jesus, todos os seus passos, foram cuidadosamente calculados. A evolução na Terra é um projeto de longo prazo. A vinda de Jesus foi planejada durante séculos. Foram reunidos os espíritos certos nos momentos certos nos lugares certos.

Se Jesus pregou durante três anos, ele deve ter feito muita coisa, deve ter dito muita coisa, muito mais do que está registrado. Mas o que ficou registrado faz parte de um planejamento milenar, de um planejamento cósmico, onde todas as peças deveriam ser cuidadosamente encaixadas para que o seu ensino atravessasse os séculos.

A linguagem aparentemente obscura e os fatos aparentemente sem lógica guardam ensinamentos profundos.

Nós vimos que João Batista mergulhava as pessoas numa reforma mental ou conscientização para o resgate dos próprios erros, para o resgate espontâneo do *carma*. Jesus acabara de ser mergulhado por João Batista e foi para o deserto ser tentado pelo diabo.

É fácil perceber o ensinamento. Quando o espírito encarnado mergulha dentro de si mesmo, em busca da sua origem espiritual, ele se decide pela reforma mental, pela conscientização e consequente mudança do padrão dos pensamentos, e se

propõe a resgatar os próprios erros, a deixar para trás o passado de erros e se re-armonizar com a Lei de causa e efeito.

Então ele é conduzido por um espírito santo, por um espírito dedicado a Deus ao deserto, ao vazio, à região desabitada da sua mente, pois a sua mente está em reforma, ele está abandonando o homem velho para assumir o homem novo, ele deixou os antigos hábitos mas ainda não experimentou os novos hábitos, ele está num vazio, num deserto, e então se depara com a tentação de satanás, que é o apelo material, é a atratividade das coisas materiais, é a luta, a oposição entre a matéria e o espírito.

Ele é tentado no egoísmo, no orgulho e na vaidade, e deve vencer essas tentações (ou provações) embasado nas leis de Deus para ficar apto a começar a sua caminhada de homem novo.

**14. Então, pela virtude do Espírito, voltou Jesus para a Galiléia, e a sua fama correu por todas as terras em derredor.**

**15. E ensinava nas suas sinagogas, e por todos era louvado.**

**16. E, chegando a Nazaré, onde fora criado, entrou num dia de sábado, segundo o seu costume, na sinagoga, e levantou-se para ler.**

**17. E foi-lhe dado o livro do profeta Isaías; e, quando abriu o livro, achou o lugar em que estava escrito:**

**18. O Espírito do Senhor é sobre mim, Pois que me ungiu para evangelizar os pobres. Enviou-me a curar os quebrantados de coração,**

**19. A pregar liberdade aos cativos, E restauração da vista aos cegos, A pôr em liberdade os oprimidos, A anunciar o ano aceitável do Senhor.**

**20. E, cerrando o livro, e tornando-o a dar ao ministro, assentou-se; e os olhos de todos na sinagoga estavam fitos nele.**

**21. Então começou a dizer-lhes: Hoje se cumpriu esta Escritura em vossos ouvidos.**

**22. E todos lhe davam testemunho, e se maravilhavam das palavras de graça que saíam da sua boca; e diziam: Não é este o filho de José?**

**23. E ele lhes disse: Sem dúvida me direis este provérbio: Médico, cura-te a ti mesmo; faze também aqui na tua pátria tudo que ouvimos ter sido feito em Cafarnaum.**

**24. E disse: Em verdade vos digo que nenhum profeta é bem recebido na sua pátria.**

Depois de já haver começado a ensinar, já sendo conhecido, Jesus vai um dia para Nazaré, a sua cidade, e num sábado visita a sinagoga.

O sábado era o dia dedicado a Deus, então era o dia em que a sinagoga se enchia de gente. Para quem não sabe, sinagoga é o local de culto dos judeus. Entregaram a Jesus um texto para ler. Era o livro de Isaías, que hoje é um dos livros que compõe a Bíblia. Estava escrito assim:

*“O Espírito do Senhor é sobre mim, pois que me ungiu para evangelizar os pobres. Enviou-me a curar os quebrantados de coração, a pregar liberdade aos cativos, e restauração da vista aos cegos, a pôr em liberdade os oprimidos, a anunciar o ano aceitável do Senhor”.*

Isaías começa dizendo, neste texto, que um espírito do Senhor está sobre ele, ou seja, ele está sob a influência de um espírito, de um espírito de Deus, de um espírito bom. Escreve sob a influência de um espírito, o que hoje chamamos de psicografia. Este texto que Jesus leu está no livro de Isaías 61: 1-2 e 58:6. É uma mistura destas duas passagens.

***“... um espírito do senhor é sobre mim, pois que me ungiu para evangelizar os pobres...”*** - Ungir é derramar azeite, aplicar azeite. Costumavam derramar azeite sobre aqueles que eram consagrados a Deus. Temos que lembrar que estamos tratando de costumes de milênios atrás, e o azeite representava pureza. A palavra “cristo” quer dizer “ungido”. Cristo, messias e ungido são a mesma coisa. Cristo é o ungido de Deus, o consagrado a Deus, ou, no sentido mais profundo, aquele espírito que está permeado de Deus, embebido de Deus.

Assim como o azeite permeia, penetra, embebe, assim o espírito cristificado é permeado por Deus.

***“... ungiu para evangelizar os pobres”.*** - Evangelho quer dizer boa nova, novidade boa, boa notícia, então se refere às boas notícias que serão levadas aos pobres. Não podemos cair no erro de achar que os pobres são privilegiados e que Deus tem preferência pelos pobres. Se Deus tivesse preferência por alguém estaria sendo imparcial e, então, não seria Deus. Se Deus gostasse da pobreza o Universo não seria rico e abundante.

Vamos conferir no texto de Isaías 58:7, a continuação do versículo 58:6 citado por Jesus, para entendermos o conceito de pobre usado aqui:

*“Porventura não é também que repartas o teu pão com o faminto, e recolhas em casa os pobres abandonados; e, quando vires o nu, o cubras, e não te escondas da tua carne?”*

Repartir o pão com o faminto, recolher em casa o pobre abandonado, cobrir o nu. Quem passa fome, está abandonado e sem roupa não é qualquer pobre, é um mendigo, é um pedinte, é alguém que pede ajuda. Levar boa notícia aos pobres,

então, é levar boas notícias aos pedintes, aos que estão mendigando. Isso se refere às coisas do espírito. Por isso Jesus, ao terminar a leitura do texto, disse: ***“Hoje se cumpriu esta Escritura em vossos ouvidos”***.

Ele disse aos que estavam presentes na sinagoga, ouvindo, que isso que estava escrito no livro de Isaías se cumpria nele, na missão dele. Então é evidente que se trata de coisas do espírito.

Levar boas notícias aos pobres pelo espírito, aos pedintes espirituais, aos que estão mendigando as coisas do espírito, levar o alívio para a sua fome de justiça, de ajustamento com as Leis de Deus; recolher em casa os pobres abandonados, receber no próprio lar os espíritos desencarnados necessitando reencarnar, “cobrindo o nu”, ou seja, proporcionando o alívio para os que estavam nus, sem vestes, sem uma vestimenta carnal, esperando há séculos por uma oportunidade de reencarnar e colocar em prática suas novas resoluções.

Libertar os cativos, os que estão presos aos erros cometidos no passado e às suas crenças escravizantes; restaurar a vista aos cegos, aos que já estejam aptos a enxergarem a realidade espiritual depois de milênios de cegueira materialista; pôr em liberdade os oprimidos, os que sofrem por terem ficado por muito tempo oprimidos pela culpa, pelo remorso, que já esgotaram o seu *carma* mas ainda não conseguiram sair da inércia mental; e apregoar o ano aceitável do Senhor, ou seja, mostrar aos espíritos encarnados e desencarnados que habitam a Terra que o tempo de libertação a partir do esclarecimento já chegou, que depende de cada um evoluir a partir de um mergulho dentro de si mesmo e da reforma mental, da conscientização.

Muitos podem estranhar o fato de Jesus anunciar tudo isso há dois mil anos e até agora a humanidade viver tantos conflitos. Não precisamos citar os avanços da humanidade de lá para cá. Basta observar a História. Um passeio pelo Antigo Testamento, uma olhada rápida pela Bíblia mostra o quanto evoluímos, o quanto a nossa mentalidade mudou, o quanto os nossos costumes mudaram.

Mas nem precisamos ir tão longe. O maior organizador do Cristianismo, que foi Paulo, dizia que as mulheres deviam permanecer em silêncio na igreja, pois era vergonhoso que as mulheres falassem na igreja. Se quisessem saber alguma coisa teriam que perguntar aos seus maridos em casa (1 Coríntios 14:34-35). Isso que Paulo era um grande intelectual.

Desde o tempo de Jesus muitos espíritos já se libertaram da matéria - a liberdade aos cativos também se refere a isso -, muitos espíritos se libertaram da prisão da carne a partir de Jesus, não precisando mais reencarnar.

Muitos que aqui haviam sido exilados voltaram aos seus planetas de origem, e muitos dos que conviveram com Jesus, que recusaram o seu ensinamento, estão aqui, humildes, pregando o Evangelho.

Dois mil anos, em termos cósmicos, é uma fração de segundo. A Terra tem 4,5 bilhões de anos. A pressa é nossa. Deus não tem pressa.

\*\*\*

Então Jesus leu esta passagem de Isaías e disse que essas coisas que estavam ditas no texto de Isaías se cumpriam nele.

As pessoas que estavam na sinagoga ficaram pasmadas com aquilo, porque, afinal de contas, conheciam Jesus desde pequeno, sabiam que ele era o filho do carpinteiro José. Uma cidade pequena, na verdade um povoado, como devia ser Nazaré, que até hoje ninguém sabe exatamente onde era, provavelmente só tinha um carpinteiro, e José, o pai de Jesus, era o carpinteiro. Então aquelas pessoas estranharam muito que o filho do carpinteiro falasse daquela forma.

Jesus já havia começado a sua pregação, já havia promovido curas em Cafarnaum, já havia passado por Jerusalém, e a sua fama havia chegado até a sua cidade, Nazaré. Jesus sabe que eles esperavam que ele fizesse em Nazaré o mesmo que tinha feito em outras cidades. Jesus diz a eles que *“nenhum profeta é bem recebido na sua pátria”*.

Essa é uma verdade fácil de constatar. Geralmente as pessoas espiritualmente elevadas, que são respeitadas, admiradas e queridas por muitos, passam entre os seus familiares, entre os seus próximos, como se fossem pessoas excêntricas, diferentes, malucas.

**25. Em verdade vos digo que muitas viúvas existiam em Israel nos dias de Elias, quando o céu se fechou por três anos e seis meses, de sorte que em toda a terra houve grande fome;**

**26. E a nenhuma delas foi enviado Elias, senão a Sarepta de Sidom, a uma mulher viúva.**

**27. E muitos leprosos havia em Israel no tempo do profeta Eliseu, e nenhum deles foi purificado, senão Naamã, o siro.**

**28. E todos, na sinagoga, ouvindo estas coisas, se encheram de ira.**

**29. E, levantando-se, o expulsaram da cidade, e o levaram até ao cume do monte em que a cidade deles estava edificada, para dali o precipitarem.**

**30. Ele, porém, passando pelo meio deles, retirou-se.**

Jesus citou dois exemplos do Velho Testamento, acontecidos com Elias e Eliseu, de auxílio e cura que foram realizados a estranhos em detrimento dos mais próximos.

É que os mais próximos, por estarem acostumados com a pessoa, dificilmente conseguem desenvolver a confiança necessária, não têm a sua fé despertada. A proximidade ativa o julgamento, ativa a mente crítica, as comparações, o despeito e a inveja.

Já uma pessoa mais distante, de quem apenas ouvimos falar, com quem não temos nenhum envolvimento, pode despertar a nossa confiança e nos encontrar receptivos.

Nas passagens dos evangelhos de Mateus e Marcos que narram esta visita de Jesus à sua cidade, é dito que Jesus não pode realizar ali nenhuma grande obra por que eles não tinham fé.

Fica evidente que é preciso a conjunção de dois fatores para haver a cura espiritual ou a mudança no padrão de pensamentos: O poder curador por parte de quem age e a receptividade por parte de quem sofre a ação.

A parte ativa é o poder, a parte passiva é a receptividade. O que provoca esta receptividade é a fé. Nem mesmo Jesus tem poder de curar o espírito se o espírito não tem fé, se ele é incrédulo e endurecido.

O que nós depreendemos desta lição que Jesus nos deixou? Jesus nos diz, em Lucas 17:21, que o reino dos céus está dentro de nós. Também disse, mesmo que de modo indireto, em João 10:34, que nós somos deuses, e, em João 14:12, que nós poderemos fazer tudo o que ele faz e até mais.

Nós somos criação de Deus, somos parte de Deus, temos Deus dentro de nós. Jesus desenvolveu completamente o seu Cristo interno, o Deus que habita dentro de cada um de nós. Por isso ele diz, em João 10:30, que ele é um com o pai, porque ele superou completamente o personalismo, superou completamente o ego humano e passou a ser pura manifestação de Deus.

Todos somos espíritos creados puros e ignorantes. Mas cada um de nós tem a essência divina, todos tendemos à perfeição, todos vamos desenvolver um dia as qualidades do Cristo. Nós temos as qualidades do Cristo em essência.



Mas também temos, temporariamente, em nosso estágio evolutivo, a atração pela matéria, o personalismo, o egoísmo, que é o adversário interno, é o opositor das coisas do espírito.

Assim como o céu e o inferno são criações nossas, nós temos a potencialidade crística dentro de nós e temos, temporariamente, o apelo à materialidade, o ego, que na Bíblia é chamado de satanás ou diabo.

Nós vimos que Jesus volta para a sua terra, é admirado pelos seus, mas não consegue promover nenhuma cura pela incredulidade deles.

No final, é expulso da cidade por eles, e eles tentam jogá-lo de cima de um monte, tamanho é o seu despeito. Mas ele passa por eles e eles não fazem nada.

A lição é que depois de ter começado a desenvolver a potencialidade crística, depois de mergulhar dentro de si mesmo e começar a reforma mental de conscientização, nós seremos confrontados muitas vezes ainda com o ego, com o personalismo.

Quando a nossa essência crística retorna à sua cidade de origem nesta existência, que é o personagem que animamos, este personagem se revolta, não admite que o lado espiritual seja maior que o lado material, não admite e não entende que a essência crística esteja se desenvolvendo e que com isso a personalidade, a personagem que está animando, se torne pequena.

Porque quanto mais se desenvolve o espírito, menos importância tem a personalidade transitória. A cada reencarnação desempenhamos um papel, animamos uma personagem. Acima de todas as personagens transitórias que animamos está a individualidade imortal.

Jesus se desenvolveu a tal ponto que anulou a sua personalidade, já não animava uma personagem. Não era mais um homem como qualquer outro, era pura manifestação de Deus.

Mais tarde, quando Jesus anuncia aos apóstolos o que iria acontecer com ele, que seria maltratado, humilhado e crucificado, Pedro tenta dissuadi-lo, tenta fazer Jesus mudar de ideia, e Jesus diz a Pedro: “Vai para trás de mim, satanás, porque não entende das coisas de Deus, mas só das coisas dos homens” (Mateus 16:23).

Pedro estava preocupado com o homem Jesus. Mas o espírito que se chamou Jesus, que desenvolveu completamente o Cristo dentro de si, pensava no espírito, não na matéria.

Isso mostra que satanás é o nosso inimigo interno, satanás é o apelo à materialidade e ao personalismo, satanás não é um ser. Se você tem medo de satanás, se você foi criado com a ideia de que satanás é um ser, esqueça, liberte-se. Você tem que se cuidar é de você mesmo.

Os conterrâneos de Jesus ficaram tão despeitados que tentaram jogá-lo de cima de um monte. Isso quer dizer que o nosso personalismo fica tão despeitado por estar perdendo importância no mundo - pois quem está em evidência e está se desenvolvendo é o Cristo interno - que tenta derrubar o Cristo, tenta rebaixar o Cristo, tenta baixar a frequência vibratória para se livrar da responsabilidade e dar vazão novamente à materialidade.

Mas a personalidade é transitória, é passageira, e o espírito é imortal. Por isso Jesus passa por entre os seus conterrâneos e eles não conseguem jogá-lo para baixo.

Emmanuel aproveita esta passagem do Evangelho em que encontramos Jesus na sinagoga lendo um livro, como qualquer homem comum, para nos lembrar da importância da leitura edificante.

É através da leitura que nós tomamos contato, quase sempre, com as verdades que já temos capacidade de compreender.

Ainda Emmanuel, a propósito da afirmação de Jesus ao ler o trecho de Isaías, de que “hoje se cumpriu esta escritura aos vossos ouvidos”, nos chama a atenção para aqueles que se aproximam dos círculos religiosos, como nós vemos frequentemente nos centros espíritas, aparentando apenas curiosidade, ou então acompanhando alguém, como se fizessem um favor ou uma gentileza para este alguém.

Na verdade eles são atraídos para estes lugares porque chegou a sua hora de entrar em contato com algumas verdades. Já têm intelecto suficiente para compreender. A partir daí, mesmo não levando a sério o que aprenderam, a sua responsabilidade já é maior, pois já tomaram contato com a verdade e não podem alegar ignorância. Se não souberem aproveitar essas verdades, pior para eles.

- 31. E desceu a Cafarnaum, cidade da Galiléia, e os ensinava nos sábados.**
- 32. E admiravam a sua doutrina porque a sua palavra era com autoridade.**
- 33. E estava na sinagoga um homem que tinha o espírito de um demônio imundo,**

e exclamou em alta voz,

**34. Dizendo: Ah! que temos nós contigo, Jesus Nazareno? Vieste a destruir-nos? Bem sei quem és: O Santo de Deus.**

**35. E Jesus o repreendeu, dizendo: Cala-te, e sai dele. E o demônio, lançando-o por terra no meio do povo, saiu dele sem lhe fazer mal.**

**36. E veio espanto sobre todos, e falavam uns com os outros, dizendo: Que palavra é esta, que até aos espíritos imundos manda com autoridade e poder, e eles saem?**

**37. E a sua fama divulgava-se por todos os lugares, em redor daquela comarca.**

Nós já vimos que Jesus ia até a sinagoga aos sábados para ensinar. Estava ele novamente em Cafarnaum e num sábado, na sinagoga, onde havia um homem “*que tinha um espírito de demônio imundo*”. Um espírito atrasado, como tantos que se apresentam nas sessões de desobsessão e mesmo em outras práticas religiosas muito populares. Demônio, do grego *daimon*, era, segundo o historiador Flavio Josefo, contemporâneo de Jesus, como chamavam os “espíritos dos homens perversos”.

Este espírito reconhece a autoridade espiritual de Jesus, se referindo a Jesus como “o santo de Deus”. Jesus repreende o espírito dizendo: “*cala-te e sai dele*”. Champlin defende que literalmente a ordem “cala-te” seria “amordaça-te”.

Podemos verificar a autoridade e energia de que Jesus se valia para lidar com espíritos endurecidos. É claro que temos que considerar a imensa superioridade de Jesus em relação a nós, mas a maneira como ele se dirigia aos espíritos endurecidos não tinha nada a ver com a condescendência algumas vezes exagerada que se vê em sessões de desobsessão, onde se trata espíritos renitentes no mal como “irmãozinhos sem luz”, como se o simples fato de estar desencarnado merecesse maior consideração.

O homem cai no chão e o espírito deixa ele. O fato do homem cair se deve à separação brusca entre os dois, que deviam estar fluidicamente unidos há muito tempo.

Este episódio nos lembra a firmeza que devemos usar com nossas próprias fraquezas de caráter e tendências inferiores. Depois que reconhecemos o nosso Cristo interno,

ou que pelo menos tomamos conhecimento da sua existência e formamos a resolução de seguir o caminho reto, não podemos ser condescendentes com nossas

fraquezas e inferioridades. Assim que elas se manifestarem, devemos amordaçá-las e expulsá-las sem hesitação.

**38. Ora, levantando-se Jesus da sinagoga, entrou em casa de Simão; e a sogra de Simão estava enferma com muita febre, e rogaram-lhe por ela.**

**39. E, inclinando-se para ela, repreendeu a febre, e esta a deixou. E ela, levantando-se logo, servia-os.**

Jesus muito provavelmente morava na casa de Pedro, em Cafarnaum, e ao voltar da sinagoga encontram a sogra de Pedro com febre. Jesus repreende a febre e a mulher fica boa imediatamente, passando a servi-los.

Nós vemos que Jesus tinha hábitos simples. Seguia a religião do seu povo e cuidava não só dos estranhos, mas também das pessoas mais próximas.

Não há nada de errado no fato de alguém não seguir qualquer religião. Mas é relativamente comum vermos pessoas que desenvolvem a sua espiritualidade, às vezes lidando com a mediunidade e a projeção astral (ou projeção consciente, ou autodesdobramento), e que, com o tempo, tendem a se acharem os donos da razão.

É claro que isso também acontece dentro das religiões. No próprio meio espírita há vários donos da razão. Mas convivendo regularmente com pessoas que têm ideais semelhantes aos nossos é muito mais fácil de perceber os nossos erros a tempo de corrigi-los, nós temos mais parâmetros de conduta, e, principalmente, mais críticos.

Quem faz a sua caminhada isoladamente, fora dos meios religiosos, quase sempre arrebanha um pequeno ou grande grupo de admiradores ou adoradores. Não encontra ninguém que tenha autoridade para contestá-lo, e a tendência é que a vaidade tome conta. Fora a vaidade, há o perigo de enveredar por desvios dos quais obrigatoriamente terá que voltar.

Em nosso estágio evolutivo precisamos uns dos outros, e o meio religioso ainda é o caminho mais seguro, embora longe de ser infalível.

A cura da sogra de Pedro por Jesus nos serve de exemplo para que não deixemos de cuidar do nosso próximo mais próximo, aquele que divide o teto conosco. Não importa a consideração que eles tenham conosco, já que ninguém é profeta em sua terra e em sua casa.

**40. E, ao pôr do sol, todos os que tinham enfermos de várias doenças lhos traziam; e, pondo as mãos sobre cada um deles, os curava.**

**41. E também de muitos saíam demônios, clamando e dizendo: Tu és o Cristo, o**

**Filho de Deus. E ele, repreendendo-os, não os deixava falar, pois sabiam que ele era o Cristo.**

**42. E, sendo já dia, saiu, e foi para um lugar deserto; e a multidão o procurava, e chegou junto dele; e o detinham, para que não se ausentasse deles.**

**43. Ele, porém, lhes disse: Também é necessário que eu anuncie a outras cidades o evangelho do reino de Deus; porque para isso fui enviado.**

**44. E pregava nas sinagogas da Galiléia.**

Jesus repreendia os espíritos obsessores que diziam que ele era filho de Deus, ou qualquer coisa neste sentido. Podemos atribuir essa repreensão, que ele fazia muitas vezes, ao segredo de sua missão. Talvez ele não quisesse que tomassem conhecimento da sua missão cedo demais, antes de dar tempo de concluí-la.

Mas o mais provável é que Jesus tenha deixado isso como exemplo para que não fiquemos iludidos com elogios e com títulos elogiosos que recebemos. Às vezes somos chamados de espírito iluminado, sabendo que isso não corresponde à verdade. Então não podemos nos iludir, já que o pouco que somos capazes de fazer o fazemos como manifestação de Deus, e não por nossa própria capacidade.

Todo o Bem é de Deus. Se fazemos algum bem é Deus se manifestando, não é nossa própria pequenez agindo.

Jesus é o modelo perfeito da manifestação de Deus através de um homem. Jesus anulou a própria personalidade e desenvolveu a sua individualidade divina.

Vemos, no versículo 43, qual é a missão de Jesus: anunciar o Evangelho do reino de Deus: anunciar a boa notícia de que o reino de Deus, que é o nosso próximo estágio evolutivo, está dentro de nós, em estado latente, competindo a nós mesmos desenvolvê-lo. Jesus não encarnou para morrer por nós nem para perdoar pecados. Ele foi enviado por Deus para nos esclarecer quanto à nossa verdadeira natureza espiritual.

\*\*\*

Depois de promover muitas curas e o afastamento de espíritos obsessores, certo dia Jesus vai para um lugar deserto. Lucas não especifica, mas no Evangelho de Marcos diz que Jesus foi a um lugar deserto para orar.

Ainda em Marcos, vemos que Pedro e outros vão até Jesus e dizem que as pessoas o estavam procurando. Em Lucas diz que as multidões ***“o detinham, para que não se ausentasse deles”***.

Mas ele diz que deveria ir para outros lugares, que ele deveria anunciar o Evangelho do reino de Deus também às outras cidades, pois para isso ele foi enviado - se ele foi enviado, alguém enviou, se alguém enviou, não foi ele mesmo, se não foi ele mesmo, ele não é Deus.

Nós vimos e vamos ver várias vezes no Evangelho, que Jesus se retirava para orar. Se Jesus, o espírito mais evoluído da Terra, se retirava para orar, é mais do que lógico que nós precisamos dedicar alguns momentos do nosso dia à oração em recolhimento. Não há desculpa que nos isente deste cuidado.

\*\*\*

Jesus responde a Pedro que deveria ir pregar o evangelho do reino de Deus em outros lugares, em outras cidades. Hoje nós sabemos da existência de cidades no astral, ou colônias astrais.

Em 1 Pedro 4:6 este mesmo Pedro nos conta que Jesus pregou o Evangelho também aos mortos. Pouco antes, em 3:19, ele diz que Jesus pregou aos espíritos em prisão. Os espíritos em prisão são os espíritos que permanecem psiquicamente presos a regiões que chamamos de “astral inferior”.

Jesus certamente tinha a capacidade de acessar simultaneamente os planos físico e astral. Mas em determinados momentos, em recolhimento ou enquanto o corpo físico dormia, ele devia se projetar no astral para dar continuidade ao seu trabalho lá.

As multidões que procuram Jesus quando Jesus está num lugar deserto para orar também simbolizam a multidão de pensamentos que procuram nossa mente quando nos recolhemos para meditar. Uma multidão de pensamentos sobre o que aconteceu durante o dia, sobre o planejamento metódico para o dia seguinte e inúmeras imagens que tentam passar pela nossa tela mental.

Mas nesses momentos em que estamos recolhidos não devemos atender à multidão dos pensamentos, pois temos que acessar outros lugares, temos que acessar o nosso íntimo, buscar o contato com Deus em nós, o nosso Cristo interno, pois para isso é que nos recolhemos.

## CAPÍTULO 5

**1. E aconteceu que, apertando-o a multidão, para ouvir a palavra de Deus, estava ele junto ao lago de Genesaré;**

2. E viu estar dois barcos junto à praia do lago; e os pescadores, havendo descido deles, estavam lavando as redes.
3. E, entrando num dos barcos, que era o de Simão, pediu-lhe que o afastasse um pouco da terra; e, assentando-se, ensinava do barco a multidão.
4. E, quando acabou de falar, disse a Simão: Faze-te ao mar alto, e lançai as vossas redes para pescar.
5. E, respondendo Simão, disse-lhe: Mestre, havendo trabalhado toda a noite, nada apanhamos; mas, sobre a tua palavra, lançarei a rede.
6. E, fazendo assim, colheram uma grande quantidade de peixes, e rompia-se-lhes a rede.
7. E fizeram sinal aos companheiros que estavam no outro barco, para que os fossem ajudar. E foram, e encheram ambos os barcos, de maneira tal que quase iam a pique.
8. E vendo isto Simão Pedro, prostrou-se aos pés de Jesus, dizendo: Senhor, assenta-te de mim, que sou um homem pecador.
9. Pois que o espanto se apoderara dele, e de todos os que com ele estavam, por causa da pesca de peixe que haviam feito.
10. E, de igual modo, também de Tiago e João, filhos de Zebedeu, que eram companheiros de Simão. E disse Jesus a Simão: Não temas; de agora em diante serás pescador de homens.
11. E, levando os barcos para terra, deixaram tudo, e o seguiram.

Jesus estava na beira do lago e a multidão à sua volta, apertando-o contra o lago. Havia dois barcos ali perto, os pescadores tinham descido e estavam lavando as redes de pesca. Jesus entra num dos barcos, que era o barco de Pedro, pede pra Pedro afastar o barco um pouco e começa a ensinar a multidão dali mesmo, de dentro do barco.

Quando Jesus terminou de ensinar, disse a Pedro que fosse em direção ao meio do lago, onde ele era mais fundo, e que lançasse as redes de lá, para pescar. Pedro, que era um pescador experiente, respondeu a Jesus que ele e os seus companheiros haviam trabalhado a noite inteira e não tinham pegado nada; mas, como Jesus estava pedindo, ele ia obedecer.

Pedro jogou a rede e a recolheu com tantos peixes que a rede se rompia. Pediu que os seus companheiros que estavam no outro barco viessem ajudar; eles vieram e ajudaram.

Eles encheram os dois barcos de peixes e os barcos quase afundavam com o peso. Quando Pedro viu isso ele se jogou aos pés de Jesus, em sinal de humildade, e disse:

***“Senhor, ausenta-te de mim, que sou um homem pecador”***. - Pedro ficou assombrado com aquilo. Não só ele como Tiago e João, que eram seus sócios. Nunca tinham visto nada assim.

E então Jesus disse a Pedro: ***“Não temas; de agora em diante serás pescador de homens”***. - Então eles deixaram tudo e seguiram Jesus.

Esses foram os primeiros apóstolos de Jesus. Pedro e seu irmão André, e João e seu irmão Tiago. Certamente todos já conheciam Jesus. Faltava alguma coisa que os convencesse a segui-lo. E este acontecimento da pesca foi determinante. Temos muitas lições a aproveitar deste episódio.

Jesus diz a Pedro, que era pescador, que agora ele seria pescador de homens. Ao mesmo tempo em que Jesus utilizou-se dessa pesca fenomenal para convencer os seus quatro primeiros discípulos a segui-lo, ele deixou para nós um aviso importante que, infelizmente, poucos seguem.

A pesca provocada por ele simboliza justamente a pesca de homens. Essa pesca é a pesca de homens, os peixes simbolizam os homens.

O nome de Pedro é Simão. Jesus é que o chama de Pedro, que quer dizer pedra. Pedro é a base, ou seja, é a tradição. Pedro é o símbolo da religião tradicional, pois a religião tradicional tem seu fundamento nos dez mandamentos, as chamadas tábuas da lei, leis que foram escritas em pedra.

Pedro, que os católicos consideram como o primeiro papa, e como o fundador da sua Igreja, não consegue dar conta do recado sozinho. São muitos homens pescados por ele, a rede está-se rompendo e ele precisa de ajuda, precisa que os seus companheiros de “pesca de homens” o ajudem, peguem metade dos homens para si, para o seu barco.

Nós vemos que Jesus ensinava no barco de Pedro. Mas este lugar de Pedro em que Jesus ensinava não tinha mais espaço para tantos homens, por isso foi pedido aos companheiros de outro barco, de outro lugar de ensino -já que Jesus ensinou no barco - que levassem muitos homens também para o seu lugar de ensino.



Nós vimos que a rede de Pedro se rompia. Romper ou rasgar vem do grego “cisma”. E cisma é exatamente a separação dentro de um movimento religioso.

Mas, ao contrário do que normalmente ocorre, em que a separação acontece por vaidades ou disputas de poder, aqui é o próprio Pedro quem pede para que o outro possível lugar de ensino, o outro barco, acolha também muitos homens, muitos peixes que representam homens, segundo o que disse Jesus a Pedro.

Essa lição é clara. Pedro e seus companheiros são pescadores de homens, tiravam peixes da água, da vida para a morte; agora tiram homens da água, simbolizando a reencarnação ou a vida após o mergulho para dentro de si mesmo para a conscientização e o resgate do *carma*, a libertação dos erros, o abandono da vida de erros, o mergulho que era pregado por João Batista .

Pedro é pescador de homens e não se importa de dividir os homens com seus companheiros, pelo contrário; pede a sua ajuda para que nenhum homem se perca.

Assim deve ser com respeito às religiões. Cada religião ou igreja deve ficar feliz de saber que as outras denominações religiosas estão cheias. Isso vale para o Espiritismo, ou o chamado “movimento espírita”. Em vez de ficar criticando a adoção de determinados autores ou práticas diferentes das suas, todos devem ficar contentes em saber que os grandes ensinamentos cristãos e os princípios básicos do Espiritismo estão sendo adotados por muitas pessoas.

É bom lembrar que quando o apóstolo João encontrou um homem expulsando espíritos obsessores em nome de Jesus, e foi correndo contar para Jesus que havia proibido o homem de fazer isso, Jesus disse a ele que não deveria proibir, pois quem pratica obras poderosas em seu nome não pode representar mal a Jesus (Lucas 9:49-50). Quem não é contra nós é por nós.

Mas nós encontramos outra lição importante neste episódio da pesca. Pedro passou a noite inteira pescando, sem capturar nada na rede. A noite inteira de esforço em vão. Pedro não encontrou o que estava buscando, embora tenha gasto a noite inteira nisso.

Depois que desistiu da sua busca sem o Cristo, quando voltou ao local da busca com o Cristo, e depois de ter ouvido o ensino do Cristo, e depois de ter obedecido o Cristo, e de ter se afastado da margem, de ter ido até onde era profundo, Pedro

encontrou o que buscava, e muito mais do que isso, tanto que ainda repartiu o que encontrou com os seus companheiros.

Assim somos nós em nossas longas noites de insônia, em que buscamos respostas a partir dos nossos poucos conhecimentos, que são as águas rasas, e não as encontramos.

Mas quando refazemos a busca por respostas não mais apenas contando com os nossos conhecimentos e experiências, mas com o Cristo, ouvindo o Cristo, nos afastamos da superfície, nos afastamos da superficialidade, vamos onde o Cristo nos aponta, onde é profundo, e então encontramos o que estávamos buscando há tanto tempo em vão.

Aprendemos também a confiança no Cristo, o valor da obediência, que pressupõe disciplina; o abandono das coisas de menor importância para ir em busca do que realmente importa.

Pedro e seus companheiros haviam atingido o auge da sua profissão, haviam realizado a maior pesca de suas vidas, e não hesitaram em abandonar os peixes para irem em busca de homens. Deixaram o que era menos importante para irem em busca do que é realmente importante.

Isso não quer dizer, de modo algum, que nós devemos abandonar o nosso trabalho para sair pregando por aí. Pelo contrário. Devemos viver às nossas próprias custas, com o fruto do nosso próprio trabalho. Mas devemos deixar de lado as futilidades e os passatempos inúteis e nos esclarecermos espiritualmente.

**12. E aconteceu que, quando estava numa daquelas cidades, eis que um homem cheio de lepra, vendo a Jesus, prostrou-se sobre o rosto, e rogou-lhe, dizendo: Senhor, se quiseres, bem podes limpar-me.**

**13. E ele, estendendo a mão, tocou-lhe, dizendo: Quero, sê limpo. E logo a lepra desapareceu dele.**

**14. E ordenou-lhe que a ninguém o dissesse. Mas vai, disse, mostra-te ao sacerdote, e oferece pela tua purificação, o que Moisés determinou para que lhes sirva de testemunho.**

**15. A sua fama, porém, se propagava ainda mais, e ajuntava-se muita gente para o ouvir e para ser por ele curada das suas enfermidades.**

**16. Ele, porém, retirava-se para os desertos, e ali orava.**

A lepra, para o povo em que Jesus nasceu e viveu, era tida como uma desgraça, uma desonra, era associada ao erro, à impureza espiritual. O que eles chamavam

de lepra englobava várias doenças de pele, transmissíveis ou não. Consideravam essas doenças muito contagiosas, por isso as temiam tanto.

Os leprosos viviam afastados da sociedade, em locais desertos, e deviam avisar a quem passasse de longe a sua situação de leprosos, para que ninguém se aproximasse deles.

Mas o leproso aproximou-se, se prosternou-se no chão, se abaixou e disse Jesus: ***“Senhor, se quiseres, bem podes limpar-me”***. Na tradução do Haroldo Dutra Dias encontramos a expressão mais adequada: - “Senhor, se quiseres, podes purificar-me”. Jesus, estendendo a mão, tocou-lhe dizendo: “Quero! Seja purificado!” E imediatamente a lepra afastou-se dele.

Vemos que ele não pede para ser curado da lepra, mas pede para ser purificado, justamente porque a lepra tinha essa conotação de doença do espírito, de mal moral.

Era proibido, para qualquer pessoa, aproximar-se de um leproso. O leproso era considerado impuro, e quem tocasse num leproso também se tornava impuro, era considerado legalmente impuro.

Mas Jesus tocou no leproso e, em vez de se tornar legalmente impuro, foi ele que purificou espiritualmente o leproso. Não foi ele que se contaminou com a impureza do leproso, mas foi o leproso que se contaminou com a pureza de Jesus.

Foi Jesus quem curou o leproso? Ou o leproso já havia esgotado o seu *carma*, já havia deixado para trás a sua vida de erros e precisava purificar-se espiritualmente para reintegrar-se à vida?

O leproso, depois de muito sofrer, tornou-se humilde. Isso não quer dizer, de modo algum, que o sofrimento seja necessário para desenvolver a humildade. Aliás, a dor é inevitável, mas o sofrimento, não. Duas pessoas podem experimentar exatamente o mesmo mal e uma delas sofrer em consequência deste mal e a outra não. Isso depende da postura da pessoa em relação à dor.

Acontece que até uma criança respeita a dor como mecanismo de retificação. Uma criança que leva um choque porque enfiou o dedo na tomada não vai tornar a enfiar o dedo na tomada. A dor ensina. A dor moral nos mostra que as atitudes que tomamos e que nos levaram a sentir dor não estão corretas.

Pois foi isso que aconteceu com o leproso. Através da dor ele reconheceu a sua impureza espiritual, estava espiritualmente isolado, sem contato com a humanidade.

Mas a doença é do espírito. O corpo apenas reflete ou purga a impureza do espírito em forma de doença. Por isso Jesus não cura o leproso, mas o purifica. O leproso já havia abandonado os seus erros, faltava a conscientização da sua origem divina, da existência do Cristo interno, e isso ele conquista com Jesus.

Depois de limpo ou purificado, Jesus diz ao ex-leproso para ele não contar nada a ninguém e para apresentar-se ao sacerdote e fazer a oferta pela sua purificação, de acordo com o que ordenava a lei de Moisés, para servir de testemunho aos sacerdotes.

Todos que se curavam deviam oferecer um sacrifício, conforme prescrevia a lei religiosa da época, para que ele fosse considerado legalmente puro e pudesse ser reintegrado à sociedade e à sua religião.

Jesus respeitava a religião da época. Isso mostra que ele não veio fundar nenhuma religião.

Várias vezes, depois de curar alguém, Jesus pede segredo. Muitos comentadores do Evangelho atribuem esse pedido de discrição ao que chamam de “segredo messiânico”.

Concordamos, pelo menos em parte. Acreditamos que Jesus tinha toda a sua missão planejada e não podia precipitar os fatos. Quanto menos ele chamasse a atenção das autoridades, melhor, pois muitos a essa altura já queriam vê-lo desaparecido.

Mas parece, também, como já comentamos, que ele nos deixa como lição a modestia, o perigo que representa a vaidade, a vaidade que nasce dos elogios e da aclamação pública.

Há outro motivo importante para que Jesus pedisse que não contassem de suas curas. Essas curas se davam em pessoas (espíritos) que, possivelmente, já haviam resgatado os seus erros, ou que, pelo menos, estavam dispostos a repará-los. Se eles já tinham resgatado os seus erros, ou se estavam dispostos a repará-los, por que estavam doentes?

Porque estavam cristalizados na dor e na impotência. Depois de tanto tempo de sofrimento, faltava-lhes a confiança necessária. Essa confiança só seria adquirida pelo seu contato com o Cristo.

Mas para quem estava recém começando a reconhecer o Cristo, para quem estava desenvolvendo a confiança, a descrença e a maledicência alheias poderiam lhes abalar. Ao sair contando de suas curas aos descrentes e aos ignorantes, estes não acreditariam num cura verdadeira; diriam, repetindo letras mortas de livros velhos, que isso era impossível; e essa descrença, esse negativismo poderiam abalar o espírito recém-liberto.

Isso acontece hoje ainda. Sempre existem pessoas infelizes com crenças arraigadas no diabo, pessoas que acreditam muito mais em diabos e capetas do que em Deus, e que estão prontas para despejarem o seu negativismo em quem se declarar curado ou purificado por um meio que não seja a sua religião ou igreja.

De qualquer modo, esses pedidos de segredo não surtiam efeito, porque cada vez mais as multidões o seguiam, levando os enfermos para serem curados.

\*\*\*

Lucas acrescenta, como em outras vezes, que Jesus estava se retirando para os desertos (lugares ermos) e orando. Sempre vemos o valor que Jesus dava à oração, pelo seu próprio exemplo. Não à oração cheia de palavras e gestos, mas ao recolhimento ao deserto, aos lugares ermos, ou seja, solitariamente, de si para consigo, buscando o Cristo interno que habita em cada um de nós.

**17. E aconteceu que, num daqueles dias, estava ensinando, e estavam ali assentados fariseus e doutores da lei, que tinham vindo de todas as aldeias da Galiléia, e da Judéia, e de Jerusalém. E a virtude do Senhor estava ali para os curar.**

**18. E eis que uns homens transportaram numa cama um homem que estava parálítico, e procuravam fazê-lo entrar e pô-lo diante dele.**

**19. E, não achando por onde o pudessem levar, por causa da multidão, subiram ao telhado, e por entre as telhas o baixaram com a cama, até ao meio, diante de Jesus.**

**20. E, vendo ele a fé deles, disse-lhe: Homem, os teus pecados te são perdoados.**

**21. E os escribas e os fariseus começaram a arrazoar, dizendo: Quem é este que diz blasfêmias? Quem pode perdoar pecados, senão só Deus?**

**22. Jesus, porém, conhecendo os seus pensamentos, respondeu, e disse-lhes: Que arrazoais em vossos corações?**

**23. Qual é mais fácil? dizer: Os teus pecados te são perdoados; ou dizer: Levanta-te, e anda?**

**24. Ora, para que saibais que o Filho do homem tem sobre a terra poder de perdoar pecados (disse ao paralítico), a ti te digo: Levanta-te, toma a tua cama, e vai para tua casa.**

**25. E, levantando-se logo diante deles, e tomando a cama em que estava deitado, foi para sua casa, glorificando a Deus.**

**26. E todos ficaram maravilhados, e glorificaram a Deus; e ficaram cheios de temor, dizendo: Hoje vimos prodígios.**

Jesus estava provavelmente na casa de Pedro, que é onde ele morava quando estava em Cafarnaum, e havia lá fariseus e doutores da lei vindos de todas as aldeias.

Os fariseus formavam um grupo religioso e em parte político, já que religião e política muitas vezes se misturavam para aquele povo; aliás, isso perdura até hoje no Oriente Médio.

A palavra fariseu quer dizer “separado”. Eles mantinham-se até certo ponto separados do resto da população porque davam muita importância à Torá, o livro sagrado dos judeus (correspondente ao Pentateuco da Bíblia) e às tradições. Levavam tudo ao pé da letra, eram muito rigorosos, cheios de regras, sufocavam a população com tantas regras de pureza.

O que pode ter começado como boa intenção, como uma tentativa de zelo pelos valores que defendiam, acabou virando uma obsessão.

Ainda hoje está cheio de novos fariseus por aí. Religiosos que cuidam apenas das exterioridades, das aparências, da letra morta da Bíblia, sem perceberem o que está por trás da letra e sem cuidarem do seu íntimo.

Os doutores da lei, ou mestres da lei, também chamados de escribas, eram aqueles estudiosos da Torá, que pelo conhecimento que tinham do seu livro sagrado eram autorizados a determinar normas de conduta.

\*\*\*

Havia muitos fariseus e doutores da lei na casa de Pedro, onde estava Jesus - interditando a porta, em volta da casa, impossibilitando que alguém passasse. Nisso chegaram quatro homens trazendo um paralítico numa cama (maca, padiola), para colocá-lo na frente de Jesus.

Como não conseguiram passar, subiram ao telhado - os telhados das casas eram lisos, como terraços, as pessoas ficavam normalmente sobre o telhado das casas, ou mesmo caminhavam sobre os telhados.

Subiram ao telhado com o parálítico, abriram um buraco no teto e desceram o parálítico na sua maca em frente a Jesus. Jesus, vendo a fé deles, disse: ***“Homem, os teus pecados te são perdoados”***. Já vimos que isso equivale a dizer “os teus erros foram resgatados”, ou “os teus erros foram deixados para trás”, ou “estás libertado dos teus erros”.

Ao nos depararmos com a expressão “os teus pecados foram perdoados” podemos ter a impressão de que o desligamento, a libertação dos nossos erros depende de Jesus. Jesus é nosso modelo e guia, é seguindo o seu ensinamento que nos libertamos dos erros. Mas a libertação compete a nós mesmos. “A cada um segundo as suas obras”.

Quando Jesus disse isso ao parálítico, os escribas e os fariseus ficaram enlouquecidos. Achavam que o que Jesus disse era uma blasfêmia, pois os judeus associavam a doença aos erros cometidos, às impurezas do espírito, e acreditavam que só Deus pode “perdoar os pecados”.

Mas Deus não age diretamente sobre nós. Deus age através de suas Leis cósmicas eternas, entre elas a Lei de causa e efeito, segundo a qual nós colhemos aquilo que plantamos. Somos nós que acionamos as Leis de Deus ao agirmos. Nossa ação e suas consequências estão subordinadas às Leis de Deus.

Mas os escribas e fariseus consideraram as palavras de Jesus uma blasfêmia, pois Jesus declarou que os erros do parálítico haviam ficado para trás, e eles achavam que essa declaração competia exclusivamente a Deus.

Jesus leu os seus pensamentos, num fenômeno avançado de telepatia, o que ele sempre fazia, graças à sua grande superioridade espiritual, e perguntou-lhes: ***“Qual é mais fácil? dizer: Os teus pecados te são perdoados; ou dizer: Levanta-te, e anda? Ora, para que saibais que o Filho do homem tem sobre a terra poder de perdoar pecados (disse ao parálítico), a ti te digo: Levanta-te, toma a tua cama, e vai para tua casa”***.

Jesus não disse ao parálítico que ele estava curado. Jesus declarou que os erros do parálítico haviam ficado para trás, que ele estava libertado dos seus erros, que ele não era mais escravo dos seus erros passados.

Como consequência deste fato e da sua declaração, através do incalculável poder magnético de Jesus, o corpo físico sofreu a consequência da libertação espiritual e ficou curado.

Lucas chama a atenção para o fato de que em Jesus, naquela ocasião, “**a virtude do Senhor estava ali para os curar**”. A palavra grega traduzida como virtude é *dynamis* (δυναμις), que quer dizer “poder”. Havia, então, poder do Senhor para ele curar”.

Se hoje nós vemos pessoas de diversas correntes religiosas, ou mesmo sem religião, capazes de promover curas, no que o Espiritismo denomina de mediunidade de cura, imagine o que devia ser o poder de Jesus!

Mas o que ressalta desta passagem não é o aspecto material, que é apenas consequência. Os fatos materiais foram provocados por Jesus para que os seus simbolismos ficassem gravados para a posteridade. O importante é o aspecto espiritual.

O parálítico é o espírito estagnado, que depois de muito errar e de muito sofrer as consequências dos seus atos, perdeu a tal ponto a iniciativa, o dinamismo, que está paralisado, estagnado evolutivamente. Mas despertou para o Cristo, busca o Cristo, supera todos os obstáculos e se renova. Seus erros foram deixados para trás, ele pode recomeçar.

Jesus diz para ele levantar-se, pegar a sua cama e ir para casa. É o mesmo que dizer ao espírito arrependido e ansioso por recomeçar: - “Saia da estagnação, carregue o seu corpo físico e vá para o mundo físico, reencarne”.

Jesus manda o parálítico carregar a cama. Isso tanto pode representar o corpo físico, que ficou curado porque o espírito se libertou dos seus erros, assumindo nova postura, como também pode representar o passado do homem, o passado em que ele vivia apoiado, que já não é necessário para ele apoiar-se, mas que deve ser carregado, ainda, como lembrança do que lhe aconteceu, como uma bagagem espiritual.

\*\*\*

Nestas duas curas, do leproso e do parálítico, vemos que primeiro houve a purificação do espírito e depois a cura do corpo físico.

O físico é consequência do espiritual. A causa é o espírito, o efeito é o corpo.

A fé, para o leproso e o parálítico, representa ação. Não é crença, é ação.

**27. E, depois disto, saiu, e viu um publicano, chamado Levi, assentado na rezebedoria, e disse-lhe: Segue-me.**

**28. E ele, deixando tudo, levantou-se e o seguiu.**

**29. E fez-lhe Levi um grande banquete em sua casa; e havia ali uma multidão de**



publicanos e outros que estavam com eles à mesa.

**30. E os escribas deles, e os fariseus, murmuravam contra os seus discípulos, dizendo: Por que comeis e bebeis com publicanos e pecadores?**

**31. E Jesus, respondendo, disse-lhes: Não necessitam de médico os que estão sãos, mas, sim, os que estão enfermos;**

**32. Eu não vim chamar os justos, mas, sim, os pecadores, ao arrependimento.**

Esse publicano era Mateus, também chamado Levi. Jesus falou para ele o seguir e ele o seguiu e se tornou apóstolo de Jesus, um dos evangelistas.

Mateus era um homem culto para a sua época - no mínimo era alfabetizado, coisa que a maioria não era. Mateus não pensou duas vezes. Levantou-se e seguiu Jesus. Mateus e a sua atitude representam todo aquele que ouve o chamado do seu Cristo interno e o segue sem hesitação, deixando para trás a procura por bens materiais - já que esta era a função de Mateus, cobrar impostos, recolher dinheiro - e seguindo o caminho do Cristo.

Mateus ofereceu um grande banquete a Jesus, e neste banquete estavam muitos publicanos, colegas - ou, agora, ex-colegas de profissão de Mateus. E Jesus estava lá, no meio deles. Isso equivaleria, hoje, a comparecer a um jantar com os piores políticos, com os currículos mais perversos de Brasília. Os fariseus viram aquilo e intimaram Jesus: - Como é que ele comia com publicanos e pecadores?

Jesus então respondeu: ***“Não necessitam de médico os que estão sãos, mas, sim, os que estão enfermos; eu não vim chamar os justos, mas, sim, os pecadores, ao arrependimento”.***

Para os fariseus, que seguiam a lei ao pé da letra, que não eram capazes de buscar o significado do que estava escrito nas escrituras, Jesus estava se contaminado com a impureza dos publicanos.

Os fariseus modernos de hoje também buscam passagens obscuras da Bíblia para justificar absurdos ou condenar o que não compreendem. Continuam apegados à letra. Não seguem o conselho do apóstolo Paulo que diz que o espírito dá a vida, mas a letra mata (2 Cor 3:6).

Assim como Jesus não se contaminou com a lepra, não se contaminaria com a companhia dos publicanos, pelo contrário. Exerceria a sua influência poderosa sobre eles.

\*\*\*

Jesus, que é Jesus, enquanto esteve encarnado não escolheu pessoas com quem conversar e dividir as refeições. E temos hoje pretensos representantes de Jesus que se referem aos que não seguem sua igreja como “ímpios”.

**33. Disseram-lhe, então, eles: Por que jejuam os discípulos de João muitas vezes, e fazem orações, como também os dos fariseus, mas os teus comem e bebem?**

**34. E ele lhes disse: Podeis vós fazer jejuar os filhos das bodas, enquanto o esposo está com eles?**

**35. Dias virão, porém, em que o esposo lhes será tirado, e então, naqueles dias, jejuarão.**

**36. E disse-lhes também uma parábola: Ninguém deita um pedaço de uma roupa nova para a coser em roupa velha, pois romperá a nova e o remendo não condiz com a velha.**

**37. E ninguém deita vinho novo em odres velhos; de outra sorte o vinho novo romperá os odres, e entornar-se-á o vinho, e os odres se estragarão;**

**38. Mas o vinho novo deve deitar-se em odres novos, e ambos juntamente se conservarão.**

**39. E ninguém tendo bebido o velho quer logo o novo, porque diz: Melhor é o velho.**

Os fariseus jejuavam determinados dias, seguiam isso como um ritual. Não jejuavam para se purificar, para facilitar a meditação, mas apenas para cumprir a rigidez da lei e das tradições.

Os discípulos de João Batista também jejuavam, achavam que a prática do jejum elevava o espírito, e é verdade que o jejum facilita, pelo menos algumas vezes, o contato com a espiritualidade superior.

Mas o jejum aqui representa a abstenção de prazeres ou a fuga da materialidade.

Jesus diz que os seus discípulos não poderiam jejuar enquanto ele estivesse com eles, mas que um dia, quando ele fosse retirado dos seus discípulos, então eles jejuariam, ou “se absteriam de prazeres materiais”.

Jesus, alegoricamente, chama a si mesmo de “o esposo”, ou “o noivo”. O noivo, nos dias de festa do casamento, era a figura mais importante. Para um povo simples e sem grandes recursos culturais, a maior alegria, sem dúvida, era a festa de casamento. Para a maioria o casamento era a única ocasião de festa alegre.

Muitas interpretações têm sido dadas a essas parábolas de Jesus. Primeiro vamos esclarecer o objeto das parábolas.

Não se põe “**vinho novo em odres velhos**”. Odre é um recipiente, geralmente de pele de cabra, para se guardar o vinho. Uma espécie de cantil. Com o tempo de uso, a pele cedia e ficava quebradiça. O vinho novo não poderia ser acomodado num odre velho, pois o vinho ainda produziria gases, se expandiria e o odre se romperia. Estragaria o odre e se perderia o vinho.

Não se põe “**pedaço de uma roupa nova para a coser em roupa velha**”. O remendo novo se refere ao tecido cru, ao tecido não lavado, que ainda iria encolher. Se pusermos remendo de pano novo em roupa velha, estraga-se o pano novo e rasga-se a roupa velha, pois o pano novo encolhe e rompe o tecido velho.

O odre velho é o velho sistema religioso, tradicional, dogmático, que cuida das exterioridades, que interpreta tudo ao pé da letra.

O vinho novo é o espírito renovado, o espírito que se conscientizou, o espírito que evoluiu e precisa de novidade, e para isso ainda vai se expandir, assim como o vinho novo que se expande porque produz gases. O vinho novo é o espírito que não fica estagnado, que incorpora novos conceitos, que aprende coisas novas, que não suporta dogmatismos.

O espírito renovado precisa de um sistema novo, assim como o vinho novo precisa de um odre novo. Colocar o vinho novo no odre velho rompe o odre velho, e os dois se perdem.

Nós vimos no começo deste capítulo que a rede de Pedro se rompia, e ele precisou de ajuda, ele mesmo pediu ajuda, para que nada se perdesse.

Assim como a rede de Pedro é o odre velho. É o sistema velho. Jesus nos orienta, então, para respeitarmos as características de cada espírito, sem tentarmos adaptar forçosamente o espírito do homem novo no sistema velho.

Colocar o espírito renovado, o espírito do homem novo (de que nos fala o apóstolo Paulo) no sistema velho, irá romper o sistema velho e perder o espírito novo.

Rompe-se o sistema velho por ver-se ultrapassado e incapaz de conter as novas descobertas que a evolução nos apresentou; e perde-se o espírito novo por não encontrar acolhida segura no sistema velho.

É o que acontece com tantos espíritos inteligentes e cheios de boas intenções que só conhecem as religiões dogmáticas tradicionais e se desiludem com a rigidez e a ideia equivocada de Deus, optando pelo ateísmo.

O espírito novo, ou homem novo, precisa de um sistema novo, que evolua junto com ele, que não se prenda a dogmas e convenções sociais. Os dogmáticos estão em toda parte. Até dentro do Espiritismo há os dogmáticos.

A parábola do remendo de pano novo em veste velha tem o mesmo sentido; apenas devemos acrescentar que a roupa nos reveste, exteriormente, representando o corpo físico, e o vinho fica no interior do odre, representando o espírito.

Então essa interpretação da parábola se aplica tanto à matéria como ao espírito.

Nada impede que o espírito acostumado ao sistema velho se expanda em conhecimentos e experiências e entre no sistema novo.

Mas o espírito do homem novo não pode acomodar-se ao sistema velho, pois o sistema velho não pode contê-lo: os dois se perderiam.

\*\*\*

- No episódio da pesca nós vimos que, com Jesus, os homens têm a capacidade de “pescar” ou conquistar outros homens para as verdades espirituais, mas isso não deve ser feito exclusivamente por alguém ou por um grupo, mas deve ser compartilhado, ou “a rede se rompe”;
- Com a cura do leproso nós vimos que esse pesca de homens ou essa conquista dos homens para a espiritualidade purifica o espírito;
- Com a cura do paralítico, vimos que o espírito sai da estagnação e recomeça a movimentar-se por si mesmo, a andar com as suas próprias pernas;
- Com a chamada de Mateus vemos que qualquer um pode regenerar-se e seguir o Cristo;
- E com as parábolas do vinho e do pano, concluímos que tudo evolui e que o pensamento dogmático estagnado não comporta o espírito que se expande em conhecimentos e experiências.

## CAPÍTULO 6

- 1. E aconteceu que, no segundo sábado após o primeiro, passou pelas searas, e os seus discípulos iam arrancando espigas e, esfregando-as com as mãos, as comiam.**
- 2. E alguns dos fariseus lhes disseram: Por que fazeis o que não é lícito fazer nos sábados?**

**3. E Jesus, respondendo-lhes, disse: Nunca lestes o que fez Davi quando teve fome, ele e os que com ele estavam?**

**4. Como entrou na casa de Deus, e tomou os pães da proposição, e os comeu, e deu também aos que estavam com ele, os quais não é lícito comer senão só aos sacerdotes?**

**5. E dizia-lhes: O Filho do homem é Senhor até do sábado.**

Os discípulos de Jesus certamente o seguiam há bastante tempo, e estavam com fome. A lei proibía qualquer trabalho ao sábado, que era o dia reservado a Deus. Criou-se, então, uma série de regras sobre o que podia e o que não podia fazer no sábado. Mas não era proibido debulhar as espigas para comer.

Alguns fariseus provavelmente seguiam Jesus, o espionando, para ver se achavam algo que servisse de pretexto para acusá-lo, pois a sua hipocrisia estava sendo desmascarada por ele. Estes fariseus censuraram os discípulos de Jesus porque eles estavam arrancando espigas.

Não que não pudessem comer, mas porque era sábado, e sábado era o dia sagrado, o dia do Senhor, o dia do descanso. No êxodo, que é o segundo livro da Bíblia, está escrito que quem não guardar o sábado será punido com a morte (Êxodo 31:15; 35:2).

Jesus responde aos fariseus lembrando um episódio ocorrido com Davi, mil anos antes, narrado no livro de Samuel, um dos livros da Bíblia, em que Davi e alguns companheiros seus fugiam de Saul, que queria matar Davi.

Como estavam com fome, Davi pede pão ao sacerdote, e o sacerdote diz que não tem pão comum, só o pão consagrado, que era permitido apenas para os sacerdotes. Mas ele dá os pães a Davi e aos seus companheiros por se tratar de uma necessidade especial (1 Samuel 21:1-6).

Jesus está dizendo que a necessidade do homem é maior do que a importância de guardar o sábado. Jesus diz que o “filho do homem” é senhor do sábado.

A maior parte dos religiosos acha que Jesus está querendo dizer que ele é o senhor do sábado porque ele é Deus, então foi ele quem inventou o sábado. Mas não tem nada disso. Jesus nunca disse que era Deus. Transformaram Jesus em Deus para dar mais credibilidade à religião no Império Romano.

O que Jesus está dizendo é claro, no Evangelho de Marcos ele fala isso com todas as letras: “o sábado foi feito por causa do homem, e não o homem por causa do sábado”.

A expressão “filho do homem” também é alvo de inúmeras interpretações e especulações. A maioria faz referência ao livro de Daniel 7:14 e imaginam o filho do homem como um ser celeste.

“Filho de” é uma expressão semítica, uma expressão daquele povo para designar o fruto, o proveniente, o descendente de alguma coisa.

Os amigos do noivo, na festa de casamento, são chamados os “filhos da câmara nupcial” ou “filhos das bodas” (Lucas 5:34), os sábios são chamados “filhos da sabedoria” (Lucas 7:35), o pacífico é chamado “filho da paz” (Lucas 10:6), os mundanos são chamados “filhos deste mundo” e os iluminados são chamados “filhos da luz” (Lucas 16:8).

O filho do homem é o homem em seu próximo estágio evolutivo, é o homem espiritual, é o homem que se conscientizou de sua natureza divina, é o homem novo de que nos fala o apóstolo Paulo.

O mineral é do reino mineral, o vegetal é do reino vegetal, o animal pertence ao reino animal, o homem pertence ao reino hominal e o filho do homem pertence ao reino de Deus ou, para Mateus, “reino dos céus”.

O filho do homem é o homem espiritual, o homem em que predomina o espírito e o interesse pelas coisas do espírito.

Então, quando Jesus diz que o filho do homem é o senhor do sábado, ele está dizendo que o homem espiritual, o homem em que predomina o interesse pelas coisas do espírito, não está submetido a questões dogmáticas de livros antigos. A sua natureza divina e a consciência desta natureza são muito maiores do que qualquer livro ou tradição religiosa.

**6. E aconteceu também noutro sábado, que entrou na sinagoga, e estava ensinando; e havia ali um homem que tinha a mão direita mirrada.**

**7. E os escribas e fariseus observavam-no, se o curaria no sábado, para acharem de que o acusar.**

**8. Mas ele bem conhecia os seus pensamentos; e disse ao homem que tinha a mão mirrada: Levanta-te, e fica em pé no meio. E, levantando-se ele, ficou em pé.**

**9. Então Jesus lhes disse: Uma coisa vos hei de perguntar: É lícito nos sábados fazer bem, ou fazer mal? salvar a vida, ou matar?**

**10. E, olhando para todos em redor, disse ao homem: Estende a tua mão. E ele assim o fez, e a mão lhe foi restituída sã como a outra.**

**11. E ficaram cheios de furor, e uns com os outros conferenciavam sobre o que fariam a Jesus.**

Lucas relata mais um episódio ocorrido num sábado, em que os fariseus, mais uma vez, buscavam motivo para acusar Jesus. Eles esperavam que Jesus descumprisse qualquer lei abertamente, sem desculpa ou atenuante, para poderem acusá-lo formalmente.

Jesus, como espírito mais elevado neste planeta, era um telepata perfeito, lia os pensamentos de todos. Percebia as suas malandragens antes que eles as manifestassem e não dava ocasião para que o pegassem agindo ostensivamente contra a lei.

Vemos que Jesus costumava ir aos sábados para ensinar na sinagoga, provavelmente como rabino visitante – semelhante a um pregador que é convidado, por costume, a pregar numa igreja.

Nesta ocasião havia na sinagoga um homem com a mão seca - outros dizem com a mão descarnada, ou com a mão atrofiada. Lucas diz que era a mão direita, a mão da ação. O homem estava sem ação, estava impedido de agir, de trabalhar, de ser útil.

Os fariseus estavam de olho em Jesus para ver se Jesus iria curá-lo, pois era proibido curar no sábado. Se Jesus fizesse qualquer coisa eles teriam uma acusação formal contra ele. Jesus disse para o homem: ***“Levanta-te, e fica em pé no meio”***.

Jesus pergunta aos que estavam lá, certamente dirigindo-se aos fariseus: ***“É lícito nos sábados fazer bem, ou fazer mal? salvar a vida, ou matar?”***- Se os fariseus dissessem que era permitido fazer o bem, estariam autorizando Jesus; se eles dissessem que era permitido fazer o mal, o povo ficaria contra eles.

Jesus pergunta sobre salvar a vida ou matar, pois é óbvio que os fariseus já tramavam para matá-lo, e ele sabia disso.

Jesus chama o homem para o centro, para o meio de todos. Aquele homem, aquele espírito encarnado, estava impedido de agir; ele representa a inação provocada pela rigorosidade da lei, da lei religiosa, dos dogmas, do fato seguir ao pé da letra o que está escrito na Bíblia, sem perceber que todas as leis tiveram um motivo para serem criadas, mas que se este motivo não existe mais ou se existe outro motivo mais forte do que ele, não há por que ficar preso, ficar sem ação, atrofiar a ação por causa de uma lei que foi feita em benefício do próprio homem.

Pois o sábado foi feito para o homem, não para Deus. Deus não precisa do sábado. Todas as leis bíblicas foram feitas para o homem, não para Deus. As leis de Deus são leis cósmicas eternas, perfeitas, imutáveis, não têm nada a ver com uma legislação que foi feita exclusivamente para um povo seminômade há mais de 3000 anos.

A religião pode atrofiar as mentes e impedir a ação útil e construtiva. É o que acontece com as pessoas que seguem as suas tradições religiosas à risca, como os atuais fundamentalistas de todas as denominações religiosas. A atrofia mental ocasionada pelo rigor fundamentalista os faz esquecer-se da principal característica que os diferencia dos animais: a capacidade de raciocinar.

\*\*\*

Foi preciso coragem para aquele homem aproximar-se de Jesus. Ele sabia que estava desagradando os líderes religiosos. Este espírito saiu da inação para ir para o centro, no meio de todos, expor-se para recuperar a ação.

Jesus olhou para todos e disse ao homem: ***“Estende a tua mão”***. - Jesus não descumpriu a lei, pois não fez nada, apenas falou. E o homem estendeu a mão e ela ficou normal.

No Evangelho de Marcos consta que os fariseus, depois disso, procuraram os herodianos para juntos tentarem destruir Jesus. Os herodianos eram os partidários de Herodes, chamado rei. Os herodianos eram aqueles que tinham interesses políticos no governo de Herodes, apoiavam o governo em troca de benefícios.

Fariseus e herodianos eram inimigos ferrenhos, e se uniram para tentarem destruir o inimigo que tinham em comum, Jesus. Até hoje as grandes igrejas ou denominações religiosas fazem negociatas com os governantes para protegerem os seus interesses mesquinhos.

\*\*\*

Quando Jesus manda o homem levantar-se, nós estamos diante de um reerguimento não apenas físico, mas espiritual. E é claro que não se trata de nenhum milagre. Jesus não precisava derrogar as leis de Deus, que são perfeitas, para poder agir.

Para produzir a cura são necessários dois fatores: A vontade e capacidade do emissor e o merecimento e receptividade por parte do doente.



Jesus tinha Vontade e Amor, e emitia de si mesmo fluidos altamente purificados para o corpo astral do enfermo.

É possível que este homem estivesse obsediado, que um espírito obsessivo ou vampirizador estivesse impedindo o acesso dos fluidos vitais à sua mão, tornando-a atrofiada.

De qualquer modo, a cura se dá pela substituição de uma célula doente por uma célula sã. É importante lembrar que a cura ocorreu porque houve receptividade por parte do homem. Ele tinha fé suficiente para receber os fluidos emitidos por Jesus.

Nós vemos noutra passagem que Jesus, ao visitar sua cidade, Nazaré, não pode realizar muitas curas por causa da falta de fé das pessoas (Mateus 13:58; Marcos 6:5). A fé produz a receptividade necessária.

Outro ponto importante é o merecimento. Em outras ocasiões, quando Jesus diz “teus pecados estão perdoados”, propusemos traduções que estão mais de acordo com o ensinamento de Jesus, traduções que não contradigam a assertiva de Jesus: “A cada um segundo as suas obras”. O que normalmente traduzem como “perdão dos pecados” é melhor traduzido como “abandono dos erros”, deixar os erros para trás”, “libertação dos erros”, ou, como prefere Pastorino, “resgate dos erros”.

O homem da mão mirrada provavelmente também já havia resgatado os seus erros, ou abandonado o seu passado de erros, e era merecedor da cura. Jesus só curaria alguém que não fosse merecedor, que estivesse ainda em débito com as leis divinas, se houvesse uma razão especial para isso. É ridículo acreditar que Jesus saísse por aí curando aleatoriamente. Ridículo e injusto. Por que uns seriam beneficiados com a cura e outros não? O simples fato de Jesus visitar determinadas cidades em detrimento de outras já denotaria parcialidade.

Mas, como diz o apóstolo Pedro, “o amor cobre uma multidão de pecados” (1 Pedro 4:8). Se o espírito está arrependido e disposto a compensar os seus erros agindo em benefício do próximo, sua consciência o liberta da colheita rigorosa daquilo que plantou. Não podendo consertar o erro, mas disposto a compensá-lo, começa a se rearmar com o Universo influenciando nos resultados da Lei de causa e efeito.

\*\*\*

A mão atrofiada pode simbolizar também a mão fechada, a sovinice em relação ao próximo, e Jesus o manda estender a mão, manda vir para o meio de todos e estender a mão.

Isso demonstra a possibilidade de que o comprometimento deste espírito em estender a mão para todos os que estiverem à sua volta antecipe o esgotamento do efeito de suas ações equivocadas.

**12. E aconteceu que naqueles dias subiu ao monte a orar, e passou a noite em oração a Deus.**

**13. E, quando já era dia, chamou a si os seus discípulos, e escolheu doze deles, a quem também deu o nome de apóstolos:**

**14. Simão, ao qual também chamou Pedro, e André, seu irmão; Tiago e João; Filipe e Bartolomeu;**

**15. Mateus e Tomé; Tiago, filho de Alfeu, e Simão, chamado Zelote;**

**16. E Judas, irmão de Tiago, e Judas Iscariotes, que foi o traidor.**

**17. E, descendo com eles, parou num lugar plano, e também um grande número de seus discípulos, e grande multidão de povo de toda a Judéia, e de Jerusalém, e da costa marítima de Tiro e de Sidom; os quais tinham vindo para o ouvir, e serem curados das suas enfermidades,**

**18. Como também os atormentados dos espíritos imundos; e eram curados.**

**19. E toda a multidão procurava tocar-lhe, porque saía dele virtude, e curava a todos.**

Lucas nos conta que Jesus subiu ao monte para orar e passou a noite inteira em oração. Depois disso foi que ele escolheu os seus apóstolos. Lembramos que a palavra “apóstolo” quer dizer “emissário”. Os apóstolos de Jesus eram seus emissários nomeados para movimentar o ensinamento que ele nos trouxe.

É interessante notar que Jesus subia ao monte para orar. É relatado várias vezes no Evangelho de Lucas que Jesus subia ao monte para orar. Jesus fazia isso para que ficasse registrado e nós pudéssemos compreender, muito tempo depois, que é preciso que tenhamos o hábito de nos recolhermos e elevarmos o pensamento a Deus. Isso é subir o monte. Elevar o pensamento, alcançar um estado vibracionalmente alto.

Lucas narra que Jesus, **“descendo com eles, parou num lugar plano”**, e então uma multidão o aguardava para que ele curasse os seus doentes e desobsediasse aqueles que eram assediados por espíritos atrasados.

Todos procuravam tocar em Jesus, pois saía “uma força” (virtude, *δυναμις*) de Jesus. O poder magnético de Jesus era muito grande, os fluidos purificados externalizados por ele tinham o poder de curar os que estivessem receptivos à cura.

**20. E, levantando ele os olhos para os seus discípulos, dizia: Bem-aventurados vós, os pobres, porque vosso é o reino de Deus.**

**21. Bem-aventurados vós, que agora tendes fome, porque sereis fartos. Bem-aventurados vós, que agora chorais, porque haveis de rir.**

**22. Bem-aventurados sereis quando os homens vos odiarem e quando vos separarem, e vos injuriarem, e rejeitarem o vosso nome como mau, por causa do Filho do homem.**

**23. Folgai nesse dia, exultai; porque eis que é grande o vosso galardão no céu, pois assim faziam os seus pais aos profetas.**

Em Mateus, ao narrar este mesmo episódio, é dito que Jesus “subiu a um monte”, daí o título que ficou célebre de “o sermão do monte” ou “o sermão da montanha”, que, em Lucas, é às vezes chamado de “sermão da planície”, pois é dito, no versículo 17, que Jesus desceu a um lugar plano.

As bem-aventuranças, que estão entre as partes mais importante do Evangelho de Jesus, devem ser analisadas conjuntamente com o Evangelho de Mateus. Mateus trata deste tema com mais profundidade.

Fica evidente as diferentes intenções do Evangelistas Mateus e Lucas em relação a estes ensinamentos de Jesus.

Enquanto Lucas nos passa a ideia de uma consolação mais imediata, referente ao plano físico, uma consolação que diz respeito a todos nós, que vivemos ainda sob a predominância da matéria, Mateus nos traz um ensinamento extremamente elevado, que fala das coisas do espírito, que não nos trata como espíritos encarnados em busca de consolo para as nossas dores cotidianas, mas como espíritos imortais de passagem pela matéria, seres cósmicos imersos numa existência corporal, dignos de aprimoramento e crescimento espiritual através da conscientização e do autoconhecimento. Por isso Lucas diz que Jesus “desceu a um lugar plano” e Mateus diz que Jesus “subiu ao monte”.

O sermão da planície de Lucas é para o hoje, para o dia-a-dia. O sermão da montanha de Mateus é eterno, válido para todos os lugares e tempos, e é preciso elevar-se, é preciso “subir ao monte” para compreendê-lo

Ghandi disse que se todos os livros sagrados do mundo se perdessem e sobrasse apenas o Sermão da Montanha, nada estaria perdido. É verdade. Tudo o que precisamos para a nossa evolução espiritual está aí. E, dentro do Sermão da Montanha, as bem-aventuranças se destacam.

Conhecemos os reinos mineral, vegetal e animal, e estamos atualmente no reino hominal. O nosso próximo estágio evolutivo é o reino de Deus, em que o espírito há de predominar sobre a matéria. Jesus nos ensina, nas bem-aventuranças, o que devemos fazer para alcançarmos o reino de Deus.

\*\*\*

Lucas se refere a quatro situações absolutamente materiais, situações do cotidiano de muitas pessoas - os pobres, os que têm fome, os que choram e os que são perseguidos. Em contraponto a estas quatro situações, traz quatro oposições, quatro respostas contrárias:

**24. Mas ai de vós, ricos! porque já tendes a vossa consolação.**

**25. Ai de vós, os que estais fartos, porque tereis fome. Ai de vós, os que agora rides, porque vos lamentareis e chorareis.**

**26. Ai de vós quando todos os homens de vós disserem bem, porque assim faziam seus pais aos falsos profetas.**

Por se tratar de questões materiais, de questões do plano físico, fica claro que as respostas se referem à Lei de causa e efeito. Não é comum acontecerem numa mesma existência essas promessas de Jesus.

Os pobres quase sempre permanecem pobres, os que têm fome podem continuar sentindo fome a vida inteira, os que choram nem sempre encontram motivos para deixar de chorar e muitos são perseguidos indefinidamente, justa ou injustamente.

Se achássemos que essas consolações se referem a um outro mundo, ao céu ou paraíso, teríamos que acreditar que Deus prefere os pobres, os que têm fome, os que choram e os que são perseguidos. Mesmo sem entender que mérito há em ser pobre, em ter fome, em chorar e em ser perseguido, teríamos que nos esforçar para vivermos nestas condições, do contrário, estaríamos perdidos.

Essas promessas de Jesus não teriam muito sentido se não considerássemos a reencarnação. Só a reencarnação explica suficientemente e sem artifícios teológicos a reviravolta nestas quatro situações abordadas por Jesus.

\*\*\*

Analisamos, agora, as bem-aventuranças de acordo com o Evangelho de Mateus:

*“Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus”.* Mateus 5:3

Rohden argumenta que a melhor tradução é pobres pelo espírito, e não pobres de espírito ou pobres no espírito.

Pobres pelo espírito, ou seja, pobres por sua escolha, pelo seu livre-arbítrio, os que são pobres não por necessidade, mas por darem mais importância às coisas espirituais.

Um homem pode ser milionário mas totalmente desligado do dinheiro, ligado às coisas do espírito, pobre pelo espírito, ao mesmo tempo em que um homem pode ser um mendigo, morador de rua, e completamente apegado às suas tralhas, transferindo para as suas bugigangas o amor ao dinheiro que ele não tem.

Um rico pode não sofrer se vier a perder o dinheiro que tem, enquanto um pobre pode sofrer pelo dinheiro que não tem.

Não podemos pensar que Deus tem preferência pelos pobres. Essa ideia foi implantada ao longo dos séculos como forma de manter a massa sossegada, sem revolta. Mas os que pregaram e pregam ainda que Deus prefere os pobres quase sempre vivem muito bem, com muitos recursos materiais, nem sabem o que é ser pobre.

O apóstolo Pedro, provavelmente sob inspiração mediúnica, nos lembra que Deus não faz acepção de pessoas (Atos 10:34). Deus é imparcial, não toma o partido de ninguém.

Não há nada de errado em possuir dinheiro. O que é errado não é possuir dinheiro, mas ser possuído pelo dinheiro.

O Universo é fartura e abundância, e o dinheiro é uma energia neutra. Esta energia será negativa ou positiva conforme a aplicação que dermos a ela.

Pastorino adota a tradução proposta pelo rosacruziano José Oiticica, “mendigos do espírito”. São aqueles que já se conscientizaram e imploram pelas coisas do espírito, mendigam as coisas do espírito, procuram espiritualizar-se o mais que puderem.

Os pobres de espírito, então, são aqueles que já se conscientizaram e estão, pouco a pouco, se libertando do domínio da matéria e dando a importância devida ao espírito. São os que estão libertos da necessidade de posse material.

Os pobres pelo espírito, ou mendigos do espírito, que Champlim traduz como humildes de espírito, reconheceram, pela conscientização, a sua pobreza espiritual e tornam-se receptivos a Deus, receptivos ao seu Cristo interno.

Essa condição de receptividade provocada pela conscientização, essa ânsia pelas coisas espirituais é o que alicerça todas as demais bem-aventuranças.

Sem esta condição de pobreza pelo espírito não haveria condições de praticar ou vivenciar as outras bem-aventuranças.

*“Bem-aventurados os que choram, porque eles serão consolados”.* Mateus 5:4

Esta segunda bem-aventurança é consequência da primeira. Refere-se aos que choram pela conscientização do seu estado de mendicância espiritual. São tristes por reconhecerem, finalmente, o seu estado de indigência espiritual. Mas esta mendicância das coisas do espírito é ação. E é através da ação que progredimos. Tudo começa pelo pensamento. A conscientização se dá pelo pensamento. Mas a ação é imprescindível.

Os que choram serão consolados, porque, como disse Jesus, *“quem procura, acha”*. E quem busca o consolo na realidade espiritual, depois de haver se conscientizado da sua natureza divina, encontra a cura para os seus males.

O sofrimento, embora não seja imprescindível, é o início da cura espiritual. O sofrimento é o estágio seguinte à revolta estéril.

Rohden diz que essa tristeza de que fala Jesus é uma tristeza toda espiritual, e ela é mais aparente do que real. É a tristeza de quem vive intimamente fora das ilusões da alegria material.

Essa tristeza e esse choro são ainda a constatação do estado de erro em que estaciona a humanidade, e a percepção de que todos nós já cometemos erros clamorosos. Mas se há a angústia pelo reconhecimento dos erros, há também o conforto do arrependimento e da disposição de consertar ou compensar o mal causado.

É o choro da angústia pelo reconhecimento de sua necessidade de evoluir em meio a inúmeras influências negativas.

Quem já se conscientizou sofre ao constatar os pensamentos dominantes na massa de espíritos encarnados e desencarnados. Quem já se deu conta da realidade espiritual chora intimamente ao perceber a influência nefasta que os grandes meios de comunicação exercem sobre a massa, a hipnose coletiva a que está docilmente

submetida a humanidade, a maneira como a massa se deixa conduzir como se fosse gado indo para o matadouro, em direção ao consumo desenfreado, à busca pelas aparências, pelas exterioridades, pelas futilidades que o consumismo lhe apresenta como solução imediata para os seus problemas superficiais.

Os que choram já estão conscientes, e serão consolados a partir de seus próprios atos, pois já conhecem os meios de libertação da escravidão da matéria.

*“Bem-aventurados os mansos, porque eles herdarão a terra”.* Mateus 5:5

São mansos os que adquiriram consciência de sua pequenez espiritual. Depois de milênios de ilusão material, depois de inúmeras experiências materiais personalísticas, interpretando os personagens mais diversos sem atender à sua própria intimidade, sem perceber a presença de Deus em si, sem suspeitar da existência do seu Cristo interno, agora reconhecem que são pequenos como seres individuais, mas gigantes pela sua natureza de filhos de Deus.

Desse reconhecimento, dessa conscientização desenvolve-se, vagarosamente, a submissão ao seu Cristo interno.

A mansidão é característica indispensável para quem pretende libertar-se do domínio da matéria. É a prevalência da consciência sobre os instintos.

O manso não perde a sua força, mas aprendeu a controlá-la e dirigi-la. Um cavalo que foi domado não perde o seu vigor, mas controla e direciona o seu vigor para uma direção determinada.

A mansidão pressupõe o abandono de toda e qualquer violência, da violência física, astral e mental, abre mão de qualquer pensamento negativo.

Assim como os pobres pelo espírito possuem dinheiro sem serem possuídos pelo dinheiro, os mansos possuirão a Terra, sem que a Terra os possua.

A mansidão pressupõe também a libertação ou abandono das emoções. A palavra grega que é traduzida como perdão nos Evangelhos é *áfese* (ἀφεση). Esta palavra, como já vimos, tem como seu primeiro significado “deixar ir”. Pode ser traduzida também como libertar, deixar para trás, abandonar.

Aquele que conquistou a mansidão libertou-se das emoções, deixou para trás as emoções. As emoções, mesmo as positivas, são sinal de atraso espiritual.

Os sentimentos são eternos e devem ser cada vez mais desenvolvidos, mas as emoções são típicas de nosso estágio de recém-saídos da animalidade.

Em nosso estágio evolutivo as emoções ainda podem ser necessárias, e são, muitas vezes, as emoções que fazem alguém se converter, conscientizar-se, mudar de vida.

Um discurso ou palestra emocionada pode convencer mais facilmente e atingir o espírito mais profundamente. Mas para alcançarmos o estado de mansidão temos que abandonar as emoções.

A mansidão é um passo além, quem conquistou a mansidão já não se emociona, tem um maior domínio sobre si mesmo, é espiritualmente maduro. Sente amor sem sentir paixão, sente uma íntima alegria sem deixar-se levar pela euforia.

*“Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque eles serão fartos”.*  
Mateus 5:6

Jesus se utiliza do principal e primeiro instinto animal para dar uma ideia da ânsia que alguém deve nutrir para conquistar essa justiça. A fome e sede é o instinto mais primário e o primeiro a dever ser satisfeito.

Quem tiver fome e sede de justiça será farto (ou saciado). Pastorino nos oferece em sua tradução a palavra justeza em vez de justiça. Ele afirma que o sentido da palavra é o de ajustamento às leis divinas, então é a fome e sede de ajustamento, ou melhor, de justeza, de ajustar-se, alinhar-se com as leis divinas.

Quem desejar ardentemente esse ajustamento com as leis divinas será saciado, será satisfeito no seu desejo, andarão lado a lado com as leis de Deus.

Lembramos, aqui, que a quinta bem-aventurança é a misericórdia, e Pastorino acha que justiça e misericórdia não combinam. Acha que haveria contradição em ser justo e ser misericordioso.

Acreditamos que isso se aplica ao nosso dia-a-dia, ao nosso cotidiano material, mas não às leis de Deus.

A lei dos homens tem que ser justa, não misericordiosa. Quem comete um crime deve ser submetido à justiça; se for aplicada a misericórdia ao criminoso, não será feita a justiça.

Mas a misericórdia faz parte das leis de Deus. Talvez a característica de Deus de que nós mais nos beneficiemos seja exatamente a misericórdia.

Deus é justo e misericordioso ao mesmo tempo e não há contradição em Deus. Deus é justo através da Lei de causa e efeito, segundo a qual nós sempre colhemos



o que nós plantamos, e Deus é misericordioso ao sempre nos oferecer novas oportunidades de recomeço.

A cada reencarnação, por exemplo, colhemos o que plantamos no passado, e nisso está a aplicação da Justiça de Deus.

Mas a chance de recomeçar num novo corpo, num novo meio, com o esquecimento do passado é a manifestação da misericórdia de Deus.

Essa fome e sede de justiça, para Huberto Rohden, é a atitude justa e reta perante Deus.

Devemos lembrar que a dor é um mecanismo de reajuste para com as leis de Deus. O caminho que leva a Deus é uma reta. Sempre que nos desviamos da estrada reta, enveredando em desvios e atalhos, experimentamos a dor. Mas assim que retomamos o caminho reto que leva a Deus nós nos livramos da dor.

Este ajustamento com as leis de Deus, esta fome e sede de justiça é a cura para as dores do espírito.

*“Bem-aventurados os misericordiosos, porque eles alcançarão misericórdia”*. Mateus 5:7

Esta bem-aventurança é resultado prático e imediato da Lei de causa e efeito. A lei de causa e efeito é seguidamente lembrada por Jesus, para que a registremos e tenhamos sempre em mente que a sementeira é livre, mas a colheita é obrigatória. Lembremos alguns ensinamentos de Jesus neste sentido:

- *“Todos os que lançarem mão da espada, à espada morrerão”*. Mateus 26:52;
- *“Não julgueis, e não sereis julgados; não condeneis, e não sereis condenados; soltai, e soltar-vos-ão”*. Lucas 6:37
- *“Perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores”*. Mateus 6:12;
- *“Com a mesma medida com que medirdes também vos medirão de novo”*. Lucas 6:38

E, aqui, “os misericordiosos obterão misericórdia”. Existem outras; estas são algumas.

Emmanuel nos aconselha a lembrar da misericórdia dos outros em relação a nós. Quase sempre somos incentivados, nos meios religiosos, no meio espírita em par-

ticalar, a sermos misericordiosos, a praticarmos a misericórdia, quase sempre com a promessa de recebermos a misericórdia de Deus.

Mas não costumamos lembrar as inúmeras vezes em que nós recebemos a misericórdia dos outros. Quando os outros suportam a nossa antipatia, o nosso mau humor, a nossa má vontade, as nossas eventuais falhas de caráter, às vezes algum erro grosseiro, uma falta de educação ou atitude covarde. Quantos erros nós cometemos sem que tenhamos a consciência suficientemente acesa para percebermos estes erros, e, no entanto, outros os percebem e são misericordiosos conosco, sem que nós ao menos tomemos conhecimento disso.

A misericórdia é uma característica que leva à caridade. Quem age com misericórdia releva os erros alheios por compreender que esses erros são fruto da ignorância.

Rohden explica a Lei de causa e efeito afirmando que quanto mais se dá horizontalmente, mais se recebe verticalmente, ou seja, quanto mais se contribui com o desenvolvimento do próximo, que é o que está à nossa volta, encarnado ou desencarnado, mais se recebe do alto, pois ao darmos de nós mesmos nós nos elevamos vibracionalmente e ficamos mais próximos da espiritualidade superior.

Deus manifesta a sua infinita misericórdia nos concedendo novas oportunidades através da reencarnação, que é um ciclo de experiências, e através de ciclos menores como os dias e as noites.

Cada novo dia é uma nova chance que Deus nos concede para progredirmos. Por isso temos que aproveitar cada dia de nossas vidas tentando nos tornar melhores do que fomos na véspera.

Exercendo a misericórdia para consigo mesmo e para com o próximo, o espírito está se alinhando com Deus, está se tornando digno da misericórdia divina.

*“Bem-aventurados os limpos de coração, porque eles verão a Deus”.* Mateus 5:8

O limpo de coração (ou puro de coração) já não é dominado pela matéria, já governa a si mesmo, libertou-se das emoções ao conquistar a mansidão, libertou-se do ego, e, ao libertar-se do ego, libertou-se das posses; é pobre pelo espírito.

Nada material lhe pertence, nenhuma pessoa lhe pertence.

Não tendo posses, não sendo escravizado a afetos egoísticos, nada nem ninguém tem poder sobre ele. Sente que é parte de Deus e manifesta o poder de Deus nas suas relações interpessoais.

Não podemos confundir essa pureza de coração com questões sexuais. Algumas mentes sujas acham que o limpo de coração é a pessoa casta, a pessoa que não tem contato sexual.

Sexo não é sujo nem impuro. Sexo é energia divina e se praticado com afeto é manifestação e vivência do amor de Deus.

Deus criou o sexo e o sexo é bom. Sexo com afeto é divino. Sexo apenas por desejo é instinto animal.

Os puros de coração talvez não sintam mais necessidade da prática sexual devido à sua elevação espiritual. Mas esse abandono da prática sexual é apenas uma consequência da sua pureza conquistada, não é causa ou motivo de pureza.

*“Bem-aventurados os pacificadores, porque eles serão chamados filhos de Deus”.*  
Mateus 5:9

Rohden nos lembra que ninguém pode ser pacificador de outros se não for pacificador de si mesmo.

A paz individual produz a paz social. Sociólogos e especialistas das mais diversas áreas oferecem teorias e mais teorias visando a melhora da sociedade.

Por mais bem-intencionados que sejam, e por mais verdadeiras que sejam as bases dos seus estudos, a sociedade não pode ser mudada em bloco. A sociedade é formada pelos indivíduos, é a soma dos indivíduos, e só a melhora dos indivíduos pode melhorar a sociedade.

\*\*\*

Estas são as sete bem-aventuranças contidas no Evangelho de Mateus. As duas últimas não serão analisadas aqui por se tratarem de decorrência natural destas sete, nada trazendo de original. Damos prosseguimento, agora, ao estudo de Lucas.

**27. Mas a vós, que isto ouvis, digo: Amai a vossos inimigos, fazei bem aos que vos odeiam.**

Não conseguimos sentir pelos nossos inimigos o mesmo que sentimos pelas pessoas que amamos. Como assinalou Allan Kardec, o sentimento pelos inimigos resulta de uma lei física: a lei da assimilação e repulsão dos fluidos.

O pensamento malévolo emite uma corrente fluídica que causa uma impressão desagradável; o pensamento benévolo envolve-nos num eflúvio agradável.

Por isso a diferença de sensações que se experimenta quando se aproxima um inimigo ou quando se aproxima um amigo. Podemos associar as diferentes impressões causadas pela presença de amigos ou inimigos aos mecanismos da lei de atração e repulsão.

Mas podemos desejar aos nossos inimigos todo o bem possível, perdoar todas as suas ofensas. Lembramos que perdoar é deixar ir, deixar para trás, libertar-se. Nos libertamos dos erros cometidos pelos nossos inimigos dirigidos direta ou indiretamente contra nós.

Lembremos que nós também já ofendemos e prejudicamos muitas pessoas, propositalmente ou não, nesta ou em outras existências, e que nós também queremos ser perdoados.

Lembremos ainda que na oração que Jesus nos ensinou pedimos que Deus nos perdoe da mesma forma que nós perdoamos aos nossos inimigos. Para sermos totalmente perdoados, então, devemos perdoar totalmente.

Se conseguirmos fazer o bem aos que nos querem mal, estaremos nos distanciando cada vez mais do mal.

Se conseguirmos tratá-los com respeito e com a mesma consideração com que tratamos aos nossos amigos, já estaremos dando um importante passo em direção à libertação do ego, do personalismo que se ofende. Porque é o nosso personalismo que se ofende, o espírito imortal não tem porque se ofender.

## **28. Bendizei os que vos maldizem, e orai pelos que vos caluniam.**

Se cada vez que soubermos que alguém se refere a nós pejorativamente, com maldade e maldade, nós nos referirmos a este alguém com respeito e compreensão, estaremos quebrando ou impedindo a ligação negativa que iria se instalar entre ele e nós.

Se nós devolvermos cada palavra, cada olhar negativo que recebemos com um bom pensamento, nós nos tornamos imunes ao mal que esta pessoa deseja contra nós e que poderia se instalar em nossos corações se lhe déssemos guarida.

O mal que é dirigido a nós só fica alojado em nós se nós dermos guarida a ele. Não podemos evitar totalmente que alguém nos deseje o mal. Mas este mal só terá acesso a nós se nós dermos acesso a ele.

Se o nosso pensamento estiver focado no mal, o pensamento mau que alguém dirige contra nós é assimilado e aceito. Passa a fazer parte dos nossos próprios pensamentos.

Se o nosso pensamento estiver focado no bem, o pensamento mau que alguém dirige contra nós encontra uma barreira energética e não pode ser assimilado pelo nosso pensamento, não pode nos atingir.

Podemos e devemos orar sinceramente pelos nossos inimigos. Temos que pedir que lhes aconteçam as mesmas coisas que pediríamos pelos nossos filhos ou por alguém que esteja sob nossa proteção e responsabilidade.

A oração pelos nossos inimigos, mesmo que num primeiro momento seja forçada, com o tempo, a vontade firme e a insistência, nos eleva, nos deixa maiores do que qualquer rixa ou disputa, nos permite compreender o erro absurdo que é desejar o mal de alguém, e nos faz entender como é triste odiar.

**29. Ao que te ferir numa face, oferece-lhe também a outra; e ao que te houver tirado a capa, nem a túnica recuses.**

A primeira dificuldade prática que nós, particularmente, encontramos no Evangelho, quando o estudamos pela primeira vez, aos oito anos de idade, foi esta: oferecer a outra face. Não podemos levar isso ao pé da letra.

No estágio evolutivo em que está a humanidade, mesmo que alguém já esteja suficientemente elevado para colocar isso em prática, estaria, talvez, assumindo uma passividade insustentável, pois o Mal não encontraria resistência e dominaria o Bem.

Jesus também nos diz, noutra ocasião, que se a mão for motivo de escândalo, devemos cortá-la, e que se o olho for motivo de escândalo, devemos arrancá-lo. Mas sabemos que isso é uma metáfora que se refere à maneira radical com que devemos abolir os nossos maus hábitos ou, ainda, se refere simbolicamente à reencarnação (Nosso corpo físico reflete as informações arquivadas em nosso subconsciente. Os males que causamos ao próximo fica gravado em nós e tende a se manifestar no corpo físico).

Oferecer a outra face é oferecer um outro modo de ver, é oferecer uma outra atitude, é mostrar a outra face da questão, o outro lado da moeda, o lado da compreensão, do entendimento, do perdão.

Oferecer a outra face é não oferecer a mesma face, que seria a devolução na mesma moeda, que seria a vingança, o olho por olho e dente por dente.

***“... ao que te houver tirado a capa, nem a túnica recuses”.*** - Isso também deve ser encarado como um simbolismo que se refere às coisas do espírito.

Se todas as pessoas honestas do mundo colocassem em prática esta recomendação, todos se veriam privados de todos os seus bens, e os desonestos não hesitariam em ficar com tudo.

Isso se refere às coisas do espírito, às pessoas que ajudamos e apoiamos, aos que nos pedem ajuda espiritual, conselhos e orações, aos que usam o nosso tempo, que poderia ser reservado à nossa família, aos nossos filhos, ao nosso lazer.

A estes não devemos nos negar, pois estamos oferecendo a eles a oportunidade de esclarecimento espiritual, o que poderá levá-los a não precisarem mais de ajuda no futuro, diferentemente do que aconteceria se levássemos essa recomendação de Jesus ao pé da letra, em que estaríamos colaborando para que os desonestos jamais se tornassem honestos, que não trabalhassem e que não aprendessem a se bastarem por si mesmos.

### **30. E dá a qualquer que te pedir; e ao que tomar o que é teu, não lho tornes a pedir.**

Aqui nós temos a confirmação de que estas recomendações se referem às coisas do espírito. Aliás, todo o ensinamento de Jesus é espiritual.

Devemos dar ao que nos pedir. Isso pode e deve ser colocado em prática em relação às coisas materiais, mas não pode ser seguido sempre. Temos que usar o discernimento e o bom senso.

Se fôssemos mais caridosos daríamos mais de nossas coisas a quem precisa. Por outro lado, se seguirmos a recomendação de Jesus ao pé da letra, sem usarmos o bom senso, teremos que tirar o prato de comida da boca de nossos filhos para darmos dinheiro para alguém que sabidamente vai usar drogas com este dinheiro,

ou, num possível exagero, teríamos que dar dinheiro para alguém que quisesse comprar uma arma para cometer suicídio.

Temos que dar coisas materiais com bom senso e temos que dar de nós mesmos através do esclarecimento, do consolo, do conselho, do trabalho voluntário.

E aqui a indicação sobre qual é o foco desta recomendação: ***"... ao que tomar o que é teu, não lho tornes a pedir"***.

O que é nosso? Sabemos que tudo o que é material não nos pertence, os bens materiais de que dispomos são empréstimos que Deus nos concede e sobre os quais nós teremos que prestar contas quando desencarnarmos.

Nada levaremos conosco a não ser os nossos conhecimentos e experiências e as nossas aquisições morais.

Isso é o que é nosso. Nossos conhecimentos, nossas experiências e as nossas aquisições morais. Mesmo considerando que isso também pertença a Deus, é a parte que passamos a ter em comum com Deus. Isso faz parte, portanto, do nosso patrimônio espiritual. E é isso o que devemos dar ao próximo e não podemos negar ao próximo.

Temos o dever de compartilhar, com quem precisa e esteja disposto a receber, os conhecimentos que adquirimos, as experiências que aprendemos, e ensinar o caminho dos avanços morais que conquistamos. Ajudando o próximo em sua caminhada estaremos ajudando a nós mesmos.

No aspecto material, quanto mais damos, menos temos; no aspecto espiritual, quanto mais damos, mais temos. Tanto o bem quanto o mal que fazemos atinge, em primeiro lugar, a nós mesmos.

**31. E como vós quereis que os homens vos façam, da mesma maneira lhes fazei vós, também.**

**32. E se amardes aos que vos amam, que recompensa tereis? Também os pecadores amam aos que os amam.**

Amar aos que nos amam não deixa de ser egoísmo. É um exercício para o amor verdadeiro, que é o amor incondicional, mas ainda é egoísmo.

Estamos amando pelo amor que eles sentem por nós. É um amor condicional, só amamos porque somos amados. Se deixarem de nos amar, possivelmente também deixaremos de amá-los.

Além disso, amar não é querer para si, amar não é aprisionar alguém ao seu lado. Amor é liberdade.

**33. E se fizerdes bem aos que vos fazem bem, que recompensa tereis? Também os pecadores fazem o mesmo.**

Fazer o bem aos que nos fazem bem também é bondade condicional. É um exercício para a bondade, mas não é a bondade. Pois, se deixarem de nos fazer bem, deixaremos de fazer o bem a eles.

**34. E se emprestardes àqueles de quem esperais tornar a receber, que recompensa tereis? Também os pecadores emprestam aos pecadores, para tornarem a receber outro tanto.**

**35. Amai, pois, a vossos inimigos, e fazei bem, e emprestai, sem nada esperardes, e será grande o vosso galardão, e sereis filhos do Altíssimo; porque ele é benigno até para com os ingratos e maus.**

**36. Sede, pois, misericordiosos, como também vosso Pai é misericordioso.**

Toda a nossa tentativa de nos melhorarmos, de nos reformarmos intimamente é uma tentativa de aproximação de Deus. A evolução espiritual consiste na imitação de Deus.

Deus não faz acepção de pessoas, Deus nos oferece a todos o Sol e a chuva. O Sol ilumina e aquece da mesma forma o santo e o bandido. A chuva limpa e refresca o homem bom e o homem mau.

Nós devemos imitar Deus e não fazer distinção entre as pessoas. Uma das características de Deus que podemos imitar é a misericórdia. Misericórdia para os que nos prejudicam ou tentam nos prejudicar de algum modo.

Se revidarmos o mal recebido, ficamos com um duplo mal: o mal que nos atingiu e o mal que partiu de nós. Se apenas perdoarmos, ou seja, se nos libertamos do mal que nos atingiu, não sofremos as consequências dele, mas ele continua existindo.

Mas se nós devolvermos o mal com o bem, nós anulamos o mal. Este mal, para nós, já não será mal, pois o seu resultado foi um bem. Além disso, embora este mal permaneça na consciência de quem o praticou, é possível que o bem devolvido em troca deste mal modifique a disposição mental de quem o gerou.

**37. Não julgueis, e não sereis julgados; não condeneis, e não sereis condenados; soltai, e soltar-vos-ão.**



**38. Dai, e ser-vos-á dado; boa medida, recalcada, sacudida e transbordando, vos deitarão no vosso regaço; porque com a mesma medida com que medirdes também vos medirão de novo.**

Os critérios que utilizamos para julgar o próximo são os mesmos critérios que a nossa consciência vai utilizar para julgar a nós mesmos. Quanto mais rigorosos formos para com o próximo, mais rigorosa será a nossa consciência para nos julgar.

A maneira como você se porta para com os outros é a maneira como a Vida irá se portar com você. Se você for duro e julgador, a Vida também será dura e julgadora com você. Se você for compreensivo e bom, a Vida também será compreensiva e boa com você. Com a medida com que medirdes, sereis medidos.

O mesmo critério que você usa nas suas relações pessoais, profissionais, familiares, é o critério que a Vida irá usar com você. A Vida lhe devolve o que você oferecer a ela.

Podemos observar que não há uma proibição de julgar. Jesus não nos proibiu de julgar. Mas nos advertiu de que somos nós que decidimos o grau de dureza ou suavidade com que nós mesmos seremos julgados. Esse parâmetro com que nós seremos julgados é a maneira com que nós julgamos o nosso próximo.

Tudo isso diz respeito à Lei de causa e efeito. Nosso julgamento em relação aos outros é a causa, e o efeito dessa causa é o julgamento que nós sofreremos por parte dos outros.

**39. E dizia-lhes uma parábola: Pode porventura o cego guiar o cego? Não cairão ambos na cova?**

Isto se refere aos pretensos donos da verdade, aos que pensam que têm condições de conduzir rebanhos. Podem conduzir por algum tempo, sim. Mas são cegos conduzindo cegos.

São cegos das coisas do espírito, que olham, mas nada veem, guiando outros cegos, guiando os cegos morais, que não se questionam, que não perguntam nada às suas próprias consciências, que não consultam a razão.

Deus nos dotou de razão para usarmos a razão, para raciocinarmos, inquiremos, indagarmos, questionarmos, e não para aceitarmos qualquer asneira que saia da boca de algum líder religioso, sem a menor lógica, sem nenhum compromisso com a verdade e com os avanços da ciência, como se fosse verdade absoluta; lideranças

pseudorreligiosas intelectualmente frágeis e de moral duvidosa que se apossam da credulidade e da cegueira moral de pessoas sem preparo, utilizando-se de passagens obscuras de livros velhos para dominar as suas mentes. São cegos guiando cegos, e cairão todos juntos na cova.

**40. O discípulo não é superior a seu mestre, mas todo o que for perfeito será como o seu mestre.**

Nosso mestre é Jesus. O mestre de qualquer cristão sincero é Jesus. As mais variadas denominações religiosas tiveram seus fundadores, seus codificadores, que, com raras exceções, foram movidos por boas intenções e exerceram papel importante na divulgação do ensino de Jesus. Mas nenhum líder religioso pode tomar o lugar de Jesus.

Em nossa cultura ocidental o pensamento religioso é essencialmente cristão, com maior ou menor fidelidade ao pensamento do Cristo. Temos que procurar seguir o ensinamento do Cristo o mais próximo possível da Verdade, o mais próximo possível ao modo como ele foi ensinado por Jesus.

Por isso não devemos nos prender a dogmas, pois os dogmas foram inventados pelos religiosos. Podemos respeitá-los, analisá-los, compreender que sua elaboração se deveu à necessidade de acomodar o ensino religioso às mentes ainda não preparadas para lidar com a razão, mas não devemos seguir cegamente a opinião deste ou daquele. Isto vale para a opinião dos apóstolos ou dos profetas do Antigo Testamento.

***“O discípulo não é superior a seu mestre”***, disse Jesus. Jesus foi caluniado, perseguido e injustiçado. Acusaram Jesus de ser o “chefe dos demônios”. Se o mestre foi caluniado e perseguido injustamente, o discípulo do mestre não pode se surpreender se experimentar algo parecido. Conforme a ciência vai avançando e demonstrando a veracidade de alguns pressupostos espiritualistas que contrariam dogmas e arcaísmos bíblicos, surgem fanáticos fundamentalistas saudosistas do obscurantismo sempre prontos para se insurgirem contra quem vê além da letra morta que mata. Essas perseguições, quase sempre, são sinal de que se está no caminho certo, de que se está trilhando o caminho do mestre.

**41. E por que atentas tu no argueiro que está no olho de teu irmão, e não reparas na trave que está no teu próprio olho?**

**42. Ou como podes dizer a teu irmão: Irmão, deixa-me tirar o argueiro que está no teu olho, não atentando tu mesmo na trave que está no teu olho? Hipócrita,**

**tira primeiro a trave do teu olho, e então verás bem para tirar o argueiro que está no olho de teu irmão.**

Isto se aplica a situações corriqueiras do dia-a-dia, em que percebemos inúmeros erros, reais e imaginários em nosso próximo, sem que atentemos para os nossos próprios erros. Ou, pior ainda, muitas vezes são os nossos erros que nos fazem procurar erros nos outros. É a mente poluída que acha defeitos onde há e onde não há.

Você não é capaz de perceber um defeito que você não conhece. Os defeitos, os erros, as falhas que você vê no outro são falhas que você tem, em maior ou menor grau.

Como é que você é tão severo com as falhas do outro e sempre arruma uma desculpa para as suas próprias falhas?

Como é que você fica tão indignado ao perceber os defeitos do próximo e se sente tão injustiçado quando apontam os seus defeitos?

Dois pesos e duas medidas. Mas Jesus nos disse que com a medida que medirmos seremos medidos.

Quando se conta uma piada suja ou se faz uma malícia qualquer perto de uma criança, ela não apreende o sentido oculto, porque não tem essa malícia. Do mesmo modo, nós não percebemos as imperfeições alheias que nós não conhecemos.

Então quando vemos um cisco no olho do nosso próximo, temos que primeiro tentar tirar a trave do nosso olho, primeiro corrigir os nossos próprios defeitos - que são temporários.

Deus não nos fez defeituosos, Deus nos criou simples e ignorantes, essencialmente à sua imagem e semelhança, portanto, perfectíveis. Ao longo da nossa trajetória milenar é que nós vamos, através de múltiplas experiências, adquirindo características boas e más. As boas permanecerão conosco. As más, nós as transformaremos pouco a pouco.

Essa percepção do cisco no olho do próximo também é comum em se tratando de religião. Pessoas que cultuam crenças arraigadas no diabo têm uma trave nos seus olhos e querem tirar um cisco no olho dos outros. Quem acredita em diabo, demônio ou satanás tem a mente doente e a visão deturpada. Essas pessoas ficam extremamente tristes e aborrecidas quando dizemos que o diabo não existe.

Nós acreditamos em Deus, nós confiamos na infinita bondade de Deus. Nós não temos espaço, em nossa mente para crença no diabo, demônio ou satanás. Passou o tempo em que precisávamos de imagens negativas e fortes para assustar pessoas e comandá-las através do medo. A humanidade precisa de consolo e, principalmente, esclarecimento.

**43. Porque não há boa árvore que dê mau fruto, nem má árvore que dê bom fruto.**

**44. Porque cada árvore se conhece pelo seu próprio fruto; pois não se colhem figos dos espinheiros, nem se vindimam uvas dos abrolhos.**

Uma árvore boa não dá mau fruto, e uma árvore má não dá bom fruto. É pelo fruto que se conhece a árvore.

Vivemos no mundo das aparências. Podemos ter excelente aparência e péssimo caráter. Por outro lado, tudo em nossa vida pode depor contra nós mesmo que sejamos corretos e bem-intencionados. Essa é uma característica do plano físico. No plano astral somos vistos tal como somos de fato. No astral, qualquer olhar mais apurado é capaz de perceber o que se passa em nosso íntimo.

Pessoas religiosas ou pretensamente religiosas acostumadas à crítica, acostumadas a procurar um cisco no olho do seu irmão enquanto uma trave está tapando o seu próprio olho, criticam apressadamente todo aquele que contraria, intencionalmente ou não, o seu modo de pensar. Essas pessoas raramente se dão ao trabalho de estudar, de se esclarecerem a respeito daquilo que criticam.

É muita pretensão exigir que todos pensem da mesma forma. As pessoas são diferentes, têm experiências e conhecimentos que as tornam diferentes umas das outras, cada qual apta a compreender as coisas de uma determinada forma.

Ninguém é obrigado a compreender ou mesmo aceitar opiniões diferentes. Mas criticar sem conhecer, criticar a partir de uma análise superficial e viciada pelo preconceito é agir com leviandade, é ignorar o bom fruto que outras opiniões oferecem a todos quantos estejam dispostos a estudá-las e vivê-las no dia-a-dia.

Acreditamos na moral cristã, livre de dogmatismos e grupismos, ensinamos a ética do Cristo, que é eterna e imutável, válida em qualquer tempo e em qualquer lugar. Se querem avaliar a árvore que é o ensino diferente do que as suas crenças aceitam, analisem os frutos deste ensino. Uma árvore má não pode dar frutos bons. O

mesmo critério vale para todas as pessoas, individualmente. Analisemos as pessoas pelas suas obras, que são os seus frutos.

As aparências podem enganar, como a figueira frondosa e cheia de folhas, mas sem frutos, que Jesus secou (Mateus 21:19; Marcos 11:14) para que nos servisse de exemplo de que não adianta a aparência de fertilidade e abundância, o que importa são os frutos. Uma árvore de bela aparência que não dá frutos é uma árvore enganosa, assim há pessoas que se vestem de virtude mas que não têm nada a oferecer, seus corações são estéreis, não dão frutos.

Ou, pior ainda, são as árvores más, que dão maus frutos, que oferecem frutos amargos e venenosos, como são as pessoas que só têm a oferecer a sua amargura, as suas críticas azedas, as suas palavras de veneno e fel; os seus frutos são indigestos como suas crenças ridículas que fermentam o ódio, a intolerância e o preconceito. Tentam colocar os seus frutos onde não são chamados, tentam fazer germinar as sementes da discórdia e do desamor que estão dentro dos seus frutos podres.

**45. O homem bom, do bom tesouro do seu coração tira o bem, e o homem mau, do mau tesouro do seu coração tira o mal, porque da abundância do seu coração fala a boca.**

A boca fala daquilo que está cheio o coração. A boca fala daquilo que está cheia a mente.

Se nossa mente mantém um padrão de pensamentos baixo, com inveja, raiva, preconceito e ignorância, é disso que vamos falar, mesmo que queiramos passar a impressão de sermos pessoas bondosas e corretas.

Se nossa mente mantém um padrão de pensamentos elevado, compreendendo as fraquezas alheias, por reconhecer os próprios erros; aceitando as diferenças, por saber que não se é dono da verdade; compreendendo que o caminho é longo e que o esforço para percorrê-lo é individual, que independe de fatores externos, que todos chegaremos ao nosso destino movidos pelas nossas próprias energias, é sobre isso que vamos falar, sabendo que poucos nos compreenderão, que nem todos aceitarão nossas verdades como suas verdades, mas sabendo que o esforço vale a pena, e que a alegria do dever cumprido, de agir de acordo com a própria consciência é o sinal de que se está no caminho certo.

Nosso tesouro é o que realmente carregamos conosco. Nada do que é material nos pertence. Nossos bens materiais e os nossos títulos acadêmicos, religiosos, profissionais ou sociais não são nossos, são empréstimos concedidos por Deus para o nosso uso enquanto estivermos encarnados.

Mas o que é realmente nosso, o que é do espírito, é o aprendizado moral e intelectual. O que aprendemos, de bom e de mau, nos acompanha.

Esse é o tesouro do nosso coração, porque está conosco sempre, faz parte de nós. O que aprendemos, o que passamos a conhecer, as experiências que vivemos, isso faz parte da nossa bagagem espiritual.

#### **46. E por que me chamais, Senhor, Senhor, e não fazeis o que eu digo?**

O que é que Jesus nos mandou fazer? Jesus por acaso nos recomendou que futricássemos o Antigo Testamento em busca de regrinhas obsoletas para atacarmos os nossos irmãos?

Será que a ênfase de Jesus foi em cima de regras? Ou o seu ensino não foi fundamentalmente moral?

Como é que Jesus resumiu a lei e os profetas do Antigo Testamento? Não foi dizendo para amarmos a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos? Não nos recomendou que amássemos uns aos outros como ele nos amou?

Será que ficar repetindo o nome de Jesus sem colocar em prática as suas recomendações está de acordo com o seu ensinamento?

#### **47. Qualquer que vem a mim e ouve as minhas palavras, e as observa, eu vos mostrarei a quem é semelhante:**

**48. É semelhante ao homem que edificou uma casa, e cavou, e abriu bem fundo, e pôs os alicerces sobre a rocha; e, vindo a enchente, bateu com ímpeto a corrente naquela casa, e não a pôde abalar, porque estava fundada sobre a rocha.**

**49. Mas o que ouve e não pratica é semelhante ao homem que edificou uma casa sobre terra, sem alicerces, na qual bateu com ímpeto a corrente, e logo caiu; e foi grande a ruína daquela casa.**

A base do ensino de Jesus é o Amor. Se resumirmos o ensinamento de Jesus em uma palavra esta palavra é Amor – que pode ser “traduzido”, no nosso entendimento atual, como “harmonia”.

Se construirmos nossa doutrina, nosso modo de pensar, falar e agir sobre o Amor, esta doutrina, e os pensamentos, palavras e ações que cultivarmos serão sólidos e resistirão às enchentes, resistirão às adversidades.

Mas se construirmos uma doutrina ou o modo de pensar, falar e agir em cima de regras rebuscadas dos livros velhos, em cima de velhos preconceitos e ignorâncias renitentes, esta doutrina será contraditória, os pensamentos serão confusos, as palavras serão cheias de amargura e preconceito e as ações tenderão sempre a separar, a desunir, a discordar.

## **CAPÍTULO 7**

- 1. E, depois de concluir todos estes discursos perante o povo, entrou em Cafarnaum.**
- 2. E o servo de um certo centurião, a quem muito estimava, estava doente, e moribundo.**
- 3. E, quando ouviu falar de Jesus, enviou-lhe uns anciãos dos judeus, rogando-lhe que viesse curar o seu servo.**
- 4. E, chegando eles junto de Jesus, rogaram-lhe muito, dizendo: É digno de que lhe concedas isto,**
- 5. Porque ama a nossa nação, e ele mesmo nos edificou a sinagoga.**
- 6. E foi Jesus com eles; mas, quando já estava perto da casa, enviou-lhe o centurião uns amigos, dizendo-lhe: Senhor, não te incomodes, porque não sou digno de que entres debaixo do meu telhado.**
- 7. E por isso nem ainda me julguei digno de ir ter contigo; dize, porém, uma palavra, e o meu criado sarará.**
- 8. Porque também eu sou homem sujeito à autoridade, e tenho soldados sob o meu poder, e digo a este: Vai, e ele vai; e a outro: Vem, e ele vem; e ao meu servo: Faze isto, e ele o faz.**
- 9. E, ouvindo isto Jesus, maravilhou-se dele, e voltando-se, disse à multidão que o seguia: Digo-vos que nem ainda em Israel tenho achado tanta fé.**
- 10. E, voltando para casa os que foram enviados, acharam são o servo enfermo.**

Depois do chamado “sermão da planície”, Lucas conta sobre a cura do servo do centurião. O centurião era o oficial romano de patente mais baixa, e como o nome indica, era responsável por cem soldados, embora este número pudesse variar.

Como você já sabe, a região dos judeus era, naquela época, dominada pelo Império Romano, e havia lá, na cidade de Cafarnaum, onde estava Jesus, uma guarnição de soldados romanos. Lucas nos conta que havia um centurião que tinha um servo, estimava muito este servo, e este servo (ou escravo) estava muito doente, moribundo.

Nós vemos, antes de mais nada, que Jesus promove uma cura à distância. Hoje nós conhecemos muitos centros espíritas que fazem atendimento à distância.

O centurião não se achava digno de receber Jesus em sua casa por conhecer os costumes judeus. Os judeus não podiam, por causa das suas regras de pureza, entrar na casa de um estrangeiro, pois os estrangeiros eram considerados impuros, e aquele que se misturasse com eles, que entrasse na casa deles, também se tornava legalmente impuro.

Lucas relata que Jesus ficou surpreso com a fé do centurião. E esta é uma das duas únicas vezes que os Evangelhos relatam surpresa em Jesus. A outra vez também se refere à fé, mas, ao contrário da grande fé demonstrada pelo centurião, que não exigia nem sequer a presença física de Jesus, o outro episódio em que Jesus ficou surpreso foi com a falta de fé dos homens de Nazaré, sua cidade natal, onde não lhe foi possível praticar muitas curas justamente pela falta de fé deles.

A falta da receptividade proporcionada pela fé impediu que Jesus promovesse mais curas em Nazaré. E a receptividade fora do comum por parte do centurião levou Jesus a promover essa cura à distância.

O centurião sabia que no mundo dos espíritos as inteligências superiores estavam a serviço do Cristo. Ele sabia que Jesus poderia movimentar as forças da natureza à distância e curar o seu servo.

Pastorino e Rohden nos oferecem uma tradução que nos dá uma ideia diferente.

Na parte em que o centurião fala que bastava Jesus dizer uma palavra e o seu servo ficaria curado, eles traduzem assim: "mas fala ao Verbo e meu criado ficará são".

"Fala ao verbo": - Que é o Verbo? O Evangelho de João começa assim:

"No princípio era o Logos, e o Logos estava com Deus e o Logos era Deus".

A Vulgata Latina, que é a tradução de São Jerônimo, traduz "Logos" por "Verbo", então ficou assim:

"No princípio era o Verbo, e o verbo estava com Deus e o verbo era Deus".

Muitos se baseiam nestas palavras de João para dizerem que Jesus é Deus. Mas a palavra grega "logos" é muito anterior ao Cristianismo. Heráclito de Éfeso, 500 anos antes de Jesus chamava de *logos* o espírito de Deus manifestado no Universo.



Heráclito sugeria que o *logos* tivesse uma existência independente de um *logos* universal.

Tentando trazer essa ideia para o cristianismo, *logos* seria o Deus imanente, o Deus em cada um de nós, a partícula divina em nós, é o Deus imanente em oposição à ideia de Deus transcendente.

Quando o centurião diz a Jesus para falar ao *logos* ele está pedindo que Jesus, o Cristo plenamente desenvolvido, o espírito que desenvolveu plenamente a sua potencialidade crística, mande ao Cristo interno do seu servo que o seu servo seja curado.

Segundo este pensamento, que o centurião demonstrava conhecer, todos nós temos o Cristo dentro de nós, todos nós temos a potencialidade crística. Aliás, como afirmou Jesus ao dizer que nós somos deuses (João 10:34) e que nós poderíamos fazer as mesmas coisas que ele fazia e até maiores (João 14:12).

Deus ou o Cristo interno está dentro de cada um de nós e compete a nós desenvolvê-lo. Todos nós somos filhos de Deus, criados à imagem e semelhança de Deus, portanto, perfectíveis.

Cada um de nós pode e deve desenvolver a sua potencialidade divina. Um dia, daqui a bilhões de anos, seremos espíritos como Jesus, teremos anulado a nossa personalidade egoística e desenvolvido a nossa individualidade divina.

Só o desconhecimento de outras correntes de pensamento ou a intenção inconfessável de adquirir maior autoridade entre os antigos povos pagãos pôde transformar Jesus em Deus. Jesus é Deus como nós somos deuses, somos partículas de Deus, mas Jesus, como ele mesmo deixou claro, não é o Deus criador do Universo.

Simbolicamente, este episódio da cura do servo do centurião representa o espírito encarnado que tem domínio sobre a matéria (representada pelo servo), pelo seu encontro com o seu Cristo interno. Sabe que não precisa ir em busca de Deus nem exigir infantilmente que Deus venha até ele. Sabe que tem Deus dentro de si, e que o seu contato com Deus, com o seu Cristo interno, o mantém como senhor das coisas materiais e que com isso não precisa se preocupar com estas coisas. Todas as coisas são sanadas, são purificadas pelo seu contato com o seu Cristo interno.

**11. E aconteceu que, no dia seguinte, ele foi à cidade chamada Naim, e com ele iam muitos dos seus discípulos, e uma grande multidão;**

**12. E, quando chegou perto da porta da cidade, eis que levavam um defunto, fi-**

lho único de sua mãe, que era viúva; e com ela ia uma grande multidão da cidade.

**13. E, vendo-a, o Senhor moveu-se de íntima compaixão por ela, e disse-lhe: Não chores.**

**14. E, chegando-se, tocou o esquife (e os que o levavam pararam), e disse: Jovem, a ti te digo: Levanta-te. E o que fora defunto assentou-se, e começou a falar.**

**15. E entregou-o à sua mãe.**

**16. E de todos se apoderou o temor, e glorificavam a Deus, dizendo: Um grande profeta se levantou entre nós, e Deus visitou o seu povo.**

**17. E correu dele esta fama por toda a Judéia e por toda a terra circunvizinha.**

Jesus, pelo seu grande desenvolvimento espiritual, certamente notou que o espírito do jovem não havia se desprendido completamente do corpo, que o cordão de prata ainda não havia se rompido, e que, portanto, havia possibilidade de o espírito voltar a animar o corpo. Essa possibilidade apenas deixa de existir quando o cordão de prata, que é um conjunto de incontáveis fios energéticos que ligam o perispírito ao corpo físico, se rompe.

O cordão de prata é citado até mesmo na Bíblia, no Eclesiastes:

*“Antes que se rompa o cordão de prata, e se quebre o copo de ouro, e se despedace o cântaro junto à fonte, e se quebre a roda junto ao poço, e o pó volte à terra, como o era, e o espírito volte a Deus, que o deu.” Eclesiastes 12:6-7*

São incontáveis os casos de EQMs ou experiências de quase-morte, em que é declarada a morte clínica e, no entanto, o corpo volta a ser animado pelo espírito e a pessoa relata a sua experiência enquanto esteve com a consciência fora do corpo. Noventa e cinco por cento das culturas no mundo relatam EQMs. Nos EUA mais de oito milhões de pessoas já relataram EQMs.

Indicamos neste sentido a obra do psiquiatra e parapsicólogo Raymond Moody. O Dr Russel Norman Champlin, eminente estudioso e comentarista da Bíblia, que é protestante, é também um entusiasta do estudo das EQMs.

É claro que o jovem não havia morrido, ele estava num estado como o que hoje conhecemos como catalepsia ou letargia. Hoje ainda há inúmeros casos de pessoas que são dadas como mortas e que no velório ou mesmo depois do enterro se descobre que não haviam morrido.

As Leis de Deus jamais são burladas. Se houvesse como passar por cima das Leis de Deus elas não seriam perfeitas, e então Deus não seria perfeito, e, se Deus não fosse perfeito, já não seria Deus.

Jesus, como espírito mais evoluído da Terra, responsável pelo nosso planeta, conhece todas essas Leis, e pelo seu poder e sua Vontade emitiu em direção ao jo-

vem de Naim fluidos vitalizantes capazes de permitir que o espírito reanimasse o corpo. É natural que isso, naquela época, fosse considerado um milagre. Mas hoje, com os avanços da ciência e a proliferação da informação, nós tomamos conhecimento de fatos semelhantes a toda hora, e só a teimosia em se manter na ignorância é que continua achando que Jesus iria contrariar as Leis de Deus para favorecer alguém.

Todos os atos de Jesus foram milenarmente planejados para que essas imagens chegassem até nós. Os fatos ocorreram realmente, mas sua importância é secundária. A verdadeira importância dos atos da vida de Jesus narrados nos Evangelhos é o simbolismo que se esconde por trás deles e que foram cuidadosamente arranjados de modo que atravessassem os séculos e chegassem até nós quando nós tivéssemos condições de compreender o que eles significam.

Esta cura de Jesus (pois que não se trata de ressurreição, mas de cura), simboliza o chamamento que o Cristo faz ao espírito que desistiu de viver, o espírito que desistiu de si mesmo, que se sente como morto, sem a mínima atividade, sem o menor contato com o mundo.

Ninguém está perdido para o Cristo. Jesus disse, noutra ocasião, que nenhuma das ovelhas que lhe haviam sido confiadas pelo Pai se perderia (João 10:26-30). As ovelhas a que ele se refere são os espíritos da Terra, pois Jesus é o espírito superior responsável pelos espíritos da Terra. Nenhum espírito, por mais morto que pareça para o mundo, por mais perdido que pareça aos olhos do mundo, está perdido para Jesus.

O chamado do Cristo é para todos. Todos serão atingidos por ele. O Cristo está dentro de cada um de nós, e quando nos damos conta desta Verdade renascemos para a Verdadeira Vida, nos levantamos para a Vida, e todos se espantam ao constatarem que alguém que parecia morto está vivo.

**18. E os discípulos de João anunciaram-lhe todas estas coisas.**

**19. E João, chamando dois dos seus discípulos, enviou-os a Jesus, dizendo: És tu aquele que havia de vir, ou esperamos outro?**

**20. E, quando aqueles homens chegaram junto dele, disseram: João o Batista enviou-nos a perguntar-te: És tu aquele que havia de vir, ou esperamos outro?**

**21. E, na mesma hora, curou muitos de enfermidades, e males, e espíritos maus, e deu vista a muitos cegos.**

**22. Respondendo, então, Jesus, disse-lhes: Ide, e anunciai a João o que tendes visto e ouvido: que os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e aos pobres anuncia-se o evangelho.**

**23. E bem-aventurado é aquele que em mim se não escandalizar.**

Os discípulos de João Batista viram esta cura de Jesus, que para eles era uma ressuscitação, e foram contar a João Batista. João Batista estava preso por haver denunciado o adultério de Herodes com a mulher do irmão de Herodes, Filipe. É esta mulher, Herodíades, quem vai pedir, mais tarde, por intermédio de sua filha Salomé, a cabeça de João Batista.

João Batista sabia muito bem quem era Jesus. Eles eram parentes, provavelmente primos. Ele reconheceu Jesus quando ambos ainda estavam nos ventres de suas mães, conforme vemos no capítulo 1. Além disso, nos Evangelhos de Mateus e de João há várias passagens que deixam claro que João Batista sabia que Jesus era o messias prometido. João Batista sabia, melhor do que qualquer outro, da missão de Jesus.

É possível que João tenha mandado seus discípulos perguntarem a Jesus se era ele mesmo o messias para que os próprios discípulos de João se convencessem. Os discípulos de João eram críticos de Jesus, e João, prevendo que logo iria morrer, queria que os seus discípulos seguissem Jesus.

Por outro lado, é bem possível que João, fragilizado com a prisão, tenha duvidado. João, como sabemos, é Elias reencarnado. Mas o espírito encarnado não lembra de suas existências anteriores. Por maior que fosse a lucidez de João Batista, talvez ele estivesse descrente a respeito da sua própria missão e da missão de Jesus.

É quase certo que João, como todos os judeus, esperasse um messias político, um líder político e guerreiro que iria libertar o povo judeu do inimigo romano.

Todo o território dos judeus era dominado por Roma e isso era o maior motivo de revolta do povo e fomentava a expectativa de que Deus enviasse o seu messias para libertar o povo e devolver ao povo judeu a glória e o poder que ele julgava merecer. João, percebendo que as coisas não caminhavam para uma revolução política, pode ter duvidado.

Jesus responde citando trechos do livro do profeta Isaías, um dos livros da Bíblia, o mesmo citado na sinagoga de Nazaré (Lucas 4:17-21), e colocando em prática as suas citações. Responde com palavras e com fatos. Mas muitos não acreditaram em Jesus, e é possível que não só os discípulos de João Batista como muitos outros tenham considerado que o próprio João Batista fosse o messias, embora João tivesse negado isso. Até hoje, principalmente no atual Iraque, existem cerca de 100 mil seguidores do Mandeísmo, uma religião que venera João Batista como o messias.

Depois de citar Isaías, Jesus diz **“bem-aventurado é aquele que em mim se não escandalizar”, podendo ser traduzido como “feliz o que não tropeça em mim”**. O significado da palavra escândalo, do grego *skandalon* é tropeço, designando o ato de tropeçar numa armadilha. A quem Jesus estava se referindo?

Pode ser que ele estivesse se dirigindo aos discípulos de João Batista, que não acreditavam que ele fosse o messias, mas pode ser também que Jesus estivesse mandando um recado ao próprio João Batista, que havia fraquejado na convicção da sua missão.

Os discípulos de João preferiam continuar seguindo João, embora o próprio João Batista já tivesse dito a eles que era necessário que ele, João Batista, diminuísse, para que Jesus crescesse (João 3:30).

Temos o caso dos apóstolos João e André que eram discípulos de João Batista e decidiram seguir Jesus (João 1:37).

Mas outros preferiam continuar seguindo o precursor do mestre ao próprio mestre, assim como muitos hoje preferem seguir a Bíblia a seguir Jesus. Se escoram em passagens obscuras da Bíblia para alimentarem os seus preconceitos e se esquecem dos ensinamentos de Jesus. Ou prestam mais atenção ao seu líder religioso, seja de que religião for, deixando o ensinamento de Jesus em segundo plano.

**24. E, tendo-se retirado os mensageiros de João, começou a dizer à multidão acerca de João: Que saístes a ver no deserto? uma cana abalada pelo vento?**

**25. Mas que saístes a ver? um homem trajado de vestes delicadas? Eis que os que andam com preciosas vestiduras, e em delícias, estão nos paços reais.**

**26. Mas que saístes a ver? um profeta? Sim, vos digo, e muito mais do que profeta.**

**27. Este é aquele de quem está escrito: Eis que envio o meu anjo diante da tua face, O qual preparará diante de ti o teu caminho.**

**28. E eu vos digo que, entre os nascidos de mulheres, não há maior profeta do que João o Batista; mas o menor no reino de Deus é maior do que ele.**

**29. E todo o povo que o ouviu e os publicanos, tendo sido batizados com o batismo de João, justificaram a Deus.**

**30. Mas os fariseus e os doutores da lei rejeitaram o conselho de Deus contra si mesmos, não tendo sido batizados por ele.**

**31. E disse o Senhor: A quem, pois, compararei os homens desta geração, e a quem são semelhantes?**

**32. São semelhantes aos meninos que, assentados nas praças, clamam uns aos outros, e dizem: Tocamo-vos flauta, e não dançastes; cantamo-vos lamentações, e não chorastes.**

**33. Porque veio João o Batista, que não comia pão nem bebia vinho, e dizeis: Tem demônio;**

**34. Veio o Filho do homem, que come e bebe, e dizeis: Eis aí um homem comilão e bebedor de vinho, amigo dos publicanos e pecadores.**

**35. Mas a sabedoria é justificada por todos os seus filhos.**

***“Que saístes a ver no deserto: Uma cana abalada pelo vento?”*** - Provavelmente Jesus estava defendendo a fé e a confiança de João Batista, dizendo que a fé e a confiança de João eram firmes, que não eram como uma cana que qualquer vento poderia abalar. Jesus precisava defender João Batista para que a dúvida não se instalasse nas mentes frágeis dos que o seguiam. Jesus defende a autenticidade de João Batista e reafirma ser ele a reencarnação de Elias.

Jesus afirma que João é mais que um profeta, e que entre os nascidos de mulher não há profeta maior do que João Batista, mas que o menor no reino de Deus é maior do que ele.

Nascido de mulher é o espírito que ainda precisa reencarnar, o espírito que ainda não se libertou do ciclo reencarnatório. O espírito de João Batista precisou reencarnar para resgatar o seu erro cometido quando esteve reencarnado como Elias, em que mandou matar com a espada os 450 profetas de Baal.

O espírito que animou Elias e João Batista, como qualquer outro, teve que se sujeitar à Lei de causa e efeito. Matou pela espada e morreu pela espada. Matou pela espada quando foi Elias e morreu pela espada quando foi João Batista. Como disse Jesus, quem matar pela espada pela espada perecerá (Mateus 26:52).

Dentre os espíritos ainda sujeitos à reencarnação, João Batista era o maior. Mas mesmo o menor no reino de Deus, ou seja, no nosso próximo estágio evolutivo, é maior do que João Batista.

Logo depois Jesus faz uma crítica aos que reclamam de tudo, aos que acham tudo ruim, aos que veem defeito em tudo. Criticavam João por ser de hábitos severos e criticavam Jesus por não dar atenção às aparências.

Muitas pessoas consideradas pecadoras, como os publicanos e as prostitutas, seguiram Jesus, e os doutores da lei, que eram os que mais compreendiam as escrituras, desprezavam o seu ensinamento.

***“A quem, pois, compararei os homens desta geração?”*** - Jesus está se referindo à geração de espíritos, não àquela geração humana da época. As características da-

quelas pessoas que conviveram com Jesus permanecem até hoje, Jesus não estava se referindo exclusivamente aos homens do seu tempo.

Jesus tem sob sua responsabilidade os espíritos da Terra, e os mesmos espíritos daquele tempo são os espíritos de hoje. Alguns já se libertaram, mas a geração a que Jesus está se referindo é à geração dos espíritos da Terra que são seus tutelados, as suas ovelhas.

Depois Jesus diz que ***“a sabedoria é justificada por todos os seus filhos”***, pelos filhos da sabedoria, ou seja, pelos sábios. O que o sábio faz justifica a sua sabedoria, ou seja, é pelo fruto da sabedoria que se conhece o sábio.

Jesus está afirmando, como em tantas outras vezes, que o que importa são os frutos, que é pelo fruto que se conhece a árvore.

**36. E rogou-lhe um dos fariseus que comesse com ele; e, entrando em casa do fariseu, assentou-se à mesa.**

**37. E eis que uma mulher da cidade, uma pecadora, sabendo que ele estava à mesa em casa do fariseu, levou um vaso de alabastro com unguento;**

**38. E, estando por detrás, aos seus pés, chorando, começou a regar-lhe os pés com lágrimas, e enxugava-lhos com os cabelos da sua cabeça; e beijava-lhe os pés, e ungia-lhos com o unguento.**

**39. Quando isto viu o fariseu que o tinha convidado, falava consigo, dizendo: Se este fora profeta, bem saberia quem e qual é a mulher que lhe tocou, pois é uma pecadora.**

**40. E respondendo, Jesus disse-lhe: Simão, uma coisa tenho a dizer-te. E ele disse: Dize-a, Mestre.**

**41. Um certo credor tinha dois devedores: um devia-lhe quinhentos dinheiros, e outro cinqüenta.**

**42. E, não tendo eles com que pagar, perdoou-lhes a ambos. Dize, pois, qual deles o amará mais?**

**43. E Simão, respondendo, disse: Tenho para mim que é aquele a quem mais perdoou. E ele lhe disse: Julgaste bem.**

**44. E, voltando-se para a mulher, disse a Simão: Vês tu esta mulher? Entrei em tua casa, e não me deste água para os pés; mas esta regou-me os pés com lágrimas, e os enxugou com os cabelos de sua cabeça.**

**45. Não me deste ósculo, mas esta, desde que entrou, não tem cessado de me beijar os pés.**

**46. Não me ungiste a cabeça com óleo, mas esta ungiu-me os pés com unguento.**

**47. Por isso te digo que os seus muitos pecados lhe são perdoados, porque muito amou; mas aquele a quem pouco é perdoado pouco ama.**

**48. E disse-lhe a ela: Os teus pecados te são perdoados.**

**49. E os que estavam à mesa começaram a dizer entre si: Quem é este, que até**

### **perdoa pecados?**

#### **50. E disse à mulher: A tua fé te salvou; vai-te em paz.**

Vemos que o fariseu convidou Jesus para a sua casa e não ofereceu a Jesus a hospitalidade que era devida a uma pessoa importante, de quem se gostava muito. Era comum dar ao visitante o beijo de boas vindas, era sinal de humildade beijar os pés do mestre, era prática comum que se ungesse a cabeça de uma visita importante com óleo. O fariseu não fez nada disso. E, além de não fazer isso, pensou mal de Jesus e pensou mal da mulher. Duvidou que Jesus fosse um profeta - lembrando que profeta era para eles o que hoje chamamos de médium, era um médium bastante desenvolvido.

O fariseu duvidou de Jesus e não prestou atenção no ato de humildade e carinho da mulher, apenas lembrou que ela era conhecida pelas suas faltas – talvez fosse uma prostituta.

A mulher não teve pudor e soltou os seus cabelos para enxugar as suas lágrimas que caíam nos pés de Jesus. A mulher que soltasse os cabelos em público era malvista, isso era considerado vergonhoso.

A parábola de Jesus, do credor que perdoou os dois devedores, representa justamente o tipo humano do fariseu e da mulher pecadora. O fariseu representa o espírito já relativamente evoluído, com bastante conhecimento intelectual, que sabe que comete poucos erros e que por isso mesmo não se preocupa em melhorar-se mais. Acha que já evoluiu suficientemente e torna-se frio. Abandonou as emoções, mas não desenvolveu os sentimentos.

Todos nós deveremos abandonar, um dia, as emoções, que são sinal de atraso espiritual. Mas para isso teremos que ter os sentimentos plenamente desenvolvidos. A mulher, ao contrário do fariseu, ainda não abandonou as emoções, mas através das emoções alcança o sentimento. Desenvolve o amor de um modo que o fariseu ainda desconhece por completo.

Isso reforça a lição que já sabemos de que não podemos confiar nas aparências. Um espírito intelectualmente desenvolvido, que conhece a moral mas não a pratica intimamente, pode ser evolutivamente inferior a um espírito que ainda recentemente cometia muitos erros, mas, pelos sentimentos já desenvolvidos, pela humildade e pelo amor, arrepende-se dos seus erros, conscientiza-se e transforma-se mentalmente.

Acontece com este espírito o que João Batista propunha com o seu batismo. Batismo que quer dizer mergulho. O mergulho dentro de si mesmo, para a conscientização e a mudança de mente, a mudança no padrão de pensamentos.



Aqui novamente Jesus diz **“os teus pecados te são perdoados”**. Jesus não perdoa a mulher pecadora. Jesus declara que os erros cometidos por ela (o sentido original da palavra pecado é erro) ficaram para trás, foram abandonados. Ela deixou para trás o seu passado de erros.

Ela mesma fez isso, não Jesus. Jesus não seria justo se perdoasse alguns e não perdoasse outros. E como espírito responsável pelo planeta, Jesus é todo Justiça.

Aqui Jesus está nos mostrando o que Pedro irá dizer mais tarde na sua epístola: “O amor cobre uma multidão de pecados” (1Pedro 4:8). O amor transforma o espírito, e o amor colocado em ação liberta dos erros, rearmoniza o espírito com a Lei de causa e efeito.

Jesus ainda diz: **“A tua fé te salvou”**. Lembramos que o Evangelho foi escrito em grego e que a palavra grega traduzida como fé é *pistis*, que passou para o latim *fides*, que quer dizer fidelidade.

O sentido original da palavra fé, como está no Evangelho, é de fidelidade, lealdade, obediência. Fé, aqui, não é crer. Não foi a crença da mulher que a salvou. Nem a crença em Deus, nem a crença em Jesus. Isso seria uma distorção do sentido com que a palavra fé foi usada por Jesus.

O que salvou a mulher foi a fidelidade às Leis de Deus, a obediência à consciência, que é onde estão gravadas as Leis de Deus, ou seja, o que a salvou foram os seus pensamentos, palavras e ações. Lembramos que o apóstolo Tiago disse que a fé sem obras é fé morta (Tiago 2:26), ou seja, não existe. Fé é fidelidade, lealdade, obediência.

## CAPÍTULO 8

1. E aconteceu, depois disto, que andava de cidade em cidade, e de aldeia em aldeia, pregando e anunciando o evangelho do reino de Deus; e os doze iam com ele,
2. E algumas mulheres que haviam sido curadas de espíritos malignos e de enfermidades: Maria, chamada Madalena, da qual saíram sete demônios;
3. E Joana, mulher de Cuza, procurador de Herodes, e Suzana, e muitas outras que o serviam com seus bens.
4. E, ajuntando-se uma grande multidão, e vindo de todas as cidades ter com ele, disse por parábola:
5. Um semeador saiu a semear a sua semente e, quando semeava, caiu alguma junto do caminho, e foi pisada, e as aves do céu a comeram;
6. E outra caiu sobre pedra e, nascida, secou-se, pois que não tinha umidade;

- 7. E outra caiu entre espinhos e crescendo com ela os espinhos, a sufocaram;**  
**8. E outra caiu em boa terra, e, nascida, produziu fruto, a cento por um. Dizendo ele estas coisas, clamava: Quem tem ouvidos para ouvir, ouça.**

Estavam com Jesus os seus apóstolos, algumas mulheres que o seguiam e uma grande multidão. Jesus, como em outras vezes, chama a atenção: ***"Quem tem ouvidos para ouvir, ouça"***.

Todas as palavras que nós precisamos saber para o nosso crescimento espiritual já foram ditas. Nós é que não sabemos ouvir. É preciso termos ouvidos de ouvir, termos ouvidos que ouçam as verdades do espírito.

Jesus sempre se utilizava de exemplos simples, tirados do cotidiano daquelas pessoas que o acompanhavam. Provavelmente aproveitava situações que estavam ocorrendo no momento para ilustrar o seu ensinamento.

Jesus deixou o maior documento espiritual da Terra com o sermão da montanha, relatado em Mateus, que Lucas nos apresenta como o "sermão da planície". Depois de ter dado um ensino tão elevado e talvez acima do entendimento da maior parte das pessoas, Jesus passa a fazer uso frequente de parábolas. O ensino por parábolas permitia ao povo da época compreender alguma coisa graças às imagens vivas retiradas do seu cotidiano. E as parábolas de Jesus têm a particularidade de serem compreendidas de acordo com os conhecimentos e experiências de quem as interpreta. Cada um, de acordo com o seu adiantamento intelectual e moral, perceberá nas parábolas de Jesus um ensinamento que esteja de acordo com o seu nível.

- 9. E os seus discípulos o interrogaram, dizendo: Que parábola é esta?**  
**10. E ele disse: A vós vos é dado conhecer os mistérios do reino de Deus, mas aos outros por parábolas, para que vendo, não vejam, e ouvindo, não entendam.**

Esta é a única ocasião em que encontramos a palavra "mistérios" nos Evangelhos. A palavra "mistério", no grego, se relacionava às chamadas religiões de mistérios, em que cada símbolo relacionado tinha significados ocultos. E é exatamente aqui que Jesus explica uma de suas parábolas relacionando a cada símbolo um significado.

Naquele tempo as pessoas que seguiam Jesus, em sua maioria, esperavam que o reino dos judeus fosse devolvido a eles, já que os judeus eram dominados pelos romanos. Um dos mistérios é que o reino de Deus não é um reino material, mas espiritual, e que não está fora de nós, mas dentro de cada um de nós. O reino de Deus é o nosso próximo estágio evolutivo.

O povo esperava um líder guerreiro, como havia sido o rei Davi, mil anos antes, que derrotasse os inimigos romanos. Mas outro mistério é que a vitória a ser conquistada não é por meio da guerra, mas da paz, e que o inimigo a ser derrotado é o nosso próprio orgulho e egoísmo, que é o que nos prende à materialidade. O orgulho e o egoísmo são os maiores adversários do espírito, e é este o sentido da palavra diabo, do grego *diabolos*, ou da palavra satanás, que no hebraico quer dizer “adversário”.

O povo esperava que o inimigo fosse trucidado como eram trucidados os antigos inimigos dos judeus no Antigo Testamento, em que chamavam a Deus de “O Senhor dos Exércitos”, mas um dos mistérios ensinados por Jesus é que não é com ódio que vencemos o nosso inimigo interno, mas com amor, com o exercício da humildade.

***“Para que vendo, não vejam, e ouvindo, não entendam”.*** - Isto é uma citação do profeta Isaías. Vamos ler o trecho do livro de Isaías a que Jesus se refere para entendermos o que ele quer dizer:

*“Então disse ele: Vai, e dize a este povo: Ouvis, de fato, e não entendeis, e vedes, em verdade, mas não percebeis. Engorda o coração deste povo, e faze-lhe pesados os ouvidos, e fecha-lhe os olhos; para que ele não veja com os seus olhos, e não ouça com os seus ouvidos, nem entenda com o seu coração, nem se converta e seja sarado. Então disse eu: Até quando Senhor? E respondeu: Até que sejam desoladas as cidades e fiquem sem habitantes, e as casas sem moradores, e a terra seja de todo assolada. E o Senhor afaste dela os homens, e no meio da terra seja grande o desamparo. Porém ainda a décima parte ficará nela, e tornará a ser pastada; e como o carvalho, e como a azinheira, que depois de se desfolharem, ainda ficam firmes, assim a santa semente será a firmeza dela.”* Isaías 6:9-13

A imagem que Jesus nos passa de Deus é totalmente diferente do que nós encontramos no Antigo Testamento. Mas nós devemos entender esta citação de Isaías não como um castigo de Deus, mas como a aplicação natural da Lei de causa e efeito. Não é Deus que impede o povo de ver com os seus olhos e de ouvir com os seus ouvidos as verdades espirituais. São os próprios espíritos, encarnados e desencarnados, que, pela dureza dos seus corações, se tornaram insensíveis para a realidade espiritual. Têm olhos mas não veem, têm ouvidos mas não ouvem.

Podemos ser levados a crer que o propósito de Deus seria a extinção deste povo, ou destes espíritos. Mas prestemos atenção à última sentença: “... e como o

*carvalho, e como a azinheira, que depois de se desfolharem, ainda ficam firmes, assim a santa semente será a firmeza dela”.*

Na septuaginta, a versão grega do Antigo Testamento, não se fala em “azinheira”, mas em “terebinto” (τερεβινθος). Desconhecemos o motivo de traduzir como “azinheira”, que, ao que nos consta, é outra planta.

O terebinto é um grande arbusto que quando o seu tronco é cortado ele volta a brotar, volta a crescer. O carvalho, quanto mais envelhece, mais se aprofundam as suas raízes, e quanto mais podado, mais cresce.

Assim é com os espíritos. Por mais endurecidos que sejam, por mais que permaneçam apegados à matéria sem dar ouvidos à realidade espiritual, conforme vão adquirindo conhecimentos e experiências, através de inúmeras reencarnações, vão crescendo moralmente e aprofundando as suas raízes espirituais como o carvalho. E do mesmo modo que o terebinto, cada vez que perde o corpo físico (simbolizado pelo tronco) volta em outro corpo.

A “santa semente” é justamente a partícula divina que cada um de nós tem dentro de si, o nosso Cristo interno, o *logos* ou verbo de que nos fala o evangelista João, que vai se desenvolvendo lentamente ao longo de várias passagens pela matéria.

O nosso Cristo interno, ou o *logos*, na expressão utilizada por João, é a manifestação de Deus na existência - tudo o que existe é manifestação de Deus. O Cristo que cada um tem dentro de si, à espera de desenvolvimento, é a essência de Deus manifestada na existência.

Os espíritos a que se refere Isaías, neste trecho que Jesus citou, por mais duros que sejam, sempre terão novas chances. E ao longo de incontáveis milênios a semente, a “santa semente”, que é a essência de Deus no espírito, vai se regenerando e desenvolvendo.

**11. Esta é, pois, a parábola: A semente é a palavra de Deus;**

**12. E os que estão junto do caminho, estes são os que ouvem; depois vem o diabo, e tira-lhes do coração a palavra, para que não se salvem, crendo;**

**13. E os que estão sobre pedra, estes são os que, ouvindo a palavra, a recebem com alegria, mas, como não têm raiz, apenas crêem por algum tempo, e no tempo da tentação se desviam;**

**14. E a que caiu entre espinhos, esses são os que ouviram e, indo por diante, são sufocados com os cuidados e riquezas e deleites da vida, e não dão fruto com per-**

feição;

**15. E a que caiu em boa terra, esses são os que, ouvindo a palavra, a conservam num coração honesto e bom, e dão fruto com perseverança.**

Jesus diz que a semente é a palavra de Deus. Há pouco Jesus citou Isaías que fala na “santa semente”, na santa semente que será o tronco que há de brotar novamente.

Aqui Jesus nos dá uma interpretação de fácil assimilação, aplicável à vida de cada um. Mas o simbolismo mais profundo da parábola faz referência à semente como o Cristo interno ou o logos de Deus. “Palavra” em grego é “logos”. O Evangelho de João começa assim:

*“No princípio era o logos e o logos estava com Deus e o logos era Deus”. Logos foi traduzido como “verbo”.*

***“... os que estão junto do caminho, estes são os que ouvem; depois vem o diabo, e tira-lhes do coração a palavra, para que não se salvem, crendo”.*** - O caminho é uma figura frequentemente utilizada por Jesus para designar exatamente o caminho reto que leva a Deus. Então os que estão junto do caminho são os que estão à beira do caminho, mas ainda fora do caminho, ainda não estão trilhando o caminho reto que leva a Deus.

Eles ouvem, ou seja, sentem por um momento o seu Cristo interno, a sua realidade espiritual, mas o apego à materialidade (que é a significação da palavra “diabo”, o nosso adversário interno, o orgulho e o egoísmo) impede o nosso contato com o Cristo interno.

***“... os que estão sobre pedra, estes são os que, ouvindo a palavra, a recebem com alegria, mas, como não têm raiz, apenas crêem por algum tempo, e no tempo da tentação se desviam”.*** - Jesus usa a pedra como um simbolismo ao se referir ao reconhecimento da sua natureza crística por Pedro quando diz a Pedro: “Tu és pedra e sobre esta pedra edificarei minha comunidade” (Mateus 16:18); também usa a pedra como um simbolismo ao falar que aquele que ouve o seu ensino e o coloca em prática é como aquele que construiu a sua casa sobre a rocha (Mateus 7:24). A semente que caiu sobre a pedra é a semente que caiu sobre uma base sólida, apoiou-se nesta base, que não era sua, pois não fincou raízes, e não resistiu.

É como as pessoas que tomam conhecimento da realidade espiritual com entusiasmo, porque estão apoiadas em líderes religiosos, estão apoiadas em bases sólidas, mas estas bases não são suas. Elas mesmas terão que aprender a enfrentar suas próprias dificuldades, mas para isso terão que criar raízes. Ninguém pode a-

poiar-se para sempre em ninguém, em nenhum familiar ou líder religioso. A evolução é individual.

Estes espíritos são os que já tiveram um vislumbre do seu Cristo interno, alegram-se com isso, mas não resistem às tentações (ou provações). Vivemos em um planeta de provas. Seremos submetidos a provas por muito tempo ainda. É o meio de que dispomos para consolidar o aprendizado que nos é oferecido.

***“... a que caiu entre espinhos, esses são os que ouviram e, indo por diante, são sufocados com os cuidados e riquezas e deleites da vida, e não dão fruto com perfeição”.*** - As sementes que cresceram entre espinhos são os espíritos já um pouco adiantados, mas ainda comprometidos pela Lei de causa e efeito com espíritos atrasados, que são os espinhos. Vão bem até um certo ponto, mas deixam-se influenciar negativamente até sufocarem o seu Cristo interno de desenvolvimento incipiente.

***“... a que caiu em boa terra, esses são os que, ouvindo a palavra, a conservam num coração honesto e bom, e dão fruto com perseverança”.*** - A semente que caiu em terra boa é o espírito que já despertou para a realidade espiritual, que já sente a existência do Cristo dentro de si.

Se quisermos perceber esta parábola por um ângulo mais terreno, mais próximo, o semeador é qualquer espírito encarnado, de qualquer corrente religiosa ou mesmo ser religião, que se dedique com sinceridade a plantar as verdades espirituais nas mentes dos que estiverem dispostos a ouvi-lo.

Como o semeador é humano como qualquer um de nós, é sujeito a falhas, a precipitações e a más escolhas. Isso explica a má escolha dos terrenos. De cada 4 sementes plantadas, 3 foram atiradas em solo infértil, suas palavras foram jogadas fora. Foram dadas a quem ainda não as merece. Como disse uma vez Jesus, “não dareis as coisas santas aos cães” (Mateus 7:6). Querer esclarecer quem não está preparado é perda de tempo e desperdício de energia.

#### **16. E ninguém, acendendo uma candeia, a cobre com algum vaso, ou a põe debaixo da cama; mas põe-na no velador, para que os que entram vejam a luz.**

Candeia era um tipo de lâmpada, um candeeiro que tinha um pavio que se acendia e o combustível era o azeite. Era a lâmpada da época, um recipiente para fazer luz. Ninguém acende a sua própria luz, a luz da sabedoria ou da bondade, mesmo que em estágio inicial, para esconder essa luz, para tapar essa luz debaixo de um vaso ou debaixo da cama.

Essa luz foi conquistada através dos próprios conhecimentos e experiências, representados pelo pavio e pelo azeite, que são os elementos necessários para produzir a luz na candeia.

Nossa luz, por mais opaca que seja, deve servir para iluminar os outros. Devemos compartilhar a nossa luz com quem ainda está no escuro mas está disposto a ver.

O primeiro a ser iluminado pela candeia da sabedoria ou da bondade é sempre quem a possui, é a própria pessoa a primeira a se iluminar com a luz que acende.

Hoje nós precisamos pesquisar para sabermos como era uma candeia. A luz elétrica que temos em nossas casas hoje é incomparavelmente melhor, mais abundante, mais disponível do que a candeia daquele tempo.

Da mesma forma as nossas luzes. Nossos espíritos já têm mais luz do que tinham naquele tempo. Já progredimos um pouco, já iluminamos mais a nós mesmos e temos condições de compartilhar a nossa pequena luz com os outros que ainda vivem na penumbra espiritual.

Cobrir a candeia é egoísmo, não utilizar a nossa luz para iluminar o próximo é egoísmo e insensibilidade.

O velador era um suporte para que a candeia ficasse num lugar alto e iluminasse mais. É o que devemos fazer com a nossa luz. Elevá-la para que todos a vejam, para que todos possam iluminar-se com a nossa luz.

**17. Porque não há coisa oculta que não haja de manifestar-se, nem escondida que não haja de saber-se e vir à luz.**

Isso se refere à explicação da parábola. Jesus explicou a parábola para os seus discípulos, mas esta foi uma das inúmeras interpretações possíveis. Assim como há diferença da candeia de azeite para a luz elétrica de hoje, assim também há diferença entre a capacidade de entendimento daquele povo, naquele tempo, e a capacidade de entendimento que temos hoje.

A luz não deve ficar oculta, a luz deve manifestar-se, deve iluminar a todos, nada deve ficar escondido, nenhum sentido oculto deve permanecer oculto, nenhum mistério deve permanecer como mistério, os sentidos ocultos dos ensinamentos de Jesus devem ser expostos, devem vir à luz. Quem tiver ouvidos, ouça.

**18. Vede, pois, como ouvis; porque a qualquer que tiver lhe será dado, e a qualquer que não tiver até o que parece ter lhe será tirado.**

Quanto mais verdades nós incorporamos, mais verdades recebemos. Não como um privilégio, mas pela maior capacidade de nos apropriarmos das verdades que nos são oferecidas por já termos incorporado algumas verdades.

Jesus deixou claro, em outra ocasião, que ainda tinha muito o que nos dizer mas que nós não suportaríamos mais verdades naquela época (João 16:12).

Hoje temos condições de desvendarmos os mistérios que Jesus não pode revelar quando esteve encarnado porque nós não tínhamos condições de compreender naquela época. A luz excessiva iria nos cegar. Hoje já suportamos uma luz um pouco mais forte, mais brilhante, e mais verdades recebemos.

Mas os que nunca assimilaram verdade alguma, ou que acalentaram mentiras como se fossem verdades, estes não têm condições de assimilar as verdades que estão à nossa disposição e até as suas mentiras tidas como verdades eles perderão. Terão que recomeçar. Sempre há novas chances.

A questão 118 do O Livro dos Espíritos diz que o espírito não retrograda. Ele pode permanecer estacionário, mas não regride. É verdade. Mas o espírito não regride em relação a ele mesmo. Se ele permanece estacionário e outros progredem, ele não regrediu em relação a si mesmo, mas regrediu em relação aos outros, pois a sua distância em relação aos outros aumentou.

Quanto mais o espírito progride, mais condições de progredir ele recebe. Mas o espírito que permaneceu estacionário, até o progresso que já alcançou é perdido se comparado com os outros, pois a distância entre eles aumentou. Ele ficou para trás, não acompanhou o tempo.

**19. E foram ter com ele sua mãe e seus irmãos, e não podiam aproximar-se dele, por causa da multidão.**

**20. E foi-lhe dito: Estão lá fora tua mãe e teus irmãos, que querem ver-te.**

**21. Mas, respondendo ele, disse-lhes: Minha mãe e meus irmãos são aqueles que ouvem a palavra de Deus e a executam.**

No Evangelho de Marcos é dito que a mãe e os irmãos de Jesus achavam que ele “estava fora de si” (Marcos 3:21). Souberam que multidões o seguiam, que ele muitas vezes não tinha nem tempo de comer e acharam que ele estava louco.

A reação de Jesus não tem nada de dura, pelo contrário, está totalmente de acordo com o seu ensinamento. Jesus nos diz que devemos amar a todos, que não há mé-



rito algum em amar somente a quem nos ama, pois este amor é condicional, não é o verdadeiro amor.

Isso não quer dizer que nós devemos abrir mão de nossa família. Se reencarnamos próximos uns dos outros algum motivo há para isso, pois nada é por acaso. O lar é o laboratório da espiritualidade. Mas nós somos irmãos em Deus, todos fomos criados por Deus, todos temos o mesmo Pai.

Aqui novamente Jesus fala na “palavra de Deus”. Claro que isso também se refere a coisas práticas, ao ensino das coisas espirituais. Mas a “palavra de Deus” é a manifestação de Deus, é a manifestação da essência de Deus em forma de existência.

Lembramos que “palavra” em grego é *logos*, que foi traduzido no Evangelho de João como “Verbo”. O Verbo de Deus, ou a Palavra de Deus, ou o Logos de Deus está em nós, é Deus em nós, é a partícula divina, é o nosso Cristo interno.

Quem ouve o Cristo interno, quem ouve a voz do seu Cristo interno, quem ouve a palavra de Deus dentro de si é da família de Jesus.

Quem pratica a palavra de Deus, quem coloca em prática, ou seja, quem externaliza, quem manifesta a palavra de Deus que está dentro de si, o *logos* de Deus, ou o seu Cristo interno, este é da família de Jesus.

Jesus é pura manifestação de Deus, porque desenvolveu plenamente a palavra, o verbo, o *logos* de Deus, Jesus desenvolveu plenamente o seu Cristo interno, por isso Jesus é O Cristo, porque ele anulou a sua personalidade, Jesus anulou o seu ego e manifestou com plenitude o Cristo que está dentro de cada um de nós.

Nós somos filhos de Deus e somos ligados um ao outro pelo nosso Cristo interno, que João chama de *logos*, que traduzido quer dizer “verbo” ou “palavra”.

Nós temos nossos familiares segundo a carne, que são a nossa família terrena, transitória, e temos a nossa família espiritual, que é a ligação que temos uns com os outros pelo nosso Cristo interno.

Os parentes segundo a carne, a família terrena, tem em comum uns com os outros o sangue. São ligados pelo sangue. A família espiritual tem em comum a filiação divina, todos são filhos de Deus e tem em comum o Cristo interno, a manifestação da essência de Deus na existência de cada um.

**22. E aconteceu que, num daqueles dias, entrou num barco com seus discípulos, e disse-lhes: Passemos para o outro lado do lago. E partiram.**

**23. E, navegando eles, adormeceu; e sobreveio uma tempestade de vento no lago, e enchiam-se de água, estando em perigo.**

**24. E, chegando-se a ele, o despertaram, dizendo: Mestre, Mestre, perecemos. E ele, levantando-se, repreendeu o vento e a fúria da água; e cessaram, e fez-se bonança.**

**25. E disse-lhes: Onde está a vossa fé? E eles, temendo, maravilharam-se, dizendo uns aos outros: Quem é este, que até aos ventos e à água manda, e lhe obedecem?**

Pelo ponto de vista físico não precisamos recorrer à crença em milagres para explicar o fato de Jesus ter feito cessar a tempestade. Jesus, pelo seu imenso adiantamento espiritual, conhece leis físicas que nós não conhecemos.

Pouco mais de cem anos atrás nós não conhecíamos a eletricidade. Nada do que você tem na sua casa e que funciona graças à eletricidade, nada disso existia. E se alguém dessa época, mais de cem anos atrás, visitasse a sua casa e se deparasse com os aparelhos que você usa, com o seu computador e com toda a tecnologia que hoje existe e que antes não conhecíamos, talvez ele pensasse se tratar de um milagre.

Assim como pouco tempo atrás nós não conhecíamos as leis que regulam a eletricidade, assim um dia iremos conhecer outras leis da natureza que hoje para nós são um mistério.

A eletricidade já existia, as suas leis já existiam, nós é que não as conhecíamos. Do mesmo modo, Jesus conhecia leis que nós não conhecemos e tinha domínio sobre os elementos da natureza.

O simbolismo que nós encontramos é muito simples. Jesus com os seus discípulos entram num barco e vão para a outra margem, a outra margem que é o outro plano - representa quem vem do plano astral para o plano físico, quem vem para o plano físico cheio de boas intenções, cheio de boa disposição para executar as tarefas que lhe foram atribuídas. Vem para o plano físico com o Cristo, mas, quando as tempestades da vida começam, quando as dificuldades apertam, imediatamente recorre a pedidos de ajuda religiosa.

Jesus atendeu aos seus discípulos quando pediram socorro a ele, mas perguntou onde estava a sua fé. Jesus está indicando que devemos aprender a nos bastarmos por nós mesmos, que devemos nos mover com nossas próprias forças, pois temos o nosso Cristo interno.

O simbolismo deste acontecimento nos mostra que estes espíritos, representados pelos discípulos, vieram para a outra margem, ou seja, reencarnaram com o Cristo. Mas depois o Cristo adormeceu. O seu Cristo interno adormeceu em seus corações, deixaram dormir o seu Cristo, perderam o contato com o Cristo. Só se lembraram dele quando vieram as tempestades, as dificuldades da vida.

Vale a pena lembrar que os povos antigos consideravam essas forças da natureza como deuses, de modo semelhante ao que as religiões de origem africana fazem ainda hoje.

Os gregos tinham o deus Éolo, que era o deus dos ventos, responsável pelos ventos. Foi Éolo quem disse a Ulisses uma famosa frase que se adapta a esta passagem do Evangelho: “Quem semeia ventos colhe tempestades”. Lei de causa e efeito.

**26. E navegaram para a terra dos gadarenos, que está defronte da Galiléia.**

**27. E, quando desceu para terra, saiu-lhe ao encontro, vindo da cidade, um homem que desde muito tempo estava possesso de demônios, e não andava vestido, nem habitava em qualquer casa, mas nos sepulcros.**

**28. E, quando viu a Jesus, prostrou-se diante dele, exclamando, e dizendo com grande voz: Que tenho eu contigo, Jesus, Filho do Deus Altíssimo? Peço-te que não me atormentes.**

**29. Porque tinha ordenado ao espírito imundo que saísse daquele homem; pois já havia muito tempo que o arrebatava. E guardavam-no preso, com grilhões e cadeias; mas, quebrando as prisões, era impelido pelo demônio para os desertos.**

**30. E perguntou-lhe Jesus, dizendo: Qual é o teu nome? E ele disse: Legião; porque tinham entrado nele muitos demônios.**

**31. E rogavam-lhe que os não mandasse para o abismo.**

**32. E andava ali pastando no monte uma vara de muitos porcos; e rogaram-lhe que lhes concedesse entrar neles; e concedeu-lho.**

**33. E, tendo saído os demônios do homem, entraram nos porcos, e a manada precipitou-se de um despenhadeiro no lago, e afogou-se.**

**34. E aqueles que os guardavam, vendo o que acontecera, fugiram, e foram anunciá-lo na cidade e nos campos.**

**35. E saíram a ver o que tinha acontecido, e vieram ter com Jesus. Acharam então o homem, de quem haviam saído os demônios, vestido, e em seu juízo, assentado aos pés de Jesus; e temeram.**

**36. E os que tinham visto contaram-lhes também como fora salvo aquele endemoninhado.**

**37. E toda a multidão da terra dos gadarenos ao redor lhe rogou que se retirasse**

deles; porque estavam possuídos de grande temor. E entrando ele no barco, voltou.

**38. E aquele homem, de quem haviam saído os demônios, rogou-lhe que o deixasse estar com ele; mas Jesus o despediu, dizendo:**

**39. Torna para tua casa, e conta quão grandes coisas te fez Deus. E ele foi apregoando por toda a cidade quão grandes coisas Jesus lhe tinha feito.**

A palavra grega *daimon*, de onde deriva “demônio”, quer dizer “espírito”. Para os judeus da época, conforme se depreende do estudo dos Evangelhos e de acordo com o que nos informa o historiador Flavio Josefo, que viveu naquela época, demônios eram os espíritos dos homens perversos.

Não existe demônio como um ser dedicado exclusivamente a fazer o mal. O que se chama demônio são espíritos atrasados, ainda muito animalizados, que vivem dominados pelos instintos. Mas um dia eles evoluirão como qualquer outro espírito.

Havia ali um homem obsediado, o que poderíamos chamar de uma obsessão complexa, pois vários espíritos o vampirizavam. A resposta do espírito demonstra isso. Jesus lhe pergunta o seu nome e ele diz que o seu nome é legião, porque eram muitos. Uma legião era um destacamento do exército romano composto de seis mil homens.

É interessante notar que este espírito, atrasado e animalizado, reconhecia a grandeza de Jesus. O chama de “Filho do Deus Altíssimo”.

Este espírito obsessor, que fala em nome dos outros, pede que Jesus não o atormente, pede que Jesus não o mande para o abismo. O abismo são as regiões do astral inferior, as regiões que foram descritas por Dante como o inferno.

Esses espíritos eram vampirizadores, sugavam as energias do obsediado e as energias remanescentes dos corpos dos mortos, pois o obsediado vivia nos sepulcros.

Ele pede a Jesus que os deixasse entrar nos porcos. Nós sabemos que os espíritos não podem entrar nos corpos dos animais, aliás, os espíritos também não “entram” nos corpos humanos. A palavra “incorporação” dá a ideia de que o espírito desencarnado entra no corpo do espírito encarnado, mas a ligação entre os dois se dá através do perispírito.

Mas esses espíritos vampirizadores, no desespero por perderem o contato com o espírito encarnado que eles obsediavam, se contentam em sugar as energias vitais

dos porcos. Isso não é em nada diferente do que os sacrifícios de animais que se faz em algumas religiões de origem africana.

André Luiz narra no capítulo 11 do livro *Missionários da Luz* a ação vampirizadora de espíritos atrasados num matadouro, onde sugavam as forças vitais presentes no plasma sanguíneo dos animais.

Os porcos, sentindo a vibração negativa destes espíritos, se assustaram e caíram no despenhadeiro. Nós sabemos que os animais percebem coisas que nós não percebemos. Há quem afirme que os animais vivem concomitantemente nos planos astral e físico.

As pessoas da região, quando viram o que havia acontecido, pediram a Jesus que fosse embora. Elas conheciam o obsediado, que certamente era tido por louco, já que vivia sem roupas, em meio aos sepulcros, era um homem violento, e quando elas viram que ele estava bem, que estava vestido, sentado, calmo, em perfeito juízo, em vez de ficarem felizes com o acontecimento inesperado, se preocuparam com o prejuízo pela perda dos porcos.

Elas representam as pessoas que não querem mudar, as pessoas que notam o que o Cristo é capaz de fazer, notam as transformações que o Cristo promove na vida das pessoas, mas não querem mudar. Não querem ter prejuízos materiais, não querem que o seu estilo de vida seja alterado. Preferem a animalidade, representada pelos porcos, do que a libertação espiritual representada pelo afastamento dos espíritos vampirizadores.

O homem pede a Jesus para que o deixe segui-lo, mas Jesus não permite. Jesus pede que ele fique e conte para as pessoas da cidade o que Deus havia feito por ele. E foi o que ele fez.

Isso demonstra que nem todos estão preparados para seguir o Cristo. Muitos, ainda, apesar da sua boa vontade, não estão aptos a compreender o Cristo, mas mesmo assim são úteis para disseminarem entre os seus próximos as suas experiências com Deus. Assim é em muitas comunidades em que líderes religiosos locais exercem influência sobre as pessoas dessas comunidades, preparando-as, pouco a pouco, para a ideia de Deus.

**40. E aconteceu que, quando voltou Jesus, a multidão o recebeu, porque todos o estavam esperando.**

**41. E eis que chegou um homem de nome Jairo, que era príncipe da sinagoga; e,**

prostrando-se aos pés de Jesus, rogava-lhe que entrasse em sua casa;

42. Porque tinha uma filha única, quase de doze anos, que estava à morte. E indo ele, apertava-o a multidão.

43. E uma mulher, que tinha um fluxo de sangue, havia doze anos, e gastara com os médicos todos os seus haveres, e por nenhum pudera ser curada,

44. Chegando por detrás dele, tocou na orla do seu vestido, e logo estancou o fluxo do seu sangue.

45. E disse Jesus: Quem é que me tocou? E, negando todos, disse Pedro e os que estavam com ele: Mestre, a multidão te aperta e te oprime, e dizes: Quem é que me tocou?

46. E disse Jesus: Alguém me tocou, porque bem conheci que de mim saiu virtude.

47. Então, vendo a mulher que não podia ocultar-se, aproximou-se tremendo e, prostrando-se ante ele, declarou-lhe diante de todo o povo a causa por que lhe havia tocado, e como logo sarara.

48. E ele lhe disse: Tem bom ânimo, filha, a tua fé te salvou; vai em paz.

49. Estando ele ainda falando, chegou um dos do príncipe da sinagoga, dizendo: A tua filha já está morta, não incomodes o Mestre.

50. Jesus, porém, ouvindo-o, respondeu-lhe, dizendo: Não temas; crê somente, e será salva.

51. E, entrando em casa, a ninguém deixou entrar, senão a Pedro, e a Tiago, e a João, e ao pai e a mãe da menina.

52. E todos choravam, e a pranteavam; e ele disse: Não choreis; não está morta, mas dorme.

53. E riam-se dele, sabendo que estava morta.

54. Mas ele, pondo-os todos fora, e pegando-lhe na mão, clamou, dizendo: Levanta-te, menina.

55. E o seu espírito voltou, e ela logo se levantou; e Jesus mandou que lhe dessem de comer.

56. E seus pais ficaram maravilhados; e ele lhes mandou que a ninguém dissessem o que havia sucedido.

Aqui nós temos duas histórias intercaladas, uma história inserida dentro de outra.

Jairo era o chefe da sinagoga. Era, então, uma autoridade religiosa. A sua filha tem doze anos e está morrendo. Doze anos era a idade a partir da qual a menina era considerada moça e já podia casar. As mulheres casavam aos doze ou treze anos de idade.

Enquanto Jesus se dirigia à casa de Jairo, cercado pela multidão, uma mulher toca na borla do seu manto, nas franjas do manto de Jesus, aqui traduzido como “orla do vestido”. Esta mulher sofria de uma hemorragia, de um fluxo de sangue, também há doze anos.

O papel da mulher, naquele tempo e para aquele povo, era ter filhos, tanto que a esterilidade era considerada um castigo divino. Nós vimos no capítulo 1 que Izabel, a mãe de João Batista, vivia a situação vergonhosa de ser estéril - o preconceito não podia admitir a hipótese de o homem ser estéril.

A filha de Jairo estava morrendo na idade em que se tornaria fértil, pronta para casar. A hemorroíssa, a mulher com fluxo de sangue, há doze anos, o mesmo tempo de vida da menina, era infértil por sua condição de saúde, o que a tornava legalmente impura.

Pelas leis de Moisés, que alguns ainda acham que eram leis de Deus, a mulher nos dias de sua menstruação ou enquanto perdurasse o seu fluxo de sangue era considerada impura. Não podia tocar em ninguém e em nenhum objeto. Todo o objeto em que ela tocasse se tornava impuro (Levítico 15:19-29). Esta mulher, então, vivia há doze anos afastada de tudo e de todos, isolada da sociedade, pois era impura aos olhos da religião.

A menina era submetida à lei religiosa, pois seu pai representava a lei religiosa como chefe da sinagoga; a mulher era fora-da-lei por causa da religião, pois era considerada impura.

Estas duas mulheres representam a vida estéril, a vida sem obras, sem frutos. Não podemos ignorar aqui o número 12. Uma ia morrer aos doze anos sem ter dado frutos, a outra há doze anos sofria de um mal que a impedia de dar frutos. Embora a análise a que nós nos propomos desconsidere números cabalísticos ou numerologia, a simbologia do número 12 é suficientemente conhecida e certamente proposital nesta passagem do Evangelho.

O 12 representa o todo, um ciclo completo. No Antigo Testamento o povo escolhido de Deus são as 12 tribos de Israel; Jesus escolheu 12 apóstolos para disseminarem o seu ensino; a Terra realiza um ciclo completo em torno do Sol em 12 meses.

Essas duas mulheres foram curadas porque cumpriram o seu “ciclo cármico” e se libertaram dos seus erros do passado. Assim, a criança morre e renasce como uma

mulher, pois naquele tempo aos doze anos as meninas eram consideradas mulheres; e a mulher retoma a sua condição de mulher fértil.

A mulher perdia a sua vida, simbolizada pelo sangue (Levítico 17:11-14), a sua vida se esvaía sem que ela produzisse frutos. Completado o seu ciclo, ela retorna a Deus. Ela sabia que bastava encostar nas borlas do manto de Jesus para que ficasse curada. As borlas do manto tinham fios bordados em branco e um fio azul que lembravam as leis de Deus (Números 37:40). Por isso, a mulher encontra as Leis de Deus através do Cristo. Vai em busca das leis de Deus, simbolizadas pela borla do manto de Jesus, o Cristo.

Como Jesus mesmo disse, a menina não estava morta. Assim como o filho da viúva de Naim, no capítulo anterior, ela estava num estado de catalepsia ou letargia. Jesus pegou na mão da menina e disse para ela levantar-se.

Assim todos nós, quando renascemos para a vida fértil e produtiva através do Cristo, temos que nos levantar e caminhar com as nossas próprias pernas.

Vimos mais uma vez que o Cristo está dentro de cada um de nós, que temos que fazer brilhar a nossa luz para iluminar o próximo, assim como somos iluminados por quem tem mais luz do que nós.

Vimos, tanto no episódio da tempestade como na história da filha de Jairo, que temos que nos bastar a nós mesmos, caminhar com as próprias pernas, e que o caminho a ser trilhado é o caminho reto das Leis de Deus.

## CAPÍTULO 9

1. E, convocando os seus doze discípulos, deu-lhes virtude e poder sobre todos os demônios, para curarem enfermidades.
2. E enviou-os a pregar o reino de Deus, e a curar os enfermos.
3. E disse-lhes: Nada leveis convosco para o caminho, nem bordões, nem alforje, nem pão, nem dinheiro; nem tendes duas túnicas.
4. E em qualquer casa em que entrardes, ficai ali, e de lá saireis.
5. E se em qualquer cidade vos não receberem, saindo vós dali, sacudi o pó dos vossos pés, em testemunho contra eles.
6. E, saindo eles, percorreram todas as aldeias, anunciando o evangelho, e fazendo curas por toda a parte.

Jesus envia pela primeira vez os doze apóstolos em missão. A palavra “apóstolo” quer dizer “emissário”. Lucas diz que Jesus “*deu-lhes virtude e poder*”, ou “poder e autoridade” aos apóstolos.



O poder e autoridade deles provinha do ensinamento obtido através de Jesus, da elevação moral alcançada pelo contato com Jesus e a prática do seu ensino, e consequentemente do padrão vibratório elevado, que facilitava a influência e a ajuda por parte dos bons espíritos que seguiam Jesus no plano astral.

Mesmo que Lucas tenha dito que Jesus deu-lhes poder e autoridade sobre todos os demônios (ou espíritos atrasados), neste mesmo capítulo, depois da transfiguração de Jesus, nós vemos que um homem procura Jesus para que expulsasse um espírito do seu filho, pois havia pedido aos discípulos de Jesus e eles não o conseguiram.

Nos capítulos anteriores já observamos algumas curas de Jesus, e o que nós constatamos foi que é preciso a conjunção de dois fatores para haver a cura - que é, antes de mais nada, espiritual, pois o corpo é consequência do espírito.

Para haver a cura é preciso o poder curador por parte de quem age e a receptividade por parte de quem sofre a ação. A parte ativa é o poder, a parte passiva é a receptividade. E o que provoca esta receptividade é a fé. Quando Jesus esteve em sua cidade, Nazaré, Mateus e Marcos relatam que Jesus não pode realizar ali nenhuma grande obra por que eles não tinham fé. As pessoas de Nazaré não tinham fé.

Se nem mesmo Jesus tem poder de curar o espírito se o espírito não tem fé, se o espírito é incrédulo e endurecido, é evidente que seus discípulos ou seguidores também não têm. Pode-se depreender disso, então, que as curas realizadas pelos apóstolos de Jesus, nesta sua primeira missão, como as curas realizadas até hoje no meio espírita ou em qualquer meio religioso, são curas espirituais, em que há uma projeção de força em direção ao espírito. Mas os mecanismos de transformar os fluidos doentes em fluidos salutaros estão em cada indivíduo.

Jesus disse aos apóstolos para que pregassem o reino de Deus, para que dissessem que o reino de Deus está próximo - pois está dentro de cada um. O reino de Deus é o nosso próximo estágio evolutivo e nós o alcançaremos nos elevando espiritualmente.

Entre as recomendações de Jesus aos apóstolos, ele diz para eles não levarem com eles nada que não fosse o estritamente necessário e que se hospedassem na casa de alguém, como era de costume, e que ficasse na mesma casa até irem embora do lugar.

Essas recomendações são um alerta para que eles (assim como nós) não se deixassem levar por facilidades e ofertas de conforto que certamente viriam com a sua fama.

Mateus, se referindo a este episódio, diz que Jesus falou a eles para não cobrarem nada: “De graça recebestes, de graça dai” (Mateus 10:8). As coisas de Deus não podem ser objeto de lucro. Não podemos cobrar por algo que recebemos de graça.

Jesus diz que onde não os recebessem, que eles sacudissem a poeira dos pés ao saírem dali. Era um costume judaico sacudir a poeira dos pés ao saírem de uma cidade dos pagãos, de alguém que não fosse do seu povo. Não poderiam contaminar a sua terra santa com a poeira dos impuros - todos os outros povos eram considerados impuros por eles.

Essa recomendação de Jesus nos lembra de não carregarmos conosco nenhuma impureza, nenhuma ofensa que tenha sido dirigida a nós. Quando não nos aceitarem, quando não aceitarem nosso ponto de vista, quando não quiserem nossa ajuda, quando não estiverem prontos para o esclarecimento, não guardemos mágoas, não carreguemos a poeira conosco.

**7. E o tetrarca Herodes ouviu todas as coisas que por ele foram feitas, e estava em dúvida, porque diziam alguns que João ressuscitara dentre os mortos; e outros que Elias tinha aparecido;**

**8. E outros que um profeta dos antigos havia ressuscitado.**

**9. E disse Herodes: A João mandei eu degolar; quem é, pois, este de quem ouço dizer tais coisas? E procurava vê-lo.**

Este Herodes é Herodes Ântipas, filho de Herodes, o Grande, que governava na época do nascimento de Jesus. Herodes Ântipas era o tetrarca da Galileia.

Lucas não narra a morte de João Batista. Certamente quando Lucas escreveu o seu Evangelho os detalhes da morte de João Batista já eram suficientemente conhecidos por todos.

João Batista foi degolado por ordem de Herodes. Numa noite de festa, a enteada de Herodes, Salomé, dançou para ele e os seus convidados, e Herodes ficou tão entusiasmado que prometeu a Salomé que daria qualquer coisa que ela pedisse. Instigada pela sua mãe, Herodíades, Salomé pediu a cabeça de João Batista numa bandeja.

João Batista estava preso no cárcere do palácio de Herodes. Herodíades tinha ódio de João Batista por que João Batista denunciou publicamente a relação adúltera dela com Herodes, já que Herodíades era mulher do irmão de Herodes, Filipe.

Sabemos que João Batista foi a reencarnação de Elias, e sofreu a consequência da Lei de causa e efeito por ter mandado matar à espada 450 profetas de Baal (1 Reis

18:17-40). Matou pela espada e morreu pela espada, como disse Jesus: “Quem matar pela espada, pela espada perecerá” (Mateus 26:52).

\*\*\*

Aqui nos temos três situações diferentes:

No 1º caso achavam que Jesus era João que houvesse ressuscitado, neste caso haveria a ressurreição do corpo, João Batista teria retornado à vida com o mesmo corpo.

No 2º caso, achavam que Jesus fosse Elias que tinha aparecido, pois muitos acreditavam que Elias não tinha morrido, mas que tinha sido “arreatado”, que tinha subido aos céus num carro de fogo. Até hoje os que acreditam na Bíblia ao pé da letra, sem tentarem descobrir o que se esconde por trás das figurações, acham que Elias não morreu. Ora, se até Jesus teve que morrer, por que Elias teria essa privi-légio?

E no 3º caso achavam que Jesus fosse um dos antigos profetas que havia reencarnado. A quase totalidade das traduções não utiliza a palavra “reencarnação”. Essa palavra foi criada por Allan Kardec, não existia quando estes textos bíblicos foram escritos, mas o conceito presente aqui é de reencarnação, não de ressurreição.

Ressurreição seria se Jesus fosse João Batista, neste caso João Batista teria reconstituído, de alguma forma, o seu corpo, e ressuscitado.

Mas se Jesus fosse um dos antigos profetas, é evidente que seria um dos antigos profetas com outro corpo, já que o antigo corpo desses profetas não existia há séculos, além do que, muitas pessoas conheciam Jesus desde criança. A ressurreição do mesmo corpo não poderia ser, pois os profetas morreram adultos ou velhos - se Jesus fosse um antigo profeta ressuscitado, teria retomado o mesmo corpo adulto ou velho, não poderia ter sido criança. Se Jesus, portanto, fosse um dos antigos profetas, seria o espírito que animou um dos antigos profetas que teria retornado ao plano material em novo corpo, ou seja, reencarnado.

Champlim, que é protestante, e que tem a sua obra adotada por muitos pastores protestantes, confirma o que já sabemos; que alguns julgavam que Jesus fosse a reencarnação de Elias ou de outro profeta.

Champlim afirma que ensinava-se a reencarnação nas escolas dos fariseus e dos essênios. Champlim também menciona o que ele chama de “teoria popular” de que Jeremias e Elias haviam reencarnado.

São palavras de um homem estudioso, erudito, que adota uma corrente de pensamento diferente da nossa, que não trabalha com a ideia de reencarnação, mas que sabe que este conceito vigorava no tempo de Jesus, coisa que qualquer pessoa que se dê ao trabalho de pesquisar reconhece e admite a hipótese, mesmo que não a corrobore em seu íntimo.

São três casos diferentes, mas os tradutores, por não admitirem a reencarnação, só usam duas palavras: “aparecer”, no caso de Elias, e “ressuscitar”, nos casos de João Batista ou algum dos antigos profetas.

Mas no texto grego não são duas palavras, são três palavras. São três palavras por que são três sentidos diferentes.

No caso de Elias, achavam que Jesus fosse Elias que “apareceu”: A palavra grega é *efane* (εφάνη), indicativo aoristo na voz passiva, terceira pessoa do singular do verbo *faino*, (φαίνω) que quer dizer justamente “apareceu”, “tornou-se visível”.

No caso de João Batista, achavam que Jesus fosse João Batista ressuscitado: A palavra grega é *egêgertai* (εγηγερται), indicativo aoristo na voz passiva, terceira pessoa do singular do verbo *egeiró* (ἐγείρω) que quer dizer levantado, acordado, despertado. Os judeus não tinham uma palavra específica para designar nem a reencarnação nem o que conhecemos como ressurreição. Diziam “levantar”, ou “levantar dos mortos”. É o caso aqui, *εγηγερται εκ νεκρων*, ou seja, “levantado dos mortos”, ou “despertado dos mortos”.

No caso de quem achava que Jesus fosse um dos antigos profetas, a palavra grega é *anêste* (ανεστη), indicativo aoristo na voz ativa, terceira pessoa do singular do verbo *anístemi* (ἀνίστημι) que quer dizer levantado, que regressou, que tornou a ficar de pé. Esta palavra está se referindo à reencarnação, está se referindo à possibilidade de Jesus ser um dos antigos profetas reencarnado.

São três palavras no grego traduzidas por duas palavras no português. Por que será?

**10. E, regressando os apóstolos, contaram-lhe tudo o que tinham feito. E, tomando-os consigo, retirou-se para um lugar deserto de uma cidade chamada Betsaida.**

**11. E, sabendo-o a multidão, o seguiu; e ele os recebeu, e falava-lhes do reino de Deus, e sarava os que necessitavam de cura.**

Quando os apóstolos de Jesus retornaram da sua primeira missão, do seu estágio como emissários de Jesus, narraram a Jesus o que eles haviam feito. Jesus levou os apóstolos a um lugar afastado, recolhido, longe dos outros.

Isso nos serve de lição para que sempre que nos doarmos a alguém, sempre depois de permitirmos a manifestação de Deus através de nós, devemos nos recolher, nos afastarmos do burburinho do mundo e ficarmos a sós, em recolhimento, com o nosso Cristo interno. É o contato com o Cristo que habita dentro de nós que nos reenergiza, que nos revitaliza e nos mantém equilibrados.

Mas as multidões foram atrás de Jesus e Jesus voltou a falar a elas do reino de Deus, que é o nosso próximo estágio evolutivo, e também voltou a restituir a saúde aos necessitados de cura.

É interessante notar que Jesus não curava a todos. Curava os necessitados de cura. Jesus, pela sua imensa superioridade, sabia quem precisava ser curado e quem ainda precisava da doença como um estímulo para o abandono dos seus erros e para purgar as suas impurezas espirituais através do corpo físico.

**12. E já o dia começava a declinar; então, chegando-se a ele os doze, disseram-lhe: Despede a multidão, para que, indo aos lugares e aldeias em redor, se agasalhem, e achem o que comer; porque aqui estamos em lugar deserto.**

**13. Mas ele lhes disse: Dai-lhes vós de comer. E eles disseram: Não temos senão cinco pães e dois peixes, salvo se nós próprios formos comprar comida para todo este povo.**

**14. Porquanto estavam ali quase cinco mil homens. Disse, então, aos seus discípulos: Fazei-os assentar, em ranchos de cinquenta em cinquenta.**

**15. E assim o fizeram, fazendo-os assentar a todos.**

**16. E, tomando os cinco pães e os dois peixes, e olhando para o céu, abençoou-os, e partiu-os, e deu-os aos seus discípulos para os porem diante da multidão.**

**17. E comeram todos, e saciaram-se; e levantaram, do que lhes sobejou, doze alcofas de pedaços.**

Este é um dos atos de Jesus mais debatidos até hoje, a chamada multiplicação dos pães. Nós não concebemos a existência de milagres, pelo menos não no sentido que geralmente se dá a esta palavra. As Leis de Deus são perfeitas e não podem ser derogadas. Tudo o que Jesus fez está dentro das Leis de Deus.

Este é o único chamado milagre de Jesus que é narrado nos quatro evangelhos. Mateus e Marcos narram dois episódios de multiplicação dos pães, Lucas e João narram uma.

É interessante notar que não há a palavra multiplicação nos textos, não se fala em multiplicação.

Devemos acreditar que esse fato aconteceu materialmente? Nada impede que Jesus tenha feito isso. Jesus, pela sua superioridade, conhecia Leis que nós estamos longe de conhecer.

Se no tempo de Jesus o povo fosse apresentado à nossa tecnologia certamente consideraria tudo isso um milagre. A eletricidade, o automóvel, o avião, a ida do homem à lua, o computador, a comunicação instantânea entre pessoas do mundo todo, tudo isso para eles pareceria um milagre.

Duas hipóteses estudadas pelo Espiritismo poderiam ter ocorrido:

- O fenômeno de transporte - neste caso os pães teriam desaparecido de algum lugar para aparecerem ali, e isso poderia ser desonesto, já que os pães seria subtraídos a alguém.
- O fenômeno de materialização, ou a condensação ou transformação instantânea do fluido cósmico universal, que é a matéria elementar primitiva.

A semente se multiplica a partir do seu contato com o solo, e ninguém sabe exatamente o que acontece, mas uma semente dá origem a muitas outras sementes.

O que Jesus teria feito seria uma aceleração de um processo natural de transformação da matéria. Nada impede que isso tenha acontecido.

Mas os textos não falam em milagre ou multiplicação. O que vemos é uma divisão, não uma multiplicação.

Havia cinco mil homens mais mulheres e crianças, umas dez mil pessoas. Reunir dez mil pessoas naquele tempo não devia ser muito simples.

Os povoados tinham 100 ou 200 habitantes. Cafarnaum ou Betsaida tinham entre mil e três mil habitantes. Teriam que esvaziar várias cidades e povoados para juntar tanta gente.

No Evangelho de João consta que era perto da páscoa, época em que muitas caravanas passavam pela estrada que ligava Damasco a Cafarnaum em direção a Jeru-

salém para as festividades da páscoa. Isso poderia explicar o grande número de pessoas, um número extraordinário para aquele tempo e lugar.

Ainda no Evangelho de João nós vemos que quando Jesus pergunta quantos pães tinham, o apóstolo André mostrou um menino que tinha cinco pães e dois peixes - provavelmente foi do menino que partiu a iniciativa de oferecer o seu alimento, pois André não iria se adonar, se apropriar da comida do menino.

Não há nenhuma menção à falta de comida. Os discípulos pensaram em liberar a multidão para que fosse comprar comida, porque alguns não tinham, mas outros certamente tinham.

As pessoas que estavam na região se dirigindo a Jerusalém certamente tinham provisões, não iriam viajar sem comida. Não existia o comércio como o conhecemos hoje. Se fosse para comprar comida para toda aquela gente nem haveria onde comprar.

É muito provável que algumas pessoas tivessem comida e outras pessoas não. Não faz sentido achar que só aquele menino tivesse comida. Que, aliás, era muita comida para apenas um menino. André se referiu a um menino que se apresentou a ele, mas é impossível que em meio à multidão muitos não tivessem comida.

Nos outros evangelhos consta que logo depois deste episódio os fariseus (ou o próprio povo, no caso do Evangelho de João) pediram sinais a Jesus, para que acreditassem que ele era o messias, o enviado de Deus. Se Jesus tivesse realmente acabado de fazer um fenômeno milagroso como seria a multiplicação dos pães, porque estariam pedindo sinais a Jesus?

Em Marcos e Mateus, em seguida a este episódio Jesus caminha sobre as águas, e os apóstolos têm muito medo ao vê-lo. Se eles tivessem presenciado a multiplicação dos pães, será que ainda estranhariam alguma coisa vinda de Jesus?

Ainda nestes Evangelhos, os discípulos percebem que esqueceram de levar pão:

*“E eles se esqueceram de levar pão e, no barco, não tinham consigo senão um pão. E ordenou-lhes, dizendo: Olhai, guardai-vos do fermento dos fariseus e do fermento de Herodes. E arrazoavam entre si, dizendo: É porque não temos pão. E Jesus, conhecendo isto, disse-lhes: Para que arrazoais, que não tendes pão? não considerastes, nem compreendestes ainda? tendes ainda o vosso coração endurecido?”*

Marcos 8:14-17

Jesus fala de fermento de forma figurativa, eles entendem que ele falava de fermento material e Jesus os repreende. Se tivesse havido uma multiplicação milagrosa, porque Jesus perguntaria a eles se eles ainda não entenderam? E porque eles estavam com os corações endurecidos? Se Jesus tivesse feito sinais para o povo, como teria sido o milagre dos pães, eles não deveriam estar contentes?

Eles ficaram com os corações endurecidos justamente porque os fariseus pedem um sinal a Jesus e Jesus não faz nenhum sinal. Por isso Jesus os alerta para terem cuidado com o fermento dos fariseus.

Nota-se, ainda, que eles se esqueceram de levar pão. Isso confirma que era costume das pessoas carregarem pão consigo, então certamente muitos da multidão tinham pão.

No Evangelho de João, no dia seguinte a este episódio dos pães, há novamente uma multidão e Jesus diz:

*“Na verdade, na verdade vos digo que me buscais, não pelos sinais que visteis, mas porque comestes do pão e vos saciastes. Trabalhai, não pela comida que perece, mas pela comida que permanece para a vida eterna”.* João 6:26-27

Logo adiante, algumas pessoas da multidão citam o Êxodo para dizer que Moisés, durante a peregrinação no deserto à frente do povo israelita, havia lhes dado o “maná do céu”, ou pão do céu:

*“Disseram-lhe, pois: Que sinal, pois, fazes tu, para que o vejamos, e creiamos em ti? Que operas tu? Nossos pais comeram o maná no deserto, como está escrito: Deu-lhes a comer o pão do céu. Disse-lhes, pois, Jesus: Na verdade, na verdade vos digo: Moisés não vos deu o pão do céu; mas meu Pai vos dá o verdadeiro pão do céu. Porque o pão de Deus é aquele que desce do céu e dá vida ao mundo. Disseram-lhe, pois: Senhor, dá-nos sempre desse pão. E Jesus lhes disse: Eu sou o pão da vida; aquele que vem a mim não terá fome, e quem crê em mim nunca terá sede.”* João 6:30-35

“Não terá fome e nunca terá sede”. Nas bem-aventuranças, Jesus diz que são felizes (ou bem-aventurados) os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados (Mateus 5:6). A justiça, que Pastorino traduz como justeza, esse ajustamento com as leis de Deus é que sacia a fome do espírito.

E depois disso, no Evangelho de João, vem uma longa fala de Jesus conhecida como “o pão da vida”.



Repetimos que não duvidamos, de modo algum, da possibilidade de Jesus realizar um fenômeno como este. Há inúmeros casos registrados de materializações de objetos e de espíritos. Alguns médiuns produzem fenômenos assim em centros espíritas. Se um médium pode, é evidente que Jesus pode.

Mas o ensinamento de Jesus é todo espiritual. Imaginarmos um milagre - ou um fenômeno desconhecido, considerado como milagre - é muito menos provável do que imaginarmos que o que realmente aconteceu foi que, seguindo o exemplo do menino que deu os seus cinco pães e dois peixes, e estimulados pela ação decisiva e contagiante de Jesus, cada um dos que tinham alimento tenha fugido ao seu costume de avareza e egoísmo e repartido o seu pão com o próximo. Todos repartiram o que tinham, todos comeram, todos se fartaram e ainda sobrou.

Jesus disse noutra ocasião, para um jovem que queria segui-lo, que repartisse os seus bens entre os pobres (Lucas 18:22) - a solidariedade era um ensino básico de Jesus. Isso está claro nesta passagem de Mateus:

*“Porque tive fome, e destes-me de comer; tive sede, e destes-me de beber; era estrangeiro, e hospedastes-me; estava nu, e vestistes-me; adoeci, e visitastes-me; estive na prisão, e foste me ver. Então os justos lhe responderão, dizendo: Senhor, quando te vimos com fome, e te demos de comer? ou com sede, e te demos de beber? e quando te vimos estrangeiro, e te hospedamos? ou nu, e te vestimos? e quando te vimos enfermo, ou na prisão, e fomos ver-te? E, respondendo o Rei, lhes dirá: Em verdade vos digo que quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes.”* Mateus 25:35-40

É isso que parece ter havido aqui. Um fenômeno de solidariedade espontânea, de amor ao próximo, de entendimento, como nunca havia acontecido antes. Particularmente, achamos isso muito mais grandioso do que um fenômeno físico.

O Cristo é o pão da vida, é a substância da vida, é o nosso alimento espiritual, é isso o que nós pedimos quando oramos o Pai nosso, em que dizemos “o pão nosso de cada dia nos dai hoje”. É o alimento do espírito.

No Evangelho de João, ao final desta fala de Jesus conhecida como “pão da vida”, Jesus diz que as palavras que ele nos disse são espírito e vida (João 6:63). O pão da vida é a palavra de Jesus.

Jesus, o espírito que anulou a sua personalidade e assumiu totalmente o Cristo que habita em todos nós, desperta o nosso Cristo com a sua palavra. Palavra em grego é *logos*. Já vimos que o Evangelho de João começa dizendo que “no princípio era o

*logos* e o *logos* estava com Deus e o *logos* era Deus” (João 1:1). Nós saímos de Deus. Nós somos substância de Deus. Nós somos partículas divinas. Nós somos manifestação viva da essência de Deus em forma de existência individual. Nós somos deuses, nas palavras de Jesus (João 10:34). E é essa natureza divina que Jesus desperta de dentro de nós com a sua palavra, com o seu ensinamento, com a sua manifestação crística.

Este episódio conhecido como a multiplicação dos pães nos deixa outra inestimável lição. A multiplicação dos nossos recursos de trabalho em benefício do próximo. O pouco que temos a oferecer de nós mesmos é multiplicado pela espiritualidade. Nossa boa vontade para com o próximo encontra nos bons espíritos o apoio necessário.

O auxílio divino está sempre à nossa disposição. Mas para recebê-lo precisamos contribuir com a nossa parte, por menor que seja. Em Mateus Jesus pergunta aos discípulos: “Quantos pães tendes?” (Mateus 15:34) – Jesus não pergunta quantos pães seriam necessários para saciar a fome da multidão. Quer saber, apenas, com quanto podemos contribuir.

Assim é nossa relação com Deus e com a espiritualidade. Pedimos, em nossas orações, o pão espiritual, para nós e para os que nos cercam. Sempre somos atendidos, desde que estejamos dispostos a contribuir com as nossas migalhas, a fazer a nossa parte, a dar o melhor de nós mesmos, mesmo que este melhor seja ainda diminuto.

Pedimos paz de espírito e proteção para a nossa família, pedimos que possamos, como instrumentos de Deus, emanar energia positiva e vontade de viver, que possamos esclarecer a todos que estejam receptivos ao esclarecimento, pedimos força e paz a todos os que nos lêem, que nos ouvem, que nos assistem, pedimos boa disposição e alegria a todos aqueles com quem convivemos, em todos os nossos círculos sociais. Sabemos que conseguimos funcionar como instrumentos de Deus quando estamos impregnados de boa vontade e mantemos à risca a disciplina a que nos propusemos. Mas, se nos damos o direito de nos sentirmos cansados, ou desanimados, ou entediados, já não estamos contribuindo com as nossas migalhas, já não temos os cinco pães e dois peixes para dar início ao processo de multiplicação de recursos. E, se não contribuimos com a nossa parte, já não temos o direito de pedir ajuda, já não somos instrumentos.

Este episódio trata também da potencialização da fé, como veremos logo mais no episódio em que um menino obsediado é curado por Jesus.

O pai do menino tinha pouca fé, mas o seu pedido de ajuda e o seu esforço em ter fé potencializou a sua fé.

Assim como cinco pães iniciais alimentaram uma grande multidão, uma fé do tamanho de um grão de mostarda pode mover montanhas (Mateus 17:20).

**18. E aconteceu que, estando ele só, orando, estavam com ele os discípulos; e perguntou-lhes, dizendo: Quem diz a multidão que eu sou?**

**19. E, respondendo eles, disseram: João o Batista; outros, Elias, e outros que um dos antigos profetas ressuscitou.**

**20. E disse-lhes: E vós, quem dizeis que eu sou? E, respondendo Pedro, disse: O Cristo de Deus.**

**21. E, admoestando-os, mandou que a ninguém referissem isso,**

**22. Dizendo: É necessário que o Filho do homem padeça muitas coisas, e seja rejeitado dos anciãos e dos escribas, e seja morto, e ressuscite ao terceiro dia.**

Nós vemos mais uma vez a importância que Jesus dava à oração. Jesus se recolhia para orar. Isso confirma o sentido que encontramos na passagem narrada há pouco em que os apóstolos regressam e Jesus os convida ao recolhimento, ao afastamento do burburinho, do barulho.

O próprio Jesus, depois de sua atividade em benefício do próximo, se recolhia para orar. Nós, imperfeitos que somos, não podemos nos descuidar desta prática necessária de recolhimento para o encontro com o nosso Cristo interno.

Há aqui uma repetição da passagem já mencionada em que Herodes ouve falar de Jesus e de quem achavam que Jesus fosse. Agora é o próprio Jesus que pergunta aos seus discípulos. A resposta é a mesma.

Querendo saber a opinião deles próprios, Jesus pergunta e Pedro toma a frente e responde em nome de todos. Pedro reconhece em Jesus o Cristo de Deus.

Jesus, repetindo a atitude que já comentamos anteriormente, de pedir segredo depois das curas que realizava, agora adverte severamente para que não anunciem isso a ninguém.

\*\*\*

O “filho do homem” é o homem em seu próximo estágio evolutivo, é o homem que conquistou o reino de Deus. Jesus algumas vezes refere-se a si mesmo como o filho do homem, mas essa expressão se refere a todos nós, espíritos encarnados e desencarnados, quando tivermos conquistado o reino de Deus, em que o espírito há de predominar sobre a matéria.

O que Jesus fala a respeito de si mesmo, prevendo o que aconteceria com ele, também se aplica a todos nós. Todos nós, em nossa trajetória milenar, sofreremos pelas consequências dos nossos erros e pelas próprias características deste planeta, que ainda é um planeta de provas e expiações.

Todos nós, em nossa caminhada evolutiva, somos em algum momento rejeitados pelos mais conservadores, representados pelos anciãos; e pelos intelectuais materialistas, representados pelos escribas. Todos morremos e renascemos muitas vezes, desencarnamos, renascemos no plano astral e reencarnamos novamente.

**23. E dizia a todos: Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, e tome cada dia a sua cruz, e siga-me.**

Jesus nos convida a segui-lo, não nos impõe, respeita o nosso livre-arbítrio. Mas é claro que o convite para segui-lo é para seguir a ele, não a nenhum líder religioso. Jesus não diz para seguirmos qualquer intermediário, mas para seguirmos a ele.

O ensino a ser seguido é o que ele nos deixou, não o que fizeram ou tentaram fazer do seu ensino. Se quisermos seguir o seu caminho temos que renunciar ao nosso personalismo, ao nosso egoísmo, assumirmos a nossa individualidade divina, e tomarmos a cruz diária, que são os deveres que assumimos quando reconhecemos o nosso Cristo interno. A cruz é de todos os dias, pois todos os dias são dias de evoluir. Seguir o Cristo é um caminho sem volta. É um caminho de todos os dias.

**24. Porque, qualquer que quiser salvar a sua vida, perdê-la-á; mas qualquer que, por amor de mim, perder a sua vida, a salvará.**

**25. Porque, que aproveita ao homem granjear o mundo todo, perdendo-se ou prejudicando-se a si mesmo?**

A reencarnação não é um mergulho nos prazeres e sensações. Quem tenta salvar a sua vida de materialidade, quem pensa que aproveitar a vida é experimentar sensações corporais, está perdendo a vida.

De nada valem as conquistas materiais se dessas conquistas não resultarem aprendizados benéficos para o espírito. De nada valem o esforço e a determinação despendidos em busca de status, poder, posição, prazer, satisfação da vaidade, se disso não resultar benefício para o próximo e fortalecimento moral para o espírito.

**26. Porque, qualquer que de mim e das minhas palavras se envergonhar, dele se envergonhará o Filho do homem, quando vier na sua glória, e na do Pai e dos santos anjos.**

Emmanuel nos lembra que não se envergonhar de Jesus não quer dizer que devemos gritar o seu nome nas praças ou manter discussões calorosas em seu nome, discussões em que esquecemos do próprio Jesus e defendemos apenas o nosso ponto de vista, quase sempre egoístico e ridículo.

Não se envergonhar de Jesus é não se envergonhar do seu ensinamento, é seguir os seus princípios: “A vida de um homem é a sua própria confissão pública”.

**27. E em verdade vos digo que, dos que aqui estão, alguns há que não provarão a morte até que vejam o reino de Deus.**

Fica evidente que o reino de Deus é o próximo estágio evolutivo do espírito, e que não é preciso morrer (ou desencarnar) para alcançá-lo. O reino de Deus é alcançado com o progresso espiritual, é um estado de maior proximidade e assimilação do seu Cristo interno, em que a maior importância passa a ser, definitivamente, o espírito e as coisas do espírito.

**28. E aconteceu que, quase oito dias depois destas palavras, tomou consigo a Pedro, a João e a Tiago, e subiu ao monte a orar.**

**29. E, estando ele orando, transfigurou-se a aparência do seu rosto, e a sua roupa ficou branca e mui resplandecente.**

**30. E eis que estavam falando com ele dois homens, que eram Moisés e Elias,**

**31. Os quais apareceram com glória, e falavam da sua morte, a qual havia de cumprir-se em Jerusalém.**

**32. E Pedro e os que estavam com ele estavam carregados de sono; e, quando despertaram, viram a sua glória e aqueles dois homens que estavam com ele.**

**33. E aconteceu que, quando aqueles se apartaram dele, disse Pedro a Jesus: Mestre, bom é que nós estejamos aqui, e façamos três tendas: uma para ti, uma para Moisés, e uma para Elias, não sabendo o que dizia.**

**34. E, dizendo ele isto, veio uma nuvem que os cobriu com a sua sombra; e, entrando eles na nuvem, temeram.**

**35. E saiu da nuvem uma voz que dizia: Este é o meu amado Filho; a ele ouvi.**

**36. E, tendo soado aquela voz, Jesus foi achado só; e eles calaram-se, e por aqueles dias não contaram a ninguém nada do que tinham visto.**

Jesus levou consigo Pedro, Tiago e João, talvez seus melhores médiuns, visto que foram os mesmos que o acompanharam, por exemplo, quando da cura da filha de Jairo, que era dada como morta.

Acompanhado deles, Jesus subiu ao monte para orar. Novamente Lucas menciona que Jesus subia ao monte para orar, significando a elevação vibracional.

Enquanto Jesus orava, seu rosto ficou diferente e sua roupa muito branca. Então apareceram dois homens. Eram Elias e Moisés. Ambos haviam desencarnado há muito tempo, então eram dois espíritos desencarnados que se apresentaram como se estivessem encarnados, como se fossem homens carnis.

Os espíritos de Moisés e Elias falavam com Jesus, sobre o que aconteceria com Jesus em Jerusalém.

Aqui fica demonstrado que Jesus não desaprovava a comunicação entre os espíritos encarnados e desencarnados, pois ele mesmo se comunicou com estes dois espíritos. Se Jesus pode, nós também podemos, pois Jesus nos disse que nós poderíamos fazer as mesmas coisas que ele fazia (João 14:12).

Também fica claro que a proibição de consultar os mortos, feita por Moisés no Antigo Testamento, se referia às práticas de adivinhação, à busca de favores materiais e a objetivos escusos e fúteis, mas não se referia à comunicação respeitosa e bem intencionada entre os espíritos. Se os espíritos desencarnados nada mais são do que seres como nós, apenas despojados do corpo físico, não há porque proibir a comunicação entre uns e outros. A presença de Moisés demonstra isso. Foi Moisés mesmo quem proibiu, mas proibiu práticas que nada tem a ver com o Espiritismo, e suas proibições valiam para aquele tempo, para aquele lugar, para aquele povo, para aquelas circunstâncias.

O outro espírito que se apresenta é Elias, que havia reencarnado há pouco como João Batista. Como espírito adiantado que era (Jesus disse que entre os nascidos de mulher - ou seja, entre os espíritos que ainda precisam reencarnar, que ainda não se libertaram do ciclo reencarnatório - não havia ninguém maior do que João Batista) o espírito que animou Elias e João Batista tinha plenas condições de determinar a aparência com que se apresentaria.

Pedro, Tiago e João, que estavam com Jesus, não conheciam Moisés e Elias. Moisés havia morrido há mais ou menos 1200 anos, Elias há 900 anos. Como eles souberam que os dois homens ou espíritos eram Moisés e Elias? - Ou isso ficou evidenciado durante a conversa ou Jesus disse a eles.

Nos Evangelhos de Mateus e Marcos, assim que eles descem do monte Jesus revela a Pedro, Tiago e João que João Batista é a reencarnação de Elias.

Se buscarmos um simbolismo por trás da aparição de Moisés e Elias, encontraremos justamente Elias, que reencarnou como João Batista, como o elemento de ligação entre Moisés e Jesus.

Este espírito, que viveu como Elias e como João Batista, representa o longo percurso que a humanidade deve percorrer para preparar-se para o desenvolvimento do seu Cristo interno.

O reconhecimento de Deus e a tentativa de andar de acordo com as suas Leis é simbolizado por Moisés. Moisés com as suas leis rígidas representa o nosso estágio inicial de espiritualização, em que precisamos seguir regras de conduta bem estabelecidas por não termos a consciência suficientemente desenvolvida para analisarmos por nós mesmos.

A nossa trajetória espiritual na Terra, que acontece através de inúmeras reencarnações, é representada por Elias, que na sua reencarnação como Elias defendeu as leis de Moisés e como João Batista preparou o caminho para Jesus.

Elias mandou matar pela espada 450 profetas de Baal (1 Reis 18:17-40) e João Batista foi morto pela espada a mando de Herodes (Mateus 14:3-10). Elias-João Batista representa o espírito que percorre o longo caminho que leva a Deus, evoluindo do simples cumprimento da Lei até a conscientização e a libertação dos erros.

A Bíblia de Jerusalém diz que Pedro, Tiago e João estavam “pesados de sono”; a tradução do Haroldo Dutra Dias diz que eles estavam “sobrecarregados de sono” e que, “ao acordarem, viram a glória dele e os dois varões que estavam com ele”. O Haroldo oferece para esta palavra “acordarem” o seguinte significado literal: permanecer acordado, passar a noite em vigília, acordar completamente.

A versão em espanhol de Francisco Lacueva traduz como “despertar totalmente”. De fato o verbo grego *diagregoréo* ( διαγρηγορέω) quer dizer “velar”, “estar de vigia”, “estar totalmente acordado”. Não entendemos por que traduzem como se eles houvessem acordado quando o sentido é de que eles permaneceram despertados.

É possível que eles estivessem desdobrados, projetados conscientemente no plano astral enquanto os seus corpos físicos estavam repousando.

Isso explicaria o fato de terem visto Jesus em aparência diferente, pois o que teriam visto, então, seria o seu perispírito, que era naturalmente resplandecente, fulgurante; isso também explicaria terem visto Moisés e Elias, que estariam ali em espírito; e isso também poderia explicar o fato de terem reconhecido Moisés e Elias, pois é possível que eles já os conhecessem de outras ocasiões em que houvessem se desdobrado. Algo semelhante ao que ocorreu com o apóstolo Paulo quando reconheceu Ananias, depois de ter ficado temporariamente cego - provavelmente o conhecia de sonhos ou projeções (Atos 9:12).

Pedro propõe fazer três tendas; uma para Jesus, uma para Moisés e outra para Elias. Talvez Pedro estivesse se referindo a tenda com o sentido de “tabernáculo”. O tabernáculo era uma tenda ou barraca onde, desde o êxodo (a saída do povo israelita do Egito conduzido por Moisés) até o tempo do rei Davi, era realizado o culto a Javé.

Pedro estaria, então, endeusando Jesus, Moisés e Elias, e por isso a observação de Lucas de que ele “não sabia o que dizia”, pois não havia percebido, ainda, que todos são espíritos, dispensando a formalidade dos cultos como os que eram prestados a Javé.

Há outra possibilidade de interpretação para esta proposta de Pedro: Na segunda epístola de Pedro ele se refere ao seu corpo físico como tenda ou tabernáculo (2 Pedro 1:13-14). Supondo-se, como parece, que eles estavam desdobrados com lucidez, e que esta cena tenha se passado no plano astral, é possível que Pedro, ao perceber que Elias e Moisés se afastavam, tenha proposto exatamente a materialização dos dois e a continuação deste encontro no plano físico.

Se considerarmos que Pedro se referia ao corpo físico como tenda e tenha oferecido armar três tendas, uma para Jesus, uma para Moisés e outra para Elias, pode ser que estivesse propondo a produção de um fenômeno de materialização.

Essa hipótese parece ainda mais verdadeira, pois vemos no texto que **“veio uma nuvem que os cobriu com a sua sombra; e, entrando eles na nuvem, temeram”**. Nos textos bíblicos sempre que há a materialização de um espírito - e aqui lembramos que Javé também é um espírito - ele “surge no meio de uma nuvem”.

Isso que designam como “nuvem” é o ectoplasma dos médiuns, necessário para a produção dos fenômenos de materialização.

Temos então duas hipóteses: ou estes fatos aconteceram no plano astral e depois houve a proposta de materialização, como parece ter sido; ou tudo se passou no plano físico, e a transfiguração de Jesus, então, foi uma transformação no perispírito que se irradiou em torno do corpo físico como uma atmosfera fluídica.

**“Saiu da nuvem uma voz que dizia: Este é o meu amado Filho; a ele ouvi”**. - Fato idêntico ocorreu por ocasião do batismo de Jesus por João Batista (Lucas 3:22), dando a impressão de tratar-se de um espírito superior a Jesus. A encarnação de Jesus certamente foi planejada durante milênios, e isso faz parte de um projeto cósmico que nós mal podemos vislumbrar.



37. E aconteceu, no dia seguinte, que, descendo eles do monte, lhes saiu ao encontro uma grande multidão;
38. E eis que um homem da multidão clamou, dizendo: Mestre, peço-te que olhes para meu filho, porque é o único que eu tenho.
39. Eis que um espírito o toma e de repente clama, e o despedaça até espumar; e só o larga depois de o ter quebrantado.
40. E roguei aos teus discípulos que o expulsassem, e não puderam.
41. E Jesus, respondendo, disse: Ó geração incrédula e perversa! até quando estarei ainda convosco e vos sofrerei? Traze-me aqui o teu filho.
42. E, quando vinha chegando, o demônio o derrubou e convulsionou; porém, Jesus repreendeu o espírito imundo, e curou o menino, e o entregou a seu pai.

Marcos diz que havia escribas discutindo com os discípulos de Jesus (Marcos 9:14-16). Aproveitavam o fracasso deles para colocar em dúvida o seu poder. Jesus sai em defesa dos seus discípulos e pergunta aos escribas o que é que eles estavam discutindo.

Vemos o caso de uma criança com grave obsessão. Somos levados muitas vezes pelas aparências e não compreendemos como uma criança pode ser vítima de uma influência espiritual negativa. Nos esquecemos de que o espírito é velho. O espírito pode estar habitando um corpo novo, mas ele é velho, e pela Lei de causa e efeito, sempre colhemos o que plantamos. Quando não encontramos a causa de nossos problemas na existência atual, a causa está no passado do espírito.

Ainda no Evangelho de Marcos, que narra este episódio com mais detalhes, Jesus pergunta há quanto tempo lhe acontecia isso, e o pai do menino responde que desde a infância (Marcos 9:21). Como os ensinamentos do Evangelho são para o espírito, isso se refere à infância do espírito, pois também é dito que o espírito o jogava muitas vezes na água e no fogo. A água é justamente o símbolo do nascimento físico, da reencarnação que acontece através da água – o novo corpo se desenvolve no líquido amniótico; e o fogo é o efeito da Lei de causa e efeito, é a dor que transforma e purifica.

Então o espírito deste menino sofria há várias reencarnações, há muito tempo, pois, como é narrado em Marcos, o espírito que o perseguia era surdo - isso quer dizer que o próprio espírito do menino era surdo, mas surdo para as verdades espirituais.

Vamos conferir esta passagem em Marcos:

*“E perguntou ao pai dele: Quanto tempo há que lhe sucede isto? E ele disse-lhe: Desde a infância. E muitas vezes o tem lançado no fogo, e na água, para o destruir; mas, se tu podes fazer alguma coisa, tem compaixão de nós, e ajuda-nos. E Jesus disse-lhe: Se tu podes crer, tudo é possível ao que crê. E logo o pai do menino, clamando, com lágrimas, disse: Eu creio, Senhor! ajuda a minha incredulidade. E Jesus, vendo que a multidão concorria, repreendeu o espírito imundo, dizendo-lhe: Espírito mudo e surdo, eu te ordeno: Sai dele, e não entres mais nele.” Marcos 9:21-25*

Jesus curou o menino e o devolveu ao seu pai: Através do Cristo, os filhos são devolvidos ao Pai, a Deus Pai.

\*\*\*

Aqui há o relato de uma desobsessão. Mas temos que prestar atenção à lição que este fato nos oferece: O pai do menino fala da sua incredulidade. No texto grego essa palavra é *apistis*, ou seja, a ausência de fé. Fé não é apenas crença. A palavra grega *pistis*, traduzida como fé ou crença, quer dizer fidelidade, lealdade. Quem tem fé em Deus é fiel às leis de Deus, é leal às leis de Deus.

Nós vemos que o espírito que não é fiel às leis de Deus, que não segue as Leis de Deus, que é surdo para as Leis de Deus reencarna muitas vezes em situação de sofrimento, e, ao final de cada passagem pela matéria, é defrontado com a dor, representada pelo fogo, que é um mecanismo de reajuste, é o sinal claro e inequívoco de que o caminho que se está trilhando não é o caminho certo.

Mas todos temos o livre-arbítrio, e podemos escolher continuar surdos às Leis de Deus, surdos à voz da consciência, pois as Leis de Deus estão gravadas em nossa consciência. No entanto, basta que se tenha um mínimo de fé, uma fé embrionária, mas sincera, reconhecendo com humildade a pequenez desta fé, para que o Cristo que habita dentro de cada um de nós seja despertado e reerga o espírito. Mas é preciso oferecer um mínimo que seja de fé, de boa vontade, assim como vimos no episódio da multiplicação dos pães, em que é necessário contribuirmos com as nossas migalhas.

***“Ó geração incrédula e perversa! até quando estarei ainda convosco e vos sofrirei?”*** - Aqui, como em outras ocasiões, Jesus não está se referindo à geração de pessoas daquele tempo, mas à geração de espíritos. Jesus não está reclamando de ter que aguentar por mais alguns meses a companhia dessas pessoas incrédulas e perversas (pois logo ele iria deixar o mundo carnal). Jesus está se referindo à geração de espíritos que habitam a Terra, pela qual ele é o responsável. Jesus é o res-

ponsável pelos espíritos do planeta. É o irmão mais velho encarregado de nos conduzir a Deus.

Jesus encarnou entre nós para nos ensinar a respeito da nossa natureza divina, do Cristo que temos dentro de nós, e nos deixou um código de ensinamentos morais eternos que, quando forem plenamente seguidos, nos libertarão do domínio da matéria.

Jesus tem ao seu encargo bilhões de espíritos ignorantes e endurecidos, ou, nas suas palavras, “incrédulos e perversos”. Incrédulos pela nossa falta de autonomia, por esperarmos por ajuda externa, por buscarmos fora de nós o que está dentro de nós. Sofremos em consequência de nossos próprios atos.

Noutro sentido, vemos que a nossa fé, mesmo que vacilante, desde que sincera e insistente, como foi o pai do menino, é aumentada, é potencializada pelo auxílio espiritual. Espíritos num grau mais elevado não hesitam em aproximar-se da nossa pequenez espiritual, mesmo que para isso tenham que descer até nós, como Jesus que desceu do monte e encontrou a multidão à sua espera.

Mateus e Marcos contam que os discípulos perguntaram a Jesus porque não tiveram poder sobre o espírito, e Jesus disse que só se tem poder sobre estes espíritos endurecidos através do jejum e da oração. Ou seja, da abstinência dos apelos materiais e da oração que eleva o espírito. Vigiar o aspecto material e manter elevado o aspecto espiritual. Orar e vigiar (Mateus 26:41).

**43. E todos pasmavam da majestade de Deus. E, maravilhando-se todos de todas as coisas que Jesus fazia, disse aos seus discípulos:**

**44. Ponde vós estas palavras em vossos ouvidos, porque o Filho do homem será entregue nas mãos dos homens.**

**45. Mas eles não entendiam esta palavra, que lhes era encoberta, para que a não compreendessem; e temiam interrogá-lo acerca desta palavra.**

Jesus já havia avisado aos seus discípulos o que aconteceria com ele. Pedro, Tiago e João, que o acompanharam em sua comunicação com Elias e Moisés, devem ter ouvido mais detalhes sobre o que lhe aconteceria, mas os outros ainda não entendiam. Mas esta fala de Jesus também se refere a todos nós, ao filho do homem, que somos nós em nosso próximo estágio evolutivo.

Assim como há uma longa transição entre o reino vegetal e o reino animal - o cogumelo, por exemplo, não é nem vegetal nem animal, está num estágio intermediário - assim também nós, que estamos no estágio hominal, não alcançaremos o reino de Deus de maneira brusca, mas o conquistaremos gradualmente.

Nós, neste estágio, também seremos entregues nas mãos dos homens, estaremos junto aos homens em missão para esclarecê-los, guiá-los, auxiliá-los em sua caminhada para Deus.

**“Ponde vós estas palavras em vossos ouvidos”.** - A palavra que Jesus diz que temos que colocar em nossos ouvidos é o Cristo – “palavra” em grego é *logos*, que também designa o Cristo. Ouvir a palavra é estar receptivo a Deus para desenvolvermos o nosso Cristo interno.

**46. E suscitou-se entre eles uma discussão sobre qual deles seria o maior.**

**47. Mas Jesus, vendo o pensamento de seus corações, tomou um menino, pô-lo junto a si,**

**48. E disse-lhes: Qualquer que receber este menino em meu nome, recebe-me a mim; e qualquer que me receber a mim, recebe o que me enviou; porque aquele que entre vós todos for o menor, esse mesmo será grande.**

Vimos há pouco que quem costumava acompanhar Jesus em momentos especiais eram Pedro, Tiago e João, como no episódio da transfiguração. Essa maior proximidade destes três discípulos com Jesus deve ter despertado o ciúme nos outros, por isso logo depois discutiam sobre qual deles seria o maior. Quando Jesus percebeu que eles queriam saber quem era o maior dentre eles, tomou um menino, uma criança.

Essa criança pode representar as crianças espirituais, os pequenos na fé - como o pai do menino obsediado -, nossos irmãos espirituais mais novos, assim como nós somos irmãos mais novos de Jesus.

Quando chegarmos ao estágio de que Jesus nos falou, quando nos tornarmos filhos do homem, seremos responsáveis pelos homens, que são as crianças espirituais. Cuidando dos nossos irmãos menores estaremos cuidando do próprio Cristo, pois o Cristo está dentro de cada um de nós, é a partícula de Deus em nós.

É evidente que não devemos esperar o nosso progresso espiritual para só então cuidarmos dos que são menores do que nós. Pelo contrário. É exatamente cuidando deles que alcançaremos este próximo estágio. A diferença é que então estaremos em missão, e não mais resgatando os nossos próprios erros.

Um dos sentidos do que Jesus falou se referindo à criança é que quem se faz o menor para servir também se torna como as crianças. E quem receber a este que se tornou como criança, quem receber a este que se fez menor para servir ao próximo, recebe o Cristo. Quem recebe o ensino de quem se fez pequeno para servir ao próximo recebe Jesus, e quem recebe Jesus recebe a Deus.

Para ser o maior é preciso ser o menor. Jesus deixou uma imagem clara disso ao lavar os pés dos discípulos, pouco antes de morrer, e dizer: “Ora, se eu, Senhor e Mestre, vos lavei os pés, vós deveis também lavar os pés uns aos outros”. João 13:14

Este ensino de Jesus também se aplica na prática. Devemos receber as crianças que vêm ao mundo por nosso intermédio, ou que são colocadas em nosso caminho, como a irmãos espirituais, irmãos em Cristo.

**49. E, respondendo João, disse: Mestre, vimos um que em teu nome expulsava os demônios, e lho proibimos, porque não te segue conosco.**

**50. E Jesus lhe disse: Não o proibais, porque quem não é contra nós é por nós.**

Jesus estava dizendo que quem recebe a criança em seu nome recebe a ele mesmo. Isso chamou a atenção do apóstolo João. Ele viu um homem que desobediava, afastava os espíritos atrasados em nome de Jesus. E a lição de Jesus é clara: **“Quem não é contra nós é por nós”**.

Se todos os que se dizem seguidores de Jesus seguissem essa orientação do próprio Jesus, haveria menos disputas religiosas. Quase sempre quem se opõe a algum pensamento religioso diferente do seu é por sentir os seus interesses pessoais ameaçados.

**51. E aconteceu que, completando-se os dias para a sua assunção, manifestou o firme propósito de ir a Jerusalém.**

Essa palavra “assunção”, no grego *analípsi*, não tem necessariamente o sentido de subida, mas de aceitação - assumir um encargo, retomar ou dar continuidade a um encargo.

Era uma nova fase na missão de Jesus: **“... manifestou o firme propósito de ir a Jerusalém”**. - Essa expressão “manifestou o firme propósito” é o modo como foram traduzidas duas palavras: *Prôsopon estírisen*.

*Prôsopon* é “pessoa”. Também pode ser traduzido como “rosto”, “cara”, mas referente à pessoa, à personalidade.

*Estírisen* é o verbo que está indicando a fixação, a firmeza.

Parece mais natural traduzir como “fixou a pessoa”, ou “firmou a pessoa”, ou ainda “firmou a personalidade” para ir a Jerusalém.

Jesus preparava-se para ir a Jerusalém, sabia que ia passar por sofrimentos físicos e então fixou, firmou, fortaleceu a sua personalidade, a sua pessoa. O espírito fortaleceu o homem Jesus para se encaminhar para o que o aguardava em Jerusalém.

**52. E mandou mensageiros adiante de si; e, indo eles, entraram numa aldeia de samaritanos, para lhe prepararem pousada,**

**53. Mas não o receberam, porque o seu aspecto era como de quem ia a Jerusalém.**

Jesus mandou mensageiros à sua frente. A palavra grega para mensageiros é *agge-los*, “anjo”. Conforme assinalamos antes, a palavra “anjo” tanto pode designar espíritos encarnados como desencarnados.

Os samaritanos tem origem israelita misturada com outros povos, eram considerados rivais ou mesmo inimigos pelos judeus.

Jerusalém quer dizer “visão da paz”. Samaria quer dizer “torre de vigia”. Para os discípulos de Jesus alcançarem a visão da paz, era preciso que se elevassem, de acordo com o simbolismo da torre, e vigiasssem, pois Samaria quer dizer torre de vigia. Para alcançarem a paz, precisavam orar - para elevarem as suas vibrações - e vigiar. Orar e vigiar para chegar até a paz.

Os samaritanos não permitiram a sua passagem por causa das suas diferenças com os judeus. Era comum que pessoas vindas da Galileia passassem pela Samaria na época da páscoa para irem a Jerusalém.

**54. E os seus discípulos, Tiago e João, vendo isto, disseram: Senhor, queres que digamos que desça fogo do céu e os consuma, como Elias também fez?**

**55. Voltando-se, porém, repreendeu-os, e disse: Vós não sabeis de que espírito sois.**

**56. Porque o Filho do homem não veio para destruir as almas dos homens, mas para salvá-las. E foram para outra aldeia.**

Tiago e João, a quem Jesus chamava “os filhos do trovão” (Marcos 3:17), por serem impulsivos - eram muito jovens - perguntaram a Jesus se podiam fazer descer fogo do céu para consumir aquelas pessoas, mas Jesus os repreendeu.

Essa atitude dos discípulos, somada à atitude anterior de proibir um homem de afastar obsessores em nome de Jesus, demonstra que faltou a estes discípulos justamente orar e vigiar para alcançar a paz.

Também deixa evidente o motivo pelo qual eles não conseguiram afastar o espírito obsessivo do menino: o pouco desenvolvimento espiritual deles.

Isso serve de exemplo para nós. Nós não temos moral para querer doutrinar espíritos se nós não nos doutrinar-mos. Nós não podemos alcançar a paz na base da força.

Tiago e João queriam que descesse fogo do céu para acabar com a cidade. Provavelmente não se importariam se todos morressem por causa de alguns. Era assim no Antigo Testamento, mas não é assim com Jesus. Nós não podemos condenar coletividades por causa de algumas individualidades. Nós não podemos generalizar e condenar grupos de pessoas por causa de alguns de seus componentes.

Samaritanos e Judeus eram próximos, tinham uma origem em comum, cultuavam o mesmo Deus. Mas não se focavam nas semelhanças, apenas nas diferenças. As diversas denominações religiosas que se propõe a seguir Jesus também agem assim, algumas vezes. Ignoramos as muitas coisas que temos em comum para nos focarmos em algumas poucas diferenças.

\*\*\*

A seguir, Lucas nos traz três exemplos de condições para seguir Jesus. Um homem que se oferece para seguir Jesus - que Mateus nos informa se tratar de um escriba - e dois homens a quem Jesus convida para segui-lo.

**57. E aconteceu que, indo eles pelo caminho, lhe disse um: Senhor, seguir-te-ei para onde quer que fores.**

**58. E disse-lhe Jesus: As raposas têm covis, e as aves do céu, ninhos, mas o Filho do homem não tem onde reclinar a cabeça.**

É possível que este homem estivesse oferecendo os seus serviços a Jesus, já que era um escriba, um homem letrado que poderia ser útil a Jesus. Jesus nos fala das características de vida do filho do homem na Terra: o filho do homem (nós, em nosso próximo estágio evolutivo) não tem onde reclinar a cabeça, não tem nenhum vínculo com bens materiais e não é preso a ninguém. Está de passagem pela matéria a serviço do próximo, não tem nada de seu a não ser suas aquisições morais e os conhecimentos e experiências que já conseguiu absorver.

**59. E disse a outro: Segue-me. Mas ele respondeu: Senhor, deixa que primeiro eu vá a enterrar meu pai.**

**60. Mas Jesus lhe observou: Deixa aos mortos o enterrar os seus mortos; porém tu vai e anuncia o reino de Deus.**

Pode-se depreender da frase que o seu pai estivesse próximo de morrer, e que este seguidor de Jesus, que era convidado ao discipulado efetivo, queria desvencilhar-se do que considerava um dever moral.

“Os mortos enterrar os seus mortos” quer dizer que aqueles que estão vivos para a espiritualidade, aqueles que estão despertos para a verdadeira vida, que é a vida espiritual, não devem se preocupar com os mortos na matéria, na carne, com os que dormem para as coisas do espírito, as pessoas que vivem como zumbis, ou como diz o meu amigo Mauro Pilla, os CBDs - come bebe e dorme.

Pode-se traduzir esta frase do grego de outro modo: “que os mortos sepultem os mortos de si mesmos” - os que morreram de si, do espírito, que, embora biologicamente vivos, estão espiritualmente mortos, por estarem completamente desconectados das coisas do espírito.

**61. Disse também outro: Senhor, eu te seguirei, mas deixa-me despedir primeiro dos que estão em minha casa.**

**62. E Jesus lhe disse: Ninguém, que lança mão do arado e olha para trás, é apto para o reino de Deus.**

Quem toma o caminho do Cristo, o caminho reto que leva a Deus, não pode olhar para trás, é um caminho sem volta.

Jesus se utiliza de um exemplo prático que ainda pode ser verificado em nossos dias. O lavrador, para arar a terra em linha reta, não pode olhar para trás. Se olhar para trás, para ver o quanto já fez e o quanto ainda falta, o sulco na terra sai torto. Ou seja, para seguir o caminho reto não se pode olhar para trás. A atenção deve ser apenas para a frente.

Olhar para a frente para preparar a terra para receber a semente. Preparar o caminho para plantar. Colhemos o que plantamos. E se plantarmos em linha reta, colheremos em linha reta.

Este é o maior obstáculo que as pessoas encontram para seguir o caminho do Cristo, para assumir um compromisso de serviço ao próximo, seja consolando, seja esclarecendo: o dever que julgam ter para consigo, para com os pais, cônjuge e familiares.

Mas Jesus já nos disse noutra ocasião que a verdadeira família é a família espiritual (Lucas 8:21). Os verdadeiros laços de afeto são os laços do espírito, não da carne.

Não podemos nos descuidar dos nossos afetos terrenos, mas isso não pode servir de desculpa para nos isentarmos dos nossos compromissos espirituais.



## CAPÍTULO 10

**1. E depois disto designou o Senhor ainda outros setenta, e mandou-os adiante da sua face, de dois em dois, a todas as cidades e lugares aonde ele havia de ir.**

Essa é a chamada “missão dos setenta”, a segunda vez em que Jesus envia os seus discípulos para falar do reino de Deus e para curar os enfermos. Algumas traduções dizem que eram 70, outras que eram 72 discípulos.

Supondo que cada um dos doze discípulos tenha conquistado seis discípulos, chegamos aos 72. Nesta segunda missão, se cada um dos 72 conquistou outros seis discípulos, são 432. 432 mais os 72 são 504.

Na primeira epístola de Paulo aos coríntios ele afirma que Jesus apareceu aos doze e depois a mais de 500 irmãos (1cor 15:5-6).

É fácil perceber que se nos dispuséssemos a fazer isso hoje, cada pessoa conquistar outras seis para a vivência do ensinamento de Jesus, em pouco tempo toda a Terra estaria conquistada e em paz.

**2. E dizia-lhes: Grande é, em verdade, a seara, mas os obreiros são poucos; rogai, pois, ao Senhor da seara que envie obreiros para a sua seara.**

**3. Ide; eis que vos mando como cordeiros ao meio de lobos.**

**4. Não leveis bolsa, nem alforje, nem alparcas; e a ninguém saudeis pelo caminho.**

Jesus não menciona dificuldades em relação ao trabalho, apenas à falta de trabalhadores. Jesus parte do pressuposto de que as pessoas estariam dispostas a ouvir quem se dispusesse a pregar o Evangelho.

Jesus repete algumas orientações de que já tratamos rapidamente no capítulo anterior. Ele recomenda que não saudassem ninguém pelo caminho. As saudações israelitas eram cerimoniais e ocupavam tempo. A advertência de Jesus é em relação à objetividade que deve nortear quem se dispõe a seguir e propagar o seu caminho. Não podemos nos distrair com superficialidades para não perdermos tempo.

**5. E, em qualquer casa onde entrardes, dizei primeiro: Paz seja nesta casa.**

**6. E, se ali houver algum filho de paz, repousará sobre ele a vossa paz; e, se não, voltará para vós.**

O filho da paz é aquele que está preparado para receber a mensagem de paz. Essa expressão filho da paz e o seu significado corroboram a interpretação que damos à expressão “filho do homem”.

Embora Jesus se refira a si mesmo algumas vezes como o filho do homem, esta expressão se refere ao homem no seu próximo estágio evolutivo, ao homem em que há de predominar o espírito sobre a matéria. Do mesmo modo, o filho da paz é aquele em que já predomina o interesse e a receptividade pela paz, pelo pacifismo, pela pacificação.

Jesus diz para saudarmos a casa, e, por extensão, os seus moradores. E se ali não houver um filho da paz, a paz que exteriorizamos voltará para nós.

Sempre recebemos de volta aquilo que emitimos. Se emitirmos bons pensamentos, receberemos bons pensamentos; se emitirmos vibrações de paz, é isso que teremos conosco.

Nossos pensamentos, sentimentos e energias formam em torno de nós um campo eletromagnético que nos identifica para o Universo. Atrairmos inevitavelmente o que for predominante em nosso campo.

**7. E ficai na mesma casa, comendo e bebendo do que eles tiverem, pois digno é o obreiro de seu salário. Não andeis de casa em casa.**

**8. E, em qualquer cidade em que entrardes, e vos receberem, comei do que vos for oferecido.**

**9. E curai os enfermos que nela houver, e dizei-lhes: É chegado a vós o reino de Deus.**

Jesus enfatiza para que digam que o reino de Deus está próximo. Até hoje há pessoas que pensam que o reino de Deus está próximo no tempo, que ele já está chegando, que ele ainda vai chegar.

Mas o reino de Deus está próximo no espaço, pois está dentro de cada um de nós. É o nosso próximo estágio evolutivo, que em alguns de nós já dá os seus primeiros sinais.

**10. Mas em qualquer cidade, em que entrardes e vos não receberem, saindo por suas ruas, dizei:**

**11. Até o pó, que da vossa cidade se nos pegou, sacudimos sobre vós. Sabei, contudo, isto, que já o reino de Deus é chegado a vós.**

**12. E digo-vos que mais tolerância haverá naquele dia para Sodoma do que para aquela cidade.**

**13. Ai de ti, Corazim, ai de ti, Betsaida! Porque, se em Tiro e em Sidom se fizessem as maravilhas que em vós foram feitas, já há muito, assentadas em saco e cinza, se teriam arrependido.**

**14. Portanto, para Tiro e Sidom haverá menos rigor, no juízo, do que para vós.**

**15. E tu, Cafarnaum, que te levantaste até ao céu, até ao inferno serás abatida.**

**16. Quem vos ouve a vós, a mim me ouve; e quem vos rejeita a vós, a mim me rejeita; e quem a mim me rejeita, rejeita aquele que me enviou.**

Jesus alerta para as oportunidades de esclarecimento que chegam até nós e que nós muitas vezes desprezamos. Os seus discípulos estavam visitando as cidades para levar o seu ensinamento para os espíritos do lugar. Quando os moradores daquelas cidades teriam novamente tal oportunidade?

Hoje nós temos acesso ao ensinamento do Cristo praticamente onde quer que estejamos. Com a internet nós temos condições de esclarecimento como nunca houve no planeta. Não se esclarece quem não quer. Não abre o seu coração para as verdades espirituais quem não quer.

Jesus compara essas cidades que não ouviriam os seus discípulos à cidade de Sodoma. O pecado de Sodoma, diferente do que erradamente se diz, não está relacionado a sexo, muito menos à homossexualidade. O chamado pecado de Sodoma é a falta de hospitalidade dos seus habitantes, o mau acolhimento que reservavam aos que a visitavam.

Se Sodoma foi destruída por Deus por receber mal os seus visitantes, muito pior deve ser em relação a quem não recebe o ensinamento de Jesus, a quem fecha os olhos e os ouvidos para as verdades espirituais.

**17. E voltaram os setenta com alegria, dizendo: Senhor, pelo teu nome, até os demônios se nos sujeitam.**

**18. E disse-lhes: Eu via Satanás, como raio, cair do céu.**

**19. Eis que vos dou poder para pisar serpentes e escorpiões, e toda a força do inimigo, e nada vos fará dano algum.**

**20. Mas, não vos alegréis porque se vos sujeitem os espíritos; alegrai-vos antes por estarem os vossos nomes escritos nos céus.**

Quando os discípulos voltaram da sua missão, a sua maior alegria era a constatação de que os espíritos atrasados se sujeitavam a eles pelo nome de Jesus. Jesus os adverte para que não se deslumbrassem com o poder. O poder que temos é poder de Deus, é Deus que se manifesta através de nós. Por isso não devemos abusar dele e nem devemos nos vangloriar de algo que não nos pertence, mas nos é concedido para que o usemos disciplinadamente.

***“E disse-lhes: Eu via Satanás, como raio, cair do céu”.*** - Analisando o texto grego, a melhor tradução nos parece: “Observava satanás, como um relâmpago do céu, caindo”.

Satanás não caiu do céu. Satanás caiu como um relâmpago do céu, satanás caiu tão rapidamente como um relâmpago do céu. Satanás é adversário, é o nosso apego à materialidade, é a escravidão ao mundo dos sentidos, dos prazeres e sensações, ao orgulho e ao egoísmo.

Jesus disse que via o adversário cair, ou seja, via cair por terra o ego, o personalismo. Isso nos lembra que Jesus nos disse que quem o quiser seguir deve negar-se a si mesmo (Lucas 9:23). Pois a negação de si mesmo é exatamente isso: a negação do ego escravizante, a superação do personalismo e a assunção da nossa individualidade divina. Isso é fazer cair o adversário, o nosso inimigo interno.

**21. Naquela mesma hora se alegrou Jesus no Espírito Santo, e disse: Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, que escondeste estas coisas aos sábios e inteligentes, e as revelaste às criancinhas; assim é, ó Pai, porque assim te aprouve.**

Jesus alegrou-se em espírito. Algumas traduções dizem que ele “se alegrou no espírito santo”, ou “com o espírito santo”. A Bíblia de Jerusalém aumenta um pouco e diz que Jesus “exultou de alegria sob a ação do espírito santo”. Mas há textos gregos que dizem, apenas, que Jesus alegrou ou exultou em espírito; não constando a palavra “santo” - ηγαλλιασατο τω πνευματι ο ιησους..

Jesus se alegrou em espírito, ou seja, de uma alegria íntima, espiritual, e agradeceu a Deus por estas verdades espirituais estarem sendo reveladas a pessoas simples, a crianças espirituais.

As verdades espirituais estão ao alcance de todos. Mas assim como há espíritos que não estão preparados para compreender o seu protagonismo na vida, que acreditam que são apenas personagens secundárias numa trama em que Deus decide aleatoriamente sobre o destino de cada um, assim também, e talvez justamente por conta deste primarismo ideológico que ainda predomina, há espíritos que se acham fortes e que tem como motivo de orgulho não acreditar ou fingir não acreditar em nada que não possa ser compreendido pela escassa percepção dos seus cinco sentidos físicos. São os que desenvolvem apenas a intelectualidade, sem perceberem que a própria possibilidade de desenvolvimento intelectual tem uma causa, e que essa causa não pode ser atribuída ao acaso, e que qualquer explicação que se dê a isso sempre vai remontar a uma causa anterior. E a causa primeira de tudo é Deus.

**22. Tudo por meu Pai foi entregue; e ninguém conhece quem é o Filho senão o Pai, nem quem é o Pai senão o Filho, e aquele a quem o Filho o quiser revelar.**

O sentido bíblico de “conhecer” é diferente do que nós geralmente entendemos. Não se trata de conhecer intelectualmente, mas de conhecer intimamente, através da experiência própria.

É assim que o verbo “conhecer” é utilizado, por exemplo, no começo do Gênesis, quando é dito que Adão “conheceu” Eva. Adão já conhecia Eva pelo intelecto, tinha conhecimento da existência de Eva, mas não a conhecia intimamente. Então Adão manteve relações sexuais com Eva, “conheceu” Eva profundamente, na sua natureza íntima. Assim Deus conhece os seus filhos, que são manifestações vivas da sua essência. Assim nós devemos conhecer Deus, buscando o Cristo que habita dentro de cada um de nós, e que é Deus em nós.

**23. E, voltando-se para os discípulos, disse-lhes em particular: Bem-aventurados os olhos que vêem o que vós vedes.**

**24. Pois vos digo que muitos profetas e reis desejaram ver o que vós vedes, e não o viram; e ouvir o que ouvis, e não o ouviram.**

É ainda sobre o conhecimento íntimo de Deus que Jesus está falando. Ter olhos de ver é enxergar por trás do véu da materialidade, é reconhecer a nossa natureza de espíritos imortais criados à imagem e semelhança de Deus, portanto, perfectíveis. Ter ouvidos de ouvir é estar receptivo a Deus, aos ensinamentos deixados pelo Cristo, é permitir que Deus se manifeste através de nós.

Jesus nos disse para sermos perfeitos como Deus é perfeito (Mateus 5:48). Isso quer dizer que temos que imitar Deus, buscando desenvolver as qualidades divinas que temos dentro de nós em estado embrionário.

**25. E eis que se levantou um certo doutor da lei, tentando-o, e dizendo: Mestre, que farei para herdar a vida eterna?**

**26. E ele lhe disse: Que está escrito na lei? Como lêis?**

Jesus sabia o que está escrito na lei e o doutor da lei também sabia. Todos nós sabemos o que está escrito. Mas Jesus pergunta como o doutor da lei lê o que está escrito, como ele percebe o que está escrito.

O primeiro ato da vida pública de Jesus narrado por Lucas é a visita de Jesus à sinagoga de Nazaré. No capítulo 4 nós tomamos conhecimento de que Jesus já havia

começado a sua missão e já estava famoso, mas o primeiro ato narrado por Lucas foi que Jesus chegou à sinagoga e sentou-se para ler.

Que isso nos sirva de lição. Que imitemos este primeiro ato de Jesus de ler, pois é através da leitura que os grandes ensinamentos são passados através de gerações. E agora Jesus pergunta ao doutor da lei: Como lê?

O modo como nós lemos, a nossa intenção ao ler, a escolha da leitura, a receptividade para os grandes ensinamentos, tudo isso determina o proveito que fazemos da leitura.

**27. E, respondendo ele, disse: Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todas as tuas forças, e de todo o teu entendimento, e ao teu próximo como a ti mesmo.**

**28. E disse-lhe: Respondeste bem; faz isso, e viverás.**

**29. Ele, porém, querendo justificar-se a si mesmo, disse a Jesus: E quem é o meu próximo?**

O doutor da lei cita duas passagens do Antigo Testamento:

*“Amarás, pois, o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todas as tuas forças”. Deuteronômio 6:5;*

*“Não te vingará nem guardarás ira contra os filhos do teu povo; mas **amarás o teu próximo como a ti mesmo**. Eu sou o Senhor”. Levítico 19:18*

Esse é o resumo da lei. No Evangelho de Marcos é Jesus quem responde citando estas duas passagens escolhidas pelo doutor da lei.

Para explicar ao doutor da lei quem é o nosso próximo, Jesus nos conta a parábola do bom samaritano:

**30. E, respondendo Jesus, disse: Descia um homem de Jerusalém para Jericó, e caiu nas mãos dos salteadores, os quais o despojaram, e espancando-o, se retiraram, deixando-o meio morto.**

**31. E, ocasionalmente descia pelo mesmo caminho certo sacerdote; e, vendo-o, passou de largo.**

**32. E de igual modo também um levita, chegando àquele lugar, e, vendo-o, passou de largo.**

**33. Mas um samaritano, que ia de viagem, chegou ao pé dele e, vendo-o, moveu-se de íntima compaixão;**

**34. E, aproximando-se, atou-lhe as feridas, deitando-lhes azeite e vinho; e, pondo-o sobre o seu animal, levou-o para uma estalagem, e cuidou dele;**

**35. E, partindo no outro dia, tirou dois dinheiros, e deu-os ao hospedeiro, e disse-lhe: Cuida dele; e tudo o que de mais gastares eu to pagarei quando voltar.**

**36. Qual, pois, destes três te parece que foi o próximo daquele que caiu nas mãos dos salteadores?**

**37. E ele disse: O que usou de misericórdia para com ele. Disse, pois, Jesus: Vai, e faz da mesma maneira.**

Esse homem que foi atacado no caminho descia de Jerusalém. Jerusalém quer dizer “visão da paz”. O homem descia da visão da paz e atravessava um caminho pedregoso e cheio de perigos. E foi ajudado pelo samaritano, que quer dizer “vigilante”, pois Samaria significa “torre de vigia”.

O homem que vigia ajudou o homem que perdeu a paz, o homem que desceu da visão da paz. Antes de mais nada, aprendemos que devemos evitar o caminho de descida da visão da paz.

E descobrimos que não é através dos religiosos tradicionais que seremos socorridos. Quem nos socorrer até pode ser uma pessoa religiosa, nada impede isso, mas o que distingue essa pessoa, de acordo com Jesus, é o fato de ela estar vigilante, ou seja, de colocar em prática o que Jesus nos ensinou em outra ocasião: orar e vigiar (Mateus 26:41).

Para o doutor da lei, como para a maioria, ainda hoje, o próximo é apenas o mais próximo, o que pertence ao mesmo grupo familiar. Jesus nos disse que não há mérito nenhum nisso, pois até os pecadores amam quem os ama (Lucas 6:32). Nosso esforço deve ser em agir como o samaritano, para quem o próximo era quem estava próximo naquele momento.

Quando Moisés libertou o povo da escravidão no Egito e conduziu as doze tribos de Israel pelo deserto em busca da terra prometida, ele designou que a responsabilidade pela religião caberia aos levitas, aos descendentes da tribo de Levi, que, curiosamente, era a sua linhagem. Os sacerdotes eram os descendentes de Arão, irmão de Moisés, e os levitas eram os demais membros da tribo de Levi. Eram todas pessoas responsáveis pela religião, pessoas teoricamente seguidoras das leis de Deus.

Os samaritanos, por sua vez, embora tivessem uma origem em comum com os judeus, haviam se afastado, misturaram-se a outros povos e adquiriram outros costumes.

Mas o que separava os judeus e os samaritanos era principalmente o fato de os samaritanos não aceitarem os livros dos profetas (eles aceitavam apenas a torá, equivalente ao Pentateuco, os cinco primeiros livros da Bíblia) e por não reconhecerem Jerusalém como local de culto (o seu local de culto é Gerizim).

A parábola do bom samaritano é o exemplo perfeito de que não são os rótulos que se dá às pessoas que as torna melhores ou piores.

Também não importa apenas o conhecimento intelectual das leis, pois o sacerdote e o levita, como homens religiosos, conheciam a lei. Mas, em vez de praticarem a Lei de Amor que foi citada há pouco pelo doutor da lei, preferiam praticar apenas as leis de pureza que os proibia de se aproximarem dos estrangeiros, dos mortos e dos doentes.

O apego às leis de pureza da Torá foi o motivo prático pelo qual o sacerdote e o levita evitaram a aproximação com o homem assaltado: ele poderia estar morto ou doente, o que, legalmente, os tornaria temporariamente impuros.

O que importa é a prática da lei maior, assim instituída por Jesus, que é a Lei de Amor. O Amor é Lei de Deus, não lei dos homens, como são as leis de pureza da Torá, que foram instituídas por Moisés.

O samaritano é o modelo ideal de amor ao próximo. Amor desinteressado e incondicional. Não levou em consideração o perigo da estrada, a possibilidade de ser confundido com um assaltante, as diferenças históricas entre judeus e samaritanos, o tempo despendido, o cansaço físico por fazer o caminho de volta a pé, conduzindo o judeu em seu animal, a despesa decorrente do seu ato de caridade.

Apenas fez o que se deve fazer ao próximo, que é amá-lo como a si mesmo. Do mesmo modo que o samaritano gostaria de ser tratado se passasse por aquela situação, assim ele tratou o judeu.

O dia em que conseguirmos agir assim viveremos em comunhão com Deus. É o que Jesus nos manda fazer: ***“Vai, e faze da mesma maneira”***.

**38. E aconteceu que, indo eles de caminho, entrou Jesus numa aldeia; e certa mulher, por nome Marta, o recebeu em sua casa;**

**39. E tinha esta uma irmã chamada Maria, a qual, assentando-se também aos pés de Jesus, ouvia a sua palavra.**

**40. Marta, porém, andava distraída em muitos serviços; e, aproximando-se, disse: Senhor, não se te dá de que minha irmã me deixe servir só? Dize-lhe que me aju-**



de.

**41. E respondendo Jesus, disse-lhe: Marta, Marta, estás ansiosa e afadigada com muitas coisas, mas uma só é necessária;**

**42. E Maria escolheu a boa parte, a qual não lhe será tirada.**

A diferença entre essas duas irmãs representa os interesses que tomam a nossa atenção durante a vida.

Maria não perde a oportunidade de aprendizado espiritual. Encontrou o Cristo e isso para ela é o mais importante.

Marta ainda é escrava das obrigações materiais. Sua intenção é servir o Cristo, é agradar o Cristo, ainda vê o Cristo de longe, como algo fora de si mesma. E como a pessoa que tem inúmeros afazeres religiosos, que pratica a caridade material, mas que ainda não encontrou o Cristo em sua intimidade, não tem o conhecimento íntimo de Deus.

Nós vimos que o samaritano prestou um serviço material ao próximo, mas samaritano quer dizer vigilante. O serviço prestado ao próximo não deve nos afastar do contato íntimo com o Cristo.

## CAPÍTULO 11

**1. E aconteceu que, estando ele a orar num certo lugar, quando acabou, lhe disse um dos seus discípulos: Senhor, ensina-nos a orar, como também João ensinou aos seus discípulos.**

**2. E ele lhes disse: Quando orardes, dizei: Pai nosso, que estás nos céus, santificado seja o teu nome; venha o teu reino; seja feita a tua vontade, assim na terra, como no céu.**

**3. Dá-nos cada dia o nosso pão cotidiano;**

**4. E perdoa-nos os nossos pecados, pois também nós perdoamos a qualquer que nos deve, e não nos conduzas à tentação, mas livra-nos do mal.**

A oração ensinada por Jesus, que convencionamos chamar de “Pai Nosso”, está nos Evangelhos de Mateus e de Lucas. Em Mateus nós encontramos sete petições, é a forma mais completa a que nós estamos habituados. Em Lucas, originalmente, são apenas cinco petições. Pela importância do estudo desta oração e dos ensinamentos contidos nela, vamos analisar a versão de Mateus.

Em Mateus a oração está dentro do sermão da montanha, ou sermão do monte, que é a parte do Evangelho de Mateus em que ele reuniu a maior parte do ensinamento moral de Jesus. Mateus nos conta que Jesus nos alertou para que não

oremos para chamar a atenção, e que não adianta repetir muitas vezes as mesmas palavras e frases, pois não é por falarmos muito ou por gritarmos que nós seremos ouvidos por Deus.

*“Pai nosso que estás nos céus”.*

É diretamente a Deus que estamos nos dirigindo. É uma invocação a Deus que será seguida de sete petições a Deus.

Emmanuel nos ensina que o supremo doador da vida deve constituir, para nós todos, o princípio e a finalidade de nossas tarefas.

Jesus não nos dá, em momento algum, explicações filosóficas a respeito da natureza de Deus. A primeira pergunta de O Livro dos Espíritos é: - Que é Deus? - E a resposta dos espíritos é objetiva: - Deus é a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas. Logo adiante eles alertam que não podemos duvidar da existência de Deus e que isso é o essencial, não podemos ir além disso. Não temos condições de ir além disso.

E qual é o modo como Jesus se refere a Deus? Como Pai. Jesus nos apresenta o Creador como o Pai de todos nós. Um Pai amoroso e bom, que tudo provê aos seus filhos, que sempre nos oferece novas oportunidades para o nosso aprendizado.

É ao Pai que nos dirigimos na oração. E este Pai é nosso, não é somente meu ou seu, é Pai de todos nós; consequentemente, somos irmãos espirituais. Temos a mesma paternidade divina.

*“Que estás nos céus”.*

No texto original grego a palavra traduzida como céus é *ouranós* – que não é um lugar definido, mas é a atmosfera que envolve a Terra. Representa o espaço infinito, pois Deus está em toda parte.

*“Santificado seja o teu nome”.*

O sentido original da palavra “santo” é todo, inteiro, universal, integral. Na Bíblia, santo é tudo o que é dedicado a Deus.

Nome, na Bíblia, é a manifestação externa da realidade interna. É a manifestação da essência em forma de existência. É assim com os nomes de cidades e de pessoas.

Jesus, por exemplo, quer dizer “Deus salva”. O nome Jesus é a manifestação externa da sua realidade interna de salvador enviado de Deus.

O nome Jesus é a manifestação da essência do Cristo em Jesus em forma de existência do homem Jesus.

O nome de Deus, então, é a manifestação de Deus, é a essência de Deus manifestada em forma de existência. Tudo o que existe é manifestação da existência de Deus. Foi Deus quem criou tudo, então tudo é sua manifestação.

Desejar que o nome de Deus seja santificado, então, é desejar a manifestação de Deus, que é toda a sua criação, reconhecida por todos como prova da grandeza de Deus. É desejar que a criação de Deus seja universalmente aceita, é desejar que toda a humanidade, que é o ápice da criação de Deus, de acordo com o nosso entendimento, reconheça entre seus próprios membros individualidades da integralidade da criação.

O nome de Deus é a sua manifestação. E a manifestação de Deus mais apta a reconhecer a sua própria origem divina é justamente a humanidade, são os espíritos que têm dentro de si a partícula divina. Todos nós somos filhos de Deus, criados à sua imagem e semelhança, portanto, perfectíveis. Temos a fagulha divina dentro de nós, que é o nosso Cristo interno.

Encontramos as leis de Deus em nossa consciência, conforme nos lembra a questão 621 de O Livro dos Espíritos. E conforme vamos ouvindo a voz da nossa consciência, vamos nos dando conta da veracidade do ensinamento maior de Jesus que é “amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos”.

E esse ensinamento de Jesus também está contido nesta oração quando dizemos:

“Pai nosso que estás nos céus, santificado seja o teu nome”. Em primeiro lugar, acima de tudo, o Pai. Em segundo, e como consequência natural, o nosso próximo, que é a manifestação de Deus, as suas criaturas - os espíritos encarnados e desencarnados.

Que nós, como manifestações de Deus que somos, sejamos santificados, que nos santifiquemos, ou seja, que nos voltemos e nos dediquemos totalmente a Deus.

*“Venha o teu reino”.*

Jesus disse que o reino de Deus está dentro de nós (Lucas 17:21). Se nós somos filhos de Deus, criados à imagem e semelhança de Deus, é evidente que o reino de

Deus está dentro de nós, que o reino de Deus já existe, e que cabe a nós nos envolvermos a ponto de poder vivê-lo.

O reino de Deus é o nosso próximo estágio evolutivo, e para conquistá-lo devemos conquistar a nós mesmos.

Nossa individualidade divina deve se sobrepor e transformar a nossa personalidade egoística.

O reino de Deus é o domínio do espírito sobre a matéria. O apego às coisas materiais, a escravidão aos desejos, sensações e emoções materiais é o adversário interno que temos que vencer. O orgulho, o egoísmo e a vaidade, que são o que Jesus chamou de *satanás*, que quer dizer “adversário”.

“Venha o teu reino”, ou, como também é traduzido, “venha a nós o vosso reino” é a segunda petição que fazemos a Deus nesta oração. Isso deve acontecer para que nós possamos realizar a primeira petição, que é ver em cada criatura, em cada espírito, um irmão, um filho de Deus como nós, uma manifestação individualizada de Deus.

Quando alcançarmos o reino de Deus o nome de Deus será santificado, ou seja, compreenderemos e aceitaremos a presença de Deus em toda a criação.

*“Seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu”.*

Seja feita a vontade de Deus, não a nossa vontade. Se a nossa vontade for de acordo com as leis de Deus estaremos trilhando o caminho reto que leva a Deus e a nossa vontade será atendida, pois então a nossa vontade será a livre manifestação de Deus através de nós. Nossos pensamentos, palavras e ações devem estar de acordo com as Leis de Deus.

Que a vontade de Deus se torne realidade física assim como ela é realidade em nossos pensamentos.

Pela Lei de causa e efeito todos os nossos pensamentos, que são causas, produzem palavras e ações, que são efeitos. Nossos pensamentos devem estar sempre voltados a Deus para que a vontade de Deus se manifeste em nossa realidade física.

“Assim na terra como no céu”. Assim no físico como é na mente.

A vontade de Deus é o progresso. O nosso destino é a felicidade. Não temos escolha sobre se seremos felizes ou não. Todos seremos felizes. Nossa decisão é apenas sobre a questão do tempo que levaremos para sermos felizes.

O livre-arbítrio, em última análise, nada mais é do que o recurso de que dispomos para definir o tempo que investiremos até conquistarmos a felicidade.

Não temos escolha real entre fazer ou não fazer a vontade de Deus. Todos nós teremos que fazer a vontade de Deus, mais cedo ou mais tarde. Nossa escolha é justamente a respeito da maneira de fazermos a vontade de Deus.

Se tivermos fé, que quer dizer fidelidade, lealdade e obediência, estaremos fazendo a vontade de Deus espontaneamente, de boa vontade e com prazer.

Se teirmos em considerar o mundo físico como uma colônia de férias, em que nos esforçamos para esquecer a nossa realidade e ter o máximo possível de prazer material, esquecendo-nos das coisas do espírito, levaremos mais tempo para fazermos a vontade de Deus, e seremos avisados, de tempos em tempos, através do mecanismo da dor, de que estamos nos desviando do caminho reto das Leis de Deus.

A dor é isso: um mecanismo que nos avisa quando estamos nos desviando do caminho reto das leis de Deus. Enquanto cultivarmos o orgulho e o egoísmo estaremos sujeitos à dor.

Nesta terceira petição estamos pedindo, portanto, que a nossa vontade seja o mais próximo possível da vontade de Deus, que a nossa vontade venha mesmo a coincidir com a vontade de Deus.

A vontade de Deus é sempre boa. Quando acontecem coisas que não são boas, devemos buscar as suas causas em nós mesmos, pois nós colhemos o que plantamos.

E não nos esqueçamos de que as aparentes dificuldades são os nossos mais eficazes meios de aprendizado. Estamos aqui para aprender. Revestimos um corpo transitório, mas somos espíritos imortais. Animamos uma personalidade transitória, mas temos o Cristo dentro de nós.

Seja feita a vontade de Deus na nossa personalidade assim como é no nosso Cristo interno.

*“O pão nosso de cada dia nos dá hoje”.*

Aqui nós encontramos um grave erro de tradução. A maior parte das traduções traz “o pão nosso de cada dia” ou “o pão nosso cotidiano”.

A palavra grega que é traduzida como “de cada dia” ou “cotidiano” é *epiousion*. Esta palavra só existe aqui.

Na Vulgata de São Jerônimo, que foi a tradução “autorizada” da Bíblia para o latim, na virada do século quarto para o século quinto, A palavra grega *epiousion* foi traduzida como *sobresubstantiale* em Mateus e como *quotidianum* em Lucas.

O que leva alguém a traduzir uma mesma palavra, no mesmo contexto, para expressões tão diferentes, é um mistério. Na verdade, sabemos que Jerônimo fez a sua tradução às pressas, o que acarretou este e outros descuidos. Se houvesse má intenção por parte de Jerônimo, certamente a tradução equivocada estaria nos dois Evangelhos.

Champlim informa que na versão siríaca antiga a tradução é “o pão nosso duradouro”. Outras versões trazem “o pão nosso de amanhã”.

Esta palavra *epiousion* é formada por *epi* que quer dizer “sobre”, “acima”, “além de”, e *ousia*, que quer dizer “substância”.

No Evangelho de João, no episódio chamado “o pão da vida”, Jesus nos diz que “o pão de Deus é aquele que desce dos céus e dá vida ao mundo” (João 6:33). E diz mais de uma vez: “Eu sou o pão da vida” (João 6: 35:48).

É o Cristo que está falando. Jesus se cristificou totalmente, é pura manifestação de Deus. E é isto que ele está falando: O pão de Deus que desce do céu e dá vida ao mundo é o Cristo. É o fenômeno Vida, manifestação de Deus que está em todas as coisas e que nós temos o poder de desenvolvermos dentro de nós conforme vamos nos conscientizando.

*Epiousion* é o pão sobressubstancial, ou “o pão além da substância”, o alimento do espírito.

Não é pão material que Jesus nos ensina a pedir. Logo adiante, neste mesmo capítulo de Mateus, Jesus diz: “Não andeis cuidadosos quanto à vossa vida, pelo que haveis de comer. Não é a vida mais que o mantimento?” (Mateus 6:25). Jesus não iria nos ensinar a pedir pão a Deus para um minuto depois desdizer o que disse e aconselhar que não nos preocupemos com o que comeremos.

Deus sabe o que precisamos. Esta oração que Jesus nos ensina é um método de contatar com Deus, de entrar dentro de nós mesmos e nos harmonizarmos com Deus. Não é uma fórmula para pedir coisas materiais. Nós veremos que para coisas mais imediatas Jesus nos deixa outro precioso ensinamento que iremos analisar logo a seguir.

Pedimos a Deus, então, o alimento espiritual. O alimento espiritual de que necessitamos para conseguirmos entrar em harmonia com a vontade de Deus (terceira petição), conquistar o reino de Deus (segunda petição), e ver em todas as criaturas a manifestação de Deus Pai (primeira petição).

Temos três petições iniciais puramente espirituais, uma petição intermediária, que é o alimento do espírito, e três petições finais que dizem respeito ao nosso esforço de evolução no mundo material.

Tratemos delas agora.

*“Perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores”.*

A necessidade do perdão é tão urgente e imprescindível que Jesus, imediatamente após o ensino da oração, repete esta recomendação: “Porque, se perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai celestial vos perdoará a vós; se, porém, não perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai não vos perdoará as vossas ofensas” (Mateus 6:14-15).

Já vimos que quem nos julga é a nossa própria consciência. E o parâmetro que a nossa consciência segue para nos julgar é o parâmetro que nós utilizamos para julgar o outro.

Por isso Jesus também disse: “Não julgueis, para não serdes julgados, porque com o juízo com que julgardes sereis julgados, e com a medida com que tiverdes medido vos medirão a vós” (Mateus 7:1-2).

Jesus não repetiria esta recomendação com tanta ênfase se ela não fosse decisiva para a nossa libertação. Aliás, este é o sentido da palavra perdão: Libertação.

Para nos libertarmos de nossos próprios erros precisamos reparar os nossos erros. E para perdoarmos os erros dos outros temos que ter consciência de que enquanto ficarmos ligados aos erros cometidos por eles nós iremos sofrer as consequências destes erros.

Mesmo que os efeitos diretos destes erros já tenham passado há muito tempo, ou, ainda, mesmo que estes erros não tenham surtido efeitos práticos contra nós, enquanto nós estivermos ligados a eles nós sofreremos as consequências deles.

Perdoar é libertar-se-se. As Leis de Deus se manifestam através da nossa consciência. Para que a nossa consciência nos perdoe nós precisamos perdoar. Por isso pedimos a Deus que ele nos perdoe assim como nós perdoamos.

Isso acontece automaticamente, não precisamos pedir a Deus que isso aconteça. Esta oração de Jesus é um resumo perfeito de tudo o que precisamos nos conscientizar em nosso atual estágio evolutivo. Essa conscientização tem que ser permanente.

O próprio Jesus se recolhia muitas vezes para orar. Se Jesus que é Jesus fazia isso, nós, imperfeitos que somos, temos que nos lembrar a toda hora de nossos propósitos espirituais.

*“E não nos conduzas à tentação”.*

Quase todas as traduções que consultamos trazem “não nos induzas em tentação” ou “não nos introduzas em tentação” ou “não nos conduzas em tentação”.

Rohden defende ardorosamente que há erro de escolha do verbo por parte de quem escreveu o Evangelho por não admitir que Deus induza alguém em tentação ou provação.

Lembramos que Jesus foi tentado no deserto, mas essa tentação tem o sentido de provação.

Todos nós somos submetidos a provas, e neste sentido seria estranho pedir a Deus que não nos submeta a provas, pois sabemos que precisamos passar por provas para progredirmos.

Estamos num planeta de provas. Desde a infância somos submetidos a provas na escola, precisamos superar provas para passarmos de nível, e assim em todos os aspectos de nossas vidas, durante toda a nossa vida, como encarnados ou desencarnados.

O Haroldo Dutra Dias, se referindo à expressão “não nos introduzas” diz que se trata de um semitismo, uma característica da linguagem do povo de Jesus que, embora se utilize de um verbo com a aparência de causa, o seu sentido é de per-



missão - não permita que eu entre, que eu me torne vítima, que eu esteja em poder da tentação.

Essa interpretação do Haroldo é sustentada pela Bíblia de Jerusalém. Fiquemos, então, com eles: “não nos deixeis cair em tentação”.

Não nos deixeis cair quando estivermos em tentação. As tentações são as provas a que estamos submetidos. Somos constantemente submetidos a provas de toda espécie. É por meio delas que forjamos o nosso caráter, é superando as provas que nos fortalecemos.

“Não nos deixeis cair em tentação”, ou seja, que não caiamos quando estivermos sendo submetidos a provas, que aguentemos firme as provas da vida, que saibamos usar de nossas forças para superarmos os períodos de provas mais duras.

Sabendo que as provas são inevitáveis, que os problemas fazem parte do cotidiano dos habitantes deste planeta, Jesus nos ensinou a pedir especialmente isso: que nossas forças internas sejam suficientemente mobilizadas a ponto de nos sustentarmos de pé durante as provas, de não cairmos, de superarmos os momentos de adversidades sem nos rebaixarmos.

Esse pedido é, ao mesmo tempo, implicitamente, uma súplica a Deus para que não nos mande provas muito duras, difíceis demais de suportar. Que os problemas, que são inevitáveis e fazem parte da estrutura da vida na Terra, não sejam esmagadores, que não venham todos de uma vez só, para que tenhamos condições físicas, morais e intelectuais para solucioná-los.

*“Mas livra-nos do mal”.*

Pedimos para não cairmos quando estivermos em tentação, quando estivermos sendo submetidos a provas, mas temos que manter em mente que as provas são necessárias.

Não há outro meio de avançarmos em nosso atual estágio evolutivo. Se de um momento para o outro cessassem as provas, nós ficaríamos estagnados. Sem o estímulo necessário para avançarmos, permaneceríamos onde estamos.

E é para prevenir que isso não aconteça que Jesus nos ensinou esta sétima e última petição: “livrai-nos do mal” - livra-nos do mal de permanecermos estagnados, de fugirmos das provas e nos conformarmos com o estágio em que estamos atualmente.

Não queremos cair quando estivermos em tentação, quando estivermos atravessando uma prova, mas que tenhamos forças para encarar as provas que a Vida nos apresenta e assim nos livrarmos do mal da estagnação evolutiva.

Esta oração que Jesus nos ensinou é totalmente espiritual. Não se refere às coisas materiais. Jesus nos disse que buscássemos o reino de Deus e todas as outras coisas nos seriam dadas por acréscimo (Lucas 12:31). Esta oração é para quem busca o reino de Deus. Se buscarmos o reino de Deus teremos condições mentais de receber naturalmente as outras coisas.

Buscando o reino de Deus nos elevamos vibracionalmente. Com as vibrações elevadas formatamos nossa mente para que crie condições de atrair as outras coisas de que necessitamos em nossa passagem pela matéria. Espiritualmente elevados criamos em nós mesmos condições ideais para mentalizar. E é sobre mentalização o próximo ensinamento de Jesus.

Depois de nos ensinar sobre as coisas do reino de Deus, agora ele nos ensina sobre as demais coisas.

**5. Disse-lhes também: Qual de vós terá um amigo, e, se for procurá-lo à meia-noite, e lhe disser: Amigo, empresta-me três pães,**

**6. Pois que um amigo meu chegou a minha casa, vindo de caminho, e não tenho que apresentar-lhe;**

**7. Se ele, respondendo de dentro, disser: Não me importunes; já está a porta fechada, e os meus filhos estão comigo na cama; não posso levantar-me para tos dar;**

**8. Digo-vos que, ainda que não se levante a dar-lhos, por ser seu amigo, levantar-se-á, todavia, por causa da sua importunação, e lhe dará tudo o que houver mister.**

Pode parecer estranho alguém bater à porta de um amigo à meia-noite para pedir três pães. Devemos lembrar que naquele tempo não havia comércio como hoje. As mulheres costumavam assar o pão necessário para o dia, então raramente sobrava.

Este que vai pedir os pães recebeu em casa um amigo. Era dever oferecer pousada e refeição ao visitante. O dever de hospitalidade era sagrado para aquele povo. O pecado de Sodoma, que alguns apressados pensam se tratar da homossexualidade, é, na verdade, a falta de hospitalidade. Deus destruiu as cidades de Sodoma e Gomorra pela sua falta de hospitalidade.

Nós vimos no capítulo anterior que Jesus mandou os 72 discípulos pregar o Evangelho e recomendou a eles que se hospedassem na casa de alguém e que comessem o que lhes oferecessem. Isso demonstra que era um dever do anfitrião oferecer alimento ao hóspede.

Pois este homem recebeu um amigo em casa e não tinha nada a lhe oferecer, então recorreu a outro amigo sem se importar com a hora.

Este outro amigo já estava deitado com os seus filhos. Parece se tratar de uma casa de um só cômodo, e podemos imaginar uma cama muito grande, como era comum naquele tempo, não só entre os israelitas, uma espécie de plataforma em que várias pessoas dormiam juntas.

As portas eram fechadas por dentro com trancas e tramelas, estava escuro, não havia luz elétrica como hoje. Se o dono da casa levantasse para pegar os pães certamente acordaria a todos os que estavam dormindo.

Mas, pela insistência do outro, acha melhor levantar e atendê-lo. Não exatamente por ser seu amigo, mas para evitar um incômodo maior que seria a insistência daquele que pedia. Sabendo do dever de hospitalidade, e que, portanto, o homem não desistiria dos pães enquanto não fosse atendido, ele resolve atendê-lo.

Essa parábola é uma lição clara acerca da mentalização. Precisamos mentalizar com a mesma insistência que o homem teve para conseguir os pães. Não basta desejarmos. É preciso querermos com todas as nossas forças, e mentalizarmos aquilo que queremos, e insistirmos incansavelmente.

Existem inúmeros livros que tratam do assunto, mas poucos confessam que são baseados nessas palavras que Jesus nos deixou.

O amigo que não quer ser incomodado é como o desejo que não é atendido de imediato. Não há condições em nosso subconsciente para que o pedido seja satisfeito de imediato.

André Luiz afirma que o nosso subconsciente é a soma de todas as nossas experiências; de todas as nossas reencarnações e dos intervalos entre elas. Tudo o que já sentimos, pensamos, falamos e fizemos está registrado lá.

É o nosso subconsciente que determina o que somos, pois ele é o repositório de tudo o que pensamos, e nós somos o que pensamos. Nas palavras de Emmanuel, “somos o que decidimos; possuímos o que desejamos; estamos onde preferimos; e encontramos a vitória, a derrota ou a estagnação conforme imaginamos”.

Se quisermos realizar uma mudança mental, se quisermos adquirir novo modo de encarar as coisas, outra maneira de nos portarmos frente aos problemas, outro tipo de reação às nossas fraquezas, se quisermos, enfim, mudar o nosso padrão de pensamentos, devemos reprogramar o nosso subconsciente. É isso que Jesus diz na parábola.

Mesmo que o amigo que foi importunado (que representa o subconsciente) não atenda de imediato, por não estar acostumado a isso, por não querer importunar os seus filhos (que são os pensamentos antigos - os filhos do subconsciente são os pensamentos antigos, costumeiros, os pensamentos viciados de sempre), se insistirmos ele atenderá.

O pedido feito ao amigo (o pedido é a mentalização) deve ser mais forte, mais vivo, mais insistente que a vontade do subconsciente de permanecer como está, de permanecer com os dados a que está acostumado.

**9. E eu vos digo a vós: Pedi, e dar-se-vos-á; buscai, e achareis; batei, e abrir-se-vos-á;**

**10. Porque qualquer que pede recebe; e quem busca acha; e a quem bate abrir-se-lhe-á.**

Pedimos, como um desejo que queremos ver satisfeito; buscamos, através do nosso esforço pessoal para a conquista; e batemos à porta com insistência para que sejamos atendidos.

Isso pode ser visto como modo de conquistar coisas materiais. O progresso material faz parte do nosso processo de aprendizado. Jesus nos ensinou o Pai Nosso, que é todo espiritual, e nos ensina a mentalização para conquistarmos o que for necessário para a nossa subsistência e progresso.

Mas o sentido mais profundo deste ensinamento se refere à mudança no padrão de pensamentos. Está ao nosso alcance a modificação do modo de pensar. Só depende de nós mesmos a alteração da maneira como percebemos as coisas, as pessoas, a vida, o mundo.

Para que a Vida nos seja generosa e mais amena, precisamos mentalizar positivamente. A maneira torta e atravessada que muitos têm de receber as coisas que a vida oferece, a forma caolha de ver as pessoas e as situações atrai cada vez mais dificuldades.

**11. E qual o pai de entre vós que, se o filho lhe pedir pão, lhe dará uma pedra? Ou, também, se lhe pedir peixe, lhe dará por peixe uma serpente?**

**12. Ou, também, se lhe pedir um ovo, lhe dará um escorpião?**

**13. Pois se vós, sendo maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais dará o Pai celestial o Espírito Santo àqueles que lho pedirem?**

Recebemos da Vida o que pensamos dela. Temos que ter muito cuidado, todos os dias de nossas vidas, com o que passa por nossas cabeças. A última recomendação de Jesus aos seus discípulos, antes de ser crucificado, foi para vigiar e orar.

O que pensamos, o que mentalizamos determina o tipo de vida que teremos.

Quantas pessoas passam os dias reclamando de tudo e de todos, se queixando da vida, do mundo, das pessoas, dos preços, do governo, dos políticos, das doenças, do trabalho, do marido, dos filhos, do cachorro, do gato?

Como essas pessoas querem que algo de bom lhes aconteça se tudo o que elas mentalizam é negativo?

Somos os responsáveis pelos nossos próprios erros, e a maior parte dos nossos erros começa nos pensamentos negativos. Colhemos o que plantamos, sempre.

Jesus termina este ensinamento afirmando que Deus nos concede o apoio dos bons espíritos aos que pedem a sua proteção. Espírito santo, aqui, novamente, no texto grego, é escrito sem artigo. Trata-se, então, de “um” espírito santo, de um espírito dedicado a Deus.

Se nós, seres falíveis, damos coisas boas aos nossos filhos, Deus, que é pai de todos, nos concede um espírito bom para nos guiar pelo caminho.

Estes ensinamentos, se forem seguidos com fé e persistência, são suficientes para transformarem a vida de qualquer pessoa.

**14. E estava ele expulsando um demônio, o qual era mudo. E aconteceu que, saindo o demônio, o mudo falou; e maravilhou-se a multidão.**

**15. Mas alguns deles diziam: Ele expulsa os demônios por Belzebu, príncipe dos demônios.**

Belzebu era o deus dos filisteus, ou, melhor dizendo, era o espírito protetor daquele povo, assim como Javé era o espírito protetor dos israelitas. Havia uma grande rivalidade entre israelitas e filisteus, e essa rivalidade era transmitida aos seus deuses.

Essa acusação ridícula de que Jesus agia por meio de Belzebu é comum ainda hoje. Pessoas menos esclarecidas confundem o trabalho de doutrinação ou desobsessão de espíritos desencarnados com exorcismos, e em sua ignorância apressada imaginam os espíritos - que somos nós mesmos, despojados do corpo físico - como se fossem demônios ou capetas, seres sobrenaturais que povoam suas imaginações assustadiças.

**16. E outros, tentando-o, pediam-lhe um sinal do céu.**

**17. Mas, conhecendo ele os seus pensamentos, disse-lhes: Todo o reino, dividido contra si mesmo, será assolado; e a casa, dividida contra si mesma, cairá.**

**18. E, se também Satanás está dividido contra si mesmo, como subsistirá o seu reino? Pois dizeis que eu expulso os demônios por Belzebu.**

**19. E, se eu expulso os demônios por Belzebu, por quem os expulsam vossos filhos? Eles, pois, serão os vossos juízes.**

**20. Mas, se eu expulso os demônios pelo dedo de Deus, certamente a vós é chegado o reino de Deus.**

Apesar de todas as purificações e curas espirituais que Jesus fazia na frente de todos, ainda pediam um sinal a ele. Queriam um grande prodígio, um sinal do céu.

Jesus, que pela sua imensa superioridade, já estava completamente livre de vaidades e falsos valores humanos, não se deixava envolver pelos descrentes de plantão.

No meio espírita ainda é comum que muitas pessoas estejam interessadas em fenômenos mediúnicos, sem saberem que o objetivo do Espiritismo é a evangelização, é a interiorização e a prática do ensinamento de Jesus.

Jesus expõe o absurdo das suas acusações, pois, como ele mesmo disse outra vez, “pelo fruto se conhece a árvore” (Lucas 6:44).

Como é que satanás faria algo contra ele mesmo? Se o fruto é bom, a árvore é boa; pela ação se conhece o agente. Isto ainda é válido para os detratores do Espiritismo. Se o Espiritismo prega a moral do Cristo em sua pureza original, como é encontrada nos Evangelhos, sem teologias e dogmas, como sustentar que o Espiritismo seja obra do diabo?

Mas o fato é que Jesus não atendia aos pedidos fúteis de sinais do céu. Nós também não devemos nos deixar levar pela vaidade ou pretensão de poder (que não é

nosso, mas de Deus), e abusarmos da fenomenologia mediúnica para agradar curiosos, para arrebanhar prosélitos.

Pela fala de Jesus notamos que os judeus tinham práticas de exorcismo, e sabemos que eles utilizavam-se de fórmulas. Jesus afirma que expelia os demônios *“pelo dedo de Deus”*.

Sabemos que eles chamavam de demônios aos espíritos dos homens perversos - eram os espíritos atrasados, os obsessores. Jesus os afastava instantaneamente, apenas com o seu magnetismo e autoridade.

Mas deixa o recado para nós. A desobsessão deve ser realizada *“com o dedo de Deus”*, ou seja, em nome de Deus. Temos que nos imbuirmos do propósito de servir como instrumentos de Deus, veículos da manifestação de Deus.

Tudo de bom, de positivo que acontece por nosso intermédio é obra de Deus. Somos apenas ferramentas imperfeitas de que Deus se serve. A infinita generosidade de Deus permite que sejamos úteis apesar de nossa pequenez espiritual.

O *“dedo de Deus”* é a manifestação de Deus em nossas vidas, e essa manifestação ocorre todos os dias, desde que estejamos receptivos a percebê-la, aceitá-la e assimilá-la.

Não temos condições de compreender a Deus. Mas o pressentimos através da prática da leitura edificante que nos eleva o espírito; através do estudo que nos aproxima mais do conhecimento das Leis de Deus, perfeitas e imutáveis; através da oração, em que entramos em contato com os espíritos superiores a nós, instrumentos de Deus mais próximos dEle; através da meditação, em que sentimos o nosso Cristo interno, que é a partícula de Deus em nós; através da prática da caridade, em que ousamos dar de nós ao próximo, numa tímida imitação de Deus, que dá de si mesmo aos seus filhos.

A caridade é indispensável para quem pretende se dizer crente em Deus. A ausência da caridade é o ateísmo prático. Mesmo que alguém se diga crente em Deus, se não fizer nada pelo seu próximo, se não der de si mesmo ao seu próximo, é, na prática, um ateu.

Porque ter fé em Deus pressupõe obediência, fidelidade, lealdade, e isso é imitar Deus na medida de nossa capacidade. Quem não é obediente, fiel, leal a Deus, imitando Deus através da caridade, é partidário de um ateísmo prático que é mais

nefasto que o ateísmo ideológico assumido por muitas pessoas boas e caridosas, que não creem em Deus por não tê-lo compreendido.

Nós, particularmente, confessamos que se a única visão de Deus que nós tivéssemos conhecido fosse a imagem do deus que passa a vida apanhando do diabo, como é o deus pregado pelos fundamentalistas, nós também seríamos ateu.

Jesus afastava os espíritos obsessores. Hoje, pelo amor de Jesus, procuramos esclarecer os espíritos obsessores, muitas vezes vítimas de outras existências das pessoas a que hoje perseguem.

Isto só é possível pelo conhecimento proporcionado por Jesus de que o reino de Deus está dentro de nós e que compete a nós mesmos nos desenvolvermos moralmente, resgatando espontaneamente os nossos erros do passado, ajudando aos que necessitam, e que muitas vezes foram prejudicados por nós mesmos no passado.

A elevação moral é que nos permitirá viver o reino de Deus, que é o nosso próximo estágio evolutivo, em que as coisas do espírito hão de predominar naturalmente sobre as coisas da matéria.

**21. Quando o valente guarda, armado, a sua casa, em segurança está tudo quanto tem;**

**22. Mas, sobrevindo outro mais valente do que ele, e vencendo-o, tira-lhe toda a sua armadura em que confiava, e reparte os seus despojos.**

**23. Quem não é comigo é contra mim; e quem comigo não ajunta, espalha.**

Podemos perfeitamente compreender esta casa a que se refere Jesus como a nossa casa mental.

A segurança da nossa casa mental é proporcional à vigilância sobre os nossos pensamentos, palavras e ações. Vigiai e orai, nos recomendou Jesus. Se nossa proteção não for esta recomendada por Jesus, inevitavelmente ela será frágil e poderá ser vencida por alguma mente mais forte que a nossa.

Assim ocorrem os processos obsessivos nos seus estágios mais graves, como a subjugação e a possessão.

Alguém pode estranhar que Jesus afirme, aqui, **“quem não é comigo é contra mim”**. Mas esta observação se dirige ao livre-arbítrio que temos e que deve optar pelo bem ou pelo mal.



Como nos ensina Emmanuel, entre o bem e o mal não há neutralidade. Emmanuel nos diz que “quem não edifica o bem, só por essa omissão já está forjando o mal, em forma de negligência”.

**“Quem comigo não ajunta, espalha”.** – o verbo “ajunta” é tradução do grego *synagon* (συναγωγν), de onde vem a palavra “sinagoga”, que é o local de culto dos judeus, e que, numa tradução livre, quer dizer exatamente “ajuntamento”. Quem não “ajunta” ou “reúne” com Jesus, “espalha”, ou seja, “dispersa”.

É interessante notar que isso pode ser expresso através de duas outras palavras gregas muito conhecidas: “símbolo” e “diabo”. Símbolo = *syn* + *ballô*; diabo = *dia* + *ballô*. O verbo *ballô* quer dizer lançar, jogar (daí a origem da palavra “bola”). O prefixo *syn* quer dizer “em companhia de”, “junto com”. O prefixo *dia* quer dizer “movimento através de”, “afastamento”. Símbolo, então, é “lançar junto”, e diabo é “lançar separado”. O simbolismo de alguma coisa é aquilo que é lançado junto com esta coisa; o diabólico é o que é lançado separadamente, divergentemente.

**24. Quando o espírito imundo tem saído do homem, anda por lugares secos, buscando repouso; e, não o achando, diz: Tornarei para minha casa, de onde saí.**

**25. E, chegando, acha-a varrida e adornada.**

**26. Então vai, e leva consigo outros sete espíritos piores do que ele e, entrando, habitam ali; e o último estado desse homem é pior do que o primeiro.**

Aqui onde diz “lugares secos”, no texto original grego diz *anydron tôpon* – “anidro” quer dizer “sem água”.

Sabemos que quando Jesus dialogou com Nicodemos ele se referiu à água como simbolismo para a reencarnação, afirmando que é preciso nascer de novo, nascer da água e do espírito (João 3:5).

Pois este espírito que afastou-se da pessoa a quem estava obsediando, andando por lugares sem água, ou seja, sem possibilidade de reencarnação, que seria o único meio de obter um relativo repouso através do esquecimento temporário do passado, acaba voltando a assediar a casa mental daquele a quem obsediava - provavelmente um antigo desafeto, um velho conhecido de outras existências.

Este espírito encontra a casa mental varrida e adornada (varrida - limpa das antigas imagens; adornada - enfeitada com esboços de novos conceitos e idéias), mas ainda não preenchida, não ocupada por novas imagens positivas, por princípios morais sólidos, por propósitos consistentes.

A casa mental livrou-se de antigos hábitos, mas ainda não adquiriu novos hábitos. Como uma pessoa viciada que tem uma recaída por invigilância, depois de um período de abstinência, o seu estado se torna pior do que antes.

O texto fala em sete espíritos que acompanhariam o primeiro espírito. O número sete é usado como um superlativo. Quando se fala que Jesus expulsou sete demônios de Maria Madalena, por exemplo, não quer dizer que havia sete espíritos, mas que ela era tida como louca ou passava por uma obsessão complexa. É o mesmo caso aqui.

**27. E aconteceu que, dizendo ele estas coisas, uma mulher dentre a multidão, levantando a voz, lhe disse: Bem-aventurado o ventre que te trouxe e os peitos em que mamaste.**

**28. Mas ele disse: Antes bem-aventurados os que ouvem a palavra de Deus e a guardam.**

Uma mulher enaltece a mãe de Jesus e ele nos ensina que mais importante é quem ouve a palavra de Deus e a guarda, ou seja, quem é receptivo ao seu Cristo interno. O que importa é estarmos receptivos a Deus. Nossos laços de parentesco material são provisórios e não devem ser objeto de apego. Em outra ocasião Jesus recomendou o mandamento “honrai pai e mãe” (Lucas 18:20), portanto, não há aqui nenhum menosprezo pela figura materna. Apenas deixa entrever que não podemos confundir o amor, que liberta, com o apego, que escraviza.

**29. E, ajuntando-se a multidão, começou a dizer: Maligna é esta geração; ela pede um sinal; e não lhe será dado outro sinal, senão o sinal do profeta Jonas;**

**30. Porquanto, assim como Jonas foi sinal para os ninivitas, assim o Filho do homem o será também para esta geração.**

**31. A rainha do sul se levantará no juízo com os homens desta geração, e os condenará; pois até dos confins da terra veio ouvir a sabedoria de Salomão; e eis aqui está quem é maior do que Salomão.**

**32. Os homens de Nínive se levantarão no juízo com esta geração, e a condenarão; pois se converteram com a pregação de Jonas; e eis aqui está quem é maior do que Jonas.**

Jesus se refere novamente à geração de espíritos da Terra, pela qual ele é responsável, e que somos todos nós. Eles lhe pediam um sinal, e ele disse que o sinal que daria a eles seria o sinal de Jonas.

Jonas era um profeta de Deus. Quando Deus mandou que ele pregasse na cidade de Nínive - que era uma cidade pagã, não era uma cidade do seu povo - Jonas tentou fugir de Deus, não queria pregar a outro povo que não fosse o seu.

Jonas fugiu num navio e Deus mandou uma forte tempestade contra o navio. Percebendo que a causa da tempestade era ele, a tripulação do navio o jogou ao mar, e Deus providenciou que um grande peixe (alguns dizem baleia) o engolissem.

Jonas ficou três dias dentro da baleia, orou a Deus, e a baleia o devolveu a Terra para que ele pudesse se desincumbir da sua missão.

No seu preconceito, Jonas não quis se rebaixar e pregar para um povo considerado impuro.

No Evangelho de Mateus Jesus ressalta o sinal de Jonas como sendo o fato de Jonas ter ficado três dias nas entranhas da baleia, assim como ele ficaria três dias nas entranhas da terra (Mateus 12:38-42).

Aqui no Evangelho de Lucas o sinal de Jonas a que Jesus se refere é que os ninivitas, os habitantes de Nínive, mesmo não conhecendo Jonas, mesmo sendo de outro povo, acreditaram nele e mudaram a sua mente, reformaram as suas ideias, os seus pensamentos e sentimentos.

Jesus menciona também a rainha do Sul (ou rainha de Sabá) que veio de longe para ouvir a sabedoria de Salomão. O povo judeu, ao qual Jesus pertencia, diferentemente dos ninivitas em relação a Jonas ou da rainha de Sabá em relação a Salomão, não o ouvia.

Temos que prestar atenção ao fato de os dois evangelistas salientarem sinais diferentes em relação a Jonas. Ou Jesus apenas se referiu a Jonas e eles é que imaginaram a qual sinal Jesus se referia, ou Jesus pode ter se referido à história de Jonas de um modo geral, ao livro de Jonas, que é um dos livros da Bíblia.

Jesus deixou dito para nós: Ide e pregai o Evangelho a toda criatura (Marcos 16:15). Jonas, antes de ter ficado três dias nas entranhas da baleia, não queria pregar aos outros, aos que não fossem do seu povo, da sua região. Jesus, enquanto esteve encarnado, ficou circunscrito à sua região. Mas depois de ter passado três dias nas entranhas da terra começou a espalhar-se pelo mundo através da sua mensagem, que chegou até nós.

O nome “Jonas” quer dizer “pombo”. O pai de Jonas era “Amitai”, que quer dizer “minha verdade”.

O pombo tem um simbolismo importante na Bíblia, desde o Gênesis, em que Noé, quando estava na arca, isolado, cercado pela água, mandou um pombo para ver se

a água já havia baixado e o pombo voltou com um ramo de oliveira no bico. O pombo então representa a esperança atendida e um sinal de que não estamos isolados, de que há vida além de nós e do nosso próprio grupo.

O pombo é o mensageiro da esperança e da solidariedade. Jonas era filho de Amitai. Ao se referir a Jonas Jesus está dizendo que o mensageiro da esperança e da solidariedade é o filho da sua verdade, o fruto da sua verdade, pois Amitai quer dizer “minha verdade”.

A verdade que nos foi trazida por Jesus deve ser pregada a toda a criatura, não só a um pequeno grupo. Este é o sinal de Jonas. Este é o sinal que Jesus prometeu para aquela geração de espíritos, que somos nós mesmos reencarnados.

Hoje, em outros corpos, mais experientes, tendo aprendido um pouco com os nossos erros, somos capazes de perceber o sinal de Jonas a que Jesus se referia. A verdade ensinada por Jesus pregada a toda a criatura. É nosso dever dar continuidade a esta tarefa.

**33. E ninguém, acendendo uma candeia, a põe em oculto, nem debaixo do alqueire, mas no velador, para que os que entram vejam a luz.**

Sabemos que a candeia era a lâmpada da época. Era um recipiente com azeite e um pavio que se acendia para iluminar. O alqueire era um cesto que servia como unidade de medida.

Não se põe a candeia debaixo do alqueire. Não se esconde a luz, a luz deve ficar sobre o velador. Nossa luz deve estar em evidência, é nosso dever iluminar ao próximo com a nossa luz, por mais opaca que seja.

**34. A candeia do corpo é o olho. Sendo, pois, o teu olho simples, também todo o teu corpo será luminoso; mas, se for mau, também o teu corpo será tenebroso.**

**35. Vê, pois, que a luz que em ti há não sejam trevas.**

**36. Se, pois, todo o teu corpo é luminoso, não tendo em trevas parte alguma, todo será luminoso, como quando a candeia te ilumina com o seu resplendor.**

A lâmpada do corpo é o olho. A lâmpada que ilumina a nós mesmos é o nosso olho, pois é através da percepção visual que nós recebemos a imagem das pessoas, das coisas, do mundo.

Se nós vemos as coisas com simplicidade estaremos iluminando a nós mesmos, e, conseqüentemente, aos outros. Se nós vemos as coisas com maldade, estaremos

em trevas e é isso o que passaremos para o próximo. A maneira como nós percebemos o mundo é determinante para o nosso estado de luz ou treva.

É interessante notar que Jesus não diz os olhos, mas o olho. Lembramos do chamado terceiro olho, que é o chacra frontal, ou centro de força frontal, localizado entre os olhos, associado à glândula pineal, que fica no meio do cérebro na altura dos olhos. É o nosso sensor para o mundo espiritual.

Sob esta análise, nós recebemos da espiritualidade aquilo que estiver de acordo com a nossa receptividade. Quem só vê o mal está receptivo para o mal e sintoniza espiritualmente com o mal. Quem consegue ver em tudo algum aspecto positivo está receptivo ao bem, à luz, e sintoniza espiritualmente com o bem e com a luz.

**37. E, estando ele ainda falando, rogou-lhe um fariseu que fosse jantar com ele; e, entrando, assentou-se à mesa.**

Este é o segundo relato no Evangelho de Lucas em que Jesus janta com um fariseu. Dos grupos representativos da sociedade da época os mais avançados eram os fariseus. Eles acreditavam na imortalidade do espírito, no julgamento de Deus, nas boas ações e na reencarnação, embora muito longe da clareza de conceitos trazida pelo Espiritismo.

Exatamente por serem os fariseus os que detinham mais conhecimentos espirituais é que Jesus os cobrava com tanta severidade. Os ignorantes erram sem saberem que estão errando. Mas quem já detém o conhecimento é plenamente responsável pelas consequências da aplicação ou da não aplicação deste conhecimento.

**38. Mas o fariseu admirou-se, vendo que não se lavava antes de jantar.**

**39. E o Senhor lhe disse: Agora vós, os fariseus, limpais o exterior do copo e do prato; mas o vosso interior está cheio de rapina e maldade.**

**40. Loucos! Quem fez o exterior não fez também o interior?**

O fariseu ficou admirado ao ver que Jesus não se lavava antes de comer. Era costume deles, por causa das suas muitas tradições, lavar-se, mesmo que simbolicamente, para se livrarem das impurezas.

“Fariseu” quer dizer “separado”. Os fariseus encheram-se de regras exteriores que os separavam do resto do povo. Viam impureza em tudo. Cuidavam das exterioridades e se esqueceram de cuidar do seu íntimo, das coisas do espírito.

**41. Antes dai esmola do que tiverdes, e eis que tudo vos será limpo.**

No texto grego diz para dar o que está dentro, ou seja, as coisas interiores, o que está dentro de nós. ***“Quem fez o exterior não fez também o interior?”*** - Deus fez o exterior, o material, mas também fez o interior, o espiritual. Jesus diz para dar o que se tem, não o que se detém. Nossos bens materiais não nos pertencem, são empréstimos de Deus, permanecerão na Terra quando nós desencarnarmos.

Nós detemos nossos bens materiais, mas nós só temos o que está em nosso íntimo, nossas aquisições morais e intelectuais. Nos limpamos, nos purificamos interiormente quando damos de nós mesmos ao nosso próximo.

Lembremos as palavras de Emmanuel: “Que temos de nós próprios para dar? Que espécie de emoção estamos comunicando aos outros? Que reações provocamos no próximo? Que distribuímos com os nossos companheiros de luta diária? Qual é o estoque de nossos sentimentos? Que tipo de vibrações espalhamos?”

**42. Mas ai de vós, fariseus, que dizimais a hortelã, e a arruda, e toda a hortalça, e desprezais o juízo e o amor de Deus. Importava fazer estas coisas, e não deixar as outras.**

**43. Ai de vós, fariseus, que amais os primeiros assentos nas sinagogas, e as saudações nas praças.**

**44. Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! que sois como as sepulturas que não aparecem, e os homens que sobre elas andam não o sabem.**

**45. E, respondendo um dos doutores da lei, disse-lhe: Mestre, quando dizes isso, também nos afrontas a nós.**

**46. E ele lhe disse: Ai de vós também, doutores da lei, que carregais os homens com cargas difíceis de transportar, e vós mesmos nem ainda com um dos vossos dedos tocais essas cargas.**

**47. Ai de vós que edificais os sepulcros dos profetas, e vossos pais os mataram.**

**48. Bem testificais, pois, que consentis nas obras de vossos pais; porque eles os mataram, e vós edificais os seus sepulcros.**

**49. Por isso diz também a sabedoria de Deus: Profetas e apóstolos lhes mandarei; e eles matarão uns, e perseguirão outros;**

**50. Para que desta geração seja requerido o sangue de todos os profetas que, desde a fundação do mundo, foi derramado;**

**51. Desde o sangue de Abel, até ao sangue de Zacarias, que foi morto entre o altar e o templo; assim, vos digo, será requerido desta geração.**

**52. Ai de vós, doutores da lei, que tirastes a chave da ciência; vós mesmos não entrastes, e impedistes os que entravam.**

**53. E, dizendo-lhes ele isto, começaram os escribas e os fariseus a apertá-lo fortemente, e a fazê-lo falar acerca de muitas coisas,**

**54. Armando-lhe ciladas, e procurando apanhar da sua boca alguma coisa para o acusarem.**

Os fariseus levavam as leis de Moisés ao pé da letra. Até hoje há religiosos que pretendem levar as leis de Moisés ao pé da letra. Os fariseus se preocupavam com o dízimo e se esqueciam do que realmente importava que era o amor de Deus e o consequente amor às criaturas de Deus. Gostavam de aparecer, de mostrarem o quanto eram seguidores da lei, de rezar em voz alta, gritando, para que todos ouvissem.

Referindo-se aos fariseus e aos doutores da lei, Jesus os compara às sepulturas que não aparecem, sobre as quais os homens caminhavam sem saberem que estavam andando sobre sepulturas. Pelas regras de pureza as pessoas não podiam se aproximar de um cadáver, ou se tornavam legalmente impuras. Costumava-se, então, pintar com cal as sepulturas, para que elas ficassem bem visíveis. O que Jesus está dizendo é que as pessoas se aproximavam dos fariseus sem suspeitarem de que estavam se contaminando com eles, com as suas crenças exteriores, com a sua hipocrisia, com o seu fanatismo.

Quem se aproxima de algum fanático fundamentalista pode pensar que está dando passos seguros, quando na verdade está enchendo a sua mente de preconceitos e se afastando da imagem de Deus amoroso e bom que nos foi passada por Jesus. Há religiosos que prestam um desserviço à religião.

Jesus menciona ainda o fato de os fariseus terem edificado sepulcros em homenagem aos antigos profetas. Estes antigos profetas haviam sido mortos pelo povo, pelos antepassados destes mesmos fariseus, e Jesus vê no fato de eles se preocuparem com a lembrança exterior (os sepulcros edificados a eles) dos profetas uma demonstração de que os fariseus consentiam nos crimes cometidos pelos seus antepassados. Jesus diz que desta geração (de espíritos), da humanidade culpada, será cobrado o preço pelo sangue derramado de todos os profetas.

Através da reencarnação experimentamos várias existências, passamos por períodos diferentes da História, e escrevemos a História da Humanidade, cheia de erros e crimes cometidos por nós mesmos. Jesus está acusando os fariseus de serem eles mesmos os assassinos dos profetas. Foram eles mesmos, em existências anteriores, que tiraram a vida dos profetas. O seu apego pelo passado, a veneração pela imagem dos profetas, e não pela sua mensagem, era evidência disso.

Nós também somos responsáveis por grandes crimes do passado. Os períodos da História que mais nos chamam a atenção podem ser sinal de que estivemos de algum modo ligados a estas épocas, contribuindo com nossa cota de erros.

## CAPÍTULO 12

**1. Ajuntando-se entretanto muitos milhares de pessoas, de sorte que se atropelavam uns aos outros, começou a dizer aos seus discípulos: Acautelai-vos primeiramente do fermento dos fariseus, que é a hipocrisia.**

A palavra grega traduzida como “muitos milhares” é *myriádom* (μυριάδων), que quer dizer “dez mil”. Não podemos imaginar dezenas de milhares de pessoas cercado Jesus. Não havia tanta gente naquela região.

Isso pode ser uma força de expressão, querendo dizer que havia uma grande multidão. Mas não podemos esquecer que Jesus não estava presente apenas no plano físico. Se hoje um médium suficientemente treinado pode acessar ao mesmo tempo o plano astral e o plano físico, mesmo que imperfeitamente, é evidente que Jesus via, ouvia, pregava e agia no plano astral. Milhares de espíritos desencarnados estavam à volta de Jesus, aprendendo, socorrendo-se, preparando-se para reencarnar em seguida e dar continuidade à pregação do Evangelho, como aconteceu no que se convencionou chamar de cristianismo primitivo, em que o número de seguidores do Cristo cresceu rapidamente.

Isso não aconteceu sem planejamento. Muitos espíritos, dos mais diversos níveis evolutivos, cercavam Jesus. Por isso a impressão de que se atropelavam, de que andavam uns por cima dos outros.

Jesus diz aos seus discípulos para que se cuidassem do fermento dos fariseus, que é a hipocrisia. O fermento simboliza a desintegração, a corrupção, representa o estado íntimo de hipocrisia. A principal característica dos fariseus apontada por Jesus é a hipocrisia.

É bom esclarecer que o significado original da palavra “hipócrita” é “ator”. Jesus comparava os fariseus aos atores da época, que em seus diálogos respondiam uns aos outros suas falas decoradas, que interpretavam personagens, que aparentavam ser o que não eram.

Os fariseus eram muito esclarecidos para a época, mas não utilizavam o seu esclarecimento para tornarem-se pessoas melhores, apenas seguiam regras exteriores. Perderam-se em suas próprias regras e tradições, assim como os fundamentalistas de hoje, que não se permitem questionar nada do que esteja na Bíblia, por mais grotesco e insano que seja.

Por outro lado, os espíritas também correm o risco de se assemelharem aos fariseus. Jesus cobrava mais dos fariseus do que de qualquer outro grupo ou classe, justamente pelo fato de eles terem mais esclarecimento. Quanto mais esclareci-



mento, maior é a cobrança. Os espíritas que decoram questões doutrinárias e nomenclaturas e descrições fenomenológicas, esquecendo-se de colocar em prática o ensinamento de Jesus, estão bem próximos dos fariseus.

**2. Mas nada há encoberto que não haja de ser descoberto; nem oculto, que não haja de ser sabido.**

**3. Porquanto tudo o que em trevas dissestes, à luz será ouvido; e o que falastes ao ouvido no gabinete, sobre os telhados será apregoado.**

Jesus alerta para a realidade espiritual, pois se no plano material é possível esconder-se atrás das aparências, no plano astral a verdade sobre nós é revelada.

Depois de desencarnados não teremos uma máscara de carne para nos escondermos. Então nossos pensamentos e sentimentos íntimos serão conhecidos por todos.

***“... e o que falastes ao ouvido no gabinete, sobre os telhados será apregoado”.*** - O telhado ou terraço das casas israelitas era plano, podia-se andar sobre ele. Era o lugar mais em evidência para dizer alguma coisa aos vizinhos ou às pessoas que passavam pelas ruas.

O que foi dito em segredo será divulgado a todos. Isso tanto pode se referir às nossas fraquezas íntimas, que serão conhecidas, como pode se referir aos segredos doutrinários, aos ensinamentos que Jesus passava aos seus discípulos mais próximos, que não eram propagados ao povo porque o povo não estava apto a compreender questões mais profundas.

Os conhecimentos divulgados abertamente pelo Espiritismo, pela Teosofia, pelo Rosacruzismo, pela Conscienciologia, em seus locais de reunião, nos livros, na internet, foi segredo de poucos durante séculos. Jesus nos disse que não poderia nos ensinar tudo, pois não suportaríamos. Não teríamos condições, naquela ocasião, para compreender a realidade espiritual. Mas hoje muitos de nós já estão preparados para isso. Maior, portanto, a nossa responsabilidade.

**4. E digo-vos, amigos meus: Não temais os que matam o corpo e, depois, não têm mais que fazer.**

**5. Mas eu vos mostrarei a quem deveis temer; temei aquele que, depois de matar, tem poder para lançar no inferno; sim, vos digo, a esse temei.**

**6. Não se vendem cinco passarinhos por dois ceitis? E nenhum deles está esquecido diante de Deus.**

**7. E até os cabelos da vossa cabeça estão todos contados. Não temais pois; mais valeis vós do que muitos passarinhos.**

Jesus continua a sua advertência dizendo para não temermos aquele que pode matar o nosso corpo. Devemos temer quem tem autoridade de nos lançar na *Geena*. A maioria das versões traduz a palavra *Geena* como inferno, mas isso é uma incorreção.

A *Geena* ou o Vale dos Gemidos é mencionada já no Antigo Testamento, desde Josué. Era um vale onde foi construído um altar ao deus Moloch, onde eram feitos sacrifícios de crianças. Até reis dos judeus, como Manassés e Acaz queimaram os seus próprios filhos em adoração a Moloch.

O profeta Jeremias protestou contra essa monstruosidade, e o Rei Josias destruiu o local do culto fazendo daquele vale o depósito de lixo de Jerusalém, onde lançavam os cadáveres de animais e de criminosos. Depois da morte de Josias o culto a Moloch foi reativado por algum tempo.

O gás, provavelmente metano, produzido pela deterioração do lixo, é que fazia o fogo manter-se aceso permanentemente. Assim surgiu o simbolismo do “fogo que nunca se apaga”, que foi utilizado para a figuração do inferno.

É claro que devemos tratar de preservar a nossa vida, mas Jesus nos ensina que o corpo físico é perecível, mas o espírito é imortal.

Quem pode nos mandar para o *Geena*, que hoje chamaríamos de umbral ou astral inferior, é o nosso subconsciente. Nosso subconsciente é a soma de tudo o que já pensamos, falamos ou fazemos, em todas as nossas existências. É o que determina a nossa vibração. É o conteúdo do nosso subconsciente que sintoniza com os seus afins. Semelhante atrai semelhante, e as mentes perturbadas sintonizam umas com as outras produzindo seus *geenas* temporários.

Nem os passarinhos, que eram vendidos por um valor irrisório, estão esquecidos de Deus, pois são parte da criação. “*E até os cabelos da vossa cabeça estão todos contados*”. Tudo o que faz parte de nós está contado, anotado, registrado. Todos os nossos pensamentos, palavras e ações estão contados, estão arquivados em nosso subconsciente. Nada é perdido, nada passa despercebido. É a soma de tudo isso que forma o que nós somos, que nos diferencia de todos os demais.

**8. E digo-vos que todo aquele que me confessar diante dos homens também o Filho do homem o confessará diante dos anjos de Deus.**

**9. Mas quem me negar diante dos homens será negado diante dos anjos de Deus.**

Na tradução do Haroldo temos, em vez de “*todo aquele que me confessar*”, “*todo aquele que se declarar por mim*”. A palavra grega é *homologései* (ὁμολογήσει), de

onde nós temos, na língua portuguesa, “homologar”, ou seja, confirmar, reconhecer.

Quando de homologa um documento, por exemplo, se está confirmando, reconhecendo aquele documento como autêntico.

Nós já vimos que o “filho do homem” é o nosso próximo estágio evolutivo. E sabemos que a palavra “anjo” quer dizer “mensageiro”. Anjo de Deus é o mensageiro de Deus, é o espírito puro, que já se libertou totalmente da matéria e que superintende a evolução dos espíritos.

Então vemos que todo aquele que reconhece Jesus como modelo a ser seguido se aproximará do estágio de filho do homem, recebendo dos mensageiros de Deus novas incumbências de acordo com o seu adiantamento conquistado. Mas aquele que não reconhecer o caminho indicado por Jesus como o caminho reto que leva a Deus, este será negado diante dos mensageiros de Deus. Terá que repetir uma trajetória semelhante, reencarnando com as mesmas incumbências, agravadas pela quebra no planejamento evolutivo dentro do grupo de espíritos com que evolui.

**10. E a todo aquele que disser uma palavra contra o Filho do homem ser-lhe-á perdoada, mas ao que blasfemar contra o Espírito Santo não lhe será perdoado.**

Aquele que contrariar os requisitos para a ascensão ao estágio evolutivo de filho do homem estará atrasando a si mesmo e será perdoado, ou seja, será libertado do seu erro assim que retomar o caminho. Mas aquele que blasfemar contra o santo espírito (o texto grego traz aqui “santo espírito” em vez de “espírito santo”), este não será perdoado, quer dizer, não será libertado do seu erro. Este não apenas se desviou do caminho natural em linha reta que leva ao próximo estágio evolutivo, de filho do homem. Este está na contramão do caminho evolutivo, está se opondo à sua natureza de espírito, está se insurgindo contra a sua filiação divina, contra a sua condição de filho de Deus, creado à imagem e semelhança de Deus. Não será automaticamente libertado do seu erro assim que retomar o caminho. Terá que resgatar o seu erro recuperando a caminhada.

**13. E disse-lhe um da multidão: Mestre, dize a meu irmão que reparta comigo a herança.**

**14. Mas ele lhe disse: Homem, quem me pôs a mim por juiz ou repartidor entre vós?**

**15. E disse-lhes: Acautelai-vos e guardai-vos da avareza; porque a vida de qualquer não consiste na abundância do que possui.**

A lei determinava que dois terços da herança ficavam com o filho mais velho, e o outro terço fosse dividido entre os demais (Deuteronômio 21:17). O reclamão, provavelmente, era o irmão mais novo.

Percebemos pelo exemplo de Jesus que não devemos nos meter a tratar de questões familiares dos outros. Temos que estar disponíveis para ajudar, mas sem nos intrometermos em questões pessoais, mesmo que sejamos chamados a isso. Para essas questões existem profissionais competentes.

Naquela época estas decisões geralmente cabiam aos escribas. É provável que o povo tenha se decepcionado com Jesus por ele não tomar esta decisão ao seu encargo, pois esta era uma das características que o povo esperava no messias prometido, do grande líder que Deus mandaria para libertar o povo do dominador romano. O rei Salomão, por exemplo, era lembrado por sua sabedoria em resolver pendengas judiciais entre as pessoas.

**16. E propôs-lhe uma parábola, dizendo: A herdade de um homem rico tinha produzido com abundância;**

**17. E arrazoava ele entre si, dizendo: Que farei? Não tenho onde recolher os meus frutos.**

**18. E disse: Farei isto: Derrubarei os meus celeiros, e edificarei outros maiores, e ali recolherei todas as minhas novidades e os meus bens;**

**19. E direi a minha alma: Alma, tens em depósito muitos bens para muitos anos; descansa, come, bebe e folga.**

**20. Mas Deus lhe disse: Louco! esta noite te pedirão a tua alma; e o que tens preparado, para quem será?**

**Assim é aquele que para si ajunta tesouros, e não é rico para com Deus.**

O homem queria recolher (ou armazenar) os frutos, mas o ensino também é válido para o saber. De nada adianta acumular conhecimento e não compartilhá-lo. O conhecimento deve ser movimentado.

O homem da parábola substituiu os celeiros por outros celeiros maiores. Em vez de substituir o seu apego às coisas materiais, aumentou o seu apego. Nosso grande esforço, no estágio evolutivo em que estamos, é o de substituir velhas crenças por novos conhecimentos, substituir pensamentos negativos por pensamentos positivos, substituir maus hábitos por bons hábitos.

**22. E disse aos seus discípulos: Portanto vos digo: Não estejais apreensivos pela vossa vida, sobre o que comereis, nem pelo corpo, sobre o que vestireis.**

**23. Mais é a vida do que o sustento, e o corpo mais do que as vestes.**

24. Considerai os corvos, que nem semeiam, nem segam, nem têm despensa nem celeiro, e Deus os alimenta; quanto mais valeis vós do que as aves?

25. E qual de vós, sendo solícito, pode acrescentar um côvado à sua estatura?

26. Pois, se nem ainda podeis as coisas mínimas, por que estais ansiosos pelas outras?

27. Considerai os lírios, como eles crescem; não trabalham, nem fiam; e digo-vos que nem ainda Salomão, em toda a sua glória, se vestiu como um deles.

28. E, se Deus assim veste a erva que hoje está no campo e amanhã é lançada no forno, quanto mais a vós, homens de pouca fé?

29. Não pergunteis, pois, que haveis de comer, ou que haveis de beber, e não andeis inquietos.

30. Porque as nações do mundo buscam todas essas coisas; mas vosso Pai sabe que precisais delas.

31. Buscai antes o reino de Deus, e todas estas coisas vos serão acrescentadas.

***“Buscai antes o reino de Deus, e todas estas coisas vos serão acrescentadas”.*** -

Raramente alguém leva esta recomendação de Jesus a sério. No entanto, nada mais óbvio do que isso. Uma pessoa equilibrada espiritualmente desempenha melhor qualquer atividade em qualquer área da vida. Uma pessoa que busca o reino de Deus (que é o nosso próximo estágio evolutivo), que busca evoluir, melhorar-se, aprimorar-se moralmente, é uma pessoa que se relaciona melhor e encontra em todas as suas atividades um sentido maior.

A recomendação de Jesus nesta passagem é para não nos preocuparmos. Temos que nos ocupar, não nos pré-ocupar. A cada dia viver o próprio dia, e não antecipar o dia de amanhã.

Nosso padrão de pensamentos atrai pensamentos semelhantes, de encarnados e desencarnados. Quando nos preocupamos estamos atraindo outros pensamentos de preocupação e ansiedade.

Tudo começa pelo pensamento. Todas as realizações humanas, antes de se concretizarem materialmente, tiveram existência no pensamento. Um padrão de pensamentos de preocupação produz no mundo material sempre mais motivos para preocupação. Somos o que pensamos. E a Vida nos apresenta o que intimamente achamos dela.

Jesus não está recomendando a ociosidade, de jeito nenhum! Os corvos não são ociosos, mas não se preocupam com o dia de amanhã. Vivem a cada dia o seu dia.

Nós somos espírito e estamos na matéria. Tanto o espírito quanto a matéria vivem da Vida de Deus. Nossa inteligência, nossas conquistas morais e intelectuais são o pouco que conseguimos captar da inteligência de Deus. A matéria de que dispo-

mos, nosso corpo físico, nosso alimento, roupa, casa e todas as demais coisas materiais são o pouco que utilizamos, como um empréstimo, do que também é de Deus.

Nada do que é material é realmente nosso. Só levaremos conosco, quando desencarnarmos, nossos conhecimentos e experiências, nossas aquisições morais e intelectuais. Isto são qualidades de Deus que conseguimos incorporar à nossa individualidade, e passam a fazer parte de nós.

O homem da parábola, que destruiria os seus celeiros para construir outros maiores, estava tratando exclusivamente das coisas materiais, que ficam no plano material, que não nos acompanham em nossa jornada espiritual.

### **32. Não temais, ó pequeno rebanho, porque a vosso Pai agradou dar-vos o reino.**

Jesus está se referindo aos bilhões de espíritos encarnados e desencarnados que evoluem neste planeta e que estão confiados a ele. Jesus é o pastor deste pequeno rebanho. Pequeno, perto da imensidão do cosmos. Jesus é o responsável pelos espíritos da Terra. E nos avisa de que estamos prontos para conquistar o reino de Deus, progredirmos e subirmos um degrau na escala evolutiva espiritual.

### **33. Vendei o que tendes, e dai esmolas. Fazei para vós bolsas que não se envelheçam; tesouro nos céus que nunca acabe, aonde não chega ladrão e a traça não rói.**

### **34. Porque, onde estiver o vosso tesouro, ali estará também o vosso coração.**

*“... onde estiver o vosso tesouro, ali estará também o vosso coração”.* - Este ensinamento de Jesus não se refere especificamente aos bens materiais, mas a tudo o que valorizamos. Concentramos o nosso pensamento nas coisas que nos são mais importantes. Essas coisas podem ser boas ou más. Mas o nosso pensamento passa a maior parte do tempo em função dos mesmos assuntos, dos mesmos temas, das mesmas ideias. Para muitos é o dinheiro, para outros é o sexo, para outros a vingança, ou a doença, ou a preocupação com os filhos, ou o ciúme doentio, ou a ambição profissional, ou o futebol, a política, a religião.

Nosso tesouro é o pensamento. É o pensamento que determina quem somos hoje e quem seremos amanhã. E onde está o nosso pensamento, está o nosso coração. Não importa se o pensamento é bom ou mau. Nosso coração (ou a nossa mente) o acompanha. Isso vale para todas as situações da nossa vida.

### **35. Estejam cingidos os vossos lombos, e acesas as vossas candeias.**

Usava-se um cinto para prender melhor as vestes, que não tinham a praticidade das roupas que usamos hoje. Só se soltava o cinto para dormir, assim como só se apagava a candeia, que era a lâmpada da época, na hora de dormir.

A recomendação de Jesus é para que estejamos sempre vigilantes, devemos estar permanentemente no controle dos nossos pensamentos. O corpo físico precisa de repouso, mas o espírito deve estar sempre desperto. Quem adquire o controle sobre os pensamentos no estado de vigília, quando estamos acordados, passa a ter controle sobre eles mesmo quando o corpo físico está dormindo.

**36. E sede vós semelhantes aos homens que esperam o seu senhor, quando houver de voltar das bodas, para que, quando vier, e bater, logo possam abrir-lhe.**

**37. Bem-aventurados aqueles servos, os quais, quando o Senhor vier, achar vigiando! Em verdade vos digo que se cingirá, e os fará assentar à mesa e, chegando-se, os servirá.**

**38. E, se vier na segunda vigília, e se vier na terceira vigília, e os achar assim, bem-aventurados são os tais servos.**

**39. Sabei, porém, isto: que, se o pai de família soubesse a que hora havia de vir o ladrão, vigiaria, e não deixaria minar a sua casa.**

**40. Portanto, estai vós também apercebidos; porque virá o Filho do homem à hora que não imaginais.**

Muitos veem nestas palavras de Jesus a promessa de sua volta, acreditam que Jesus vai voltar em pessoa.

Acreditamos que ele esteja se referindo ao nosso próximo estágio evolutivo, que é o de filho de homem, o produto da evolução humana na Terra.

Para viabilizarmos o nosso próprio progresso espiritual, a vigilância sobre os próprios pensamentos é imprescindível. O homem evoluído, que Jesus chama de filho do homem, deve servir, e não esperar ser servido. O próprio Jesus, incalculavelmente maior que nós, veio para nos servir, assim como um pastor serve ao seu rebanho.

**41. E disse-lhe Pedro: Senhor, dizes essa parábola a nós, ou também a todos?**

A pergunta de Pedro demonstra que Jesus não expunha os seus ensinamentos mais adiantados ao povo, pois o povo da época não tinha condições de compreender as verdades espirituais que hoje o Espiritismo disponibiliza a todos. Jesus disse, mais tarde, que teria muito mais a nos revelar, mas que não poderíamos suportar naquele tempo (João 16:12).

Jesus responde a pergunta de Pedro ainda em forma de parábola.

**42. E disse o Senhor: Qual é, pois, o mordomo fiel e prudente, a quem o senhor pôs sobre os seus servos, para lhes dar a tempo a ração?**

**43. Bem-aventurado aquele servo a quem o seu senhor, quando vier, achar fazendo assim.**

**44. Em verdade vos digo que sobre todos os seus bens o porá.**

**45. Mas, se aquele servo disser em seu coração: O meu senhor tarda em vir; e começar a espancar os criados e criadas, e a comer, e a beber, e a embriagar-se,**

**46. Virá o senhor daquele servo no dia em que o não espera, e numa hora que ele não sabe, e separá-lo-á, e lhe dará a sua parte com os infiéis.**

**47. E o servo que soube a vontade do seu senhor, e não se aprontou, nem fez conforme a sua vontade, será castigado com muitos açoites;**

**48. Mas o que a não soube, e fez coisas dignas de açoites, com poucos açoites será castigado. E, a qualquer que muito for dado, muito se lhe pedirá, e ao que muito se lhe confiou, muito mais se lhe pedirá.**

Jesus fala de um senhor que vai se ausentar e deixa um servo como mordomo, como responsável pelos seus outros servos. Se ele cuidar bem dos outros servos, será feliz. Mas se ele achar que o seu senhor vai demorar e abusar dos servos, cuidando apenas de comer, beber e embriagar-se, o seu senhor chegará inesperadamente e o castigará com muitos açoites, porque o mordomo sabia que a vontade do seu senhor era que cuidasse bem dos seus servos. Mas, se ele não sabia da vontade do seu senhor, se o mordomo não sabia que o seu senhor queria que ele cuidasse bem dos seus servos, então o seu castigo será menor.

Jesus completa dizendo que ***“a qualquer que muito for dado, muito se lhe pedirá, e ao que muito se lhe confiou, muito mais se lhe pedirá”***.

O que Jesus está dizendo é que a nossa responsabilidade é proporcional ao nosso conhecimento da verdade.

O espírito que cuida bem dos outros é recompensado. O espírito que cuida mal dos outros será cobrado por isso. Essa cobrança será pequena se ele age sem conhecimento da verdade. Mas a cobrança será grande se ele conhecer a verdade e mesmo assim agir contra a verdade.

O Espiritismo proporciona conhecimentos que a maior parte das outras correntes de pensamento, religiosas ou não, não oferecem. Se somos mais esclarecidos, se nos julgamos mais esclarecidos, temos que estar cientes de que a nossa responsabilidade para com a nossa própria consciência é muito maior.

Jesus disse noutra ocasião que com a medida com que medirmos seremos medidos (Lucas 6:38). Nosso conhecimento espiritual nos amplia os horizontes, amplia a medida com que percebemos a realidade.



Nossa responsabilidade é do tamanho da nossa percepção da realidade espiritual. Jesus quando se refere ao mordomo abusado diz que o senhor ***“separá-lo-á, e lhe dará a sua parte com os infiéis.”*** O verbo grego traduzido aqui como “separar”, que outras versões traduzem como “cortar em dois” ou “cortar ao meio” é *dikazô* (δικατομησει), de onde deriva a palavra “dicotomia”, que é “separar em duas partes geralmente contrárias”. É a separação rigorosa entre matéria e espírito.

O espírito perde a oportunidade de elevação e de maior liberdade em relação à matéria, e como resultado de sua conduta materialista fica temporariamente mais sujeito às dores resultantes do plano material, sofre a ação telúrica que o prende à matéria.

O simbolismo de satanás ou diabo é exatamente este. O apego à matéria, à prisão às coisas materiais. O seu contrário é a espiritualização, a libertação da influência material.

**49. Vim lançar fogo na terra; e que mais quero, se já está aceso?**

**50. Importa, porém, que seja batizado com um certo batismo; e como me angustio até que venha a cumprir-se!**

**51. Cuidais vós que vim trazer paz à terra? Não, vos digo, mas antes dissensão;**

**52. Porque daqui em diante estarão cinco divididos numa casa: três contra dois, e dois contra três.**

**53. O pai estará dividido contra o filho, e o filho contra o pai; a mãe contra a filha, e a filha contra a mãe; a sogra contra sua nora, e a nora contra sua sogra.**

Jesus diz que não veio trazer paz à Terra, mas divisão (ou dissensão). Isso ocorre tanto dentro dos lares, em que há divisões por causa dos posicionamentos religiosos de cada um dos seus membros, como há a divisão dentro das pessoas, a inquietação causada pelo início da conscientização, em que o espírito encarnado abandonou os velhos hábitos mentais, mas ainda não consolidou hábitos novos.

**54. E dizia também à multidão: Quando vedes a nuvem que vem do ocidente, logo dizeis: Lá vem chuva, e assim sucede.**

**55. E, quando assopra o sul, dizeis: Haverá calma; e assim sucede.**

**56. Hipócritas, sabeis discernir a face da terra e do céu; como não sabeis então discernir este tempo?**

**57. E por que não julgais também por vós mesmos o que é justo?**

**58. Quando, pois, vais com o teu adversário ao magistrado, procura livrar-te dele no caminho; para que não suceda que te conduza ao juiz, e o juiz te entregue ao meirinho, e o meirinho te encerre na prisão.**

**59. Digo-te que não sairás dali enquanto não pagares o derradeiro ceitil.**

Jesus aconselha que nos livremos (ou reconciliemos) dos nossos adversários enquanto estamos no caminho, ou seja, enquanto estamos encarnados. A reencarnação é a oportunidade de nos reconciliarmos com antigos desafetos, graças ao esquecimento temporário do passado. Se não nos reconciliarmos enquanto estamos encarnados, na linguagem figurada utilizada por Jesus, iremos para a prisão, e de lá não sairemos enquanto não pagarmos o último centavo.

Fica demonstrado, aqui, que não há penas eternas, não existe castigo eterno como pregam as religiões tradicionais. Se aquele que não se reconciliou com o seu adversário ficará preso até que pague o último centavo, ou seja, até que se reajuste com a Lei de causa e efeito, quer dizer que depois de ter pagado até o último centavo ele será libertado. É o que Jesus diz.

### CAPÍTULO 13

1. **E, Naquele mesmo tempo, estavam presentes ali alguns que lhe falavam dos galileus, cujo sangue Pilatos misturara com os seus sacrifícios.**
2. **E, respondendo Jesus, disse-lhes: Cuidais vós que esses galileus foram mais pecadores do que todos os galileus, por terem padecido tais coisas?**
3. **Não, vos digo; antes, se não vos arrependerdes, todos de igual modo perecereis.**
4. **E aqueles dezoito, sobre os quais caiu a torre de Siloé e os matou, cuidais que foram mais culpados do que todos quantos homens habitam em Jerusalém?**
5. **Não, vos digo; antes, se não vos arrependerdes, todos de igual modo perecereis.**

Algumas pessoas falavam a Jesus a respeito dos galileus que Pilatos havia matado ou mandado matar. Pilatos era o Governador romano, o representante de Roma naquela região. Era conhecido por sua dureza com o povo israelita.

Esses galileus provavelmente provocaram alguma agitação enquanto faziam os sacrifícios no templo, e por ordem de Pilatos o seu sangue foi misturado ao sangue dos sacrifícios.

Jesus esclarece que estes galileus que foram mortos por Pilatos não eram mais culpados do que quaisquer outros galileus. Não é pelo fato de haverem morrido de uma forma cruel que eles eram piores do que outros.

**“... se não vos arrependerdes...”** - Já vimos que a palavra traduzida como “arrependimento” é *metanoia*, que é a mudança de mente, a conscientização. Jesus cita ainda um acidente que provavelmente havia ocorrido há pouco tempo, que foi a queda de uma torre no qual morreram dezoito pessoas, e repete que é necessária a mudança de mente.

Percebemos que Jesus deixa claro que as dores que experimentamos não se devem exclusivamente à colheita de nossos atos passados. Este é um planeta de provas. Somos crianças espirituais e precisamos nos fortalecer através de provas. Mesmo uma pessoa moralmente muito elevada experimenta a dor neste planeta. Mas para superarmos este estágio em que a dor é inevitável, precisamos nos conscientizar de nossa realidade espiritual. Precisamos mudar a nossa mente para corrigirmos o rumo da nossa trajetória espontaneamente, sem esperarmos que a vida nos apresente provas sem que estejamos preparados. Ao nos conscientizarmos percebemos que a dor é inevitável, mas o sofrimento é opcional.

**6. E dizia esta parábola: Um certo homem tinha uma figueira plantada na sua vinha, e foi procurar nela fruto, não o achando;**

**7. E disse ao vinhateiro: Eis que há três anos venho procurar fruto nesta figueira, e não o acho. Corta-a; por que ocupa ainda a terra inutilmente?**

**8. E, respondendo ele, disse-lhe: Senhor, deixa-a este ano, até que eu a escave e a esterque;**

**9. E, se der fruto, ficará e, se não, depois a mandarás cortar.**

No capítulo três do Evangelho de Lucas João Batista diz que “o machado já está junto à raiz das árvores. Toda árvore que não der bom fruto será cortada e jogada ao fogo”. Tanto lá como aqui a árvore somos nós, a árvore é o espírito, o espírito que não dá fruto. João Batista, que preparou o caminho de Jesus, que pregou a base necessária para que se tenha condições de assimilar e praticar o ensinamento de Jesus, disse que devemos produzir frutos dignos da mudança de mente, frutos da conscientização.

Para que a árvore não seja derrubada é preciso escavar em torno da árvore, ou seja, afastar da árvore aquilo que a cerca e adubar as raízes da árvore, as raízes que representam a consciência do espírito.

Jesus havia dito há pouco, referindo-se aos galileus mortos por Pilatos e aos que morreram na queda da torre, que é preciso mudar a mente - é preciso conscientizar-se e se antecipar aos fatos, corrigindo o rumo espontaneamente.

O mesmo sentido nós encontramos nesta parábola. É preciso libertar a raiz da árvore, ou a consciência do espírito, de tudo aquilo que a impede de dar frutos e promover a conscientização.

**10. E ensinava no sábado, numa das sinagogas.**

**11. E eis que estava ali uma mulher que tinha um espírito de enfermidade, havia já dezoito anos; e andava curvada, e não podia de modo algum endireitar-se.**

**12. E, vendo-a Jesus, chamou-a a si, e disse-lhe: Mulher, estás livre da tua enfer-**

midade.

### **13. E pôs as mãos sobre ela, e logo se endireitou, e glorificava a Deus.**

Percebemos que ninguém pede ajuda a Jesus. Jesus declara que a mulher já estava livre da sua enfermidade.

Sustentamos, neste estudo, como uma opinião pessoal, que houve um longo e detalhado planejamento para que Jesus executasse a sua missão. Foram reunidos os espíritos certos, nos lugares certos, no tempo certo e nas circunstâncias mais adequadas. Acreditamos que os espíritos que Jesus curou, em sua maioria, já haviam restabelecido o equilíbrio com a Lei de causa e efeito. Não através da dor, pois sabemos que a dor, por si só, não tem o poder de curar. A dor é um mecanismo que nos indica que nos desviamos do caminho reto das leis de Deus.

Mas Jesus não curaria esta mulher, por exemplo, se ela não fosse merecedora de cura. Ou ela já havia compensado os seus erros passados através de boas ações, ou Jesus estava oferecendo a ela uma espécie de moratória, desligando-a do efeito dos seus erros passados, temporariamente, para que ela tivesse a chance de se reajustar espontaneamente.

Também precisamos ter bem claro que nem todos os casos de doença são devidos a erros cometidos no passado. De jeito nenhum. Vivemos num planeta de provas e expiações. No caso da doença nascida de erros cometidos no passado, estaríamos expiando; mas também é comum que a doença seja apenas um instrumento de prova para o espírito. Um meio de fortalecer o caráter, de eliminar antigos vícios, de nos mantermos afastados de determinadas tendências, um meio de servirmos de instrumento de aprendizado para os familiares, ou mesmo como uma ferramenta para fortalecermos a fé com a conquista da cura.

Neste último caso, não faltam exemplos de pessoas que são curadas de suas doenças, no próprio meio espírita ou em qualquer meio religioso, e que com isso consolidam a sua confiança em Deus através da conscientização da realidade espiritual.

A mulher não pediu a Jesus que a curasse, mas não sabemos o que se passava no plano astral. Jesus, que se mantinha consciente também no plano astral, declarou que a mulher estava livre da sua enfermidade.

Podemos notar que não era a mulher, propriamente dita, que estava enferma, mas que ela tinha um espírito enfermo, um espírito enfermo a acompanhava.

É importante notarmos a ligação deste caso da mulher encurvada com o caso dos que morreram com a queda da torre. Foram dezoito homens que morreram, e fazia dezoito anos que a mulher andava sob a influência deste espírito. Jesus deixa claro no caso da torre que eles não eram mais culpados do que qualquer outra pessoa. Do mesmo modo, parece que a mulher não sofria deste mal necessariamente por uma questão de culpa. Ela apresentava-se resignada, tanto é que não pediu ajuda a Jesus. A impressão que temos é que se tratava de uma prova para o seu crescimento espiritual.

Há um sentido mais profundo aqui. A mulher encurvada representa o espírito que carrega um fardo excessivamente pesado nos ombros. Sabemos que Deus não nos dá um fardo que nossos ombros não possam suportar. Se o espírito está encurvado, o fardo que ele carrega nos ombros não é de Deus.

O Cristo nos livra do fardo inútil. Assim como a figueira não dava frutos e precisava que fosse removida a terra ao seu redor, para que novos elementos pudessem adubá-la, assim também o espírito que carrega um fardo inútil precisa ver-se livre dele para que novas atribuições possam ser abraçadas e para que o espírito volte a dar frutos.

**14. E, tomando a palavra o príncipe da sinagoga, indignado porque Jesus curava no sábado, disse à multidão: Seis dias há em que é mister trabalhar; nestes, pois, vinde para serdes curados, e não no dia de sábado.**

**15. Respondeu-lhe, porém, o Senhor, e disse: Hipócrita, no sábado não desprende da manjedoura cada um de vós o seu boi, ou jumento, e não o leva a beber?**

**16. E não convinha soltar desta prisão, no dia de sábado, esta filha de Abraão, a qual há dezoito anos Satanás tinha presa?**

**17. E, dizendo ele isto, todos os seus adversários ficaram envergonhados, e todo o povo se alegrava por todas as coisas gloriosas que eram feitas por ele.**

Jesus é criticado novamente por curar no sábado, que era o dia do descanso, o dia em que era proibido trabalhar. Já vimos o ensinamento de Jesus de que as regras foram feitas para o homem, e não o homem para as regras.

Jesus argumenta, desta vez, que nos sábados qualquer um deles costumava soltar o seu boi ou o seu jumento para dar de beber a eles. Se eles soltavam os animais para que pudessem beber, como se opor a que se soltasse a mulher que há dezoito anos estava presa?

Dissemos que a mulher carregava um fardo muito pesado, e que, se os seus ombros não aguentavam a carga, é porque esta carga não era de Deus. Jesus diz que ela estava presa de satanás.

Sabemos que satanás quer dizer adversário, é o antagonismo a Deus, é o contrário à espiritualização, o apego à materialidade. O apego excessivo à matéria é a carga que nos pesa nos ombros. Tudo o que nos prende à materialidade: o orgulho, o egoísmo, a vaidade e a ambição excessiva são pesos que nos impedem a elevação espiritual.

**18. E dizia: A que é semelhante o reino de Deus, e a que o compararei?**

**19. É semelhante ao grão de mostarda que um homem, tomando-o, lançou na sua horta; e cresceu, e fez-se grande árvore, e em seus ramos se aninharam as aves do céu.**

**20. E disse outra vez: A que compararei o reino de Deus?**

**21. É semelhante ao fermento que uma mulher, tomando-o, escondeu em três medidas de farinha, até que tudo levedou.**

Jesus nos disse em outra ocasião que o reino de Deus está dentro de nós (Lucas 17:21). O reino de Deus é o nosso próximo estágio evolutivo, em que o espírito há de predominar sobre a matéria. Para desenvolvermos o reino de Deus dentro de nós precisamos superar exatamente as características satânicas que nos prendem à materialidade. Temos que nos libertar dos fardos que carregamos para conseguirmos escalar os degraus da evolução espiritual.

Assim como o grão de mostarda, que era considerada a menor das sementes, o reino de Deus está dentro de cada um de nós em estado embrionário. Compete a nós fazê-lo germinar e crescer.

Assim como o fermento escondido na farinha, esperando levedar para transformar a massa, o reino de Deus está escondido em nosso íntimo, esperando que nos transformemos mentalmente, que nos conscientizemos e mudemos a nossa escala de valores.

**22. E percorria as cidades e as aldeias, ensinando, e caminhando para Jerusalém.**

**23. E disse-lhe um: Senhor, são poucos os que se salvam? E ele lhe respondeu:**

**24. Porfiai por entrar pela porta estreita; porque eu vos digo que muitos procuram entrar, e não poderão.**

**25. Quando o pai de família se levantar e cerrar a porta, e começardes, de fora, a bater à porta, dizendo: Senhor, Senhor, abre-nos; e, respondendo ele, vos disser: Não sei de onde vós sois;**

**26. Então começareis a dizer: Temos comido e bebido na tua presença, e tu tens ensinado nas nossas ruas.**

**27. E ele vos responderá: Digo-vos que não vos conheço nem sei de onde vós sois; apartai-vos de mim, vós todos os que praticais a iniquidade.**

**28. Ali haverá choro e ranger de dentes, quando virdes Abraão, e Isaque, e Jacó, e todos os profetas no reino de Deus, e vós lançados fora.**

**29. E virão do oriente, e do ocidente, e do norte, e do sul, e assentar-se-ão à mesa no reino de Deus.**

**30. E eis que derradeiros há que serão os primeiros; e primeiros há que serão os derradeiros.**

A porta é estreita assim como o caminho é reto. O caminho que leva a Deus é uma reta. Qualquer desvio ou atalho é perda de tempo e desperdício de energia. Caminhando em linha reta, sem nos desviarmos com as distrações materiais, com os falsos valores do ego, do personalismo, dando de nós mesmos ao próximo, seguindo, enfim, o ensinamento moral do Cristo, estaremos em condições de entrar pela porta estreita.

Não é o fato de falar de Deus ou de Jesus que nos torna aptos a evoluirmos ou nos salvarmos da escravidão à matéria. Ninguém se torna melhor porque resolveu crer em Jesus se não se esforça por praticar o ensinamento de Jesus.

Jesus diz ***“Porfiai por entrar pela porta estreita”***. Outras traduções dizem “esforçai-vos” por entrar pela porta estreita. A palavra grega que é traduzida como “porfiai” ou “esforçai-vos” é *agonízeste* (αγωνιζεσθε), de onde deriva, na língua portuguesa, a palavra “agonia”. *Agonízeste*, presente do imperativo do verbo *ogonísso-mai*, que quer dizer esforçar-se, competir, fazer o máximo possível.

Não adianta dizer que aceitou Jesus e não se esforçar para a mudança interna, não adianta só rezar. É preciso agir. Depois que nos conscientizamos não podemos mais perder tempo. Temos que nos doar ao próximo.

Não é a religião ou crença que salva. Qualquer espírito encarnado, de qualquer parte do planeta, mesmo não conhecendo Jesus, mas praticando o que Jesus nos ensinou, conquista o reino de Deus. Em outra ocasião (Mateus 21:31) Jesus disse que as prostitutas e os cobradores de impostos, que eram considerados impuros, entrariam antes no reino de Deus do que os príncipes dos sacerdotes e os anciãos do povo, que eram entendidos na sua religião, que gozavam de grande autoridade, mas que eram moralmente baixos.

De qualquer forma, quando perguntaram a Jesus se são poucos os que se salvam, Jesus não respondeu à pergunta. Apenas disse para nos esforçarmos, para darmos o melhor de nós para entrarmos pela porta estreita.

Jesus não respondeu porque a pergunta estava errada, pois não são poucos ou muitos os que serão salvos. Todos serão salvos. Quanto a ser salvo ou não ser salvo, quanto a evoluir ou não evoluir, quanto a ser feliz ou não ser feliz, nós não temos escolha. Todos seremos salvos, todos iremos evoluir, todos alcançaremos a felicidade. Só o que depende de nós é o tempo que levaremos para isso e as condições em que conquistaremos isso.

O nosso livre-arbítrio, em última análise, se refere apenas ao tempo que demandamos em nossa evolução, pois como filhos de Deus estamos todos fadados ao progresso e à felicidade.

\*\*\*

A porta estreita também se refere aos desencarnados, pois muitos anseiam por uma nova oportunidade na matéria e às vezes é preciso esperar muito. Hoje a fila para reencarnar é grande, e a porta é estreita.

**31. Naquele mesmo dia chegaram uns fariseus, dizendo-lhe: Sai, e retira-te daqui, porque Herodes quer matar-te.**

**32. E respondeu-lhes: Ide, e dizei àquela raposa: Eis que eu expulso demônios, e efetuo curas, hoje e amanhã, e no terceiro dia sou consumado.**

**33. Importa, porém, caminhar hoje, amanhã, e no dia seguinte, para que não suceda que morra um profeta fora de Jerusalém.**

**34. Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas, e apedrejas os que te são enviados! Quantas vezes quis eu ajuntar os teus filhos, como a galinha os seus pintos debaixo das asas, e não quiseste?**

**35. Eis que a vossa casa se vos deixará deserta. E em verdade vos digo que não me vereis até que venha o tempo em que digais: Bendito aquele que vem em nome do Senhor.**

Os comentaristas do Evangelho são unânimes em achar que os fariseus avisam Jesus com más intenções, em tom de ameaça. Não temos essa impressão. Os fariseus eram, dentre os grupos dominantes entre os israelitas, os que tinham conhecimentos mais avançados. De acordo com o historiador Flavio Josefo, que era fariseu e viveu naquela época, eles acreditavam, embora de maneira muito confusa, na reencarnação.

Uma demonstração disso é quando Nicodemos, que também era fariseu, procura Jesus para interrogá-lo a esse respeito. Além disso, Jesus costumava comer na casa de fariseus. O próprio fato de Jesus cobrar duramente os fariseus é indicativo do fato de que eles tinham mais esclarecimento que os outros. Não podemos pensar, portanto, que todos eles estivessem tramando contra Jesus.



Jesus promovia curas e afastava os espíritos obsessores. E disse: ***“e no terceiro dia sou consumado”***. Outras traduções dizem, em vez de “consumado”, “completado” ou “morto”, ou “terminarei”.

A palavra grega é *teleiúmai* (τελειουμαι), presente do indicativo do verbo *teleiô*, que quer dizer “realizar o objetivo”, “tornar perfeito”, “plenamente desenvolvido”. No terceiro dia, então, estaria realizado o seu objetivo.

***“Importa, porém, caminhar hoje, amanhã, e no dia seguinte, para que não suceda que morra um profeta fora de Jerusalém”***. - Essa afirmação de Jesus geralmente é vista como uma ironia pelo fato de que alguns profetas haviam morrido em Jerusalém. É verdade que Jesus diz isso logo em seguida.

Mas devemos nos lembrar do significado da palavra Jerusalém, que é “visão da paz”. O profeta, que hoje nós chamaríamos de médium, deve morrer na visão da paz, deve desencarnar com a sensação do dever cumprido, de acordo com as faculdades mediúnicas com que reencarnou. Seja promovendo curas, restabelecendo as energias através do passe, seja participando das sessões de desobsessão, o médium é quase sempre um espírito que reencarna com uma tarefa a cumprir. E só o pleno desenvolvimento e cumprimento desta tarefa lhe proporciona a visão da paz.

A tarefa do médium, como de qualquer trabalhador da causa do Cristo, deve dar frutos dentro do período estipulado, que Jesus representa como sendo três dias. É preciso dar fruto em três dias, diferentemente da figueira, no início deste capítulo, que não deu fruto em três anos.

## CAPÍTULO 14

1. Aconteceu num sábado que, entrando ele em casa de um dos principais dos fariseus para comer pão, eles o estavam observando.
2. E eis que estava ali diante dele um certo homem hidrópico.
3. E Jesus, tomando a palavra, falou aos doutores da lei, e aos fariseus, dizendo: É lícito curar no sábado?
4. Eles, porém, calaram-se. E, tomando-o, o curou e despediu.
5. E respondendo-lhes disse: Qual será de vós o que, caindo-lhe num poço, em dia de sábado, o jumento ou o boi, o não tire logo?
6. E nada lhe podiam replicar sobre isto.

Jesus está num sábado na casa de um fariseu importante para fazer uma refeição. No capítulo anterior nós comentamos acerca do fato de que Jesus costumava jantar na casa de fariseus, e afirmamos que não podemos concordar com os comenta-

ristas do Evangelho que acreditam que os fariseus estavam sempre tentando tramar contra Jesus. Certamente Jesus tinha admiradores entre os fariseus.

Estava na casa do fariseu um homem hidrópico. A hidropisia é uma doença causada por distúrbios na circulação do sangue causando inchaço em partes do corpo ou no corpo todo.

Sabemos que no contexto bíblico a água é o elemento gerador absoluto. No começo do Gênesis, quando trata da criação, vemos que Deus não cria a água, é como se a água já existisse, ela representa o princípio material. O espírito de Deus pairava sobre as águas (Gênesis 1:2): o princípio espiritual e o princípio material, conforme nos ensina a questão 27 de O Livro dos Espíritos.

A hidropisia é caracterizada pela retenção de líquido, pela retenção de água, *hidro* quer dizer água. O hidrópico representa o espírito apegado à matéria, aquele que quer reter os bens materiais consigo.

É a terceira vez no Evangelho de Lucas em que Jesus cura no sábado, e Lucas repete aqui a argumentação de Jesus constante do capítulo anterior.

É dito que Jesus **“o curou e despediu”**. O verbo traduzido como “despedir”, no texto original grego, é *apêlisen* (ἀπελυσεν), indicativo aoristo do verbo *apolío*, que além de “despedir” também quer dizer “desatar”, “desamarrar”, “libertar”. Jesus libertou este espírito.

Semelhante ao caso da mulher encurvada, que estudamos no capítulo anterior, Jesus percebeu que este espírito ou já havia cumprido o seu *carma*, ou seja, já estava quitado com a Lei de causa e efeito, precisando de um influxo de energia para se libertar do efeito de tanto tempo de escravidão à matéria; ou Jesus concedeu a ele uma espécie de moratória, permitindo a este espírito melhores condições para agir positivamente em direção à espiritualização. Também temos que considerar que nem sempre o espírito encarnado que apresenta uma doença é um espírito necessariamente culpado.

A lição desta cura de Jesus é que através do Cristo, na nossa tentativa de comunhão com o Cristo (já que eles iam participar da mesma refeição, e a refeição é uma comunhão - ao comerem a mesma coisa todos têm algo em comum dentro de si), esta proximidade e comunhão com o Cristo é que nos afasta da matéria, nos liberta da escravidão às posses materiais, nos liberta da retenção das coisas materiais junto de nós, o que impede a nossa evolução espiritual. Nós evoluímos no mundo material, mas o espírito deve agir sobre a matéria, e não a matéria agir sobre o espírito.

- 7. E disse aos convidados uma parábola, reparando como escolhiam os primeiros assentos, dizendo-lhes:**
- 8. Quando por alguém fores convidado às bodas, não te assentes no primeiro lugar; não aconteça que esteja convidado outro mais digno do que tu;**
- 9. E, vindo o que te convidou a ti e a ele, te diga: Dá o lugar a este; e então, com vergonha, tenhas de tomar o derradeiro lugar.**
- 10. Mas, quando fores convidado, vai, e assenta-te no derradeiro lugar, para que, quando vier o que te convidou, te diga: Amigo, sobe mais para cima. Então terás honra diante dos que estiverem contigo à mesa.**
- 11. Porquanto qualquer que a si mesmo se exaltar será humilhado, e aquele que a si mesmo se humilhar será exaltado.**

Jesus nos deu o exemplo vivo desta lição. Jesus, o responsável maior pelo planeta Terra, se fez homem e nos serviu como o maior exemplo de humildade. Noutra ocasião Jesus renovou este ensinamento aos seus discípulos lavando os pés deles (João 13:5), para que esta imagem ficasse gravada e não nos esquecêssemos do seu exemplo de humildade, que todos devemos seguir.

Emmanuel, a propósito desta passagem, nos lembra de não esmagarmos os outros com os nossos conhecimentos, de respeitarmos as inteligências menores que a nossa, de não impormos nossa bagagem intelectual sobre os outros. Além de falta de humildade e compreensão com as diferenças, a demonstração do saber com ostentação provoca a imediata antipatia por parte daqueles que são alvo da ostentação intelectual.

Nossa postura deve ser naturalmente humilde, sem a falsa humildade dos estereótipos espíritas, mas a humildade espontânea, de reconhecer o nosso próprio tamanho, a nossa própria pequenez.

Se nos destacarmos em qualquer área isso deve ser fruto do nosso esforço e deve partir do reconhecimento pelo próximo. É o próximo que decide se temos ou não algum valor. Nós, de nossa parte, temos que ter em mente a nossa imperfeição e o pouco conhecimento que temos de tudo e de todos.

Há um perigoso estereótipo no meio espírita, muito próximo do comportamento dos fariseus no tempo de Jesus. Os fariseus ostentavam o seu jejum fazendo cara de fome, sujando o rosto de cinza e mantendo a barba emaranhada. Queriam que todos vissem como eles eram sofridos, pelo seu jejum, pelo seu esforço em cumprir o que determinava a lei e as tradições.

Há espíritas que confundem humildade com aparência humilde, então usam uma roupa gasta, bem batida, descuidam da aparência e pensam que com isso estão sendo humildes. Mas muitos destes saem do centro espírita e entram no seu carro importado e vão para o seu apartamento de luxo num bairro nobre.

Não há nada de errado em ter posses. Então por que esconder? Por que a tentativa de se passar por humilde? O que aparência tem a ver com humildade? O que a riqueza material tem a ver com humildade ou falta de humildade?

A palavra humildade vem do latim *humilis*, que tem a mesma raiz de húmus, terra. Ser humilde é se colocar no seu devido lugar. O homem é espírito e vive na matéria. O que é material fica na terra, o corpo e as coisas materiais voltam para a terra, são perecíveis. Voltam para o húmus da terra, viram adubo, viram pó. Ser humilde é reconhecer isso, reconhecer a transitoriedade dos valores materiais a que nos agarramos.

Não precisamos de muita coisa para cumprirmos a nossa tarefa na Terra: Vontade, disciplina e equilíbrio. É esse equilíbrio que devemos buscar.

Jesus andava bem trajado. Quando ele foi crucificado os soldados romanos disputaram as suas vestes. Não iriam disputar para ver quem ficava com as suas roupas se ele andasse esfarrapado, vestido de andrajos.

Jesus demonstrava humildade no servir ao próximo, no se fazer homem como nós, em comer o que nós comemos, beber o que nós bebemos, vestir o que nós vestimos.

Que nós saibamos nos colocar nos últimos lugares. Se tivermos algum mérito naturalmente seremos convidados a sentar mais para cima.

Quem se reconhece pequeno cresce naturalmente aos olhos dos outros, aos olhos de si mesmo e aos olhos de Deus. Quem se imagina maior do que é, desperta antipatia no próximo, decepciona-se consigo mesmo e afasta-se de Deus.

Esta lição de Jesus constava do livro de Provérbios, então já devia ser conhecida de todos:

*“Não te glories na presença do rei, nem te ponhas no lugar dos grandes; Porque melhor é que te digam: Sobe aqui; do que seres humilhado diante do príncipe que os teus olhos já viram.”* Provérbios 25:6-7

Jesus começa dizendo: ***“Quando por alguém fores convidado às bodas...”*** - A imagem do casamento, tão presente na Bíblia, e muito utilizada por Jesus, simboliza a nossa união com o Cristo. É a nossa personalidade, essa pessoa que animamos nesta existência, que deve se unir com o Cristo que habita dentro de cada um de nós.

Nós recebemos convites para a espiritualização desde a infância. Quase todos nós já fomos convidados por Jesus para sermos seus colaboradores. Quem não lembra de si mesmo, na infância, sensibilizado com a ideia de Deus e com a imagem de Jesus? Quem nunca observou a pureza e a boa vontade de uma criança para tratar das coisas espirituais?

Jesus nos deu essa lição observando os convidados do fariseu para a refeição. Em todos os fatos corriqueiros do cotidiano Jesus tomava exemplos para que nós compreendêssemos, um dia, a profundidade do seu ensinamento.

**12. E dizia também ao que o tinha convidado: Quando deres um jantar, ou uma ceia, não chames os teus amigos, nem os teus irmãos, nem os teus parentes, nem vizinhos ricos, para que não suceda que também eles te tornem a convidar, e te seja isso recompensado.**

**13. Mas, quando fizeres convite, chama os pobres, aleijados, mancos e cegos,**

**14. E serás bem-aventurado; porque eles não têm com que to recompensar; mas recompensado te será na ressurreição dos justos.**

Podemos ter a impressão de que se trata de uma proibição de Jesus, mas temos que prestar atenção no objetivo da sua advertência. Para que ele nos recomenda isso? ***“para que não suceda que também eles te tornem a convidar, e te seja isso recompensado”***.

Jesus está falando de uma festa. Esta festa é a vida e os valores que juntamos na vida. Nada impede que convidemos amigos e familiares e quaisquer pessoas para participarem da nossa festa, que representa a nossa vida. A advertência de Jesus é para que não esperemos nada em troca, para que não façamos nada em benefício do próximo dando margem a que ele pense que nos deve um favor. Não podemos convidar ninguém a participar do jantar da nossa vida e alimentar-se dos nossos valores, do pão espiritual que Deus nos concede para que repartamos com o próximo, e com isso esperarmos qualquer espécie de retribuição - nem das pessoas, nem de Deus - nem nesta existência e nem depois que desencarnarmos.

Jesus disse em outra ocasião para amarmos aos nossos inimigos, pois até as pessoas que descumprem as leis de Deus amam aqueles que os amam. Jesus também

nos disse que não são os sãos que precisam de médico, mas os doentes. Ao orarmos o “Pai nosso” pedimos a Deus o pão espiritual.

Quando estamos dispostos a sermos instrumentos de Deus, Deus se manifesta através de nós e nós repartimos o pão espiritual com aqueles que têm fome das coisas do espírito.

Devemos fazer da nossa vida um jantar, uma festa das coisas do espírito, e devemos convidar para esta festa não os nossos amigos, familiares e colegas que tem tanto ou mais pão do que nós. Os que já aprenderam a receber de Deus o pão espiritual, o pão sobressubstancial, que foi erroneamente traduzido na oração como “pão de cada dia”, estes não estão precisando de nós, estes não precisam do nosso convite para a festa.

Quem precisa comer do pão espiritual que Deus nos concede para repartir com o próximo são os pobres, os aleijados, os mancos e cegos.

Os pobres que mendigam as coisas do espírito; os aleijados, aqueles em que falta alguma coisa para compreender a Deus e às suas leis perfeitas; os mancos, aqueles que estão espiritualmente desequilibrados; os cegos, aqueles que não enxergam a manifestação de Deus em todas as coisas, os que ainda não desenvolveram olhos de ver.

Jesus diz que os que repartirem o pão espiritual, os que convidarem os necessitados para a festa, estes serão bem-aventurados (ou felizes), pois estes serão recompensados na ressurreição dos justos.

O substantivo dativo *anástasei* (αναστασει), traduzido como “ressurreição”, quer dizer “voltar ao estado anterior”, ou “tornar a ficar de pé”. Os israelitas usavam um eufemismo para designar a morte, diziam deitar-se. Ressurgir para a vida, então, é levantar-se. *Anástasei* tanto pode significar o retorno para o plano astral como o retorno para o plano físico. No caso em questão Jesus parece estar se referindo ao plano astral, pois este é o estado anterior à reencarnação do espírito. O espírito encarnado que volta ao seu estado anterior vai para o plano astral, pois é de lá que ele veio.

*Anástasei*, no sentido de “tornar a ficar de pé” pode também significar a elevação; neste caso, a elevação dos justos, ou seja, dos ajustados à Lei de Deus. Aqueles que cumprem as Leis de Deus estão naturalmente ajustados com as Leis de Deus, le-

vantando-se, elevando-se vibracionalmente. A “ressurreição dos justos”, neste caso, seria a elevação vibracional dos ajustados com as Leis de Deus.

**15. E, ouvindo isto, um dos que estavam com ele à mesa, disse-lhe: Bem-aventurado o que comer pão no reino de Deus.**

Eles imaginavam o reino de Deus como algo fora de nós, mas Jesus nos ensina que o reino de Deus está dentro de nós (Lucas 17:21). Compete a nós o desenvolvermos e vivenciarmos. Este comentário do convidado deu ensejo a que Jesus contasse uma parábola:

**16. Porém, ele lhe disse: Um certo homem fez uma grande ceia, e convidou a muitos.**

**17. E à hora da ceia mandou o seu servo dizer aos convidados: Vinde, que já tudo está preparado.**

**18. E todos à uma começaram a escusar-se. Disse-lhe o primeiro: Comprei um campo, e importa ir vê-lo; rogo-te que me hajas por escusado.**

**19. E outro disse: Comprei cinco juntas de bois, e vou experimentá-los; rogo-te que me hajas por escusado.**

**20. E outro disse: Casei, e portanto não posso ir.**

**21. E, voltando aquele servo, anunciou estas coisas ao seu senhor. Então o pai de família, indignado, disse ao seu servo: Sai depressa pelas ruas e bairros da cidade, e traze aqui os pobres, e aleijados, e mancos e cegos.**

**22. E disse o servo: Senhor, feito está como mandaste; e ainda há lugar.**

**23. E disse o senhor ao servo: Sai pelos caminhos e valados, e força-os a entrar, para que a minha casa se encha.**

**24. Porque eu vos digo que nenhum daqueles homens que foram convidados provará a minha ceia.**

Nós recebemos o convite de Jesus. Se antes Jesus nos deu recomendações sobre quem devemos convidar para a nossa festa, a nossa vida, agora ele dá o exemplo do Cristo que habita em nós.

Conforme vamos evoluindo, vamos desenvolvendo a consciência de nós mesmos e de nossas responsabilidades. Percebemos, vagarosamente, que temos o Cristo dentro de nós, e que compete a nós nos integrarmos a ele.

O Cristo nos convida para este grande jantar, para esta comunhão. Mas o nosso apego à materialidade nos faz negar o seu convite. Ou nos apegamos aos bens materiais (representados pelo terreno), como se eles fizessem parte de nós; ou nos

deixamos escravizar pelo trabalho (representado pelos bois, que eram utilizados para o trabalho), pela carreira, pelas relações de poder e status; ou nos prendemos aos prazeres terrenos e às relações de família (representados pela desculpa do homem que alega ter casado).

Todas estas coisas fazem parte da nossa experiência terrena. Os bens materiais, os prazeres, o trabalho, os laços de família. Mas nada disso pode estar acima de nossa relação com o Cristo.

Jesus nos disse para buscarmos acima de tudo o reino de Deus, as coisas espirituais, e o resto nos seria dado por acréscimo (Lucas 12:31).

Todos nós, que estamos razoavelmente despertos - e o interesse pelos assuntos ligados à espiritualidade é um indício claro deste despertar -, recebemos o convite do Cristo, todos nós estamos maduros para começarmos o nosso processo de união com o Cristo que habita dentro de nós.

Reencarnamos cheios de bons propósitos, dispostos a passar por cima dos nossos instintos inferiores, prontos para iniciarmos uma existência de equilíbrio e de busca de elevação espiritual, através da conscientização, da transformação moral e do serviço em benefício do próximo. No entanto, ainda nos distraímos mais do que deveríamos com os falsos valores da matéria, que são transitórios e não nos acrescentam nada.

Quando somos lembrados do nosso convite para o jantar com o Cristo - e somos lembrados muitas vezes, de diversas formas - quase sempre alegamos nossos muitos afazeres profissionais, nossos compromissos sociais, nossos deveres com a família.

A família é geralmente vista como uma boa desculpa, pois elevamos a família como a grande causa de nossas vidas. Não é assim. Nossa família é formada por espíritos que progridem em conjunto, uns mais e outros menos. É verdade que nossa primeira obrigação moral e material é com a família, pois não é à toa que os espíritos se aproximam. Mas a família não pode servir de pretexto para deixarmos de lado nossa tarefa espiritual.

Nossa obrigação começa com a família, mas não termina com a família; até porque nossa verdadeira família é espiritual.



Na parábola que Jesus nos conta, o homem que fez o convite, vendo que os que foram convidados recusaram o convite, manda convidar os pobres, os aleijados, os mancos e os cegos.

Quem são estas pessoas? São os mesmos espíritos que recusaram o convite.

Por que recusaram o convite da primeira vez? Por que se deixaram envolver pelas coisas materiais, movidos pelo egoísmo em suas mais diversas formas.

O caminho que leva a Deus é uma reta. Quando somos dominados pelo egoísmo abandonamos o caminho reto e entramos em desvios e atalhos. A Lei de Deus nos avisa que nos desviamos do caminho através da dor. A dor é um aviso de que saímos do caminho reto que leva a Deus. Por meio da dor, causada por nossas próprias escolhas erradas, nos tornamos temporariamente pobres, aleijados, mancos e cegos.

E somos convidados novamente, pois a misericórdia de Deus é infinita e sempre nos concede novas chances para nos rearmos com as Leis divinas. Então alguns de nós aceitam, outros ainda não.

Na parábola, o servo avisa o homem que ainda há lugar: ***“Sai pelos caminhos e valados, e força-os a entrar, para que a minha casa se encha. Porque eu vos digo que nenhum daqueles homens que foram convidados provará a minha ceia”.***

A Lei força todos a se reajustarem. Não temos escolha. Nosso destino é o progresso e a felicidade. Nosso livre arbítrio se resume à escolha sobre a forma e tempo que levaremos para progredirmos e alcançarmos a felicidade.

O senhor manda buscar pelos caminhos. São os mesmo que se desviaram que estão nestes outros caminhos.

Nenhum daqueles primeiros convidados provará a ceia do senhor. Eles já não existem mais. Os espíritos que animaram aquelas personalidades egoístas, que se desviaram do caminho reto das Leis de Deus, hoje revestem outros corpos, outras personalidades, em condições diferentes. Aprenderam com a dor e aceitam, mesmo que impelidos pela força da Lei, o convite para o jantar.

**25. Ora, ia com ele uma grande multidão; e, voltando-se, disse-lhe:**

**26. Se alguém vier a mim, e não aborrecer a seu pai, e mãe, e mulher, e filhos, e irmãos, e irmãs, e ainda também a sua própria vida, não pode ser meu discípulo.**

A palavra “aborrecer” (que, traduzido literalmente, quer dizer “odiar”), nesta fala de Jesus, é um hebraísmo, uma expressão do idioma dos israelitas em que há mais ênfase do que nós costumamos utilizar. Na falta de uma palavra mais adequada para traduzir o pensamento de Jesus, foi usado o verbo “odiar”, no grego *misei* (μισει).

Jesus não nos pede, de modo algum, que odiemos nossos familiares, sejam quais forem. Como dissemos há pouco, nossa obrigação começa com a família, mas não termina com a família.

Jesus resumiu os mandamentos em amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo (Marcos 12:30-31). Nenhum interesse pode estar acima de Deus. Dando prioridade a Deus teremos o equilíbrio necessário para cuidarmos da família e não só da família.

**27. E qualquer que não levar a sua cruz, e não vier após mim, não pode ser meu discípulo.**

**28. Pois qual de vós, querendo edificar uma torre, não se assenta primeiro a fazer as contas dos gastos, para ver se tem com que a acabar?**

**29. Para que não aconteça que, depois de haver posto os alicerces, e não a podendo acabar, todos os que a virem comecem a escarnecer dele,**

**30. Dizendo: Este homem começou a edificar e não pôde acabar.**

**31. Ou qual é o rei que, indo à guerra a pelejar contra outro rei, não se assenta primeiro a tomar conselho sobre se com dez mil pode sair ao encontro do que vem contra ele com vinte mil?**

**32. De outra maneira, estando o outro ainda longe, manda embaixadores, e pede condições de paz.**

**33. Assim, pois, qualquer de vós, que não renuncia a tudo quanto tem, não pode ser meu discípulo.**

Jesus fala que devemos carregar a nossa cruz. Não é demais lembrar que a crucificação já era uma prática comum naquele tempo. Todas aquelas pessoas a quem Jesus se dirigia já tinham visto, alguma vez na vida, um condenado carregando a sua cruz até o local designado.

Jesus não quer dizer com isso que somos condenados, mas que temos que cumprir com o nosso dever sem esmorecer. Jesus alerta para a responsabilidade que é aceitar o seu convite. É preciso que saibamos o que nos espera, temos que estar preparados, temos que estar bem conscientes do que representa seguir o Cristo.

Jesus cita o exemplo de alguém que quer construir uma torre, e, para isso, precisa calcular, antes, quanto material será preciso para completar a obra.

Jesus também cita o exemplo de um rei que vai fazer guerra contra outro rei, que antes deve calcular se pode, com seus dez mil soldados, vencer os vinte mil soldados do outro rei.

Podemos imaginar que Jesus está apenas chamando a nossa atenção para os riscos de iniciar um processo de espiritualização, em que nos tornamos mais sensíveis, mais abertos a influências espirituais, mais conscientes da gravidade de nossos pensamentos, palavras e ações, e depois desistirmos.

É claro que se fizermos isso teremos alguns revezes. Ao nos conscientizarmos, passamos a sofrer as consequências dos nossos erros às vezes imediatamente; ao nos sensibilizarmos, nos tornamos mais suscetíveis, abrimos nosso campo eletromagnético às influências externas. Se vigiarmos e orarmos, essas influências serão benéficas. Se desistirmos da nossa caminhada com Jesus, estaremos mais expostos a outras influências.

Podemos ser levados a pensar que para que a construção da torre chegue ao fim, temos que ter material suficiente, e que para que o rei vença a guerra arranje mais dez mil soldados.

Mas não. Jesus diz para renunciarmos a tudo o que temos. A torre não deve ser construída e a guerra não deve ser iniciada.

Não precisamos de uma torre para nos elevarmos materialmente, mas precisamos nos desapegar da matéria para nos elevarmos espiritualmente.

Também não precisamos lutar contra inimigos externos. Nossa luta é interna, é contra o nosso próprio orgulho e egoísmo.

Todo este capítulo é sobre o desapego a tudo o que nos prende à matéria, a todo egoísmo:

- A cura do hidrópico é a libertação da retenção das coisas materiais;
- A escolha do último lugar para sentar à mesa é abrir mão de toda e qualquer honraria, é abrir mão dos melhores lugares reconhecendo a nossa pequenez;

- Os convidados para a ceia que nós oferecemos (para a nossa vida) devem ser os espiritualmente mais necessitados, e não aqueles que têm condições de se bastarem a si mesmos;
- Os convidados para a festa do senhor não aceitaram o convite por causa de terrenos, bois e casamentos, e foram novamente convidados mais tarde, quando pobres, aleijados, mancos e cegos;
- Jesus diz que para segui-lo deve-se desfazer a falsa ideia de que vivemos para a família, pois acima de tudo estão as coisas de Deus;
- E, por fim, notamos que temos que abrir mão de tudo o que nos mantém o egoísmo, como o grande crescimento material representado pela torre e as lutas externas movidas pelo orgulho, quando sabemos que só a quem temos que vencer é a nós mesmos.

## **CAPÍTULO 15**

Este capítulo, assim como o anterior, trata de um tema único: a inevitável evolução do espírito, a sua religação com Deus (que deu origem à palavra religião, do latim *religare*), e a conseqüente percepção da infinita misericórdia de Deus que se manifesta em todos os lugares, em todos os tempos, desde que estejamos receptivos a ela. São duas pequenas parábolas e a primorosa parábola do filho pródigo, uma das maiores e mais perfeitas lições acerca da nossa trajetória espiritual.

- 1. E Chegavam-se a ele todos os publicanos e pecadores para o ouvir.**
- 2. E os fariseus e os escribas murmuravam, dizendo: Este recebe pecadores, e come com eles.**

Já vimos que os fariseus se preocupavam demasiadamente com as aparências, com os aspectos externos da lei judaica, havendo esquecido o fundamento dessas leis que era a aproximação com Deus. Criticavam Jesus por ele misturar-se com os cobradores de impostos, com as prostitutas, com todas as pessoas consideradas impuras.

- 3. E ele lhes propôs esta parábola, dizendo:**
- 4. Que homem dentre vós, tendo cem ovelhas, e perdendo uma delas, não deixa no deserto as noventa e nove, e vai após a perdida até que venha a achá-la?**
- 5. E achando-a, a põe sobre os seus ombros, jubiloso;**
- 6. E, chegando a casa, convoca os amigos e vizinhos, dizendo-lhes: Alegrai-vos comigo, porque já achei a minha ovelha perdida.**

**7. Digo-vos que assim haverá alegria no céu por um pecador que se arrepende, mais do que por noventa e nove justos que não necessitam de arrependimento.**

**“... justos que não necessitam de arrependimento”.** Jesus nos disse antes que não veio chamar os justos, mas os pecadores, ou seja, não veio chamar os que já estão ajustados com as leis divinas, mas os que estão desajustados com as Leis de Deus (Lucas 5:32).

No Evangelho de João é dito que nenhuma das ovelhas confiadas a Jesus se perderá (João 10:28-29). Isso não deixa dúvidas quanto à salvação universal. Milhões de cristãos acreditam que a salvação é para alguns, e que outros serão condenados ao inferno.

Que Pai seria esse que condenaria os seus filhos desobedientes ao fogo do inferno? Que Pai seria esse que criaria um inferno para punir os seus filhos desobedientes? Se nós, que somos cheios de falhas de caráter e imperfeições costumamos dar novas oportunidades aos nossos filhos, como é que Deus, infinitamente justo e bom, condenaria os seus filhos ao castigo eterno?

Deus sempre nos oferece novas oportunidades através da reencarnação. Pela Lei de causa e efeito, sempre colhemos o que plantamos, e o que não colhemos numa existência colheremos ao longo das existências seguintes. Mas, como nos disse o apóstolo Pedro, o amor cobre uma multidão de pecados (1 Pedro 4:8).

Jesus, responsável maior pelo planeta, tem sob os seus cuidados todas as suas ovelhas, todos os espíritos que aqui habitam. E nenhuma delas há de se perder. Neste mesmo sentido é a segunda parábola de Jesus:

**8. Ou qual a mulher que, tendo dez dracmas, se perder uma dracma, não acende a candeia, e varre a casa, e busca com diligência até a achar?**

**9. E achando-a, convoca as amigas e vizinhas, dizendo: Alegrai-vos comigo, porque já achei a dracma perdida.**

**10. Assim vos digo que há alegria diante dos anjos de Deus por um pecador que se arrepende.**

Novamente, ao final da parábola se fala em arrependimento, na *metanóia*, a mudança de mente, a transformação mental, ou seja, a conscientização da sua realidade espiritual.

A dracma era uma moeda grega equivalente a um dia de trabalho. Vemos que a moeda, o dinheiro, não é um bem em si, mas é apenas um meio de possuir bens. Se a dracma perdida representa o espírito, percebemos que na verdade o espírito

não está perdido, falta apenas o meio de encontrá-lo. E para isso a mulher acende a candeia e varre a casa.

Do mesmo modo, é nosso dever iluminar, lançar luz sobre o espírito temporariamente perdido, e varrer o seu caminho, limpar o caminho à sua volta, afastar as influências impuras que o mantêm perdido.

Vamos agora ver a primeira parte da parábola do filho pródigo:

**11. E disse: Um certo homem tinha dois filhos;**

**12. E o mais moço deles disse ao pai: Pai, dá-me a parte dos bens que me pertence. E ele repartiu por eles a fazenda.**

**13. E, poucos dias depois, o filho mais novo, ajuntando tudo, partiu para uma terra longínqua, e ali desperdiçou os seus bens, vivendo dissolutamente.**

**14. E, havendo ele gastado tudo, houve naquela terra uma grande fome, e começou a padecer necessidades.**

**15. E foi, e chegou-se a um dos cidadãos daquela terra, o qual o mandou para os seus campos, a apascentar porcos.**

**16. E desejava encher o seu estômago com as bolotas que os porcos comiam, e ninguém lhe dava nada.**

**17. E, tornando em si, disse: Quantos jornaleiros de meu pai têm abundância de pão, e eu aqui pereço de fome!**

**18. Levantar-me-ei, e irei ter com meu pai, e dir-lhe-ei: Pai, pequei contra o céu e perante ti;**

**19. Já não sou digno de ser chamado teu filho; faze-me como um dos teus jornaleiros.**

**20. E, levantando-se, foi para seu pai; e, quando ainda estava longe, viu-o seu pai, e se moveu de íntima compaixão e, correndo, lançou-se-lhe ao pescoço e o beijou.**

**21. E o filho lhe disse: Pai, pequei contra o céu e perante ti, e já não sou digno de ser chamado teu filho.**

**22. Mas o pai disse aos seus servos: Trazei depressa a melhor roupa; e vesti-lho, e ponde-lhe um anel na mão, e alparcas nos pés;**

**23. E trazei o bezerro cevado, e matai-o; e comamos, e alegremo-nos;**

**24. Porque este meu filho estava morto, e reviveu, tinha-se perdido, e foi achado. E começaram a alegrar-se.**

Esta parábola normalmente é vista como um sinal da infinita misericórdia de Deus,

e é disso mesmo que se trata. Mas o seu sentido é muito mais profundo do que aparenta.

Vemos que o filho mais novo, provavelmente entrando na juventude, pede a seu pai a sua parte na herança. Segundo as leis judaicas, dois terços da herança cabiam ao filho mais velho; os demais filhos repartiam o que sobrava.

Este filho, então, teria tomado sua parte na herança e partido em busca de aventuras, dissipando os seus bens, gastando com prostitutas, como dirá depois o seu irmão.

Mais tarde, tendo gastado tudo, se arrepende e volta ao seu pai, que o recebe de braços abertos.

Isso pode representar a nossa jornada terrena. Ao reencarnarmos recebemos uma oportunidade, concedida por Deus, nosso Pai.

Ele nos dá o que precisamos para nos materializarmos neste plano, respeitando o nosso livre-arbítrio. Chegando aqui nos entusiasmos com os prazeres materiais, com o apelo da matéria, e nos esquecemos de nossa origem, esquecemos que somos um espírito habitando um corpo físico.

Quando os prazeres já não nos satisfazem, quando atingimos o fundo do poço (simbolizado pela vida em meio aos porcos e pelo desejo de comer a comida deles, ou seja, quando nos assemelhamos aos animais), então nos damos conta de que deve haver algo mais do que essa vida de animalidade, e nos lembramos de quem somos, de quem é o nosso Pai. Ansiamos por voltar à origem, por abandonarmos a vida de animalidade e voltarmos, humildes, reconhecendo a nossa pequenez, ao nosso Pai.

Nossa conscientização faz com que percebamos os nossos inúmeros erros, e não nos achamos no direito de sermos considerados filhos de Deus.

Mas Deus nos recebe de braços abertos. Quando nos conscientizamos, quando mudamos a nossa mente e nos tornamos humildes, retomamos o contato com Deus e somos recebidos com infinito amor.

Mas o sentido maior desta parábola diz respeito à nossa trajetória como espíritos, filhos de Deus, criados à imagem e semelhança de Deus, portanto, perfectíveis.

**“Pai, dá-me a parte dos bens que me pertence”.** O Haroldo preferiu traduzir, em vez de “bens”, como “propriedade”; mas nos indica que a palavra traduzida como

“propriedade” também pode significar “substância”, no sentido de coisa; ou “essência”, no sentido de ser.

A palavra grega é *ousia* (ουσία), que é normalmente traduzida como “substância”. Mas temos que prestar atenção ao significado de substância: *sub* é aquilo que está por baixo, que é inferior, que se aproxima, que substitui. *Sub-estância*, do verbo *estar*. Para o grego, “ser” e “estar” são a mesma coisa. *Sub-estância*, então, é aquilo que sub-está, que sub-jaz.

Nós somos criados da substância de Deus. Nós estamos. Deus é. Nós somos substância de Deus, no sentido de que derivamos de Deus, somos provenientes de Deus, sub-estamos em Deus.

O filho que pede ao Pai a porção da substância que lhe cabe é o espírito recém criado, é o espírito em seus primórdios, que adquire o livre-arbítrio e começa a sua grande experimentação na matéria. O filho pediu ao Pai a porção da substância que lhe cabia e o pai repartiu a vida entre eles. Repartiu a vida.

**“E ele repartiu por eles a fazenda”**. - A Almeida Revista e Atualizada diz que o pai “repartiu os seus haveres”. A Bíblia de Jerusalém e a tradução de Rohden dizem que o pai “repartiu os bens”. O espanhol Francisco Lacueva diz que o pai “repartiu o seu sustento”. Mas a palavra original é vida. *Bion* (βιον) é vida.

O filho é substância da substância do Pai e o Pai lhe concede a Vida. Impossível ser mais claro que isso.

Algumas vezes temos que buscar um sentido espiritual numa parábola que trata de coisas materiais. Nesta parábola os comentadores encontram um sentido material num ensinamento que é explicitamente espiritual.

**“E, poucos dias depois, o filho mais novo, ajuntando tudo, partiu para uma terra longínqua, e ali desperdiçou os seus bens, vivendo dissolutamente”**. - O espírito no início da sua trajetória, ajuntando tudo, ou seja, tomando posse dos seus veículos de manifestação - perispírito e corpo físico - encarna e desperdiça os seus bens, desperdiça a sua substância, vive dissolutamente, de forma totalmente material.

Fartou-se de prazeres e sensações materiais, até que não se satisfazia mais com o que a matéria lhe oferecia. Ansiando por novos prazeres, novas sensações, por novidades para os seus sentidos físicos, subordinou-se a um criador de porcos.



Lembramos que o porco era considerado pelos judeus o animal mais imundo. Os irmãos Macabeus, pouco antes de Jesus, preferiram morrer a ter que comer carne de porco (2 Macabeus 7).

O dono dos porcos é o espírito muito comprometido, repleto de impurezas, criador de impurezas. No entanto, o filho subordina-se a esse espírito e também passa a criar impurezas.

Ele gostaria de ser como os porcos, de comer o que eles comem, de ficar satisfeito como eles ficam. Chegou ao auge da materialidade, chegou ao fundo do poço, e ninguém, naquele meio, era capaz de satisfazê-lo, ninguém lhe oferecia nada, ninguém acrescentava nada para a sua vida. Então, ***“tornando em si”***, ou seja, consultando o seu íntimo, lembrou da sua origem divina, se deu conta de que aqueles que trabalham para o Pai, para o Creador, têm abundância de pão, do pão espiritual, do alimento do espírito de que Jesus nos fala na oração que nos ensinou - ***“O pão nosso sobressubstancial nos dai hoje”*** - e notou que a sua fome das coisas do espírito seria saciada se trabalhasse para o seu pai.

Tornou-se um mendigo do espírito, conforme a bem-aventurança de Jesus, quase sempre traduzida como “bem-aventurados os pobres de espírito”. São os mendigos do espírito, os que mendigam, os que imploram pelas coisas do espírito.

***“Levantar-me-ei, e irei ter com meu pai, e dir-lhe-ei: Pai, pequei contra o céu e perante ti; já não sou digno de ser chamado teu filho; faze-me como um dos teus jornaleiros”***. - A palavra traduzida como levantar é *anastás* (αναστας), a mesma palavra grega que é traduzida como “ressurreição”. Pois este espírito levantou-se para a vida, ressurgiu para vida, iniciou o seu caminho de volta ao Pai Creador. Ele reconhece os seus erros e não se considera digno de ser considerado filho de Deus, quer ser apenas um trabalhador (“jornaleiro”) do Pai, quer uma oportunidade de serviço e receber o alimento espiritual.

***“E, levantando-se, foi para seu pai; e, quando ainda estava longe, viu-o seu pai, e se moveu de íntima compaixão e, correndo, lançou-se-lhe ao pescoço e o beijou”***. - Assim que o espírito se levanta, ressurge para a vida em direção ao Pai Creador, Deus nos recebe de braços abertos. Deus está sempre pronto a nos receber. Nós é que precisamos estar receptivos. Nós é que precisamos abrir as portas do nosso coração e da nossa mente para que possamos novamente sentirmo-nos como seus filhos, como substância da sua substância.

O Pai manda que lhe coloquem a melhor roupa, que é a estola, uma roupa especial usada por pessoas importantes, o anel na mão e a alparca (ou sandália) nos pés.

- A melhor roupa, um perispírito livre das antigas impurezas graças a um estado de consciência novo;
- O anel na mão, como símbolo de um ciclo que se completa quando o espírito que partiu de Deus para desenvolver o livre-arbítrio volta a Deus pela conscientização;
- A sandália nos pés, representando a separação entre o espírito e a matéria: o espírito já não está grudado ao pó da terra, já sabe que está na matéria, mas não é matéria.

***“Porque este meu filho estava morto, e reviveu, tinha-se perdido, e foi achado”.***

- Estava morto, havia perdido a consciência da sua imortalidade;
- Tinha-se perdido, assim como a ovelha perdida, ou a dracma perdida, das outras parábolas.

Ninguém, nenhum espírito está perdido para sempre. A perdição do espírito é um estado provisório, é um período de experiência, de onde ele sai experimentado e consciente das consequências de suas escolhas, pronto para retornar a Deus, religar-se com Deus.

Agora vem a segunda parte da parábola do filho pródigo, em que vemos a reação do seu irmão mais velho ao vê-lo de volta:

**25. E o seu filho mais velho estava no campo; e quando veio, e chegou perto de casa, ouviu a música e as danças.**

**26. E, chamando um dos servos, perguntou-lhe que era aquilo.**

**27. E ele lhe disse: Veio teu irmão; e teu pai matou o bezerro cevado, porque o recebeu são e salvo.**

**28. Mas ele se indignou, e não queria entrar.**

**29. E saindo o pai, instava com ele. Mas, respondendo ele, disse ao pai: Eis que te sirvo há tantos anos, sem nunca transgredir o teu mandamento, e nunca me deste um cabrito para alegrar-me com os meus amigos;**

**30. Vindo, porém, este teu filho, que desperdiçou os teus bens com as meretrizes, mataste-lhe o bezerro cevado.**

**31. E ele lhe disse: Filho, tu sempre estás comigo, e todas as minhas coisas são tuas;**

**32. Mas era justo alegrarmo-nos e folgarmos, porque este teu irmão estava morto, e reviveu; e tinha-se perdido, e achou-se.**

Como o irmão mais velho teria agido se fosse o pai? Provavelmente castigaria duramente o irmão mais novo. Mas o Pai não exigiu pedidos de piedade.

Vemos dois extremos nos dois irmãos. O irmão mais novo esbanjador e o irmão mais velho avarento.

O irmão mais velho, apesar de mais velho, é menos experiente. Não cometeu erros como o irmão mais novo; mas, se não cometeu erros, também não progrediu, pois o espírito progride através da experiência.

Muito se questiona se o mal é necessário, se o espírito é obrigado a experimentar o mal para reconhecer e valorizar o bem. Essa questão filosófica não cabe neste estudo a que nos propusemos. Mas não há como negar que o que nos faz progredir é a experiência. Talvez um dia, num futuro distante, o que hoje consideramos como mal seja considerado de outra forma.

Esta parábola lembra a disputa entre Caim e Abel, filhos de Adão e Eva, no Gênesis. Abel era quem agradava a Deus, e Caim o matou. Mas Abel não deixou descendência, não aproveitou nada de construtivo, enquanto Caim ergueu cidades e deixou descendentes que formaram povos.

Abel é como o irmão mais velho da parábola. Ficou junto de Deus, mas não progrediu. Caim é como o irmão mais novo. Afastou-se de Deus, mas foi efetivamente mais conhecedor da obra e da grandeza de Deus do que Abel.

Podemos analisar a diferença entre os dois irmãos nesta parábola de um modo mais terreno:

Dois espíritos reencarnam com a tarefa de trabalhar em benefício do próximo num centro espírita. Um deles, representado pelo irmão mais velho, desde cedo toma contato com o Espiritismo, se interessa pelo assunto e se torna um trabalhador da casa.

O outro, o mais novo, embora se interesse pelas coisas do espírito, se perde no meio do caminho, se distrai com inúmeros outros interesses, comete vários erros, compromete-se com espíritos encarnados e desencarnados de baixa evolução, busca a satisfação material como solução para o seu vazio interior, até que chega ao auge da decadência.

Então, sem alternativa material, sem que nada mais o satisfaça e resolva seus problemas existenciais, recorre a Deus e volta ao estudo do Espiritismo, muda a sua mentalidade, encontra no serviço ao próximo um meio construtivo de viver.

Por ter experimentado tantas dores e dissabores, compreende facilmente os anseios e angústias do próximo; diferentemente do seu irmão mais velho, que nunca experimentou nesta existência as dores relatadas nos livros que lê.

O mais novo, apesar de sua apresentação tardia para o trabalho, é mais preparado que o mais velho.

Estas são algumas de muitas análises possíveis desta parábola, uma síntese da nossa caminhada espiritual.

## CAPÍTULO 16

Neste capítulo Jesus nos conta a parábola do mordomo infiel e a parábola (ou história) do mendigo Lázaro e do homem rico.

- 1. E dizia também aos seus discípulos: Havia um certo homem rico, o qual tinha um mordomo; e este foi acusado perante ele de dissipar os seus bens.**
- 2. E ele, chamando-o, disse-lhe: Que é isto que ouço de ti? Dá contas da tua mordomia, porque já não poderás ser mais meu mordomo.**
- 3. E o mordomo disse consigo: Que farei, pois que o meu senhor me tira a mordomia? Cavar, não posso; de mendigar, tenho vergonha.**
- 4. Eu sei o que hei de fazer, para que, quando for desapossado da mordomia, me recebam em suas casas.**
- 5. E, chamando a si cada um dos devedores do seu senhor, disse ao primeiro: Quanto deves ao meu senhor?**
- 6. E ele respondeu: Cem medidas de azeite. E disse-lhe: Toma a tua obrigação, e assentando-te já, escreve cinqüenta.**
- 7. Disse depois a outro: E tu, quanto deves? E ele respondeu: Cem alqueires de trigo. E disse-lhe: Toma a tua obrigação, e escreve oitenta.**
- 8. E louvou aquele senhor o injusto mordomo por haver procedido prudentemente, porque os filhos deste mundo são mais prudentes na sua geração do que os filhos da luz.**

A palavra grega que é traduzida como mordomo (ou administrador) é *oiconômon* (οἰκονομῶν), ou ecônomo. Era o responsável por gerir os bens do seu senhor, um gerente dos negócios do seu senhor.

Todos nós somos ecônomos de Deus. Todos nós temos sob nossa responsabilidade o nosso corpo físico, que é o veículo de manifestação do espírito na matéria; todos nós temos conhecimentos e experiências adquiridos através de inúmeras existências materiais e também nos intervalos entre essas existências, que formam o nosso subconsciente.

Nosso subconsciente é a soma de todos os nossos pensamentos, palavras e ações desde que adquirimos o livre-arbítrio. Este é o patrimônio que está sob a nossa guarda.

Somado a isso temos a educação que recebemos, a cultura ambiente, os bens materiais. Tudo isso pertence a Deus. Deus nos faz administradores desses valores.

As regras sobre como gerir esses bens são as Leis de Deus. E as Leis de Deus, conforme nos indica a questão 621 de O Livro dos Espíritos, estão gravadas em nossa consciência. Quem nos pede contas, então, é a nossa consciência.

A cada reencarnação somos uma nova personalidade. E enquanto a nossa personalidade não se ajustar, enquanto a nossa personalidade não estiver de acordo com a consciência, ela estará sendo infiel.

A personalidade, essa pessoa que somos hoje, está sendo infiel à consciência, que é onde estão gravadas as Leis de Deus. E quando a consciência percebe que estamos sendo desonestos com ela, quando não ouvimos a voz da consciência, somos duramente cobrados em forma de dor.

A dor é um mecanismo que nos avisa que estamos desobedecendo às Leis de Deus. O caminho das Leis de Deus é uma reta. Quando nos desviamos desta reta, enveredando por desvios e atalhos, a dor nos alerta para que voltemos ao caminho reto das Leis de Deus.

Então a consciência nos pede as contas da nossa administração; da administração que fazemos dos recursos que Deus colocou sob nossa responsabilidade. A consciência (que é o homem rico da parábola) avisa o administrador que ele não pode mais administrar os seus bens.

Quando a consciência percebe a nossa infidelidade às Leis de Deus, quando somos acusados perante a nossa consciência de gerirmos mal os bens que Deus colocou sob nossa responsabilidade, não podemos continuar administrando egoisticamente os bens da Vida. É a nossa consciência que passará a gerenciar os recursos da Vida.

Na parábola o administrador infiel, ao ser cobrado, disse consigo: ***“Cavar, não posso; de mendigar, tenho vergonha”***.

“Cavar” seria “arar a terra”, preparar a terra para semear. Ele não podia esperar até que cavasse, preparasse o terreno, plantasse, para só depois colher. Iria demorar muito para que ele colhesse o fruto de novos recursos.

Além disso, ele tinha vergonha de mendigar, ou seja, não queria utilizar-se dos recursos alheios, dos recursos de outras personalidades como ele, de outros espíritos encarnados como ele.

Decide então utilizar-se ainda dos recursos que estavam sob sua responsabilidade. Assim é com todos nós quando somos acusados perante a nossa consciência. A dor moral que sentimos não nos permite esperar até que possamos colher o fruto de novas plantações. Essa mesma dor moral que experimentamos não nos permite mendigar recursos de outros.

O administrador da parábola aproveita, então, que ainda está de posse dos bens e passa a beneficiar o próximo com esses bens, diminuindo as dívidas do próximo como modo de garantir, mais tarde, a hospitalidade por parte de quem foi beneficiado por ele.

Quando começamos a nos conscientizar, a ouvir a voz da consciência, nos damos conta do mau uso que fizemos dos recursos que Deus colocou sob nossa responsabilidade. Percebemos então as Leis de Deus gravadas na consciência, entre elas a Lei de causa e efeito, segundo a qual sempre colhemos aquilo que plantamos. Se hoje experimentamos dor é por causa do mau uso dos recursos de Deus. Compreendemos, então, que se plantamos egoísmo colheremos egoísmo, e se quisermos colher uma boa disposição do próximo em relação a nós temos que plantar desde já o alívio para as suas dívidas, fazendo uso dos recursos que temos à nossa disposição.

***“E louvou aquele senhor o injusto mordomo por haver procedido prudentemente”***. - Quem louva é o homem rico (que representa a nossa consciência). A nossa consciência fica contente com as nossas novas resoluções de aproveitar os recursos que Deus confiou a nós em benefício do próximo.

A Bíblia de Jerusalém diz que era costume na palestina daquela época o administrador conceder empréstimos com os bens do seu senhor e anotar a mais no recibo como juro para a sua remuneração. O administrador não estaria agora, então,

prejudicando o homem rico, seu senhor. O valor real que deviam era 50 medidas de azeite 80 alqueires de trigo. O administrador desistiu da sua remuneração, do juro cobrado pela venda a prazo destas mercadorias, para conquistar a simpatia dos devedores.

***“... porque os filhos deste mundo são mais prudentes na sua geração do que os filhos da luz”.*** - A expressão “filho de”, como já vimos, é um semitismo, é uma expressão idiomática daquele povo.

Filhos do mundo são os mundanos; filhos da luz são os iluminados. Tanto os mundanos quanto os iluminados estão em plena escalada evolutiva, e desenvolveram cada qual determinadas qualidades. O mundano ainda não se iluminou, mas o iluminado pode não ter desenvolvido a prudência que o mundano desenvolveu.

No Evangelho de Mateus (Mateus 10:16), quando Jesus manda os seus apóstolos em missão, ele recomenda que eles sejam mansos como as pombas e prudentes como as serpentes. Não basta, portanto, ser manso como o iluminado, é preciso também ser prudente como o mundano.

Os que já têm luz devem agir como o administrador quando foi cobrado por sua consciência e auxiliarem o próximo em sua autoiluminação.

**9. E eu vos digo: Granjeai amigos com as riquezas da injustiça; para que, quando estas vos faltarem, vos recebam eles nos tabernáculos eternos.**

Emmanuel nos lembra que “se não temos hoje determinadas ligações com as riquezas da injustiça, tivemo-las ontem, e faz-se imprescindível aproveitar o tempo para o nosso reajustamento individual perante a Justiça divina”.

Temos que ter amigos também entre os espíritos ainda ligados às riquezas terrenas. A solidariedade é um ensinamento básico de Jesus, e quando quaisquer bens que Deus nos coloca à disposição nos faltarem, estes amigos podem nos receber nos tabernáculos eternos dos seus corações, pois as amizades materiais podem evoluir para amizades espirituais, pois...

**10. Quem é fiel no mínimo, também é fiel no muito; quem é injusto no mínimo, também é injusto no muito.**

Ou seja, quem é amigo em coisas pequenas tende a ser amigo também nas coisas grandes. E nós, administrando os pequenos bens que Deus nos confiou, podere-

mos também administrar bens espirituais cada vez maiores, de acordo com o nosso merecimento.

**11. Pois, se nas riquezas injustas não fostes fiéis, quem vos confiará as verdadeiras?**

**12. E, se no alheio não fostes fiéis, quem vos dará o que é vosso?**

Se ao recebermos as riquezas que Deus nos confiou como um empréstimo, como um investimento para o nosso desenvolvimento individual, não somos fieis às Leis de Deus, não teremos condições de receber as verdadeiras riquezas espirituais, das quais mal suspeitamos, apenas as pressentimos, pois nosso estágio evolutivo mal nos permite entrever as verdadeiras riquezas do espírito. Se não somos fieis a Deus não conquistamos valores definitivos.

**13. Nenhum servo pode servir dois senhores; porque, ou há de odiar um e amar o outro, ou se há de chegar a um e desprezar o outro. Não podeis servir a Deus e a Mamom.**

Jesus nos disse em outra ocasião que devemos cuidar primeiro das coisas do espírito, e que as outras coisas nos serão dadas por acréscimo (Lucas 12:31). Não podemos nos dedicar simultaneamente à conquista de riquezas materiais e espirituais.

Não há nada de errado em possuir bens materiais, mas quando o objetivo de nossa vida é possuir bens materiais, já não somos nós que os possuímos, nós somos possuídos por eles.

Ninguém reencarna para acumular bens. Nosso aprendizado se refere às coisas do espírito. As coisas materiais são apenas instrumentos úteis para o nosso aprendizado.

**16. A lei e os profetas duraram até João; desde então é anunciado o reino de Deus, e todo o homem emprega força para entrar nele.**

Jesus nos disse que não veio destruir a Lei, mas cumpri-la (Mateus 5:17). Mas o ensinamento de Jesus é incomparavelmente mais elevado do que a lei antiga. A prática do ensino de Jesus liberta, acelera o desenvolvimento espiritual. Por isso Jesus diz que todos empregam força para entrar no reino de Deus.

O ensino de Jesus dinamiza o espírito para alcançar o próximo estágio evolutivo, que é o reino de Deus.



**17. E é mais fácil passar o céu e a terra do que cair um til da lei.**

**18. Qualquer que deixa sua mulher, e casa com outra, adultera; e aquele que casa com a repudiada pelo marido, adultera também.**

A Lei de Deus deve ser cumprida na íntegra. Ninguém escapa da Lei de Deus. Jesus cita o exemplo do adultério. O adultério é utilizado várias vezes, nos textos bíblicos, se referindo ao descumprimento das Leis de Deus. O homem que descumpra a Lei de Deus adultera contra Deus.

Não só quem comete adultério é culpado, mas também quem se aproveita da situação. Isso complementa o ensino de Jesus sobre o administrador infiel. Não se pode servir a Deus e às riquezas. Quem serve ao dinheiro, quem dedica a sua existência à conquista de bens materiais, está cometendo adultério contra Deus, está adulterando a Lei de Deus.

Mas não só correr atrás do dinheiro é descumprir as Leis de Deus. O uso que se faz do dinheiro também pode acarretar em adultério contra as Leis de Deus. Um erro não pode justificar outro erro. O dinheiro, seja qual for a sua origem, deve ser bem aplicado. O dinheiro é uma energia neutra, o uso que fizermos dele é que pode ser bom ou mau.

Por isso o administrador é citado como exemplo por Jesus. Apesar de não ser um homem fiel, fez bom proveito dos bens que administrava ao aliviar as dívidas dos outros com esses bens.

\*\*\*

Jesus agora nos conta a parábola do homem rico e do mendigo Lázaro. Alguns comentaristas do Evangelho acreditam se tratar de uma história real por ser esta a única parábola em que Jesus dá nome a um personagem.

**19. Ora, havia um homem rico, e vestia-se de púrpura e de linho finíssimo, e vivia todos os dias regalada e esplendidamente.**

**20. Havia também um certo mendigo, chamado Lázaro, que jazia cheio de chagas à porta daquele;**

**21. E desejava alimentar-se com as migalhas que caíam da mesa do rico; e os próprios cães vinham lamber-lhe as chagas.**

**22. E aconteceu que o mendigo morreu, e foi levado pelos anjos para o seio de Abraão; e morreu também o rico, e foi sepultado.**

**23. E no inferno, ergueu os olhos, estando em tormentos, e viu ao longe Abraão,**

e Lázaro no seu seio.

**24. E, clamando, disse: Pai Abraão, tem misericórdia de mim, e manda a Lázaro, que molhe na água a ponta do seu dedo e me refresque a língua, porque estou atormentado nesta chama.**

**25. Disse, porém, Abraão: Filho, lembra-te de que recebeste os teus bens em tua vida, e Lázaro somente males; e agora este é consolado e tu atormentado.**

**26. E, além disso, está posto um grande abismo entre nós e vós, de sorte que os que quisessem passar daqui para vós não poderiam, nem tampouco os de lá passar para cá.**

**27. E disse ele: Rogo-te, pois, ó pai, que o mandes à casa de meu pai,**

**28. Pois tenho cinco irmãos; para que lhes dê testemunho, a fim de que não venham também para este lugar de tormento.**

**29. Disse-lhe Abraão: Têm Moisés e os profetas; ouçam-nos.**

**30. E disse ele: Não, pai Abraão; mas, se algum dentre os mortos fosse ter com eles, arrepender-se-iam.**

**31. Porém, Abraão lhe disse: Se não ouvem a Moisés e aos profetas, tampouco acreditarão, ainda que algum dos mortos ressuscite.**

Esta parábola apenas confirma muitos conhecimentos que para os espíritas já são suficientemente consolidados.

Percebemos que o que define a nossa situação depois da morte física é o que fizemos e o que deixamos de fazer durante a existência material. Não são as crenças ou a religião que decidem o nosso destino.

Lázaro desejava alimentar-se das migalhas que caíam da mesa do rico. Jesus não diz que o rico era um homem mau. Mas deixar de fazer o bem é um mal. O rico não ajudava Lázaro. Jesus não diz que Lázaro alimentava-se das migalhas que caíam da mesa do rico, mas apenas que desejava alimentar-se.

Vemos também que o rico não foi para o inferno, embora esta tradução diga isso. A palavra traduzida como “inferno” no texto original grego é *hades* (αδης), que era a região dos mortos para os gregos. Tanto é verdade que o rico não foi para o inferno que ele viu de longe Abraão (que é o primeiro patriarca do povo israelita, é de Abraão que descende o povo israelita; aliás, é de Abraão que tem origem as três grandes religiões monoteístas: o Judaísmo, o Cristianismo e o Islamismo).

O rico vê Abraão e conversa com ele. Abraão continua chamando-o de filho, pois o rico certamente não estava perdido, muito menos perdido para sempre, apenas sofria as consequências da sua vida de egoísmo.

Nota-se que Lázaro, quando morreu, foi ajudado pelos bons espíritos [chamados aqui de anjos - os anjos são espíritos (Hebreus 1:7,14)] e foi para junto de Abraão. Champlim esclarece que, conforme a teologia judaica, o seio de Abraão fazia parte do hades e abrigava os bem-aventurados ou justos.

O rico imediatamente passou a sofrer tormentos. Apegado a uma vida de materialidade e prazeres, não se preocupando em aliviar a dor do próximo com os bens que Deus havia colocado à sua disposição, o rico sofria a dor moral do arrependimento e a ausência dos prazeres aos quais estava viciado. O rico é atormentado pela visão de Lázaro, o mendigo que costumava ficar à porta da sua casa, e que agora estava bem, recuperado e tranquilo, enquanto ele experimentava as chamas do desespero, purgava as impurezas dos seus vícios no fogo da sua consciência.

Ainda acostumado a ver no próximo apenas alguém para lhe servir, pede que Lázaro lhe refresque a sede. Percebemos que o espírito, embora arrependido, não modifica o seu caráter só porque morreu. O rico continua achando que os outros existem para servi-lo, mesmo reconhecendo seus erros.

Abraão diz ao rico: ***“Filho, lembra-te de que recebeste os teus bens em tua vida, e Lázaro somente males; e agora este é consolado e tu atormentado”***. Não foi a condição social dos dois que determinou a sua situação pós-morte. Se fosse a riqueza que determinasse a situação pós-morte, Abraão teria que estar na mesma condição do homem rico, pois também havia possuído muitas riquezas.

O rico sofria as consequências do mau uso dos recursos que Deus confiou a ele. O rico não aproveitou os bens concedidos por Deus para aliviar a dívida do próximo, como fez, depois de ser cobrado pela consciência, o administrador da parábola anterior.

Lázaro colhia os benefícios de uma vida de resignação, de não-revolta, da humildade de aceitar sem reclamações uma existência sofrida, talvez o resultado de uma prova a que ele tenha se submetido para forjar o seu caráter.

***“E, além disso, está posto um grande abismo entre nós e vós, de sorte que os que quisessem passar daqui para vós não poderiam, nem tampouco os de lá passar para cá”***. - O rico não podia ter acesso ao local onde estava Lázaro. O que determina nosso lugar no astral é o nosso estado mental e a consequente frequência vibratória, e o rico não poderia elevar-se de um momento para o outro, assim como um aparelho de rádio de ondas médias não pode captar emissoras de ondas curtas.

O rico pede que Abraão mande Lázaro à casa de seu pai para que os seus irmãos soubessem do que lhes aconteceria se eles agissem como ele agiu. Abraão lembra

ao rico que os seus irmãos têm à sua disposição a religião, os ensinamentos legados por Moisés e os profetas, pois bastaria segui-los para que evitassem o mesmo destino que ele.

O rico insiste, e argumenta que, se um dos mortos fosse visitar os seus irmãos, eles se arrependeriam. Como já vimos, a palavra traduzida como arrepender é *metanóia*, que quer dizer mudança de mente, transformação mental; é a conscientização da realidade espiritual.

Abraão diz que se eles não ouvem a Moisés e aos profetas, que eram os conhecimentos espirituais disponíveis naquela época, eles também não acreditariam num morto (espírito desencarnado).

Nós temos confirmação desta afirmação de Abraão todos os dias. Todos os dias há pessoas negando as manifestações mediúnicas. Todos os dias há pessoas duvidando do Espiritismo. Há dezenas de livros e estudos produzidos por cientistas renomados comprovando as manifestações mediúnicas, inclusive materializações completas, e isso não convence ninguém que não queira ser convencido.

Não são as manifestações mediúnicas que convencem. O que convence é a razão, o uso da razão, que é dom de Deus, a lógica, o bom senso, o estudo sem preconceitos, sem opiniões pré-concebidas, a busca incessante pelo esclarecimento.

Tomé, discípulo de Jesus, não acreditou que Jesus havia aparecido depois da crucificação enquanto não o viu e não tocou no seu perispírito materializado. Jesus disse a ele: “Tu crestes porque viste; felizes os que crerem sem ver” (João 20:29). Isto vale perfeitamente para os dias de hoje.

## CAPÍTULO 17

**1. E disse aos discípulos: É impossível que não venham escândalos, mas ai daquele por quem vierem!**

**2. Melhor lhe fora que lhe pusessem ao pescoço uma mó de atafona, e fosse lançado ao mar, do que fazer tropeçar um destes pequenos.**

A palavra grega “escândalon” (no plural σκανδαλα) designa uma armadilha, uma pedra de tropeço onde caíam os animais. Representa aquilo que nos faz tropeçar e cair.

As quedas, no estágio evolutivo em que se encontra a humanidade, são muitas vezes inevitáveis. Mas aquele que faz tropeçar, o responsável pela queda, será cobrado por isso. Jesus se utiliza de uma imagem forte, provavelmente de uso co-

mum na época, para evidenciar a gravidade do ato de provocar a queda do próximo.

Os pequeninos a que se refere Jesus são os espiritualmente pequenos, os que estão tomando consciência das coisas do espírito. Se Jesus está se referindo aos espiritualmente pequenos, a advertência dele é para os que têm ascendência sobre estes pequenos. Aos que ensinam, em qualquer área, mas principalmente aos que tratam das coisas do espírito, aos evangelizadores. Quem ensina errado provoca uma reação em cadeia, pois este erro pode se espalhar de maneira incontável, atingindo muitos espíritos, encarnados e desencarnados. A responsabilidade de quem evangeliza é muito grande. Quem fizer alguém tropeçar, alguém cair, será corresponsável por esta queda.

Lembramos que a palavra pecado significa, originalmente, queda. Pecado, do latim *peccare*, pé + cádere, pé - cair, cair com o pé, tropeçar.

**3. Olhai por vós mesmos. E, se teu irmão pecar contra ti, repreende-o e, se ele se arrepender, perdoa-lhe.**

**4. E, se pecar contra ti sete vezes no dia, e sete vezes no dia vier ter contigo, dizendo: Arrependo-me; perdoa-lhe.**

A palavra grega traduzida como pecado é “amartion” (no infinitivo *αμαρτη*), que quer dizer erro.

A palavra traduzida como arrependimento é *metanoia*, que á a mudança de mente ou conscientização.

A palavra traduzida como perdão é “áfese” (*αφησε*), que quer dizer libertar, deixar ir.

Somos todos filhos de Deus, então somos todos irmãos. Se alguém errar contra nós, devemos chamar a sua atenção para que ele perceba que errou; se ele se conscientizar do seu erro, mudando a sua mentalidade, devemos libertá-lo do erro cometido, facilitar, pela demonstração de compreensão, a sua libertação do erro.

Nós não devemos ficar presos ao erro. Se alguém erra contra nós, temos que perdoar, ou seja, nos libertarmos do erro cometido. Deixar ir, deixar para trás o erro.

Jesus nos ensina, nesta passagem, a ajudarmos ao nosso irmão que errou na sua libertação, demonstrando compreensão e ausência de rancor ou mágoa, quantas vezes forem necessárias.

**5. Disseram então os apóstolos ao Senhor: Acrescenta-nos a fé.**

**6. E disse o Senhor: Se tivésseis fé como um grão de mostarda, diríeis a esta amoireira: Desarraiga-te daqui, e planta-te no mar; e ela vos obedeceria.**

Geralmente as traduções trazem, como aqui, “*se tivésseis fé como um grão de mostarda*”, mas o correto é tendes fé, e não se tivésseis fé. No texto original grego o verbo é *êikete* (ειχετε), indicativo presente ativo, segunda pessoa do plural. A Bíblia de Jerusalém traduz o tempo do verbo corretamente.

Jesus alertou sobre a responsabilidade que temos com os espiritualmente pequenos e sobre aqueles que cometem erros contra nós. Por isso os apóstolos pediram que acrescentasse a eles a fidelidade. A palavra grega que é traduzida como fé é *pistis*, que quer dizer fidelidade, lealdade. O que eles estão pedindo a Jesus é uma maior fidelidade a Deus, maior harmonia, sintonia com Deus.

Para colocar em prática o que Jesus acabou de ensinar é preciso estar em sintonia com Deus, e a fé ensinada por Jesus é exatamente isso. Não tem nada a ver com crença. Crer em Deus não faz de ninguém, necessariamente, uma pessoa melhor. Mas estar em harmonia, em sintonia com Deus, ser fiel às leis de Deus, isso sim nos aproxima de Deus. Isso é a imitação de Deus.

Jesus não atende o pedido dos apóstolos. Dá a entender que com a pequena fé que nós temos nós já somos capazes de fazer coisas aparentemente impossíveis. Isso confirma que fé é fidelidade às Leis de Deus.

Fé pressupõe ação. O que nos falta, quase sempre, é ação. Nossa fidelidade a Deus compete a nós mesmos, somos nós que temos que desenvolvê-la e aprender a utilizá-la.

A propósito da fidelidade, da sintonia com Deus, Jesus conta a parábola do servo inútil:

**7. E qual de vós terá um servo a lavar ou a apascentar gado, a quem, voltando ele do campo, diga: Chega-te, e assenta-te à mesa?**

**8. E não lhe diga antes: Prepara-me a ceia, e cinge-te, e serve-me até que tenha comido e bebido, e depois comerás e beberás tu?**

**9. Porventura dá graças ao tal servo, porque fez o que lhe foi mandado? Creio que não.**

**10. Assim também vós, quando fizerdes tudo o que vos for mandado, dizei: Somos servos inúteis, porque fizemos somente o que devíamos fazer.**

Nesta parábola Jesus continua o ensinamento sobre a fidelidade a Deus, que é tão mal-interpretada quando lhe atribuem o sentido de crença.

Os apóstolos queriam que lhes fosse acrescentada fidelidade. Jesus está explicando como deve ser esta fidelidade. É a mesma fidelidade que um servo devia, naquele tempo, ao seu senhor. O que importava era a vontade do senhor, ao servo competia apenas cumprir as determinações do seu senhor.

Essa deve ser a nossa relação com Deus. Imitar Deus. Fazer o que sabemos ser a Vontade de Deus. Vivemos em função da Vontade de Deus, não da nossa vontade. Isso pode parecer exagerado, mas esse é o caminho da libertação da dor.

O caminho que leva a Deus é uma reta. Se seguirmos por esta reta estaremos sendo fieis a Deus. Se nos desviarmos do caminho experimentaremos a dor, pois a dor é apenas um mecanismo que nos avisa que nos afastamos do caminho reto das Leis de Deus.

A verdadeira felicidade, que só conhecemos intuitivamente, está justamente em seguirmos as Leis de Deus, em estarmos em harmonia com a Vontade de Deus, em sintonizarmos com Deus. Somos servos inúteis porque o pouco bem que fazemos não o fazemos por nós mesmos, mas é Deus que age através de nós. Assim como um senhor agia através dos seus servos, fazendo cumprir a sua vontade por intermédio dos seus servos, assim também Deus se manifesta através de nós, quando nós estamos receptivos a Deus.

A oração de São Francisco começa dizendo: “Senhor, fazei-me um instrumento da vossa paz”. Ser fiel a Deus, ser como um servo de Deus é isso - transformar-se em instrumento da paz de Deus.

Se levarmos em consideração os muitos erros que já cometemos e as inúmeras oportunidades que Deus nos concede, mesmo depois de tantos erros, perceberemos que somos devedores de Deus. Aliás, tudo pertence a Deus, e o pouco bem que fazemos não é mais que nossa obrigação, ou, se nos consideramos devedores, é o pagamento de empréstimos.

Este ensinamento de Jesus, se tomado isoladamente, pode parecer duro ou difícil de praticar. Mas lembramos que no capítulo 12 do Evangelho de Lucas há a parábola do servo vigilante, em que Jesus nos mostra que o servo que permanecer vigilante será servido pelo seu senhor. Pois quando servimos a Deus somos automaticamente servidos por Ele.

O primeiro beneficiado pelo bem praticado é sempre quem o pratica. O servo deve considerar-se inútil para que não caia no erro de servir esperando recompensa. Mas a verdade é que o ato de servir é a própria recompensa.

Se prestarmos atenção ao trabalho do servo podemos perceber características do trabalho de evangelização: Trabalhar a terra e guardar os animais. Trabalhar a terra para semear, simbolizando a semeadura da palavra de Deus; guardar os animais, simbolizando a condução e o cuidado de espíritos em aprendizado - os espiritualmente pequenos de que Jesus nos fala no início deste capítulo.

O servo fiel a Deus semeia o ensinamento espiritual, conduz os espíritos em aprendizado pelo caminho reto que leva a Deus e continua trabalhando à noite. Ao chegar em casa, ainda há trabalho a fazer.

Para quem está comprometido com a espiritualização, a atividade continua à noite, durante o período de sono físico. Enquanto o corpo físico repousa, o espírito, parcialmente liberto da matéria, permanece servindo e se instruindo.

**11. E aconteceu que, indo ele a Jerusalém, passou pelo meio de Samaria e da Galiléia;**

**12. E, entrando numa certa aldeia, saíram-lhe ao encontro dez homens leprosos, os quais pararam de longe;**

**13. E levantaram a voz, dizendo: Jesus, Mestre, tem misericórdia de nós.**

**14. E ele, vendo-os, disse-lhes: Ide, e mostrai-vos aos sacerdotes. E aconteceu que, indo eles, ficaram limpos.**

**15. E um deles, vendo que estava são, voltou glorificando a Deus em alta voz;**

**16. E caiu aos seus pés, com o rosto em terra, dando-lhe graças; e este era samaritano.**

**17. E, respondendo Jesus, disse: Não foram dez os limpos? E onde estão os nove?**

**18. Não houve quem voltasse para dar glória a Deus senão este estrangeiro?**

**19. E disse-lhe: Levanta-te, e vai; a tua fé te salvou.**

Desde o capítulo 9 Lucas narra que Jesus está indo para Jerusalém. O Evangelho é um guia seguro para as nossas vidas. Jerusalém quer dizer “visão da paz”, Samaria quer dizer “torre de vigia”. Um significado provável para Galileia é “jardim fechado”.

Jesus, para ir a Jerusalém, passou por Samaria e Galileia. Para acompanharmos o Cristo e alcançarmos a visão da paz (que é o significado de Jerusalém) temos que nos elevarmos e vigiarmos (que é o significado de Samaria), mantendo-nos protegidos dentro de um jardim fechado, ou seja, isolados de interferências negativas.



Dez leprosos apresentaram-se a Jesus e ele não diz, como costumava, que eles estavam purificados ou curados. Manda eles se apresentarem diretamente para os sacerdotes.

Já vimos que o leproso era considerado espiritualmente impuro e não podia participar da vida em sociedade nem vivenciar a religião. Para que ele pudesse voltar à vida em sociedade ele devia ser declarado “puro” pelo sacerdote.

Jesus está nos ensinando a nos anteciparmos aos resultados da nossa vontade. Está nos ensinando a agirmos como se já tivéssemos alcançado aquilo que queremos alcançar. Está nos instruindo a sentirmos, agirmos, pensarmos, falarmos como se aquilo que nós queremos alcançar já fosse realidade. Jesus está demonstrando que a realidade, antes de manifestar-se materialmente, é realidade na mente. Tudo começa na mente. Tudo começa pelo pensamento.

Jesus, ao mandá-los apresentarem-se aos sacerdotes, está respeitando a religião e os costumes vigentes e nos ensinando que não devemos impor novas crenças às pessoas. Jesus não exigiu que aquelas pessoas adotassem novas crenças porque foram curadas.

Todos ficaram limpos, mas só um voltou, e ele era samaritano. Os samaritanos eram desprezados pelos judeus, embora tivessem uma origem em comum e costumes e religião muito semelhantes. Isso demonstra que não é determinada religião que torna alguém bom, pois os judeus não demonstraram gratidão, e o samaritano lembrou-se de agradecer.

Os judeus ficaram felizes com a cura; o samaritano também ficou feliz por quem promoveu a cura.

Falamos há pouco que Samaria quer dizer “torre de vigia”. Samaritano, então, é o “vigilante”. Judeia quer dizer “louvor a Javé”. Judeu é “quem louva a Deus”.

Quem voltou para agradecer a Jesus não foram os que louvavam a Deus - pois isto qualquer um pode fazer da boca para fora. Quem agradeceu a Jesus foi aquele que estava vigilante.

Então Jesus disse a ele: ***“Levanta-te e vai; tua fé te salvou”***. Ele já estava limpo da lepra, Jesus agora declara que ele estava salvo, espiritualmente são, por causa da sua fé, da sua fidelidade.

O vigilante, aquele que vigia, voltou para o Cristo, foi ao encontro do Cristo com fidelidade e gratidão.

Se fé quisesse dizer crença essa declaração de Jesus não faria sentido, pois todos foram curados, e o samaritano não demonstrou uma crença maior do que os outros em Jesus. O que ele demonstrou foi gratidão, fidelidade, sintonia com Jesus, harmonia com as Leis de Deus.

Fé no sentido de crença todos tiveram. Fé no verdadeiro sentido, de fidelidade, só o samaritano teve.

Percebe-se que os nove judeus, provavelmente, não se tornaram pessoas melhores por causa da sua cura. Judeu quer dizer “o que louva a Deus”, e os que louvam a Deus, os “louvadores” que acham que a sua relação com Deus se resume a isso, dificilmente conseguem se afastar de seus dogmas, de suas crenças cegas. Mesmo que sejam beneficiados por um fenômeno não explicado dentro do espaço estreito dos seus dogmas, não conseguem abrir as suas mentes, pois não estão vigilantes.

Vemos todos os dias pessoas que têm as suas vidas modificadas positivamente por alguma cura alcançada no centro espírita ou em alguma igreja e que não se modificam internamente, não entram em sintonia com Deus, não se tornam fieis a Deus.

**20. E, interrogado pelos fariseus sobre quando havia de vir o reino de Deus, respondeu-lhes, e disse: O reino de Deus não vem com aparência exterior.**

**21. Nem dirão: Ei-lo aqui, ou: Ei-lo ali; porque eis que o reino de Deus está entre vós.**

A tradução correta é dentro de vós, e não entre vós - βασιλεια του θεου εντος υμων εστιν.

Como os tradutores católicos e protestantes não admitem que o reino de Deus possa estar dentro dos fariseus, eles se dão o direito de corrigir Jesus.

O reino de Deus é um estado interno, é o nosso próximo estágio evolutivo, já está latente dentro de nós, sendo desenvolvido de acordo com a nossa fidelidade e harmonia com as Leis de Deus.

Não é louvando a Deus da boca pra fora que nós o alcançaremos, mas estando vigilantes, controlando os nossos pensamentos e construindo em nossas mentes a realidade que queremos ver concretizada.

**22. E disse aos discípulos: Dias virão em que desejareis ver um dos dias do Filho do homem, e não o vereis.**

**23. E dir-vos-ão: Ei-lo aqui, ou: Ei-lo ali. Não vades, nem os sigais;**

**24. Porque, como o relâmpago ilumina desde uma extremidade inferior do céu até à outra extremidade, assim será também o Filho do homem no seu dia.**

Jesus está se referindo ao nosso esforço pela conquista do progresso espiritual, à nossa ânsia em alcançar o nosso próximo estágio evolutivo de “filho do homem”, que é o resultado da evolução humana, é o fruto do estágio hominal.

Assim como o reino de Deus não vem com aparências exteriores, materiais, do mesmo modo, quando nos tornarmos filhos do homem, não seremos reconhecidos pela aparência, mas pelo nosso exemplo, pois pelo fruto se conhece a árvore (Lucas 6:44).

E antes de o alcançarmos poderemos experimentar muitas dúvidas sobre se já o alcançamos ou não. Mas enquanto nos questionarmos se o alcançamos ou não o alcançamos, é porque não o alcançamos ainda.

O modesto não sabe que é modesto, o humilde não sabe que é humilde. Estas qualidades são para eles condições normais. Mas o filho do homem terá consciência plena da sua condição pela sua iluminação, inconfundível como um relâmpago.

**25. Mas primeiro convém que ele padeça muito, e seja reprovado por esta geração.**

Para alcançarmos o próximo estágio evolutivo, temos que passar ainda por muitas experiências, sem contarmos com o reconhecimento dos nossos irmãos mais atrasados. Uma das provas inequívocas de que estamos no caminho certo é justamente sermos rejeitados pelos menos esclarecidos.

**26. E, como aconteceu nos dias de Noé, assim será também nos dias do Filho do homem.**

**27. Comiam, bebiam, casavam, e davam-se em casamento, até ao dia em que Noé entrou na arca, e veio o dilúvio, e os consumiu a todos.**

**28. Como também da mesma maneira aconteceu nos dias de Ló: Comiam, bebiam, compravam, vendiam, plantavam e edificavam;**

**29. Mas no dia em que Ló saiu de Sodoma choveu do céu fogo e enxofre, e os consumiu a todos.**

**30. Assim será no dia em que o Filho do homem se há de manifestar.**

Jesus cita o exemplo de dois personagens bíblicos, Noé e Ló, que foram rejeitados por todos, pois estes não tinham esclarecimento suficiente para compreendê-los.

Noé e Ló não se deixaram levar pelas opiniões da maioria, seguiram suas convicções, obedeceram a Deus, foram fieis a Deus. Noé e Ló deixaram tudo para trás.

Jesus diz que os outros permaneciam com as suas atividades rotineiras, vivendo como se nada estivesse acontecendo. Isso se dá nos dias de hoje. Vivemos num período de transição planetária, em que grandes transformações estão acontecendo, e a maioria continua preocupada apenas com os aspectos materiais.

**31. Naquele dia, quem estiver no telhado, tendo as suas alfaias em casa, não desça a tomá-las; e, da mesma sorte, o que estiver no campo não volte para trás.**

**32. Lembrai-vos da mulher de Ló.**

**33. Qualquer que procurar salvar a sua vida, perdê-la-á, e qualquer que a perder, salvá-la-á.**

Quem já está no caminho reto que leva a Deus está se preparando para se tornar filho do homem. E Jesus recomenda que quem estiver no telhado, ou seja, quem já estiver elevado e com uma visão privilegiada, não desça, não rebaixe as suas vibrações. Quem estiver no campo, não volte para trás. Não podemos retroceder. O que já experimentamos deve ser superado, nosso caminho deve ser só para frente.

O exemplo da mulher de Ló é neste sentido. Quando Deus decidiu destruir a cidade de Sodoma, mandou que não olhassem para trás. A mulher de Ló não obedeceu, olhou para trás e se transformou numa estátua de sal. A mulher de Ló não conseguiu superar o passado, não queria se desfazer do seu passado de materialidade. Eles se afastavam da cidade, mas o coração dela permanecia lá. Por causa disso, segundo o texto bíblico, ela foi transformada numa estátua de sal, simbolizando a estagnação na matéria.

Quem quer salvar a sua vida de materialidade, perde a verdadeira Vida, que é do espírito; quem perde a sua vida de materialidade, salva a verdadeira Vida espiritual.

**34. Digo-vos que naquela noite estarão dois numa cama; um será tomado, e outro será deixado.**

**35. Duas estarão juntas, moendo; uma será tomada, e outra será deixada.**

**36. Dois estarão no campo; um será tomado, e o outro será deixado.**

**37. E, respondendo, disseram-lhe: Onde, Senhor? E ele lhes disse: Onde estiver o corpo, aí se ajuntarão as águias.**

Até agora Jesus falava no dia, no dia do filho do homem. Agora está se referindo à noite. O dia é a luz, a noite é a treva.

Até agora Jesus estava tratando da preparação e do surgimento do filho do homem. Agora ele está tratando daqueles que preferem, por preguiça ou revolta, ficar para trás.

Há períodos, como o que vivemos hoje, em que os espíritos que não se adequaram às novas condições do planeta são levados para outros mundos em estágios evolutivos inferiores ao nosso, em que terão que recomeçar em condições mais adversas.

## CAPÍTULO 18

Este capítulo trata dos cuidados que devemos ter para nos mantermos em boa sintonia mental, buscando o reino de Deus que está dentro de cada um de nós.

- 1. E contou-lhes também uma parábola sobre o dever de orar sempre, e nunca desfalecer,**
- 2. Dizendo: Havia numa cidade um certo juiz, que nem a Deus temia, nem respeitava o homem.**
- 3. Havia também, naquela mesma cidade, uma certa viúva, que ia ter com ele, dizendo: Faze-me justiça contra o meu adversário.**
- 4. E por algum tempo não quis atendê-la; mas depois disse consigo: Ainda que não temo a Deus, nem respeito os homens,**
- 5. Todavia, como esta viúva me molesta, hei de fazer-lhe justiça, para que enfim não volte, e me importune muito.**
- 6. E disse o Senhor: Ouvi o que diz o injusto juiz.**
- 7. E Deus não fará justiça aos seus escolhidos, que clamam a ele de dia e de noite, ainda que tardio para com eles?**
- 8. Digo-vos que depressa lhes fará justiça. Quando porém vier o Filho do homem, porventura achará fé na terra?**

As viúvas eram desprotegidas pela lei, e frequentemente tinham os seus bens dilapidados. Neste sentido é que Jesus chama a atenção dos escribas e dos fariseus nesta passagem de Mateus: *“Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! pois que devorais as casas das viúvas, sob pretexto de prolongadas orações; por isso sereis mais rigoroso juízo.”* (Mateus 23:14)

Esta parábola tem sentido semelhante ao da parábola do amigo insistente, no capítulo 11. Trata da mentalização, do exercício do controle do pensamento.

O juiz é descrito por Jesus como não temente a Deus e que não respeitava os homens. O que para nós são duas características negativas, na parábola representa a perfeição das Leis de Deus.

O juiz não teme a Deus, pois o juiz simboliza as próprias Leis de Deus, que estão gravadas em nossa consciência. E o juiz não respeita os homens, não dá importância humana aos homens, ou seja, todos são iguais para ele, não merecendo nenhuma distinção ou honraria.

Lucas diz que a parábola de Jesus é sobre o dever de orar sempre e nunca desfalecer (ou esmorecer). A viúva representa o espírito que luta contra a própria fraqueza, que insiste em mudar o seu padrão de pensamentos, vivendo em estado de oração, consultando seguidamente a própria consciência (o juiz) a fim de vencer a sua causa, que é manter o padrão de pensamentos elevado.

É neste sentido que o juiz lhe atende. O juiz é a consciência, e a consciência, se for consultada com frequência, não permite que cometamos erros graves, não permite agressões contra si mesma.

***“Todavia, como esta viúva me molesta, hei de fazer-lhe justiça, para que enfim não volte, e me importune muito”.*** - A palavra grega traduzida como “molesta” é *hypopiazē* (υπωπιαζή). O verbo *hypopiazēin* quer dizer bater abaixo dos olhos, ou seja, esbofetear.

A consciência, quando é consultada, não quer ser agredida, e julga convenientemente, faz justiça, faz o nosso ajustamento com as Leis de Deus.

***“E Deus não fará justiça aos seus escolhidos, que clamam a ele de dia e de noite, ainda que tardio para com eles?”*** - A palavra grega traduzida como “escolhidos” é *eklektôn* (εκλεκτων), que deriva de *eklesía*, que é traduzido como “igreja”. A palavra *eklesía* é formada pelo prefixo *ek*, que quer “para fora”, e *kalein*, que quer dizer “chamar”. Igreja, então, originalmente queria dizer “chamado para fora”; designava a convocação para que os cidadãos se reunissem, fora de suas casas, geralmente numa praça, para deliberarem sobre diversos assuntos.

“Escolhidos”, aqui nesta passagem, quer dizer “aqueles que foram chamados por Deus”, “aqueles que foram chamados para fora”, para fora de si mesmos, chamados para fora do seu pequeno ego humano para religarem-se com Deus.

É a conscientização, o chamado da consciência para o atendimento das Leis de Deus. Jesus diz que o juiz pode parecer demorado em atender - a consciência nem sempre atende instantaneamente. Isso depende do grau de amadurecimento espi-

ritual, do grau de conscientização de cada um. Espíritos acostumados a milênios de erros não mudam de um momento para o outro. Por isso é necessário insistir, orar e vigiar.

***“Digo-vos que depressa lhes fará justiça. Quando porém vier o Filho do homem, porventura achará fé na terra?”*** - Já sabemos que o filho do homem é o nosso próximo estágio evolutivo, é no que nos transformaremos, o fruto do homem, o resultado do homem, a consequência da evolução do homem. Jesus deixa no ar a pergunta sobre se nós, quando já suficientemente evoluídos, encontraremos fidelidade na Terra.

**9. E disse também esta parábola a uns que confiavam em si mesmos, crendo que eram justos, e desprezavam os outros:**

**10. Dois homens subiram ao templo, para orar; um, fariseu, e o outro, publicano.**

**11. O fariseu, estando em pé, orava consigo desta maneira: Ó Deus, graças te dou porque não sou como os demais homens, roubadores, injustos e adúlteros; nem ainda como este publicano.**

**12. Jejuo duas vezes na semana, e dou os dízimos de tudo quanto possuo.**

**13. O publicano, porém, estando em pé, de longe, nem ainda queria levantar os olhos ao céu, mas batia no peito, dizendo: Ó Deus, tem misericórdia de mim, pecador!**

**14. Digo-vos que este desceu justificado para sua casa, e não aquele; porque qualquer que a si mesmo se exalta será humilhado, e qualquer que a si mesmo se humilha será exaltado.**

No final da parábola da viúva e do juiz Jesus deixa a pergunta sobre se o filho do homem encontrará fidelidade na Terra. O filho do homem é o espírito em que já há o predomínio do espírito sobre a matéria, é o espírito que está em harmonia com Deus, o espírito que é fiel a Deus. O sentido verdadeiro de fé é este; fidelidade. Agora Jesus propõe uma parábola em que compara dois tipos de relacionamento com Deus, tomando como exemplo um fariseu e um publicano. Fariseu quer dizer separado - os fariseus eram tidos como perfeitos seguidores da lei e não se misturavam com os demais. Os publicanos eram cobradores de impostos, a categoria considerada mais infame pelos israelitas da época, por servirem ao invasor romano, por viverem em contato com os gentios e por terem fama de desonestos.

Mas, no exemplo de Jesus, o fariseu, apesar de rígido seguidor da lei, faz da sua oração um autoelogio, julgando-se superior, não vendo nada em si mesmo que pudesse ser melhorado, desprezando o próximo, que naquele momento era o publicano. O publicano, pelo contrário, não ousou levantar os olhos e batia no peito reconhecendo os seus erros.

Vimos há pouco que o juiz simboliza a consciência. Para seguirmos as Leis de Deus, que estão gravadas em nossa consciência, o primeiro passo é o reconhecimento dos erros.

O publicano se reconhece como pecador, e “pecado” quer dizer “erro”. Quem não reconhece os seus erros, e, além disso, pensa estar suficientemente adiantado, fica estagnado, não evolui. Para evoluir é necessário a conscientização, o reconhecimento dos erros e a disposição de repará-los.

**15. E traziam-lhe também meninos, para que ele lhes tocasse; e os discípulos, vendo isto, repreendiam-nos.**

**16. Mas Jesus, chamando-os para si, disse: Deixai vir a mim os meninos, e não os impeçais, porque dos tais é o reino de Deus.**

**17. Em verdade vos digo que, qualquer que não receber o reino de Deus como menino, não entrará nele.**

Jesus continua a lição sobre a sintonia mental, agora em ponto mais alto, indicando o estado de receptividade necessário para que desenvolvamos o reino de Deus que está dentro de nós.

A criança tem vontade de aprender; perdoa com facilidade; respeita quem sabe mais que ela; copia mais os exemplos do que as palavras; é receptiva aos novos conhecimentos; sempre tem esperanças; costuma confiar em sua mãe e em seu pai com todo o seu coração. Essa receptividade, esse desprendimento e confiança são condições necessárias para o desenvolvimento do reino de Deus.

**18. E perguntou-lhe um certo príncipe, dizendo: Bom Mestre, que hei de fazer para herdar a vida eterna?**

**19. Jesus lhe disse: Por que me chamas bom? Ninguém há bom, senão um, que é Deus.**

**20. Sabes os mandamentos: Não adulterarás, não matarás, não furtarás, não dirás falso testemunho, honra a teu pai e a tua mãe.**

**21. E disse ele: Todas essas coisas tenho observado desde a minha mocidade.**

**22. E quando Jesus ouviu isto, disse-lhe: Ainda te falta uma coisa; vende tudo quanto tens, reparte-o pelos pobres, e terás um tesouro no céu; vem, e segue-me.**

**23. Mas, ouvindo ele isto, ficou muito triste, porque era muito rico.**

**24. E, vendo Jesus que ele ficara muito triste, disse: Quão dificilmente entrarão no reino de Deus os que têm riquezas!**



## 25. Porque é mais fácil entrar um camelo pelo fundo de uma agulha do que entrar um rico no reino de Deus.

Nesta passagem nós encontramos uma tradução equivocada que altera o sentido de muitos conceitos. Nos referimos ao adjetivo “eterno”.

A palavra grega traduzida como eterno é *eônios* (αἰωνιον), derivada do substantivo *eon*. Acontece que *eon* não é e nunca foi sinônimo de eternidade. Nem pela etimologia da palavra, nem pela lexicografia antiga, nem pelo uso. Para designar eternidade há a palavra *edos*.

Nos clássicos gregos encontramos o uso da palavra *eon* na Ilíada e na Odisseia, de Homero; em Hesíodo; Sófocles; Hipócrates; Aristóteles e outros, nunca com o sentido de eternidade.

Os clássicos gregos antecedem em aproximadamente 600 anos a Septuaginta, que é a primeira tradução do Antigo Testamento do hebraico para o grego. Na Septuaginta, igualmente, não encontramos o uso do substantivo *eon* ou do adjetivo *eônios* com o sentido de “eternidade” ou “eterno”.

No Novo Testamento *eon* e *eônios*, juntos, aparecem cerca de 200 vezes, traduzidas com diversos significados, como: mundo, nunca, sempre, idade, tempo, séculos, ciclo.

No tempo de Jesus escritores judeus de língua grega, como Flavio Josefo, não a utilizavam com o sentido de eternidade, e nem depois de Jesus. Os pais da igreja, pelo menos até Santo Agostinho, aproximadamente no ano 400, também não usavam *eon* com o sentido de eternidade.

Mesmo se aceitássemos a maior imbecilidade dentre todas as coisas ridículas que inventaram a respeito de Deus, que é o castigo eterno, não haveria sentido para se falar em vida eterna como uma promessa de Jesus. Pois quem fosse para o inferno (que não existe) também viveria eternamente. Seria uma eternidade de sofrimento, uma vida eterna de sofrimento, mas, mesmo assim, uma vida eterna.

Quem nos explica o que é esta vida que traduzem como “vida eterna” é Jesus: “*E a vida eterna é esta: que te conheçam, a ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste*”. (João 17:3) Isso é uma vida em Deus, uma vida dentro de Deus, uma vida imanente em Deus. Mas uma vida eterna de sofrimento no inferno também seria uma vida eterna. A explicação de Jesus, com a tradução da palavra grega *eônios* como “eterna” não é coerente.

Se não podemos traduzir *eônios* como eterno, como devemos traduzir? Talvez o sentido almejado fosse o de vida longa, ou vida plena. Pastorino traduz como vida

imane, do latim *imanere*, formado pelo prefixo *in*, que quer dizer “dentro de”, mais o verbo *manere*, que quer dizer “ficar” ou “existir”.

Imane, então, dá a idéia de “ficar dentro de” ou “existir no interior”. A vida imane é a vida plena, a vida em plena comunhão com Deus. Estamos em Deus e Deus está em nós. Temos dentro de nós a partícula divina. A vida imane é o abandono da personalidade egoística para viver como individualidade divina, instrumento permanente de Deus, veículo de manifestação de Deus.

Se trocarmos, agora, “eterna” por “plena”, a instrução de Jesus é coerente: *“E a vida plena é esta: que te conheçam, a ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste”*. (João 17:3)

\*\*\*

Jesus diz que bom, só Deus. Tudo o que pensamos, sentimos, falamos e fazemos de bom é de Deus. Quando agimos bem somos instrumentos de Deus, quando nos permitimos ser bons estamos servindo de veículo de Deus para a manifestação da Sua bondade. O mal, portanto, não existe em si mesmo. O mal é o afastamento de Deus.

O homem da parábola (chamado “príncipe”) espera, talvez, algum grande segredo, algum truque para alcançar uma vida espiritual mais elevada, mas Jesus diz apenas que ele deve cumprir os mandamentos.

Cumprir os mandamentos era exatamente o que os fariseus faziam. O fariseu citado há pouco por Jesus achava-se a si mesmo muito melhor que o publicano justamente por cumprir os mandamentos. Isso é necessário, mas é apenas exterior.

O homem queria algo mais, mas não estava preparado para o abandono da materialidade, ainda estava preso aos bens materiais. Era possuído pelos bens materiais. Não há nada de errado em possuir, mas em ser possuído pelos bens materiais.

**26. E os que ouviram isto disseram: Logo quem pode salvar-se?**

**27. Mas ele respondeu: As coisas que são impossíveis aos homens são possíveis a Deus.**

É o homem que se deixa escravizar pelas sensações da matéria. Mas quando o homem se permite ser instrumento de Deus, Deus age através dele. É neste sentido que Jesus disse, há pouco, que bom somente Deus é. Para nos tornarmos bons precisamos estar em harmonia com Deus.

Jesus nos disse em outra ocasião: Sede perfeitos como vosso Pai Celestial é perfeito (Mateus 5:48). Para nos aperfeiçoarmos precisamos imitar Deus.

**28. E disse Pedro: Eis que nós deixamos tudo e te seguimos.**

**29. E ele lhes disse: Na verdade vos digo que ninguém há, que tenha deixado casa, ou pais, ou irmãos, ou mulher, ou filhos, pelo reino de Deus,**

**30. Que não haja de receber muito mais neste mundo, e na idade vindoura a vida eterna.**

Jesus fala em deixar casa, pais, irmãos, mulher, filhos. A palavra traduzida como deixar é *áfeken* (ἀφῆκεν), indicativo aoristo na voz ativa, terceira pessoa do singular do verbo *áfesis*, o mesmo verbo que é traduzido como “perdoar”.

Vemos, então, que perdoar é libertar-se, deixar para trás. Quando perdoamos uma ofensa recebida estamos nos libertando dessa ofensa e dos seus efeitos, estamos deixando essa ofensa para trás. Pois é o mesmo que Jesus recomenda aqui. Nos libertarmos de tudo o que nos prende à materialidade.

Isso não quer dizer, de modo algum, que devemos negar nossos familiares, ou que devemos abandonar a nossa casa. Temos que nos libertarmos da prisão emocional que nos prende às coisas e pessoas. Deixar para trás o apego, a escravidão.

Jesus nos ensinou a amar ao próximo como a nós mesmos. Nossos familiares são justamente o nosso próximo mais próximo, então é evidente que devemos amá-los. Só não entende este ensinamento de Jesus quem confunde amor com apego.

\*\*\*

Só para ilustrar: Aqui no versículo 30 nós vemos *eon* (αἰωνί) traduzido como “mundo” e *eônios* (αἰωνίον) traduzido como “eterna”.

**31. E, tomando consigo os doze, disse-lhes: Eis que subimos a Jerusalém, e se cumprirá no Filho do homem tudo o que pelos profetas foi escrito;**

**32. Pois há de ser entregue aos gentios, e escarnecido, injuriado e cuspidos;**

**33. E, havendo-o açoitado, o matarão; e ao terceiro dia ressuscitará.**

**34. E eles nada disto entendiam, e esta palavra lhes era encoberta, não percebendo o que se lhes dizia.**

No versículo 8 Jesus pergunta se nós, quando já suficientemente evoluídos, encontraremos fidelidade na Terra. Agora nos alerta sobre os desafios que esperam o homem quando estiver chegando ao seu próximo estágio evolutivo.

Quando estivermos subindo para Jerusalém (que quer dizer “visão da paz”), quando estivermos subindo um degrau evolutivo, teremos que conviver e instruir os

nossos irmãos mais atrasados, chamados aqui de “gentios”. E seremos negados por eles como são negados todos os que se elevam além da mediocridade.

**35. E aconteceu que chegando ele perto de Jericó, estava um cego assentado junto do caminho, mendigando.**

**36. E, ouvindo passar a multidão, perguntou que era aquilo.**

**37. E disseram-lhe que Jesus Nazareno passava.**

**38. Então clamou, dizendo: Jesus, Filho de Davi, tem misericórdia de mim.**

**39. E os que iam passando repreendiam-no para que se calasse; mas ele clamava ainda mais: Filho de Davi, tem misericórdia de mim!**

**40. Então Jesus, parando, mandou que lho trouxessem; e, chegando ele, perguntou-lhe,**

**41. Dizendo: Que queres que te faça? E ele disse: Senhor, que eu veja.**

**42. E Jesus lhe disse: Vê; a tua fé te salvou.**

**43. E logo viu, e seguia-o, glorificando a Deus. E todo o povo, vendo isto, dava louvores a Deus.**

O cego estava assentado junto do caminho, estava paralelo ao caminho, mas ainda não estava no caminho. O caminho é o caminho reto das Leis de Deus, que Jesus veio nos mostrar.

No Evangelho de Marcos nós vemos que o cego se chamava Bartimeu, que quer dizer “filho do impuro”, ou “filho da impureza”. Bartimeu já estava junto ao caminho do Cristo, estava prestes a entrar no caminho, mas ainda não percebia a realidade, não enxergava. Mendigava uma chance, implorava para percorrer o caminho. Clamou por Jesus, pediu misericórdia por ainda não estar no caminho, por não enxergar a realidade espiritual.

Era repreendido por suas tentativas de melhora, pelo seu esforço de cura, pela sua intenção de seguir o caminho. As adversidades tentavam calar a sua voz, tentavam desanimá-lo. Quando Jesus o atendeu, quando Bartimeu tomou contato com o Cristo, deixou tudo para trás - conforme é relatado em Marcos, que diz que ele lançou atrás de si a sua capa -, não se deixou prender pelas materialidades, abriu mão das exterioridades, representadas pela capa, e pediu para ver (Marcos 10:50-51).

Queria ver, queria enxergar além da escuridão. Sua fé fez com que ele enxergasse a realidade e seguisse o caminho - fé no seu sentido verdadeiro, de fidelidade.

Qualquer um que se dispõe a ver a realidade do espírito e a seguir o caminho em contra forças insuspeitadas dentro de si. E o caminho não tem volta, não tem retorno, é só para frente. Bartimeu seguiu Jesus, ou seja, foi fiel a Jesus.

Todo este capítulo fala da sintonia mental, da fidelidade. Fé é fidelidade, lealdade, sintonia, harmonia, obediência.

- A viúva não desistia de pedir justiça, simbolizando a persistência no estado de oração, de mentalização positiva, de obediência à própria consciência.
- O publicano, que orava próximo do fariseu, reconhecia sua debilidade espiritual, exercitava a sua consciência reconhecendo os seus erros e predispondo-se a repará-los.
- A mentalização da viúva com a humildade do publicano produzem o estado de receptividade necessário para sintonizarmos com Deus, estado que Jesus nos exemplifica como a criança.
- Para mantermos a sintonia com Deus precisamos nos desapegar do apelo da matéria, como Jesus nos aponta no episódio do homem rico. Só assim entraremos definitivamente no caminho, abrindo os nossos olhos espirituais, assim como fez o cego Bartimeu.

## **CAPÍTULO 19**

- 1. E, tendo Jesus entrado em Jericó, ia passando.**
- 2. E eis que havia ali um homem chamado Zaqueu; e era este um chefe dos publicanos, e era rico.**
- 3. E procurava ver quem era Jesus, e não podia, por causa da multidão, pois era de pequena estatura.**
- 4. E, correndo adiante, subiu a uma figueira brava para o ver; porque havia de passar por ali.**
- 5. E quando Jesus chegou àquele lugar, olhando para cima, viu-o e disse-lhe: Zaqueu, desce depressa, porque hoje me convém pousar em tua casa.**
- 6. E, apressando-se, desceu, e recebeu-o alegremente.**
- 7. E, vendo todos isto, murmuravam, dizendo que entrara para ser hóspede de um homem pecador.**

Jesus está entrando em Jericó, que era a segunda cidade em importância para os judeus, ficando atrás apenas de Jerusalém. Zaqueu era o chefe dos publicanos da

cidade, era o responsável pela cobrança dos impostos, e sendo Jericó um importante centro comercial, certamente Zaqueu era um homem muito rico.

Sabemos do desprezo que os judeus tinham pelos cobradores de impostos. Provavelmente sentiam inveja de Zaqueu por ele ser muito rico. Por isso murmuravam, reclamando do fato de Jesus se hospedar em sua casa.

Lembramos que Jesus se dirigia a Jerusalém com os seus discípulos e as mulheres que o acompanhavam. Zaqueu certamente tinha uma casa grande, capaz de abrigar várias pessoas.

**8. E, levantando-se Zaqueu, disse ao Senhor: Senhor, eis que eu dou aos pobres metade dos meus bens; e, se nalguma coisa tenho defraudado alguém, o restituo quadruplicado.**

Algumas traduções, como a do padre José Raimundo Vidigal, traduzem como “*vou dar a metade dos meus bens aos pobres*” e “*vou devolver quatro vezes mais*”, no futuro do presente. Mas os verbos estão no presente, *dídomi* (δίδωμι) e *apodídomi* (αποδίδωμι) - indicativo presente, voz ativa, primeira pessoa do singular dos verbos “dar” e “dar de volta”, “devolver”, “restituir”.

No Êxodo, que é o segundo livro da Bíblia, está regulamentado que o roubo deveria ser devolvido em quádruplo (Êxodo 22:1). Mas Zaqueu não se limitava ao cumprimento da lei, dava aos pobres metade dos seus bens.

Por causa de traduções como a do Padre Vidigal muitos veem nesta passagem uma conversão de Zaqueu, como se o encontro de Zaqueu com Jesus o tivesse transformado num homem bom. Mas não há como distorcer o texto, que é muito claro. Zaqueu era um homem digno e por isso foi procurado por Jesus.

É possível que Mateus, que também era publicano, tenha marcado esse encontro. É comum até hoje que colegas de profissão de cidades diferentes se conheçam, e Mateus pode ter falado a Jesus a respeito de Zaqueu e arranjado este encontro.

**9. E disse-lhe Jesus: Hoje veio a salvação a esta casa, pois também este é filho de Abraão.**

**10. Porque o Filho do homem veio buscar e salvar o que se havia perdido.**

Jesus dirigiu essas palavras à multidão, que murmurava contrariada por ele seguir com Zaqueu para a sua casa.

Vamos analisar agora o que representa este encontro de Zaqueu com Jesus.

Zaqueu é o espírito encarnado que aproveita os recursos que tem à sua disposição para ser útil ao próximo e elevar-se espiritualmente. Essa elevação é simbolizada pela árvore em que Zaqueu sobe para ver Jesus, do mesmo modo que o espírito deve elevar-se para ver o Cristo, para avistar-se com o Cristo, para possibilitar o seu grande encontro com o Cristo.

Zaqueu não se deixa abater pelo desânimo por suas condições aparentemente pequenas (como é a sua estatura), mas destaca-se da multidão usando dos recursos que a Vida lhe oferece, subindo acima dos demais (o simbolismo da árvore).

Muitas vezes nos dirigimos a Jesus pedindo ajuda em assuntos mundanos que só dizem respeito a nós mesmos e que compete exclusivamente a nós mesmos resolvê-los; assuntos materiais que não nos elevam. Queremos que Jesus se abaixe até o nosso nível rastejante para tratar de nossos pequenos problemas.

Mas o exemplo de Zaqueu nos mostra que não devemos exigir que o Cristo se abaixe até nós, mas que somos nós que devemos nos elevar até o Cristo.

É importante notar que imediatamente antes de nos falar de Zaqueu, Lucas conta sobre a cura do cego Bartimeu, realizada quando Jesus estava perto de Jericó.

Bartimeu quer dizer “filho do impuro”, ou “filho da impureza”, e Zaqueu quer dizer “puro”. Há uma transição da impureza para a pureza.

Se tomarmos Bartimeu e Zaqueu como símbolos do espírito encarnado na Terra, vemos que o cego torna a ver, abre os olhos para a verdadeira vida, já que passa a seguir Jesus no caminho, que é o caminho reto das Leis de Deus. E, na seqüência, Zaqueu, apesar de sua pequenez espiritual (simbolizada por sua pequena estatura), eleva-se acima da multidão aproveitando-se dos recursos que tem ao seu dispor.

A seguir Jesus nos conta uma parábola que ilustra bem o episódio ocorrido com Zaqueu.

**11. E, ouvindo eles estas coisas, ele prosseguiu, e contou uma parábola; porquanto estava perto de Jerusalém, e cuidavam que logo se havia de manifestar o reino de Deus.**

**12. Disse pois: Certo homem nobre partiu para uma terra remota, a fim de tomar para si um reino e voltar depois.**

**13. E, chamando dez servos seus, deu-lhes dez minas, e disse-lhes: Negociai até que eu venha.**

**14. Mas os seus concidadãos odiavam-no, e mandaram após ele embaixadores,**

**dizendo: Não queremos que este reine sobre nós.**

**15. E aconteceu que, voltando ele, depois de ter tomado o reino, disse que lhe chamassem aqueles servos, a quem tinha dado o dinheiro, para saber o que cada um tinha ganhado, negociando.**

**16. E veio o primeiro, dizendo: Senhor, a tua mina rendeu dez minas.**

**17. E ele lhe disse: Bem está, servo bom, porque no mínimo foste fiel, sobre dez cidades terás autoridade.**

**18. E veio o segundo, dizendo: Senhor, a tua mina rendeu cinco minas.**

**19. E a este disse também: Sê tu também sobre cinco cidades.**

**20. E veio outro, dizendo: Senhor, aqui está a tua mina, que guardei num lenço;**

**21. Porque tive medo de ti, que és homem rigoroso, que tomas o que não puses-te, e segas o que não semeaste.**

**22. Porém, ele lhe disse: Mau servo, pela tua boca te julgarei. Sabias que eu sou homem rigoroso, que tomo o que não pus, e sego o que não semeei;**

**23. Por que não puseste, pois, o meu dinheiro no banco, para que eu, vindo, o exigisse com os juros?**

**24. E disse aos que estavam com ele: Tirai-lhe a mina, e dai-a ao que tem dez minas.**

**25. (E disseram-lhe eles: Senhor, ele tem dez minas.)**

**26. Pois eu vos digo que a qualquer que tiver ser-lhe-á dado, mas ao que não tiver, até o que tem lhe será tirado.**

Essa parábola é uma variante da parábola dos talentos, relatada no Evangelho de Mateus. Retrata as oportunidades que recebemos de Deus cada vez que reencarnamos e os diferentes resultados que cada um de nós alcança a partir das oportunidades recebidas.

Zaqueu é o exemplo do espírito que aproveita as oportunidades. Aliás, o episódio de Zaqueu deixa claro que Jesus não condena as riquezas materiais, pois Zaqueu era rico e Jesus declarou que a salvação havia chegado à casa de Zaqueu. Além disso, o próprio Jesus, ao se hospedar na casa de Zaqueu, serviu-se de suas riquezas.

As riquezas são oportunidades que alguns recebem e das quais terão que prestar contas, assim como a inteligência, a saúde e qualquer outra característica a partir da qual possamos servir ao próximo, sermos úteis ao próximo.

É neste sentido que temos que prestar contas, pois a reencarnação é uma dádiva que nos é oferecida por Deus para que possamos evoluir espiritualmente a partir do aprendizado e do serviço ao próximo.

Aquele que tem mais boa vontade e que utiliza os seus recursos em benefício geral, gera cada vez mais recursos, e cada vez terá mais. Mas o que não faz uso dos



recursos emprestados por Deus permanece evolutivamente estagnado, e numa próxima reencarnação será privado dos recursos que não quis utilizar.

Não importa em que condições reencarnamos. Sempre temos o dever de aproveitar os recursos que foram colocados à nossa disposição. Por menores que sejam nossas tarefas, devemos executá-las com amor, agradecendo a Deus pela oportunidade de sermos úteis.

A esse propósito, nos diz Emmanuel: “Não caminharás entre as estrelas, antes de trilhares as sendas humildes que te competem”.

Vamos lembrar o que Jesus diz para o primeiro servo: ***“E ele lhe disse: Bem está, servo bom, porque no mínimo foste fiel, sobre dez cidades terás autoridade”***.

“Porque no mínimo foste fiel” - no texto grego é *pistos egénou* (πιστος εγενου). O adjetivo *pistos*, que normalmente traduzem como crente, aqui é traduzido com o seu sentido real. *Pistos* é fiel. *Pistis* é fidelidade, que é o verdadeiro sentido da fé.

Dizer “porque no mínimo foste fiel” equivale a dizer “em coisa pequena tiveste fé”. Que fé foi essa? Não foi ação? Não foi administrar o que foi colocado à sua disposição? Esta é a verdadeira fé, conforme ela é ensinada por Jesus nos Evangelhos. Confundir fé com crença, como se fossem a mesma coisa, é o maior erro conceitual cometido pelo Cristianismo.

***“Porém, ele lhe disse: Mau servo, pela tua boca te julgarei. Sabias que eu sou homem rigoroso, que tomo o que não pus, e sego o que não semeiei”***. - Jesus afirma em outra ocasião: Pelas tuas palavras serás justificado e pelas tuas palavras serás condenado (Mateus 12:37). Jesus também disse que não é o que entra pela boca que contamina o homem, mas o que sai da boca (Mateus 15:11). Aquilo que nós exteriorizamos, aquilo que nós oferecemos ao mundo em pensamentos, palavras e ações é que nos contamina, pois o que oferecemos ao mundo atinge, em primeiro lugar, a nós mesmos.

**27. E quanto àqueles meus inimigos que não quiseram que eu reinasse sobre eles, trouxe-os aqui, e matai-os diante de mim.**

Em Mateus nós vemos que a ordem é de lançar o servo inútil nas trevas exteriores (Mateus 25:30). O que seriam as trevas exteriores?

Jesus nos diz em outra ocasião para fazermos brilhar a nossa luz (Mateus 5:16). Se ele recomenda que façamos brilhar a nossa luz é porque temos a possibilidade de permanecermos nas trevas, sem luz. Ficamos sem luz justamente quando não a-

proveitamos os recursos que Deus nos disponibiliza, quando não compartilhamos nossa luz com o próximo. Essa luz a que Jesus se refere é a luz do espírito, é luz interior, é o que está dentro de nós.

Sabemos que o corpo físico é reflexo do espírito, é o resultado do espírito, é a exteriorização do espírito. As trevas exteriores, então, são a exteriorização do nosso estado interior de treva.

Quando Jesus diz que o servo inútil será lançado nas trevas exteriores, quer dizer que ele reencarnará num estado de treva (ou de poucas luzes), com menos recursos, tendo que fazer um esforço maior para poder alcançar algo de positivo na existência material.

Isso não pode ser confundido com castigo. É o resultado de nossas escolhas que determina a maior ou menor quantidade e qualidade dos recursos que recebemos ao reencarnarmos. Somos o resultado de nós mesmos.

**28. E, dito isto, ia caminhando adiante, subindo para Jerusalém.**

**29. E aconteceu que, chegando perto de Betfagé, e de Betânia, ao monte chamado das Oliveiras, mandou dois dos seus discípulos,**

**30. Dizendo: Ide à aldeia que está defronte, e aí, ao entrar, achareis preso um jumentinho em que nenhum homem ainda montou; soltai-o e trazei-o.**

**31. E, se alguém vos perguntar: Por que o soltais? assim lhe direis: Porque o Senhor o há de mister.**

**32. E, indo os que haviam sido mandados, acharam como lhes dissera.**

**33. E, quando soltaram o jumentinho, seus donos lhes disseram: Por que soltais o jumentinho?**

**34. E eles responderam: O Senhor o há de mister.**

**35. E trouxeram-no a Jesus; e, lançando sobre o jumentinho as suas vestes, puseram Jesus em cima.**

Aqui novamente é bem provável que Jesus ou algum mensageiro seu já houvesse combinado antecipadamente com os donos do jumento para que cedessem o jumento a Jesus. Nada nos leva a crer que tenha havido um fato extraordinário.

Todo o Evangelho é repleto de simbolismos, de ensinamentos em forma de figuras fortes, capazes de atravessar os tempos com a sua mensagem intacta. Compete a cada um de nós decifrá-las.

Este episódio foi provocado por Jesus para que o seu ensino em forma simbólica chegasse até nós. Jesus aqui é o filho do homem, o homem em seu próximo está-

gio evolutivo, o fruto da evolução humana. O filho do homem segue adiante no caminho, no caminho reto das Leis de Deus, subindo, elevando-se vibracionalmente para alcançar a visão da paz, pois Jerusalém quer dizer “visão da paz”.

Para alcançar a visão da paz é preciso dominar a animalidade, representada pelo jumento. O jumento ainda não havia sido montado, não havia sido domado, domado. Mas o espírito para elevar-se precisa dominar a animalidade que o prende à matéria, que o deixa embaixo.

Lançam sobre o jumento as suas vestes. O espírito também tem as suas vestes, nossos veículos de manifestação. Mas acima da parte animal e acima das vestes espirituais, dos veículos de manifestação do espírito, está o próprio espírito, representado por Jesus.

**36. E, indo ele, estendiam no caminho as suas vestes.**

**37. E, quando já chegava perto da descida do Monte das Oliveiras, toda a multidão dos discípulos, regozijando-se, começou a dar louvores a Deus em alta voz, por todas as maravilhas que tinham visto,**

**38. Dizendo: Bendito o Rei que vem em nome do Senhor; paz no céu, e glória nas alturas.**

**39. E disseram-lhe de entre a multidão alguns dos fariseus: Mestre, repreende os teus discípulos.**

**40. E, respondendo ele, disse-lhes: Digo-vos que, se estes se calarem, as próprias pedras clamarão.**

Os que acompanhavam Jesus estendiam as suas vestes no caminho e louvavam a Deus. Isso despertou contrariedade nos fariseus, que pediram que Jesus repreendesse os seus discípulos. Jesus respondeu a eles dizendo que se os discípulos se calassem, até as pedras clamariam.

Há uma frase atribuída a Leon Denis que diz: “A alma dorme na pedra, sonha no vegetal, agita-se no animal e acorda no homem”. A evolução é permanente, e Jesus nos indica que não há como impedir a marcha do progresso. Esta marcha de Jesus sobre o jumento e a aclamação dos seus discípulos representa a evolução do espírito, e qualquer tentativa de sufocar essa evolução é inútil, pois ela segue sempre, como diz a questão 540 de O Livro dos Espíritos, do átomo ao arcanjo.

**41. E, quando ia chegando, vendo a cidade, chorou sobre ela,**

**42. Dizendo: Ah! se tu conhecesses também, ao menos neste teu dia, o que à tua paz pertence! Mas agora isto está encoberto aos teus olhos.**

**43. Porque dias virão sobre ti, em que os teus inimigos te cercarão de trincheiras, e te sitiarão, e te estreitarão de todos os lados;**

**44. E te derrubarão, a ti e aos teus filhos que dentro de ti estiverem, e não deixarão em ti pedra sobre pedra, pois que não conhecestes o tempo da tua visitação.**

O que Jesus diz dirigindo-se à cidade se refere também a nós. Se compreendêssemos o que pertence à paz, evitaríamos muito sofrimento e perseguições espirituais, mas isso ainda está oculto aos olhos de muitos, muitos ainda não enxergam a realidade espiritual. Por não enxergarem a realidade espiritual e a paz que os aguarda nos estágios evolutivos mais avançados, cercam-se de inimigos e são destruídos em seu orgulho e egoísmo.

**45. E, entrando no templo, começou a expulsar todos os que nele vendiam e compravam,**

**46. Dizendo-lhes: Está escrito: A minha casa é casa de oração; mas vós fizestes dela covil de salteadores.**

**47. E todos os dias ensinava no templo; mas os principais dos sacerdotes, e os escribas, e os principais do povo procuravam matá-lo.**

**48. E não achavam meio de o fazer, porque todo o povo pendia para ele, escutando-o.**

Os espíritas, de um modo geral, têm dificuldade em admitir que Jesus tenha expulsado os vendilhões do templo. Essa dificuldade surge da confusão que fazem da imagem de Jesus. O período renascentista nos ofereceu um Jesus loiro de olhos azuis e cabelos sedosos.

É evidente que a imagem física de Jesus não tem a menor importância. Mas consagrou-se uma imagem de doçura, de suavidade. É comum lermos ou ouvirmos expressões como “o meigo rabi da Galileia”. Nós estamos analisando o capítulo 19, dos 24 capítulos do Evangelho de Lucas, e até agora não vimos nada de meigo em Jesus.

A expulsão dos vendilhões do templo é narrada pelos quatro evangelhos, então é óbvio que aconteceu. Os que se sentem desconfortáveis com esta passagem é porque não admitem a ideia de um Jesus violento. Nós também não admitimos esta imagem. Mas não achamos que a expulsão dos mercadores seja violência da parte de Jesus.

Um pai que age duramente com seu filho rebelde e desobediente está sendo violento? Quando a lei determina e a polícia cumpre que determinados componentes da sociedade sejam afastados, sejam presos, para evitar novos crimes, a lei e a polícia estão sendo violentas? Se alguém invade a sua casa você não vai expulsar o invasor?

Para quem gosta de André Luiz, a sua obra está cheia de exemplos em que indivíduos são afastados ou impedidos de acessar determinados lugares pela força. Força não quer dizer violência. Bondade não quer dizer complacência. Você ficaria de braços cruzados se presenciasse um crime sabendo que poderia detê-lo? Isso não seria conivência? Não seria uma fraqueza de caráter?

Jesus era jovem e havia sido trabalhador da construção civil até pouco tempo antes de começar a pregar. Jesus era um homem forte e viril, não era um loirinho triste de olhos caídos. Essa imagem que inventaram de Jesus gera muita confusão. Querendo imitar essa imagem doce e suave, podemos nos tornar compactuantes com o crime e com erros graves que podemos evitar. Energia é virtude, não defeito.

Em João é dito que Jesus se referia ao templo como sendo o seu corpo (João 2:21). E isso nos remete ao que realmente interessa neste episódio que é o ensinamento simbólico.

Nosso corpo, nossos veículos de manifestação, são templos de Deus, e devem ser tratados com cuidado e respeito. Nossos corpos não nos pertencem, são concessões de Deus para que possamos adquirir experiências.

A atitude enérgica de Jesus no templo é a mesma atitude enérgica que nós devemos ter com os nossos vícios, com os desejos aviltantes e com a preguiça, que não nascem do corpo, mas que se manifestam através do corpo. Contra isso temos que agir com energia, expulsando essas misérias que nos comunicam com os espíritos mais atrasados da Terra.

## **CAPÍTULO 20**

- 1. E aconteceu num daqueles dias que, estando ele ensinando o povo no templo, e anunciando o evangelho, sobrevieram os principais dos sacerdotes e os escribas com os anciãos,**
- 2. E falaram-lhe, dizendo: Dize-nos, com que autoridade fazes estas coisas? Ou, quem é que te deu esta autoridade?**
- 3. E, respondendo ele, disse-lhes: Também eu vos farei uma pergunta: Dizei-me pois:**
- 4. O batismo de João era do céu ou dos homens?**
- 5. E eles arrazoavam entre si, dizendo: Se dissermos: Do céu, ele nos dirá: Então por que o não crestes?**
- 6. E se dissermos: Dos homens; todo o povo nos apedrejará, pois têm por certo que João era profeta.**

**7. E responderam que não sabiam de onde era.**

**8. E Jesus lhes disse: Tampouco vos direi com que autoridade faço isto.**

Os principais dos sacerdotes, os escribas e os anciãos, ou seja, os maiores representantes da religião na época, os supostos conhecedores das coisas de Deus, perguntaram a Jesus com que autoridade ele fazia essas coisas, e quem lhe tinha dado essa autoridade. Eles se referiam ao que Jesus havia feito desde sua entrada em Jerusalém. As curas, a aclamação pública, o seu ensino e o anúncio do Evangelho.

Para compreender a autoridade e a origem da autoridade de Jesus é preciso estar livre de preconceitos religiosos. Se não reconheciam a autoridade de João Batista não teriam a mínima condição de compreender o Cristo.

**“O batismo de João era do céu ou dos homens?”** - Batismo quer dizer mergulho. O batismo de João Batista simbolizava o mergulho para dentro de si mesmo, um mergulho de conscientização, um contato com as Leis divinas que estão gravadas em nossa consciência e a conseqüente *metanoia*, que traduzem como “conversão” ou “arrependimento”, mas que quer dizer mudança de mente, transformação mental - é a conscientização da nossa natureza íntima de filhos de Deus.

João Batista veio preparar o caminho de Jesus, veio ensinar a condição básica para apreender e assimilar o ensinamento de Jesus e o desenvolvimento do Cristo que habita dentro de cada um de nós.

Os que fizeram a pergunta a Jesus não aceitavam João Batista, assim como não aceitavam Jesus, procurando um meio de comprometê-lo perante as autoridades civis e religiosas para tentarem acabar com ele.

Antes de Jesus os homens eram assim e depois de Jesus continuaram sendo assim. A este propósito Jesus nos conta esta parábola:

**9. E começou a dizer ao povo esta parábola: Certo homem plantou uma vinha, e arrendou-a a uns lavradores, e partiu para fora da terra por muito tempo;**

**10. E no tempo próprio mandou um servo aos lavradores, para que lhe dessem dos frutos da vinha; mas os lavradores, espancando-o, mandaram-no vazio.**

**11. E tornou ainda a mandar outro servo; mas eles, espancando também a este, e afrontando-o, mandaram-no vazio.**

**12. E tornou ainda a mandar um terceiro; mas eles, ferindo também a este, o expulsaram.**

**13. E disse o senhor da vinha: Que farei? Mandarei o meu filho amado; talvez que, vendo, o respeitem.**

**14. Mas, vendo-o os lavradores, arrazoaram entre si, dizendo: Este é o herdeiro;**

**vinde, matemo-lo, para que a herança seja nossa.**

**15. E, lançando-o fora da vinha, o mataram. Que lhes fará, pois, o senhor da vinha?**

**16. Irá, e destruirá estes lavradores, e dará a outros a vinha. E, ouvindo eles isto, disseram: Não seja assim!**

O capítulo 15 do Evangelho de João começa com Jesus dizendo: *“Eu sou a videira verdadeira, e meu pai é o lavrador”*. Deus nos criou à sua imagem e semelhança. Herdamos o poder creador de Deus. Temos a capacidade de sermos instrumentos de Deus, veículos de manifestação de Deus.

Jesus, o espírito mais desenvolvido que conhecemos, é manifestação plena de Deus, é nosso guia e modelo a ser seguido. Deus, o Creador do universo infinito, concedeu ao espírito cristificado de Jesus a responsabilidade pelo nosso planeta.

O ensino e principalmente a vivência do ensino do Cristo é o que precisamos desenvolver neste planeta para colhermos bons frutos. Todos nós somos lavradores da vinha do Cristo. As Leis de Deus estão gravadas em nossa consciência. Deus nos confiou a sua vinha, que é o Cristo, para que façamos a nossa parte, para que sejamos co-creadores com Deus.

***“Certo homem plantou uma vinha, e arrendou-a a uns lavradores...”*** - A palavra grega que é traduzida como arrendar é *exêdoto* (ἐξέδοτο), que quer dizer entregar, deixar. Numa tradução livre equivaleria a dizer “largou de mão”. Deus nos “largou de mão” neste planeta, entregues ao nosso livre-arbítrio, através do qual escolhemos se queremos sintonizar com o Cristo ou se queremos viver nosso orgulho e egoísmo.

Esta parábola de Jesus tem um sentido histórico muito claro, referindo-se aos espíritos iluminados que de tempos em tempos foram enviados à Terra para colherem fruto dos espíritos aqui encarnados, para nos estimularem para o desenvolvimento espiritual. Esses espíritos mais adiantados que nós quase sempre foram muito mal recebidos, assim como Jesus (representado pelo filho do dono da vinha) foi mal recebido, mal interpretado e perseguido.

Mas o significado da parábola se aplica a cada um de nós como individualidades que somos. De tempos em tempos reencarnamos para consolidar nossos aprendizados, para experimentarmos, para desenvolvermos o amor. Nosso campo de trabalho espiritual é o Cristo, a natureza crística que faz parte de cada um, a partícula divina que temos dentro de nós.

Enquanto ainda somos muito apegados à matéria, enquanto achamos que o que importa são as exterioridades, os prazeres e o poder material, recusamos ver e ouvir o Cristo que habita em nós. Praticando o mal, maltratamos a nós mesmos; agredimos a nossa individualidade divina, que é imortal, cuidando apenas da nossa personalidade egoística, que é transitória.

Mesmo cometendo tantos erros, nós progredimos, vagarosamente vamos despertando a consciência, e quanto mais despertados, maior é a dor que experimentamos a cada erro cometido. Quem já tem conhecimento das coisas do espírito e continua errando, erra conscientemente, comete o que Jesus chamou de “pecado contra o santo espírito” (Lucas 12:10). É a luta contra a evidência, é o materialismo pretensamente científico, que nega Deus tentando se apossar da sua herança, como se o universo fosse fruto do acaso.

Essa parábola ilustra perfeitamente a autonomia do homem na Terra. A Terra nos foi cedida para o nosso desenvolvimento. O Mal que existe na Terra, portanto, é obra do próprio homem. O Mal só existe porque nós lhe damos existência com nosso orgulho e egoísmo.

**17. Mas ele, olhando para eles, disse: Que é isto, pois, que está escrito? A pedra, que os edificadores reprovaram, Essa foi feita cabeça da esquina.**

**18. Qualquer que cair sobre aquela pedra ficará em pedaços, e aquele sobre quem ela cair será feito em pó.**

A pedra angular ou “cabeça da esquina” era a pedra fundamental de uma construção. Como não usavam esquadro, escolhiam uma pedra como esquadro natural a partir da qual erguiam duas paredes.

O ensino do Cristo, rejeitado ainda hoje pelo personalismo egoístico, é a pedra fundamental da construção da nossa própria individualidade divina.

**19. E os principais dos sacerdotes e os escribas procuravam lançar mão dele naquela mesma hora; mas temeram o povo; porque entenderam que contra eles dissera esta parábola.**

**20. E, observando-o, mandaram espias, que se fingissem justos, para o apanharem nalguma palavra, e o entregarem à jurisdição e poder do presidente.**

Todo este capítulo retrata a perseguição que Jesus sofreu e que se intensificou nos últimos dias de sua passagem pela Terra. Lucas diz que os principais dos sacerdotes e os escribas queriam pegar Jesus, mas ainda temiam o povo. Então mandaram espionar Jesus para tentar incriminá-lo.



21. E perguntaram-lhe, dizendo: Mestre, nós sabemos que falas e ensinas bem e retamente, e que não consideras a aparência da pessoa, mas ensinas com verdade o caminho de Deus.
22. É-nos lícito dar tributo a César ou não?
23. E, entendendo ele a sua astúcia, disse-lhes: Por que me tentais?
24. Mostrai-me uma moeda. De quem tem a imagem e a inscrição? E, respondendo eles, disseram: De César.
25. Disse-lhes então: Dai, pois, a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus.
26. E não puderam apanhá-lo em palavra alguma diante do povo; e, maravilhados da sua resposta, calaram-se.

Lembramos que César era o imperador romano. A região em que Jesus vivia, e grande parte do mundo antigo, partes da Europa, África e Ásia eram dominadas pelo Império Romano. Roma exigia o pagamento de impostos por parte dos povos dominados. E os judeus, que se achavam o povo escolhido de Deus, eram particularmente revoltados com o fato de ter que pagar imposto ao inimigo estrangeiro.

No tempo de Jesus havia violentas revoltas contra os romanos. Por isso tentaram encurralar Jesus com uma pergunta difícil, perguntando se deviam pagar o imposto aos romanos ou não.

Se Jesus dissesse que sim, iria se indispor com o povo; e se dissesse que não estaria cometendo um crime contra o império, podendo ser acusado de subversão.

No texto grego a palavra que geralmente é traduzida como “dar”, “*dai a César*”, é *apódote* (ἀποδοτε), imperativo aoristo na voz ativa, segunda pessoa do plural do verbo *apodídomi*, que tem o sentido de “entregar novamente”, “restaurar”, “devolver”, ou, como preferiu o Haroldo na sua tradução, “restituir”, mas não “dar”.

A moeda que Jesus pediu para ver tinha a imagem de César. A moeda é uma representação da nossa imagem, é o simbolismo da nossa personalidade, da personalidade que nós interpretamos, essa imagem transitória, provisória.

César representa aqui a matéria, o mundo material com as suas ocupações e preocupações. Nossa parte material deve ser restituída à matéria. Nosso corpo material se decompõe; nossos bens materiais não nos acompanham; nossos desejos, preconceitos e ilusões materiais devem ser restituídos à matéria, não devem nos acompanhar, pois somos espírito, e o espírito é voltado para Deus. A César o que é de César e a Deus o que é de Deus.

As coisas materiais só servem como instrumento enquanto estamos encarnados. Nos iludimos com posses, com títulos, com honrarias, dedicamos anos preciosos de

nossas existências físicas à profissão e ao aprendizado acadêmico, sendo que a maior parte dessas atividades e conhecimentos só tem serventia por pouco tempo, não são valores agregados ao espírito.

O cuidado com a profissão, com o estudo acadêmico, com o progresso material é legítimo, mas não pode, de modo algum, ser prioridade. “Cuidai primeiro das coisas do reino, e o resto vos será dado por acréscimo” (Lucas 12:31). Só o que levaremos como bagagem do espírito é o que se refere às coisas do espírito.

**27. E, chegando-se alguns dos saduceus, que dizem não haver ressurreição, perguntaram-lhe,**

**28. Dizendo: Mestre, Moisés nos deixou escrito que, se o irmão de algum falecer, tendo mulher, e não deixar filhos, o irmão dele tome a mulher, e suscite posteridade a seu irmão.**

**29. Houve, pois, sete irmãos, e o primeiro tomou mulher, e morreu sem filhos;**

**30. E tomou-a o segundo por mulher, e ele morreu sem filhos.**

**31. E tomou-a o terceiro, e igualmente também os sete; e morreram, e não deixaram filhos.**

**32. E por último, depois de todos, morreu também a mulher.**

**33. Portanto, na ressurreição, de qual deles será a mulher, pois que os sete por mulher a tiveram?**

**34. E, respondendo Jesus, disse-lhes: Os filhos deste mundo casam-se, e dão-se em casamento;**

**35. Mas os que forem havidos por dignos de alcançar o mundo vindouro, e a ressurreição dentre os mortos, nem hão de casar, nem ser dados em casamento;**

**36. Porque já não podem mais morrer; pois são iguais aos anjos, e são filhos de Deus, sendo filhos da ressurreição.**

**37. E que os mortos hão de ressuscitar também o mostrou Moisés junto da sarça, quando chama ao Senhor Deus de Abraão, e Deus de Isaque, e Deus de Jacó.**

**38. Ora, Deus não é Deus de mortos, mas de vivos; porque para ele vivem todos.**

**39. E, respondendo alguns dos escribas, disseram: Mestre, disseste bem.**

**40. E não ousavam perguntar-lhe mais coisa alguma.**

Esta é a única alusão de Lucas aos saduceus. Os saduceus formavam um grupo político poderoso. Acreditavam apenas na Torá (equivalente ao nosso Pentateuco, os cinco primeiros livros da Bíblia, atribuídos a Moisés). Não acreditavam em anjos, nem em espíritos, nem na imortalidade da alma. Cuidavam apenas dos seus interesses, não se opondo ao Império Romano enquanto mantivessem os seus privilégios. Podemos dizer que eram os materialistas da época.

Essa pergunta que fazem a Jesus era provavelmente um enigma, uma questão que nunca havia sido resolvida. A lei do levirato (ou lei do cunhado) obrigava a viúva a

casar com o irmão do falecido, para manter a descendência do mesmo sangue e para que não houvesse uma divisão de bens (Deuteronômio 25:5-6).

Como a mulher era considerada posse do marido, se o irmão morria nada mais natural que a mulher, como se fosse um objeto, passasse a pertencer ao cunhado.

Os saduceus não acreditavam em vida depois da morte, e entendiam que, se houvesse vida após a morte, as relações sociais e familiares continuariam como eram em vida. A mulher, então, continuaria pertencendo ao marido.

No caso em questão, de uma mulher ter pertencido aos sete irmãos em vida, a quem ela pertenceria após a morte?

Jesus demonstra que esse dilema partia de uma falsa premissa, pois, como vimos há pouco, “a César o que é de César e a Deus o que é de Deus”, ou seja, as coisas materiais, inclusive as nossas convenções sociais e familiares, ficam por aqui; esses vínculos são transitórios, não são vínculos do espírito.

É neste sentido que Jesus diz que a sua família são aqueles que seguem os seus ensinamentos (Lucas 8:21), pois a família terrena é passageira, nossos verdadeiros laços são os laços psíquicos, não os laços carnis. Mas, pelo fato de os laços serem psíquicos, muitas vezes essas relações permanecem. Muitos espíritos da Terra continuam ligados por laços de amor e ódio depois da morte, vivendo em condições muito semelhantes às que viviam no plano material.

A Terra abriga espíritos de graus evolutivos diferentes. Grande parte dos espíritos ainda são primitivos, mal começaram a desenvolver a consciência, morrem e nem percebem que morreram, entram num estado de confusão mental sem se darem conta de que estão em outro plano.

Os judeus usavam eufemismos para designar morte e ressurreição. Diziam “deitar-se” para designar a morte e “levantar-se” para designar o despertar no plano astral ou a reencarnação, a volta ao plano físico.

Esse “levantar-se” quer dizer “sair do sono da morte”, “acordar”, “recobrar a consciência”. Muitos espíritos, hoje ainda, morrem sem saberem que morreram. Não têm a consciência suficientemente desenvolvida para perceberem o seu novo estado. É como se estivessem dormindo. Não acordam para a sua nova realidade, não despertam do sono da morte, não “levantam”.

Mas aqueles que já alcançaram um grau de consciência suficiente para analisar a nova situação, estes percebem que os laços que os prendiam às pessoas no mundo

material já não são válidos, pois no plano astral não há necessidade de famílias como no plano material, visto que não há morte, e, se não há morte, não há necessidade de procriação, e, se não há necessidade de procriação, não há a imposição de casar-se.

As uniões no astral são por afinidade, por sentimento, e não por necessidade biológica. Os saduceus acreditavam em Deus, mas não acreditavam na imortalidade do espírito. Se não existia vida após a morte, os mortos não existiam; Deus, para eles, era um Deus de vivos.

O Deus da Torá apresentava-se como sendo o Deus de Abraão, Isaque e Jacó, os patriarcas do povo judeu. Mas Abraão, Isaque e Jacó haviam morrido há muitos séculos. Como, então, Deus seria um Deus de vivos, como sustentavam os saduceus, se ele era Deus de Abraão, Isaque e Jacó? É neste sentido a resposta de Jesus.

**41. E ele lhes disse: Como dizem que o Cristo é filho de Davi?**

**42. Visto como o mesmo Davi diz no livro dos Salmos: Disse o Senhor ao meu Senhor: Assenta-te à minha direita,**

**43. Até que eu ponha os teus inimigos por escabelo de teus pés.**

**44. Se Davi lhe chama Senhor, como é ele seu filho?**

**45. E, ouvindo-o todo o povo, disse Jesus aos seus discípulos:**

**46. Guardai-vos dos escribas, que querem andar com vestes compridas; e amam as saudações nas praças, e as principais cadeiras nas sinagogas, e os primeiros lugares nos banquetes;**

**47. Que devoram as casas das viúvas, fazendo, por pretexto, largas orações. Estes receberão maior condenação.**

Os judeus acreditavam, há séculos, que Deus enviaria a eles o Messias, o enviado de Deus para restabelecer a glória de Israel. O período de glória do povo israelita foi com Davi, mais ou menos mil anos antes de Cristo, e com seu filho Salomão. Depois veio a decadência.

Então acreditavam, baseados em profecias, ou em pretensas profecias, que Deus enviaria o Messias e que o Messias seria da linhagem de Davi, ou seja, “filho de Davi”, descendente de Davi. Quando Jesus chegou a Jerusalém foi aclamado como o “filho de Davi”.

Agora uma observação muito importante. Jesus está aqui fazendo distinção entre o homem Jesus e o Cristo. O Cristo é a nossa herança divina, é a partícula divina em nós. Todos temos o Cristo dentro de nós, esperando ser desenvolvido. Jesus, o es-

pírito que encarnou como Jesus, desenvolveu plenamente o seu Cristo, o Cristo interno. Por isso o chamamos de Jesus Cristo, ou Jesus o Cristo.

O Cristo é uma qualidade ou natureza desenvolvida plenamente por Jesus. Quando Jesus diz “eu sou o caminho, a verdade e a vida” (João 14:6), não está se referindo a ele como pessoa, como o Jesus histórico. É evidente que não é necessário aceitar Jesus para ser salvo. Se fosse assim todos os que viveram antes dele estariam perdidos e todos os que vivem em povos onde predominam outras religiões estariam perdidos.

O Cristo é uma qualidade intrínseca a todos nós, filhos de Deus, criados à imagem e semelhança de Deus. O ensinamento que Jesus nos deixou é cósmico, é válido em qualquer lugar e em qualquer tempo. Qualquer espírito, ao longo de inúmeras existências, desenvolve o Cristo dentro de si. O Cristo é o caminho, a verdade e a vida.

Jesus aqui está chamando a atenção para o fato de que o Cristo não é descendente de Davi. Ele, Jesus, o homem Jesus era descendente de Davi. Mas o Cristo não, o espírito plenamente cristificado, como era Jesus, não tinha nada a ver com Davi. A ligação de Jesus com Davi era apenas carnal, Jesus tinha o sangue de Davi. Mas espiritualmente não tinham nenhuma ligação especial.

No Evangelho de Mateus, ao narrar esta mesma passagem, Jesus pergunta: “Como é então que Davi, em espírito, lhe chama Senhor?” (Mateus 22:43)

Davi em espírito. Espiritualmente o Cristo é senhor de Davi, como diz a citação que Jesus faz do salmo 101: **“Disse o Senhor ao meu Senhor”**. Este salmo é de Davi. Davi está dizendo: **“disse o senhor ao meu senhor”**, ou seja, “disse Deus ao Cristo, meu senhor”.

Davi está reconhecendo que há um senhor, além de Deus, que é espiritualmente superior a ele, e este espiritualmente superior é o Cristo em Jesus.

## CAPÍTULO 21

1. E, olhando ele, viu os ricos lançarem as suas ofertas na arca do tesouro;
2. E viu também uma pobre viúva lançar ali duas pequenas moedas;
3. E disse: Em verdade vos digo que lançou mais do que todos, esta pobre viúva;
4. Porque todos aqueles deitaram para as ofertas de Deus do que lhes sobeja; mas esta, da sua pobreza, deitou todo o sustento que tinha.

Este episódio ficou conhecido como o “óbulo da viúva”. Óbulo, para quem não sabe, é uma contribuição, um donativo.

Vemos o quanto somos levados pelas aparências, pois a tendência ainda hoje é valorizar quem dá mais, mesmo que esta doação não represente nada ou quase nada para quem a dá. É que materialmente vale mais quem dá mais, mas espiritualmente o que vale é o esforço, o sacrifício que se é capaz de fazer.

Os comentadores dos Evangelhos dizem que era costume os ricos trocarem seu dinheiro por moedas miúdas, para que ficassem mais tempo inserindo as moedas no gazofilácio, que era uma espécie de cofre em formato de trombeta (aqui traduzido como “arca do tesouro”), onde eram colocadas as moedas por uma pequena abertura. Então eles eram vistos por todos, e o barulho das moedas anunciava a sua grande doação. Todos percebiam que eles estavam doando grandes somas.

Foi a isso que Jesus se referiu quando recomendou que não saiba a mão esquerda o que faz a mão direita (Mateus 6:3). Era costume, e ainda é, fazer doações visando notoriedade e reconhecimento. Os que agem assim, segundo Jesus, já receberam a sua recompensa. O reconhecimento pelo público já é a sua recompensa.

Pessoas como a viúva quase não são vistas. Não porque são poucas, mas porque são discretas. Quem dá com o coração não faz alarde da sua doação, é comum que ninguém tome conhecimento dela.

O mundo tem muitas pessoas como a viúva a que Jesus se referiu. Pessoas que dão de si mesmas para o próximo sem serem percebidas ou reconhecidas.

O texto original grego diz que ela “deu toda a sua vida”. Por extensão, a palavra *bion* (βιον) pode ser entendida como sustento, assim como nós dizemos “ganhar a vida”, significando meio de trabalho. Mas a palavra é “vida”. A viúva representa quem dá da sua vida ao próximo, quem contribui com a coletividade de acordo com as suas condições.

**5. E, dizendo alguns a respeito do templo, que estava ornado de formosas pedras e dádivas, disse:**

**6. Quanto a estas coisas que vedes, dias virão em que não se deixará pedra sobre pedra, que não seja derrubada.**

Este templo de Jerusalém, que havia sido mandado construir por Herodes, era considerado uma das maravilhas do mundo naquela época.

Toda a fala de Jesus até o final deste capítulo foi interpretada como predição para aquela mesma época (como a queda de Jerusalém, que ocorreu no ano 70) e é vista por muitos religiosos como uma previsão do fim do mundo.

No Evangelho de João é dito que Jesus se referiu ao templo como sendo o corpo físico (João 2:19-21). Jesus se refere à precariedade das coisas materiais, e dá a entender exatamente o contrário do que pensam aqueles que esperam que Jesus vá voltar em pessoa, e que vai estabelecer um reino sobre a Terra.

Jesus disse que o seu reino não é deste mundo (João 18:36). Não podemos esperar que Jesus se subordine à imaginação infantil que pretende vê-lo glorioso, como um rei terreno, cheio de marra e falsa grandeza. O ensino de Jesus é todo espiritual.

Além disso, Jesus não vai voltar. Não vai voltar porque nunca foi. Nunca nos abandonou. O Evangelho de Mateus termina com Jesus dizendo: “eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos. Amém” (Mateus 28:20).

Jesus está conosco em espírito, está presente em nós quando praticamos o seu ensinamento.

**7. E perguntaram-lhe, dizendo: Mestre, quando serão, pois, estas coisas? E que sinal haverá quando isto estiver para acontecer?**

**8. Disse então ele: Vede não vos enganem, porque virão muitos em meu nome, dizendo: Sou eu, e o tempo está próximo. Não vades, portanto, após eles.**

**9. E, quando ouvirdes de guerras e sedições, não vos assusteis. Porque é necessário que isto aconteça primeiro, mas o fim não será logo.**

Perguntam quando acontecerão essas coisas e que sinais aparecerão para anunciar essas coisas. Em momento algum Jesus fala em fim do mundo, ele apenas diz o que vai acontecer antes que o império da matéria (representado pelo templo) deixe de reinar sobre o homem.

Todas as coisas referidas por Jesus neste capítulo são coisas normais neste planeta, como falsos profetas, guerras, terremotos, fome, doenças, perseguição, prisão, morte. Nada disso é novidade. Nada disso pode ser tomado como sinal de qualquer coisa imediata. Essas coisas aconteceram em todas as épocas da humanidade.

E o que Jesus está dizendo é que ***“é necessário que isto aconteça primeiro, mas o fim não será logo”***. Jesus fala de um período de sofrimento que antecede a vinda do filho do homem, que é o nosso próximo estágio evolutivo.

Hoje nós vivemos o período de transição planetária, em que nosso planeta está deixando de ser um mundo de provas e expiações para se tornar um mundo de regeneração. Essa transição não se refere especificamente ao planeta, mas aos seus habitantes. Nós, como espíritos imortais que somos, é que estamos em transição.

Os mansos herdarão a Terra, disse Jesus (Mateus 5:5). Só os que forem mansos, ou seja, só os que domarem os seus instintos primitivos e dominarem a sua própria força é que permanecerão neste planeta. Aqueles que não se adequarem habitarão outro planeta, o que para eles será como um castigo (já que experimentarão condições primitivas de vida), mas em que terão condições de continuarem o seu desenvolvimento auxiliando os habitantes deste planeta, ainda muito primitivos, em seu progresso material e espiritual.

- 10. Então lhes disse: Levantar-se-á nação contra nação, e reino contra reino;**
- 11. E haverá em vários lugares grandes terremotos, e fomes e pestilências; haverá também coisas espantosas, e grandes sinais do céu.**
- 12. Mas antes de todas estas coisas lançarão mão de vós, e vos perseguirão, entregando-vos às sinagogas e às prisões, e conduzindo-vos à presença de reis e presidentes, por amor do meu nome.**
- 13. E vos acontecerá isto para testemunho.**
- 14. Proponde, pois, em vossos corações não premeditar como haveis de responder;**
- 15. Porque eu vos darei boca e sabedoria a que não poderão resistir nem contradizer todos quantos se vos opuserem.**
- 16. E até pelos pais, e irmãos, e parentes, e amigos sereis entregues; e matarão alguns de vós.**
- 17. E de todos sereis odiados por causa do meu nome.**
- 18. Mas não perecerá um único cabelo da vossa cabeça.**
- 19. Na vossa paciência possuí as vossas almas.**
- 20. Mas, quando virdes Jerusalém cercada de exércitos, sabeis então que é chegada a sua desolação.**
- 21. Então, os que estiverem na Judéia, fujam para os montes; os que estiverem no meio da cidade, saiam; e os que nos campos não entrem nela.**
- 22. Porque dias de vingança são estes, para que se cumpram todas as coisas que estão escritas.**
- 23. Mas ai das grávidas, e das que criarem naqueles dias! porque haverá grande aperto na terra, e ira sobre este povo.**
- 24. E cairão ao fio da espada, e para todas as nações serão levados cativos; e Jerusalém será pisada pelos gentios, até que os tempos dos gentios se completem.**
- 25. E haverá sinais no sol e na lua e nas estrelas; e na terra angústia das nações, em perplexidade pelo bramido do mar e das ondas.**



**26. Homens desmaiando de terror, na expectativa das coisas que sobrevirão ao mundo; porquanto as virtudes do céu serão abaladas.**

**27. E então verão vir o Filho do homem numa nuvem, com poder e grande glória.**

**28. Ora, quando estas coisas começarem a acontecer, olhai para cima e levantai as vossas cabeças, porque a vossa redenção está próxima.**

O que temos neste capítulo são imagens fortes de que Jesus se serviu para que fossem registradas as características do período de provas e expiações e a grande diferença que notaremos quando nos aproximarmos do período de regeneração. Poucas lições podem ser percebidas aqui.

No versículo 18, depois de abordar uma série de violências, Jesus diz que ***“não perecerá um único cabelo da vossa cabeça”***. Isso, se levado ao pé da letra, é uma contradição, mas temos que lembrar que Jesus nos disse que até os fios de cabelo da nossa cabeça estão todos contados (Mateus 10:30), querendo dizer que Deus sabe tudo sobre nós.

Todos os nossos pensamentos, palavras e ações ficam gravados em nosso subconsciente, fazem parte do nosso patrimônio espiritual. O que Jesus está indicando, aqui, é que nada do que adquirimos, moralmente e intelectualmente, será perdido. O que é físico perece, mas o que é espiritual é imortal.

***“Mas ai das grávidas, e das que criarem naqueles dias!”*** - No Evangelho de Mateus, quando Pilatos estava indeciso sobre a condenação de Jesus, o povo insistiu na sua condenação e assumiu a responsabilidade pela morte de Jesus dizendo: “o seu sangue caia sobre nós e sobre nossos filhos” (Mateus 27:25). Estes espíritos comprometidos com a morte de Jesus é que mais tarde, reencarnando cheios de culpa, desarmonizados com as Leis divinas, ensejaram o alerta de Jesus sobre as mães que os receberiam em seus ventres.

**29. E disse-lhes uma parábola: Olhai para a figueira, e para todas as árvores;**

**30. Quando já têm rebentado, vós sabeis por vós mesmos, vendo-as, que perto está já o verão.**

**31. Assim também vós, quando virdes acontecer estas coisas, sabeis que o reino de Deus está perto.**

**32. Em verdade vos digo que não passará esta geração até que tudo aconteça.**

Os ciclos da natureza nos anunciam as estações do ano. Quando uma árvore vai dar fruto, sabemos em que época do ano estamos. Do mesmo modo, observando as características do mundo em que vivemos, temos que saber que o reino de Deus está perto, mais perto do que a maioria costuma imaginar, pois o reino de Deus está dentro de nós. O reino de Deus é o nosso próximo estágio evolutivo, quando

nos tornaremos filhos do homem, resultado da evolução espiritual do homem, frutos do homem.

A árvore produz a sua continuidade através do seu fruto. Nós também produzimos nossa continuidade através do fruto da nossa evolução. Somos o resultado de nós mesmos. Os espíritos mais adiantados um dia foram seres como nós. O que eles são hoje é o resultado do que eles foram ontem.

***“Não passará esta geração até que tudo aconteça”.*** - Jesus cita uma série de dificuldades, catástrofes naturais e humanas. Será que todas as pessoas daquela geração experimentaram todas essas coisas? Os contemporâneos de Jesus, as pessoas que viviam naquela época em que Jesus disse essas coisas, todas elas passaram por guerras, terremotos, perseguições, todas viram sinais no sol e na lua? Claro que não. Jesus não está se referindo àquela geração terrena, não está se referindo àquelas pessoas. Jesus está se referindo à geração de espíritos da Terra. Jesus possivelmente tenha sido o responsável pela formação do nosso planeta, é um espírito muito antigo. O tempo para ele não é o mesmo tempo para nós. Todas essas coisas a que Jesus se referiu, para ele representam alguns dias; para nós isso parece uma eternidade.

Quando Jesus se refere àquela geração ele está falando dos espíritos habitantes deste planeta, espíritos que estão sob sua responsabilidade, as ovelhas que o pai lhe confiou (João 10:26-30). Todos nós, ao longo da nossa trajetória espiritual, experimentamos essas coisas.

### **33. Passará o céu e a terra, mas as minhas palavras não hão de passar.**

O ensinamento de Jesus é cósmico, universal, é válido em qualquer lugar e em qualquer tempo. Por isso não vale a pena analisar previsões ou profecias. Essas coisas são efêmeras, têm seu prazo de validade. O ensinamento é eterno. O tempo passa, a Terra se desloca pelos céus do espaço infinito e o seu ensino continua presente.

**34. E olhai por vós, não aconteça que os vossos corações se carreguem de glotonaria, de embriaguez, e dos cuidados da vida, e venha sobre vós de improviso aquele dia.**

**35. Porque virá como um laço sobre todos os que habitam na face de toda a terra.**

**36. Vigiai, pois, em todo o tempo, orando, para que sejais havidos por dignos de evitar todas estas coisas que hão de acontecer, e de estar em pé diante do Filho do homem.**

**37. E de dia ensinava no templo, e à noite, saindo, ficava no monte chamado das Oliveiras.**

**38. E todo o povo ia ter com ele ao templo, de manhã cedo, para o ouvir.**

Jesus nos chama a atenção para a disciplina. Não nos proíbe prazeres. Jesus nunca proibiu os prazeres materiais. Não há nada de errado no uso, mas no abuso. Precisamos desenvolver a disciplina para estarmos sempre prontos para subirmos novos degraus evolutivos. Quando estamos prontos, as oportunidades aparecem. Quando estamos preparados, não somos pegos de improviso.

***“Porque virá como um laço sobre todos os que habitam na face de toda a terra”.*** - Aqui é uma alusão clara ao expurgo, ao exílio dos espíritos rebeldes em outro planeta. “Há muitas moradas na casa de meu pai”, disse Jesus (João 14:2). Cada morada é adequada a um determinado nível evolutivo. A Terra está avançando um nível, muitos espíritos que estavam há séculos sem reencarnar estão tendo a sua última oportunidade. E os que não se adequarem às novas condições serão exilados noutra morada da casa do pai.

Jesus recomenda a vigilância e a oração. Está na hora de aprendermos a vigiar os próprios pensamentos. É condição necessária para nos adequarmos ao mundo de regeneração. O controle sobre os pensamentos e o estado permanente de oração, que é o estado de gratidão. Não existe oração mais produtiva do que o estado de gratidão a Deus, às coisas e às pessoas.

***“... para que sejais havidos por dignos de evitar todas estas coisas que hão de acontecer, e de estar em pé diante do Filho do homem”.*** - Jesus não diz que podemos evitar todas aquelas coisas que ele diz que iriam acontecer, e que sempre aconteceram. Ele diz que podemos “ser havidos por dignos”, ou seja, podemos alcançar um nível em que estas coisas já não nos atinjam diretamente. O que Jesus recomenda é que sejamos de tal modo mansos (pois os mansos herdarão a Terra) que nenhuma violência física, seja de pessoas ou da natureza, seja necessária para estimular o nosso progresso.

Só precisamos da dor até aprendermos a trilhar o caminho reto das Leis de Deus. O caminho que leva a Deus é uma reta. A dor é um mecanismo que nos avisa que estamos fora do caminho. A utilidade da dor é essa: nos alertar de que devemos voltar ao caminho. Se já estamos no caminho, a dor não é mais necessária.

Quando alcançarmos este estado de mansidão estaremos ***em pé diante do filho do homem***. Rohden traduziu como “subsistir ante o filho do homem”. Outros traduzem como “levantar”, “permanecer levantado”. A palavra grega é *statêne* (σταθηναι) - infinitivo aoristo na voz passiva do verbo *hístemi*, que quer dizer “ficar de pé”, “permanecer firme, estabelecido”. O sentido original da palavra se refere a

estado, estar. É este verbo *hístemi*, acrescido do prefixo *aná*, que quer dizer “de novo”, “novamente”, que forma o verbo *anístemi*, que é traduzido como “ressurreição”, que nada mais é, no texto original grego, que “voltar ao estado anterior”, “voltar a ficar de pé”, “levantar-se novamente”.

Então nós estaremos diante do estado de filho do homem, estaremos de pé, firmes, aptos ao nosso próximo estágio evolutivo.

***“E de dia ensinava no templo, e à noite, saindo, ficava no monte chamado das Oliveiras”.*** - Para terminar, uma ênfase sobre a necessidade de orar e vigiar.

De dia ensinar no templo, ensinar através do exemplo, da vivência cotidiana, por meio de pensamentos, palavras e ações - no templo, ou seja, no corpo físico.

E à noite, saindo, saindo do templo, saindo do corpo físico, desdobrar-se (ou projetar-se) para o monte, para um lugar ou estado mais elevado. Nossa atividade durante o período de sono físico reflete o que predomina em nós durante o estado de vigília.

Quando consolidarmos a prática de orar e vigiar estaremos aptos a continuar a atividade consciente durante o período de sono físico, quando estamos parcialmente libertos do corpo físico.

## CAPÍTULO 22

- 1. Estava, pois, perto a festa dos pães ázimos, chamada a páscoa.**
- 2. E os principais dos sacerdotes, e os escribas, andavam procurando como o matariam; porque temiam o povo.**
- 3. Entrou, porém, Satanás em Judas, que tinha por sobrenome Iscariotes, o qual era do número dos doze.**
- 4. E foi, e falou com os principais dos sacerdotes, e com os capitães, de como lho entregaria;**
- 5. Os quais se alegraram, e convieram em lho dar dinheiro.**
- 6. E ele concordou; e buscava oportunidade para lho entregar sem alvoroço.**

Este capítulo começa com um dos mais controversos acontecimentos que envolvem a vida de Jesus. A chamada traição de Judas.

Estamos em Jerusalém na semana da páscoa. A páscoa comemorava a fuga do povo israelita da escravidão do Egito, a libertação do povo. E nesta época do ano confluíam para Jerusalém judeus de todas as partes, a cidade estava cheia de gente.

Jesus, na sua entrada na cidade, foi recebido triunfalmente. O povo o saudou como o filho de Davi, que seria o messias esperado, o grande líder que o povo esperava para libertá-lo do invasor romano. Por isso as autoridades judaicas receavam fazer qualquer coisa contra Jesus abertamente, temiam a reação do povo.

***“Entrou, porém, Satanás em Judas”.*** - Já vimos que satanás quer dizer adversário, opositor, é o nosso apego à materialidade, o orgulho, o egoísmo, é o pólo material em contraponto ao pólo espiritual. É possível que se diga isso de Judas pelo fato de ele ter aceitado dinheiro, e não por ter entregue Jesus.

Temos que lembrar que quem fala sobre Judas são os evangelistas, não Jesus. Não sabemos o que se passou, e percebemos, várias vezes, ao longo dos Evangelhos, que os próprios discípulos de Jesus muitas vezes não compreendiam o seu ensinamento. O que se fala de Judas, então, é opinião de quem escreve.

Há muitas teorias sobre a traição de Judas, que talvez nem tenha sido traição. A mais popular, talvez, seja a que diz que Judas pertencia à seita dos zelotes, um partido revolucionário que queria expulsar os romanos através da luta armada. Judas teria se iludido, pensando que Jesus seria o líder que eles esperavam, capaz de unir o povo judeu em torno de uma mesma ideia e lutar contra os romanos. Ao perceber que Jesus era um pacifista, teria se decepcionado e o traído.

Outra teoria, semelhante a essa, sustenta que Judas achava que, entregando Jesus, provocaria, enfim, uma reação de Jesus que uniria o povo em sua defesa, para, então, enfrentar os romanos.

O Evangelho de Judas, um livro apócrifo, narra supostos ensinamentos confidenciais que Jesus teria passado a Judas.

É possível entender - e nós estamos inclinados a essa hipótese, embora não tenhamos convicção - que Jesus, conhecendo o que iria lhe acontecer, por sua inteligência largamente superior à nossa, sabia que a melhor forma de perpetuar a sua passagem pela matéria, a melhor maneira de desencadear a comoção popular capaz de manter viva a sua mensagem logo após a sua morte, era sendo entregue para os inimigos durante as festividades da páscoa. Em qualquer outra ocasião o seu assassinato passaria despercebido; ele seria apenas mais um entre tantos profetas ou revolucionários que havia na região naquela época.

Nós já vimos que mesmo os pequenos atos da vida pública de Jesus guardam, através de imagens fortes, ensinamentos eternos. Jesus servia-se de figuras ilustrativas, significativas, capazes de sobreviver ao tempo carregando o seu simbolismo

para quem estivesse apto a decifrá-lo e compreendê-lo. Isso explica o porquê de as coisas terem ocorrido como ocorreram.

Sendo assim, Judas cumpriu um papel talvez não imprescindível, mas útil. Fica a dúvida sobre se Judas fez isso consciente ou inconscientemente. Pode ser que Jesus tenha percebido a sua fraqueza de caráter e permitiu que os fatos se desencadeassem assim. Mas também pode ser que Jesus tenha decidido que as coisas deveriam ocorrer deste modo e Judas tenha sido o único apto a levar adiante esta decisão de Jesus. Fosse pela maior coragem de Judas, ou pelo seu livre trânsito entre os inimigos de Jesus, ou por ser o único que se sujeitasse a esse papel.

Se para os planos de Jesus o melhor é que tudo ocorresse durante as festividades, para que ficasse registrado desta forma, é provável que ele estivesse escondido, e não poderia ser entregue ou capturado em público, pois isso talvez desencadeasse uma revolta popular que não tinha nada a ver com a sua missão. Teria, então, que ser capturado e conduzido às ocultas, e isso requeria a participação de um dos seus discípulos.

**7. Chegou, porém, o dia dos ázimos, em que importava sacrificar a páscoa.**

**8. E mandou a Pedro e a João, dizendo: Ide, preparai-nos a páscoa, para que a comamos.**

“Os ázimos” são os pães ázimos, os pães sem fermento, que lembravam o pão sem fermento que os israelitas comeram na noite anterior à sua saída do Egito, por não terem tido tempo de fermentar a massa. Sacrificar a páscoa é sacrificar o cabrito ou cordeiro pascal, que seria comido mais tarde.

**9. E eles lhe perguntaram: Onde queres que a preparemos?**

**10. E ele lhes disse: Eis que, quando entrardes na cidade, encontrareis um homem, levando um cântaro de água; segui-o até à casa em que ele entrar.**

**11. E direis ao pai de família da casa: O Mestre te diz: Onde está o aposento em que hei de comer a páscoa com os meus discípulos?**

**12. Então ele vos mostrará um grande cenáculo mobiliado; aí fazei preparativos.**

**13. E, indo eles, acharam como lhes havia sido dito; e prepararam a páscoa.**

Aqui, como no episódio em que Jesus manda dois dos seus discípulos buscarem o jumentinho, ou no encontro de Jesus com Zaqueu, relatados no capítulo 19, não precisamos imaginar que Jesus tenha usado de poderes psíquicos ou o que denominam de “poderes sobrenaturais” para encontrar o homem com o cântaro e a casa onde comeriam a páscoa. Jesus tinha simpatizantes em Jerusalém, mesmo entre pessoas influentes, como é o caso de Nicodemos ou José de Arimateia.

A casa que foi disponibilizada para Jesus e os seus discípulos mais próximos, e o homem com o cântaro, que levaria Pedro e João até a casa, provavelmente foram alvo de uma combinação prévia entre o dono da casa e Jesus ou um dos seus discípulos, talvez o próprio Judas, que era o tesoureiro do grupo e pelo jeito tinha livre acesso entre as classes dominantes.

Embora não seja o enfoque do nosso trabalho, há um símbolo aqui evidente demais para que não seja observado. Falamos do homem com o cântaro. Carregar água com um cântaro não era um trabalho de homens, naquela região e naquela época. E o homem com um cântaro de água é, desde a antiguidade, o símbolo de Aquário.

Não vamos nos estender sobre o assunto. Mas a chamada era de Aquário deve substituir a era de Peixes, e Jesus fez dos seus primeiros seguidores “pescadores de homens”. Talvez o homem com o cântaro seja um anúncio da descoberta do reino de Deus, que está dentro de cada um de nós. Essa nova era, para os espíritas, é o mundo de regeneração.

Quando avistarmos o mundo de regeneração (simbolizado pelo homem com o cântaro) nos elevaremos acima da matéria, pois o que é traduzido aqui como “cenáculo mobiliado”, que provavelmente se referia a um segundo piso, no original grego é *anágaion* (ἀνωγειον), que quer dizer literalmente “acima da terra”.

**14. E, chegada a hora, pôs-se à mesa, e com ele os doze apóstolos.**

**15. E disse-lhes: Desejei muito comer convosco esta páscoa, antes que padeça;**

**16. Porque vos digo que não a comerei mais até que ela se cumpra no reino de Deus.**

Até que ela, a páscoa, se cumpra no reino de Deus. Páscoa (do hebraico “pesah”) quer dizer pulo, salto. Refere-se à passagem de Deus (ou de Javé, o deus israelita, se acreditarmos nessa história como sendo real) pela terra do Egito para matar todos os primogênitos.

Os israelitas eram escravos no Egito e o faraó não queria libertá-los. Então Deus lança sobre eles dez pragas. A décima praga é a morte de todos os primogênitos de homens e animais. Deus instruiu os israelitas através de Moisés para que sacrificassem um cordeiro ou cabrito e com o seu sangue aspergissem as portas de suas casas, para que Deus reconhecesse que eram casas de israelitas e não os matasse também. A “páscoa” ou “pulo” se refere ao fato de Deus ter “pulado” ou “saltado” as casas israelitas na noite da matança dos primogênitos. Como os israelitas moravam no meio dos egípcios, Deus passava matando e “pulava” as casas onde houvesse sangue aspergido nas portas.

A páscoa, então, é a libertação, e essa libertação se dá com a morte daquele que veio antes (simbolizado pelo primogênito). A páscoa também determina, para os israelitas, o início do ano. É um novo ciclo, e é a isso que Jesus está se referindo. A uma nova era em que tenhamos matado o homem velho (o primogênito, aquele que nasceu primeiro) e assumido o homem novo, o “filho do homem”.

É evidente que Deus não bateu de porta em porta para matar os primogênitos. Isso são simbolismos, são maneiras encontradas por aquele povo para contar a sua história, que se confunde com a História do homem sobre a Terra.

**17. E, tomando o cálice, e havendo dado graças, disse: Tomai-o, e reparti-o entre vós;**

**18. Porque vos digo que já não berei do fruto da vide, até que venha o reino de Deus.**

**19. E, tomando o pão, e havendo dado graças, partiu-o, e deu-lho, dizendo: Isto é o meu corpo, que por vós é dado; fazei isto em memória de mim.**

A segunda metade do versículo 19 e todo o versículo 20 não compõe o texto original de Lucas. É uma interpolação, uma cópia da epístola aos coríntios, de Paulo. Alguns dos textos mais antigos têm esta parte e outros não têm.

A Bíblia de Jerusalém sustenta que os copistas estranharam o fato de ser mencionado um segundo cálice, no versículo 20, pois Jesus já havia dado graças pelo vinho, e eliminaram esta parte.

Mas é muito fácil perceber, estudando Lucas, que a ideia de que Jesus veio “deramar o seu sangue por nós”, como é dito no versículo 20, não tem nada a ver com o pensamento do autor. Em nenhuma parte do seu Evangelho há qualquer margem para esse entendimento. A epístola aos coríntios foi escrita antes de qualquer Evangelho, e Paulo - que não conheceu Jesus - exerceu influência decisiva mesmo sobre aqueles que acompanharam Jesus de perto, como Pedro e João.

Esse negócio de “cordeiro de Deus”, do “sangue de Jesus” que salva, de que “Jesus morreu por nós”, isso tudo é coisa de Paulo, é teologia paulina. Paulo foi o maior responsável pela propagação do Cristianismo. E para tornar o Cristianismo palatável para outras culturas, para outros povos, teve que adaptá-lo ao gosto pagão.

Aquelas mentes infantis não conseguiam entender que a missão de Jesus foi nos trazer o seu Evangelho para que nós nos salvemos a nós mesmos. Não entendiam um salvador que não salvasse pessoalmente. Mesmo os seus discípulos mais pró-



ximos muitas vezes não o compreendiam e foram influenciados pela teologia paulina que diz que Jesus veio morrer por nós, que veio “lavar os nossos pecados no seu sangue”.

Isso não tem nada, **absolutamente nada** a ver com o ensino de Jesus. Essas ideias ridículas e sanguinárias permanecem até hoje, mesmo em meio a pessoas relativamente cultas. É a salvação sem esforço: Jesus morre por nós, nós acreditamos nisso e... estamos salvos!

Que isso fosse pregado dois mil anos atrás, para um povo ignorante e semibárbaro, tudo bem. Mas hoje, em pleno século XXI, sustentar uma historinha dessas é triste.

O pão e o vinho, que simbolizariam o corpo e o sangue de Jesus, Paulo diz que recebeu de Jesus. Como Paulo não conviveu com Jesus, isso só é possível se ele encontrou com Jesus mediunicamente, o que pode ter acontecido. O livro Paulo e Estêvão, de Emmanuel, psicografado por Chico Xavier, trata deste tema. Mas como nosso estudo é baseado no que entrevemos no Evangelho de Lucas, não levamos em consideração informações de espíritos, sejam eles quem forem, nem mesmo dessa grande obra da literatura espírita.

Acreditamos que tudo o que está nos Evangelhos tem sua razão de ser. E como simbolismo este ensino de Paulo é válido. O vinho, antes de ser vinho, foi uva. O pão, antes de ser pão, foi trigo. Uva e trigo sofreram transformações para se tornarem em vinho e pão. Ambos foram destruídos para formarem nova substância. Assim também o pão e o vinho são destruídos para serem assimilados pelo corpo e pelo sangue. Do mesmo modo, o homem deve ser destruído para dar lugar ao filho do homem, que é o homem em seu próximo estágio evolutivo.

E se Jesus recomendou, através de Paulo, que devemos comer e beber em memória dele, isso deve ser feito todos os dias, em todas as refeições, e não apenas em ocasiões religiosas especiais.

Jesus representa o Cristo que habita dentro de cada um de nós. Em nossas refeições, então, temos que lembrar de nossa natureza crística. Não é preciso orar, não é preciso pronunciar nenhuma palavra, basta lembrar nossa verdadeira natureza de filhos de Deus, criados à imagem e semelhança de Deus, portanto, perfectíveis.

Tudo o que existe foi criado por Deus. Nosso mundo material, e tudo o que compõe o nosso mundo material, inclusive os alimentos, é criação de Deus, é manifes-

tação externa da essência de Deus. Quando nos alimentamos estamos ingerindo e metabolizando parte da manifestação de Deus.

Somos, como espíritos, o resultado de nossos pensamentos, palavras e ações. Refletimos nossa condição espiritual no corpo físico. Se tivermos isso em mente, o pensamento com que impregnamos o alimento cada vez que o consumimos exerce inegável influência sobre a nossa saúde.

Jesus, como nos diz no Evangelho de João, é o pão da vida (João 6:35,48). Na oração que ele nos ensinou, pedimos a Deus o pão nosso sobressubstancial nos daí hoje (Mateus 6:11). É o pão do espírito, é o alimento espiritual. O Evangelho de Jesus, a interiorização dos seus ensinamentos, é o alimento do espírito.

Não podemos crer em nenhum sentido místico ou milagroso em repetir essa cena do pão e do vinho como se o ato material tivesse algum valor. Teologias foram construídas sobre o pão e o vinho. Mas, se isso tivesse algum resultado prático, Judas não teria traído Jesus, Pedro não o teria negado e os outros discípulos não teriam fugido. O ensino de Jesus é todo espiritual e para ser vivenciado todos os dias. Não tem nada de ritualístico ou milagroso.

Sem essa interpolação da epístola aos coríntios no Evangelho de Lucas, nós leríamos assim:

***“E, tomando o cálice, e havendo dado graças, disse: Tomai-o, e reparti-o entre vós;***

***Porque vos digo que já não beberei do fruto da vide, até que venha o reino de Deus.***

***E, tomando o pão, e havendo dado graças, partiu-o, e deu-lho, dizendo: Mas eis que a mão do que me trai está comigo à mesa.***

***E, na verdade, o Filho do homem vai segundo o que está determinado; mas ai daquele homem por quem é traído!***

***E começaram a perguntar entre si qual deles seria o que havia de fazer isto.”***

A interpolação, que consiste em parte do versículo 19 e todo o versículo 20, é esta:

***“Isto é o meu corpo, que por vós é dado; fazei isto em memória de mim.***

***Semelhantemente, tomou o cálice, depois da ceia, dizendo: Este cálice é o novo testamento no meu sangue, que é derramado por vós”.***

A passagem da epístola de Paulo aos coríntios é esta:

“Isto é o meu corpo que é partido por vós; fazei isto em memória de mim. Semelhantemente também, depois de cear, tomou o cálice, dizendo: Este cálice é o novo testamento no meu sangue; fazei isto, todas as vezes que beberdes, em memória de mim”.

**20. Semelhantemente, tomou o cálice, depois da ceia, dizendo: Este cálice é o novo testamento no meu sangue, que é derramado por vós.**

**21. Mas eis que a mão do que me trai está comigo à mesa.**

**22. E, na verdade, o Filho do homem vai segundo o que está determinado; mas ai daquele homem por quem é traído!**

**23. E começaram a perguntar entre si qual deles seria o que havia de fazer isto.**

A tradução fala em traição, *“a mão do que me trai”*, mas o texto grego diz “entregar”: *paradidontos* (παράδιδοντος), “que entrega”. Jesus diz que vai acontecer o que está determinado, mas é o que está determinado por ele, não é porque está escrito. E ai daquele homem por quem é traído, ou, melhor, por quem é entregue. Mesmo que consideremos a hipótese de que Judas cumpriu um papel necessário, o que é possível, as dúvidas sobre a decisão de ter entregue Jesus para a condenação e a morte provocariam nele um remorso imenso. Passados dois mil anos, Judas ainda é sinônimo de traidor. A tradição popular pratica todos os anos o ato simbólico, por sinal anticristão, da malhação de Judas.

***“E começaram a perguntar entre si qual deles seria o que havia de fazer isto”. -***

Realmente, nesta leitura, fica a impressão de que competia a Judas entregar Jesus, e não que se tratava de uma traição. No Evangelho de João isso fica ainda mais evidente. Quando perguntam a Jesus quem o havia de entregar, Jesus responde: “É aquele a quem eu der o bocado molhado. E, molhando o bocado, o deu a Judas Iscariotes, filho de Simão. E, após o bocado, entrou nele Satanás. Disse, pois, Jesus: O que fazes, faze-o depressa”. (João 13:26-27)

**24. E houve também entre eles contenda, sobre qual deles parecia ser o maior.**

**25. E ele lhes disse: Os reis dos gentios dominam sobre eles, e os que têm autoridade sobre eles são chamados benfeitores.**

**26. Mas não sereis vós assim; antes o maior entre vós seja como o menor; e quem governa como quem serve.**

**27. Pois qual é maior: quem está à mesa, ou quem serve? Porventura não é quem está à mesa? Eu, porém, entre vós sou como aquele que serve.**

**28. E vós sois os que tendes permanecido comigo nas minhas tentações.**

Há pouco perguntavam entre si quem haveria de entregar Jesus, e essa disputa deve tê-los levado a discutir sobre qual deles seria o maior. Não foi a primeira vez que fizeram isso. Isso demonstra que os discípulos de Jesus eram pessoas como nós. O que os diferenciava era a verdadeira fé, que é fidelidade, lealdade, obediên-

cia. Pois, mesmo tendo fraquejado, como nós também fraquejaríamos, eles foram os primeiros responsáveis pela difusão do Evangelho de Jesus, e muitos deles foram mortos em defesa do Evangelho.

Jesus ensina novamente o valor do servir, do ser útil ao próximo. No Evangelho de João ele nos dá o exemplo vivo ao lavar os pés dos apóstolos (João 13:5).

**29. E eu vos destino o reino, como meu Pai mo destinou,**

**30. Para que comais e bebais à minha mesa no meu reino, e vos assenteis sobre tronos, julgando as doze tribos de Israel.**

Jesus fala em “comer e beber à mesa” e “assentar sobre tronos” porque eles estavam comendo e bebendo à mesa, em torno da mesa. Jesus retoma o tema da evolução espiritual que eles alcançariam por permanecerem fieis ao seu ensinamento.

As doze tribos de Israel simbolizam todos os povos do mundo, e por extensão, todos os espíritos da Terra. O verbo grego *krinontes* (κρινοντες) que é traduzido como “julgar”, **“julgando as doze tribos de Israel”**, é o particípio presente, voz ativa, nominativo masculino, segunda pessoa do plural do verbo *krinô*, que quer dizer separar, escolher. Da raiz deste verbo derivam as palavras “critério” e “crivo”, quando nós falamos em “usar o crivo da razão”.

Esse julgamento, então, é uma seleção natural baseada no critério da Lei de causa e efeito: a cada um segundo as suas obras. Os espíritos mais adiantados - como são os que alcançam o reino de Deus - são responsáveis por zelar e orientar os menos adiantados, inclusive organizando o planejamento reencarnatório dos espíritos que já desenvolveram suficientemente a consciência. É neste sentido o julgamento, ou melhor, a separação de espíritos em determinados grupos, a seleção de espíritos para determinadas tarefas ou provas.

**31. Disse também o Senhor: Simão, Simão, eis que Satanás vos pediu para vos cirandar como trigo;**

**32. Mas eu roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça; e tu, quando te converteres, confirma teus irmãos.**

Sabemos que satanás é o nosso adversário interno. **“Satanás vos pediu para vos cirandar como trigo”**. - A palavra grega traduzida como “cirandar” é *siniáze* (σινιάζει), que quer dizer “joeirar” (de joio), “peneirar”, separar o joio e o trigo. O homem Pedro, a personagem Pedro, o homem guiado pelo raciocínio estritamente material, põe em dúvida aquilo que ele não pode provar materialmente. Pelo raciocínio procura separar o joio do trigo, peneirar os valores da matéria e os valores do espírito.

Essa dúvida, essa hesitação é que nos faz perder a sintonia com o Cristo que está dentro de nós, e é isso a que Jesus se refere quando diz que orou por ele para que a sua fé não desfaleça, para que a sua fidelidade, a sua sintonia não desfaleça.

**“... e tu, quando te converteres, confirma teus irmãos”.** - Essas palavras são usadas por alguns religiosos para defender a primazia de Pedro, o mesmo princípio que defende que Pedro foi o primeiro papa. “Converteres”, no grego *Epistrépsas* (ἐπιστρέψας), que pode ser traduzido como “converter” e também como “retornar”, “voltar”. Quando retornar ao estado de fidelidade ao Cristo, quando voltar a sintonizar com o Cristo, **“confirma teus irmãos”**. - A palavra traduzida como “confirma” é *stéricson* (στηρίζον), que tem o sentido de “suportar”, “corrigir”. Confirmar no caminho; suportar, servir temporariamente de suporte para a fidelidade deles; e corrigir, corrigir a sua sintonia, para que voltem a se bastarem por si mesmos, sem precisarem do suporte de ninguém. – Neste sentido é a nossa explicação para Lucas 8:13, na parábola do semeador, que fala da semente que caiu sobre a pedra.

**35. E disse-lhes: Quando vos mandei sem bolsa, alforje, ou alparcas, faltou-vos porventura alguma coisa? Eles responderam: Nada.**

**36. Disse-lhes pois: Mas agora, aquele que tiver bolsa, tome-a, como também o alforje; e, o que não tem espada, venda a sua capa e compre-a;**

**37. Porquanto vos digo que importa que em mim se cumpra aquilo que está escrito: E com os malfeitores foi contado. Porque o que está escrito de mim terá cumprimento.**

**38. E eles disseram: Senhor, eis aqui duas espadas. E ele lhes disse: Basta.**

Jesus está mencionando a primeira vez em que mandou os seus apóstolos em missão

e lhes recomendou que só levassem consigo o estritamente necessário, pois o espírito não traz nada consigo ao reencarnar e não leva nada consigo ao desencarnar, e temos que saber viver sem sermos dependentes de nada exterior a nós.

Jesus diz que se cumprirá com ele o que está escrito, que será “contado entre os malfeitores”. Jesus está se referindo a uma passagem de Isaías; Jesus sabe que haverá grande perseguição aos seus seguidores, e lhes orienta, agora, a se prevenir.

Isso também se refere a cada um de nós. Não devemos nos apegar às coisas materiais, não devemos depender de nada para a nossa realização, mas para seguirmos o caminho do Cristo temos que estar prontos para enfrentarmos quaisquer adversidades.

A bolsa - simbolizando o dinheiro, as coisas materiais indispensáveis. Para que haja um centro espírita ou uma igreja é preciso dinheiro, para que se imprima um livro é preciso dinheiro.

O alforje - onde se guardavam alimentos, simbolizando o alimento do espírito, que deve estar sempre conosco.

E Jesus recomenda trocar a capa por uma faca. A palavra grega *macaira* (μαχαίραν) não quer dizer “espada”, quer dizer “faca”. A capa protege as costas, simboliza a passividade; a faca é empunhada de frente, simboliza a ação cortante e decisiva. Não devemos esperar que as coisas aconteçam, protegidos pela capa. Temos que agir, cortando os obstáculos, abrindo caminho.

É evidente que os discípulos de Jesus não tinham espadas. Não havia nenhum soldado entre eles. Havia entre eles pelo menos quatro pescadores, e pescadores usam facas. Além disso, para preparar a páscoa era preciso sacrificar o cordeiro ou cabrito. Não se mata um animal com uma espada, mas com uma faca. Traduzir como “espada” talvez seja uma nostalgia do tempo das Cruzadas, em que exércitos eram formados, armados de espadas, para matar e esquartejar em nome de Jesus.

Os discípulos, como muitas vezes acontecia, não entenderam o sentido figurado que Jesus utilizava, e disseram a ele que tinham duas facas. A resposta de Jesus não deixa dúvida quanto ao erro deles. Jesus diz apenas: - Basta!

Jesus jamais recomendaria a violência, tanto é que logo depois Pedro se exalta e corta a orelha de um soldado e Jesus ordena: - Deixai-os, basta!

**39. E, saindo, foi, como costumava, para o Monte das Oliveiras; e também os seus discípulos o seguiram.**

**40. E quando chegou àquele lugar, disse-lhes: Orai, para que não entreis em tentação.**

Provavelmente o Monte das Oliveiras era o seu lugar de recolhimento e oração enquanto esteve em Jerusalém. A missão de Jesus no plano físico está chegando ao fim e uma das suas principais lições é repetida. A subida ao monte, ou seja, a elevação para orar a fim de não entrar em tentação (ou em provação), para que não entremos, por descuido, em provações desnecessárias, pois a palavra grega *peirasmón* (πειρασμον), traduzida como tentação, tem este sentido de experimento, ensaio.

Devemos nos manter elevados, em estado de oração, para que não façamos da nossa experiência terrena um permanente ensaio espiritual, mas que coloquemos em prática os bons propósitos que assumimos.

**41. E apartou-se deles cerca de um tiro de pedra; e, pondo-se de joelhos, orava,  
42. Dizendo: Pai, se queres, passa de mim este cálice; todavia não se faça a minha vontade, mas a tua.**

Jesus põe em prática o que nos ensinou na oração que chamamos de “Pai Nosso”, ao declarar que deve ser feita a vontade de Deus, e não a nossa vontade (Mateus 6:10).

Os dois versículos que vêm a seguir, 43 e 44, muito provavelmente não fazem parte do texto original. Há vários manuscritos antigos, de diferentes lugares, que não contém estes dois versículos. A Bíblia de Jerusalém e outros comentadores dizem que estes versículos foram retirados propositadamente de alguns textos por darem uma ideia de fraqueza de Jesus que não condiz com a ideia de Deus; já que pregavam, e pregam ainda hoje, que Jesus é Deus.

Nós concordamos com este argumento, mas não podemos conceber que em diferentes localidades, em que as comunidades cristãs tinham orientações diversas, tenham tido essa mesma ideia e tirado dos seus textos estes dois versículos. Muito mais provável é que estes versículos tenham sido acrescentados para enfatizarem o sofrimento de Jesus, ideia que também é explorada hoje, como se o mérito de Jesus tivesse sido o de morrer, e não o de viver entre nós. Jesus morreu como todos morrem. E sofreu como muitas pessoas sofrem. Neste exato momento há crianças sofrendo dores terríveis como parte integrante do seu processo evolutivo. Não é o sofrimento que faz de Jesus nosso mestre, mas o seu ensino vivido na prática.

O mais provável é que as duas interpolações neste capítulo, esta e a dos versículos 29 e 30, foram introduzidas nos séculos II ou III como uma tentativa de combater o docetismo, que era uma doutrina gnóstica que afirmava que Jesus não havia animado um corpo físico. Para combater essas opiniões consideradas heréticas, a corrente cristã dominante, que gerou mais tarde o que conhecemos com Igreja Católica Apostólica Romana, inseriu estas passagens, para enfatizar que Jesus veio ao mundo com um corpo totalmente humano, e não com um corpo “aparente” como sustentavam os docetas e outros.

**43. E apareceu-lhe um anjo do céu, que o fortalecia.**

**44. E, posto em agonia, orava mais intensamente. E o seu suor tornou-se como grandes gotas de sangue, que corriam até ao chão.**

Se quisermos analisar estes versículos, mesmo considerando-os como interpolação, temos que chamar a atenção para o texto grego em que a palavra *trômboi* (θρομβοι) é traduzida como “gotas”. *Trômboi* quer dizer “coágulo” ou “nódulo”, desta palavra deriva a palavra “trombose”. Então Jesus transpirava como se fossem coágulos de sangue que caíam na terra.

**45. E, levantando-se da oração, veio para os seus discípulos, e achou-os dormindo de tristeza.**

**46. E disse-lhes: Por que estais dormindo? Levantai-vos, e orai, para que não entreis em tentação.**

Os discípulos estavam “*dormindo de tristeza*”. Só podemos aceitar essa expressão como sentido figurado, querendo dizer que eles não entendiam o que estava ocorrendo e por isso estavam tristes.

Em Marcos e Mateus é dito que quem acompanhou Jesus foram Pedro, Tiago e João, os mesmo que o acompanharam ao monte Tabor no episódio da transfiguração.

É possível notar as semelhanças. Os mesmos discípulos; a oração no monte; o sono dos discípulos; a aparição de espíritos, que no Tabor foram Moisés e Elias e agora o anjo; e um fenômeno ocorrido com Jesus.

Se os discípulos estivessem de fato dormindo, quem teria testemunhado estes fatos? Jesus, pelo que vemos, não teve ocasião de contar nada a ninguém sobre o que aconteceu no monte. Se houve estes fatos, acreditamos que se trate, como no episódio conhecido como “transfiguração no monte”, de um desdobramento de Jesus e dos seus discípulos.

Pedro, conforme se vê nos Atos dos apóstolos, era médium de desdobramento (Atos 10:10; 12:15). Os outros também deveriam ser. Isso explicaria a presença do anjo ou espírito, já que estariam no plano astral. O fenômeno ocorrido com Jesus teria se dado com o seu corpo astral, uma exteriorização abundante de energia, talvez como forma de tornar o corpo astral menos denso e manter-se naturalmente mais desligado do corpo físico.

Lembramos que era noite, estava escuro, a descrição do que ocorria com Jesus não pode ser tida como exata. Comparar o que eles viram com coágulos de sangue que



se exteriorizavam dele e caíam na terra foi a maneira mais aproximada que acharam para descrever o fenômeno.

Ainda no versículo 44 é dito que Jesus, **“posto em agonia, orava mais intensamente”**, e depois disso é que ocorreu o fenômeno. Acontece que “agonia” é uma palavra grega, que não tinha o sentido que damos a ela hoje. Não podemos, de modo algum, imaginar que Jesus estava agonizando de medo, ou de pavor, como muitos religiosos pensam. Nós vemos crianças com câncer que encaram a sua doença com tranquilidade. Jesus, incalculavelmente superior a nós, não ia ficar choramingando com medo da dor. Nem da dor física nem da dor moral.

“Agonia” (αγωνία), em grego, quer dizer uma disputa, um concurso, uma competição, a luta pela vitória. Só figurativamente tem o sentido de “angústia”, como comparação ao sentimento experimentado por quem luta com todas as forças para obter a vitória. É o que Jesus estava fazendo. Nesse esforço mental, nessa concentração mental, orava com mais fervor e seu corpo astral começou a exteriorizar energias de forma tão intensa que parecia que estava transpirando coágulos de sangue; não pela cor, já que era escuro e provavelmente não era possível distinguir a cor, mas pela aparente consistência e forma. Depois disso é que Jesus diz:

**“E disse-lhes: Por que estais dormindo? Levantai-vos, e orai, para que não entreis em tentação”**. - Embora seja possível que eles ainda estivessem desdobrados, e, portanto, como se estivessem dormindo, o alerta de Jesus é para todos nós.

A maioria da humanidade terrena ainda dorme, ainda não despertou para a realidade espiritual. Jesus aqui chega ao final da sua missão e muitos continuam dormindo.

**“Levantai-vos e orai”**, ele diz. A palavra traduzida como “levantar” é a mesma palavra que traduzem como “ressuscitar”. Jesus está dizendo para ressuscitarmos, para renascermos espiritualmente, para despertarmos do sono inebriante da matéria e orarmos, nos elevarmos a Deus para que não precisemos passar por provações desnecessárias.

**47. E, estando ele ainda a falar, surgiu uma multidão; e um dos doze, que se chamava Judas, ia adiante dela, e chegou-se a Jesus para o beijar.**

**48. E Jesus lhe disse: Judas, com um beijo trais o Filho do homem?**

É importante lembrar que os manuscritos originais, em grego, não contém sinais de pontuação. Então, aqui, o que parece ser uma pergunta de Jesus, **“com um bei-**

***jo trais o filho do homem?”***, nós acreditamos que seja uma declaração: “Judas, tu entregas o filho do homem com um beijo”.

No Evangelho de Mateus essa idéia fica ainda mais clara: “*Companheiro, faz o que vieste fazer*” (Mateus 26:50), ou “*faz aquilo para o que vieste fazer*”, podendo dar a entender, até, que a tarefa de Judas nesta reencarnação era servir de instrumento para que Jesus fosse entregue aos seus perseguidores.

**49. E, vendo os que estavam com ele o que ia suceder, disseram-lhe: Senhor, feriremos à espada?**

**50. E um deles feriu o servo do sumo sacerdote, e cortou-lhe a orelha direita.**

**51. E, respondendo Jesus, disse: Deixai-os; basta. E, tocando-lhe a orelha, o curou.**

Já vimos que *macaira*, como traz o texto grego, é faca, e não espada. Mas os discípulos pensaram que talvez devessem reagir, sinal de que realmente não entendiam o que estava acontecendo. João, no seu Evangelho, esclarece que quem desferiu um golpe com a faca foi Pedro, e que o homem atingido se chamava Malco (João 18:10). Jesus, como já havia feito antes, diz a eles: - Basta! - E cura a orelha de Malco.

Lembramos que na primeira vez em que Jesus anunciou aos discípulos o que aconteceria com ele, Pedro tentou dissuadir Jesus, e Jesus disse a Pedro: - Vai para trás de mim, satanás, porque não sabes das coisas de Deus, mas das coisas dos homens (Mateus 16:23). Pedro ainda não tinha condições de compreender que a missão de Jesus era inteiramente espiritual.

Simbolicamente, Pedro representa, aqui, o pensamento material imediatista, que não vê além da matéria, que só acredita no poder material. Malco, em hebraico, quer dizer “rei”. O espírito ainda preso ao pensamento material imediatista tenta lutar contra o reinado das coisas materiais (representado por Malco, que quer dizer “rei”).

Mas Jesus, colocando em prática o seu ensino que diz para não devolver o mal com o mal, não só impede a luta de Pedro como cura a orelha de Malco. Não é pela força bruta que venceremos o poder vigente no plano material.

**52. E disse Jesus aos principais dos sacerdotes, e capitães do templo, e anciãos, que tinham ido contra ele: Saístes, como a um salteador, com espadas e varapaus?**

**53. Tenho estado todos os dias convosco no templo, e não estendestes as mãos contra mim, mas esta é a vossa hora e o poder das trevas.**

Jesus lembra aos seus perseguidores que esteve entre eles durante vários dias, no templo. Temos aqui outra demonstração da postura característica de Jesus. Jesus jamais se acovardou ou se calou para supostas autoridades. Jesus deixa claro que está no controle da situação ao dizer que esta é a hora e o poder das trevas.

**54. Então, prendendo-o, o levaram, e o puseram em casa do sumo sacerdote. E Pedro seguia-o de longe.**

**55. E, havendo-se acendido fogo no meio do pátio, estando todos sentados, assentou-se Pedro entre eles.**

**56. E como certa criada, vendo-o estar assentado ao fogo, pusesse os olhos nele, disse: Este também estava com ele.**

**57. Porém, ele negou-o, dizendo: Mulher, não o conheço.**

**58. E, um pouco depois, vendo-o outro, disse: Tu és também deles. Mas Pedro disse: Homem, não sou.**

**59. E, passada quase uma hora, um outro afirmava, dizendo: Também este verdadeiramente estava com ele, pois também é galileu.**

**60. E Pedro disse: Homem, não sei o que dizes. E logo, estando ele ainda a falar, cantou o galo.**

**61. E, virando-se o Senhor, olhou para Pedro, e Pedro lembrou-se da palavra do Senhor, como lhe havia dito: Antes que o galo cante hoje, me negarás três vezes.**

**62. E, saindo Pedro para fora, chorou amargamente.**

Muito se fala da fraqueza moral de Pedro por ter negado Jesus, mas ele negou porque acompanhou Jesus, enquanto os outros tinham fugido. No Evangelho de João é dito que quem acompanhou Jesus foram Pedro e o outro discípulo, provavelmente o próprio João (João 18:15). Mas o fato é que, se Pedro confessasse conhecer Jesus, ele provavelmente seria preso, até porque foi ele quem feriu Malco. E, se fosse preso, perderia o contato com Jesus.

Poderíamos tirar lições sobre a negação de Pedro, fazendo analogias com as vezes em que nós negamos o Cristo. Mas não consideramos que a intenção de Pedro tenha sido preservar a si mesmo, mas apenas permanecer próximo do mestre.

Então a única lição que podemos perceber aqui é que nem sempre estamos preparados para determinadas situações, só temos domínio sobre o que depende de nós mesmos. Por isso não podemos julgar o próximo, dizendo que no seu lugar faríamos tais e tais coisas.

O choro de Pedro não é de remorso, mas de tristeza por ver que se cumpria o que Jesus havia previsto. Jesus disse que antes do cantar do galo Pedro o negaria por três vezes e isso se confirmou. Se isso se confirmou, também se confirmariam as

demais coisas que Jesus disse que aconteceriam com ele, inclusive a sua morte. E foi por isso que Pedro chorou.

**63. E os homens que detinham Jesus zombavam dele, ferindo-o.**

**64. E, vendando-lhe os olhos, feriam-no no rosto, e perguntavam-lhe, dizendo: Profetiza, quem é que te feriu?**

**65. E outras muitas coisas diziam contra ele, blasfemando.**

Diziam para Jesus profetizar. A palavra “profeta” é formada pelo prefixo *pro*, que quer dizer “em lugar de”, e *fetes*, que quer dizer “locutor”. Profeta, então, é “aquele que fala em nome de alguém”, ou “aquele através do qual alguém fala”. Profeta é médium, nada mais que isso. Mas, tanto naquele tempo como hoje, confundiam médium com adivinho ou mágico.

Os céticos e fundamentalistas agiriam da mesma forma hoje. Jesus, se estivesse encarnado hoje, talvez se deparasse com pessoas muito parecidas com aquelas que zombavam dele.

**66. E logo que foi dia ajuntaram-se os anciãos do povo, e os principais dos sacerdotes e os escribas, e o conduziram ao seu concílio, e lhe perguntaram:**

**67. És tu o Cristo? Dize-no-lo. Ele replicou: Se vo-lo disser, não o creereis;**

**68. E também, se vos perguntar, não me respondereis, nem me soltareis.**

**69. Desde agora o Filho do homem se assentará à direita do poder de Deus.**

**70. E disseram todos: Logo, és tu o Filho de Deus? E ele lhes disse: Vós dizeis que eu sou.**

**71. Então disseram: De que mais testemunho necessitamos? pois nós mesmos o ouvimos da sua boca.**

Ao dizer que *“desde agora o Filho do homem se assentará à direita do poder de Deus”*, Jesus está atribuindo a si mesmo o cumprimento das profecias, o que era inadmissível para aquelas autoridades religiosas.

Ao responder se era o filho de Deus, a tradução pode ser assim: - Vocês estão dizendo: Eu sou. – “Eu sou” foi a descrição que Deus fez de si mesmo, e Jesus, ao dizer isso, foi acusado de blasfêmia.

## CAPÍTULO 23

**1. E, levantando-se toda a multidão deles, o levaram a Pilatos.**

**2. E começaram a acusá-lo, dizendo: Havemos achado este pervertendo a nação, proibindo dar o tributo a César, e dizendo que ele mesmo é Cristo, o rei.**

Já não vemos, nestes capítulos finais, as parábolas e os grandes ensinamentos, mas narrativas históricas tentando reconstituir os fatos acontecidos.

Esta tradução ***“e dizendo que ele mesmo é Cristo, o rei”***, não é a mais correta. Os judeus não tinham, naquela época, a ideia que nós fazemos do Cristo. A palavra “cristo” quer dizer “ungido”. Os antigos reis e sacerdotes eram ungidos com azeite; o verbo “ungir” quer dizer exatamente isso, “derramar ou esfregar azeite”. O azeite representava a pureza; quem era ungido, então, quem recebia a unção era purificado.

Então eles não estão se referindo a Jesus como o Cristo, ou o acusando de se passar pelo Cristo. Eles estão acusando Jesus de se passar por um rei ungido. Estão mentindo que Jesus proibia o povo de dar o tributo a César e que se declarava como um rei ungido, um rei consagrado, com direitos reais.

Vimos que quando perguntaram a Jesus se era lícito pagar o imposto a César, numa tentativa de pegá-lo em contradição, Jesus disse claramente para devolver a César o que é de César (Lucas 20:25), ou seja, não se posicionou contrário ao pagamento do tributo. Além disso, Jesus tinha entre os seus discípulos um cobrador de impostos, que era Mateus, e havia se hospedado há poucos dias na casa de Zaqueu, em Jericó, que era chefe dos cobradores de impostos daquela cidade (Lucas 19:5).

O sinédrio, que era instituição dos judeus, não podia condenar à morte, por isso os judeus recorreram a Pilatos. Em João fica claro que eles já haviam condenado Jesus à morte. Só precisavam que Pilatos assinasse embaixo (João 18:29-32).

**3. E Pilatos perguntou-lhe, dizendo: Tu és o Rei dos Judeus? E ele, respondendo, disse-lhe: Tu o dizes.**

**4. E disse Pilatos aos principais dos sacerdotes, e à multidão: Não acho culpa alguma neste homem.**

Indiretamente, Jesus confirmou ser rei, mas Pilatos percebeu que Jesus não era um revolucionário, pelo menos no sentido material.

Não podemos esquecer que nos primeiros anos do Cristianismo, quando foram escritos os Evangelhos, os cristãos eram perseguidos pelos judeus que não se converteram ao Cristianismo, e isso gerou muita animosidade entre eles. Os evangelistas parecem fazer questão de inocentar Pilatos e de atribuírem toda a culpa pela morte de Jesus aos judeus.

**5. Mas eles insistiam cada vez mais, dizendo: Alvoroça o povo ensinando por toda a Judéia, começando desde a Galiléia até aqui.**

**6. Então Pilatos, ouvindo falar da Galiléia perguntou se aquele homem era galileu.**

**7. E, sabendo que era da jurisdição de Herodes, remeteu-o a Herodes, que também naqueles dias estava em Jerusalém.**

O capítulo 13 de Lucas começa com os comentários a respeito dos galileus que haviam sido mortos por ordem de Pilatos. Provavelmente haviam iniciado uma revolta, coisa muito comum naqueles anos, e é dito que Pilatos misturou o seu sangue ao sangue do sacrifício, no templo. Agora, para não se comprometer com o julgamento de Jesus, resolve mandá-lo para Herodes, que era o tetrarca da Galileia - era tido pelo povo como o rei da Galileia, a terra de Jesus.

**8. E Herodes, quando viu a Jesus, alegrou-se muito; porque havia muito que desejava vê-lo, por ter ouvido dele muitas coisas; e esperava que lhe veria fazer algum sinal.**

**9. E interrogava-o com muitas palavras, mas ele nada lhe respondia.**

**10. E estavam os principais dos sacerdotes, e os escribas, acusando-o com grande veemência.**

**11. E Herodes, com os seus soldados, desprezou-o e, escarnecendo dele, vestiu-o de uma roupa resplandecente e tornou a enviá-lo a Pilatos.**

**12. E no mesmo dia, Pilatos e Herodes entre si se fizeram amigos; pois dantes andavam em inimizade um com o outro.**

Herodes estava em Jerusalém por ocasião das festividades da páscoa. No capítulo 9 de Lucas nós vimos que Herodes estava curioso acerca de Jesus e que queria vê-lo:

*“E o tetrarca Herodes ouviu todas as coisas que por ele foram feitas, e estava em dúvida, porque diziam alguns que João ressuscitara dentre os mortos; e outros que Elias tinha aparecido; e outros que um profeta dos antigos havia ressuscitado. E disse Herodes: A João mandei eu degolar; quem é, pois, este de quem ouço dizer tais coisas? E procurava vê-lo”. (Lucas 9:7-9)*

Em Lucas 13:32 Jesus se referiu a Herodes como “essa raposa”. Herodes esperava ver algum sinal de Jesus, algum fenômeno, como se Jesus fosse um mágico. Jesus nem sequer responde às perguntas de Herodes. Herodes vestiu Jesus com uma roupa utilizada pelos príncipes, como uma forma de deboche, e mandou-o de volta a Pilatos.

Lucas diz que neste dia Pilatos e Herodes ficaram amigos, pois antes andavam em inimizade um com o outro. É possível que a causa desta inimizade tenha sido o fato

de Pilatos ter mandado matar os Galileus no templo sem consultar Herodes, que seria o responsável por julgar os galileus. Com esta deferência de Pilatos, mandando Jesus até ele, Herodes deve ter se sentido importante e os dois se reconciliaram.

Aliás, todos se uniram contra Jesus. Todas as forças corruptas da sociedade superaram as diferenças que tinha entre si para se unirem contra Jesus.

**13. E, convocando Pilatos os principais dos sacerdotes, e os magistrados, e o povo,**

**14. Disse-lhes: Haveis-me apresentado este homem como perverso do povo; e eis que, examinando-o na vossa presença, nenhuma culpa, das de que o acusais, acho neste homem.**

**15. Nem mesmo Herodes, porque a ele vos remeti, e eis que não tem feito coisa alguma digna de morte.**

**16. Castigá-lo-ei, pois, e soltá-lo-ei.**

Pilatos convoca os principais dos sacerdotes, os magistrados e o povo e repete que não achou nenhum crime em Jesus para condená-lo à morte. E talvez tentando satisfazer a raiva deles, manda castigar Jesus. A palavra “castigar”, no versículo 16, no original grego é *pedeysas* (παιδευσας), que tem o sentido de ensinar uma criança, corrigir uma criança. Pilatos ia então “corrigir” Jesus e depois soltá-lo.

Em Mateus é relatado o sonho que a mulher de Pilatos teve em relação a Jesus: *“E, estando ele assentado no tribunal, sua mulher mandou-lhe dizer: Não entres na questão desse justo, porque num sonho muito sofri por causa dele”* (Mateus 27:19). A palavra traduzida como sofrer - “muito sofri” - tem o sentido de “experimentar”. A mulher de Pilatos experimentou muitas coisas por causa de Jesus.

O aviso dela a Pilatos é no sentido de que ele não interfira no que está acontecendo. Que ele não condene nem liberte, que ele não se intrometa numa questão que não é dele.

De fato, se Pilatos tivesse assumido para si a responsabilidade de condenar Jesus, é possível que a História fosse diferente. Se acreditamos na superioridade de Jesus, temos que compreender que a maneira como tudo aconteceu também faz parte da sua mensagem.

Pilatos era o representante de Roma. Se Jesus fosse condenado por Roma, seria só mais um rebelde político a ser morto por Roma. Mas Jesus foi morto pelos seus, e é essa recusa em relação ao Cristo que nós temos que superar ainda hoje. Matamos o nosso Cristo interno cada vez que negamos nossa natureza de filhos de Deus e nos deixamos dominar pelo orgulho e pelo egoísmo.

**17. E era-lhe necessário soltar-lhes um pela festa.**

**18. Mas toda a multidão clamou a uma, dizendo: Fora daqui com este, e solta-nos Barrabás.**

**19. O qual fora lançado na prisão por causa de uma sedição feita na cidade, e de um homicídio.**

O versículo 17, que diz que *“era-lhe necessário soltar-lhes um pela festa”* não faz parte dos textos originais de Lucas. Foi interpolado para concordar com os outros Evangelhos.

Não há nenhum registro histórico que ateste a existência de Barrabás. Manuscritos antigos trazem Jesus Barrabás. Provavelmente as cópias posteriores tiraram o nome Jesus, talvez para não chocar os mais sensíveis.

**20. Falou, pois, outra vez Pilatos, querendo soltar a Jesus.**

**21. Mas eles clamavam em contrário, dizendo: Crucifica-o, crucifica-o.**

**22. Então ele, pela terceira vez, lhes disse: Mas que mal fez este? Não acho nele culpa alguma de morte. Castigá-lo-ei pois, e soltá-lo-ei.**

**23. Mas eles instavam com grandes gritos, pedindo que fosse crucificado. E os seus gritos, e os dos principais dos sacerdotes, prevaleciam.**

**24. Então Pilatos julgou que devia fazer o que eles pediam.**

**25. E soltou-lhes o que fora lançado na prisão por uma sedição e homicídio, que era o que pediam; mas entregou Jesus à vontade deles.**

Pilatos insiste que Jesus era inocente, mas o povo pede para soltar Barrabás e para crucificar Jesus. Pilatos, talvez influenciado pelo sonho de sua mulher, resolve fazer a vontade deles.

Barrabás era acusado de sedição e homicídio. O nome de Barrabás era Jesus. Jesus Barrabás. E “Barrabás” quer dizer “filho do Pai”. Jesus foi condenado, oficialmente, como se fizesse passar-se por rei. Simbolicamente, o que os homens conseguiram condenar foi o rei dos judeus, mas não o filho do Pai. Jesus nos apresentou essa visão de Deus como o Pai, e pelo Evangelho de Jesus nos conscientizamos de nossa natureza de filhos do Pai.

Jesus havia sido aclamado na sua entrada em Jerusalém, há poucos dias. O povo o recebeu como o filho de Davi, o messias prometido. Agora esse mesmo povo o condenava. É verdade que provavelmente as lideranças político-religiosas de Jerusalém

tenham incentivado seus partidários a comparecerem junto a Pilatos para o pressionarem. Não podemos pensar, de modo algum, que a maior parte dos judeus de Jerusalém quisesse a morte de Jesus. Mas é fácil perceber que a população, vendo



Jesus preso, sem reagir, sendo humilhado e açoitado pelos romanos, se decepcionou com aquele que eles pensavam que seria o seu libertador, o grande guerreiro que iria libertá-los do invasor romano e devolver a glória ao povo de Israel. Não conseguiam entender a superioridade moral de Jesus; talvez tenham se envergonhado da bondade de Jesus, confundindo bondade com fraqueza.

Os profissionais da religião de hoje e os seus dóceis seguidores ainda fazem a mesma coisa. Imaginam um Jesus que vive brigando com o diabo, um Deus que ameaça e pune, que condena ao inferno eterno e que se vinga dos seus próprios filhos.

**26. E quando o iam levando, tomaram um certo Simão, cireneu, que vinha do campo, e puseram-lhe a cruz às costas, para que a levasse após Jesus.**

Talvez Jesus estivesse fisicamente exausto e os soldados temessem que ele morresse antes de ser executada a sua sentença.

O exemplo de Simão Cireneu nos mostra que devemos ajudar o nosso próximo a carregar a sua cruz, mas não podemos morrer por ele. Cada um é responsável pelo seu próprio destino.

**27. E seguia-o grande multidão de povo e de mulheres, as quais batiam nos peitos, e o lamentavam.**

**28. Jesus, porém, voltando-se para elas, disse: Filhas de Jerusalém, não choreis por mim; chorai antes por vós mesmas, e por vossos filhos.**

**29. Porque eis que hão de vir dias em que dirão: Bem-aventuradas as estéréis, e os ventres que não geraram, e os peitos que não amamentaram!**

**30. Então começarão a dizer aos montes: Caí sobre nós, e aos outeiros: Cobri-nos.**

A maior parte dos comentadores atribuem estas palavras de Jesus à queda de Jerusalém. O historiador Flavio Josefo narra o caso de uma mãe que comeu o próprio filho, tamanha era a fome e o desespero naqueles dias. Em Mateus, quando Pilatos decide condenar Jesus - ou permitir que Jesus fosse condenado -, ele lava as próprias mãos, dizendo que estava inocente do sangue de um justo, e o povo diz: - que o seu sangue caia sobre nós e sobre nossos filhos (Mateus 27:25). É a isso que Jesus está se referindo agora, dirigindo-se às mulheres.

Através da reencarnação, aqueles que condenaram Jesus voltam ao mundo material como seus próprios descendentes. A palavra “filhos” é usada como descendentes, assim como a palavra “pais” é usada referindo-se aos ancestrais. O sangue de Jesus cairia sobre eles, sobre aqueles espíritos responsáveis pela condenação de Jesus, quando estes espíritos reencarnassem como seus próprios descendentes.

### 31. Porque, se ao madeiro verde fazem isto, que se fará ao seco?

No capítulo 15 de João Jesus diz: *“Eu sou a videira verdadeira, e meu Pai é o lavrador. Toda a vara em mim, que não dá fruto, a tira; e limpa toda aquela que dá fruto, para que dê mais fruto”* (João 15:1-2).

Jesus é o madeiro verde, vivo, a videira verdadeira. O madeiro seco é aquela vara que é arrancada pelo Pai, é aquele que ainda não descobriu o seu Cristo interno, que ainda não evoluiu suficientemente para receber a seiva da videira que é o Cristo.

Se Jesus, um espírito puro, que não tinha nada a expiar, experimentou a dor, os espíritos da Terra, que ainda estão submetidos a provas e expiações, certamente ainda têm na dor um importante mecanismo de ajuste.

### 32. E também conduziram outros dois, que eram malfeitores, para com ele serem mortos.

33. E, quando chegaram ao lugar chamado a Caveira, ali o crucificaram, e aos malfeitores, um à direita e outro à esquerda.

34. E dizia Jesus: Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem. E, repartindo as suas vestes, lançaram sortes.

Os dois que foram crucificados com Jesus talvez fossem companheiros de Barrabás, que foi trocado por Jesus. Fica demonstrado que a crucificação era comum, e que o mérito de Jesus não está no seu sofrimento. É comum em pregações religiosas enaltecerem o sofrimento físico de Jesus, como se isso tivesse alguma importância. A forma da morte de Jesus foi apenas um detalhe da sua missão, que em relação a nós consiste na revelação do Evangelho.

Os evangelistas relatam falas diferentes de Jesus na cruz. Lucas diz que Jesus pede ao Pai que os perdoe, pois eles ***não sabem o que fazem***. Se Jesus disse isso foi para nos servir de exemplo, pois Deus não perdoa. Só perdoa quem se ofende, e Deus não se ofende. Nossos erros não atingem Deus. É pretensão demais de nossa parte achar que Deus, creador do Universo infinito, se ofende com as nossas picuinhas.

As Leis de Deus estão gravadas em nossa consciência. Quem nos julga é a nossa própria consciência. Perdoar é deixar ir, deixar para trás, libertar. Ao se reportar ao perdão de Deus Jesus está pedindo que a consciência culpada se permita novas oportunidades, que se liberte dos erros cometidos, pois seu estado incipiente não tem noção da gravidade dos seus erros.

A Lei age sempre. Mas ao perdoarmos a nós mesmos, através da nossa consciência, nos permitimos recomeçar em condições mais amenas e construtivas do que se permanecêssemos ligados ao erro.

Os soldados romanos sortearam entre si as vestes de Jesus. Simbolizam todos os espíritos que ainda não se conscientizaram da realidade espiritual, pois Jesus estava prestes a libertar-se das suas vestes carnavais. Os soldados disputavam para ver quem ficava com as vestes sem perceberem que o valor não está nas vestes, mas no espírito que se utiliza das vestes.

Hoje ainda muitos religiosos se apegam ao corpo de Jesus, representando-o eternamente pregado numa cruz, atribuindo poderes ao seu corpo e ao seu sangue, esquecendo-se de que Jesus prometeu, em Mateus, que estaria sempre conosco (Mateus 28:20).

**35. E o povo estava olhando. E também os príncipes zombavam dele, dizendo: Aos outros salvou, salve-se a si mesmo, se este é o Cristo, o escolhido de Deus.**

**36. E também os soldados o escarneciam, chegando-se a ele, e apresentando-lhe vinagre.**

**37. E dizendo: Se tu és o Rei dos Judeus, salva-te a ti mesmo.**

**38. E também por cima dele, estava um título, escrito em letras gregas, romanas, e hebraicas: Este é o rei dos judeus.**

Lucas narra que zombavam de Jesus, desafiavam Jesus a salvar-se a si mesmo, se era realmente o Cristo. Não entenderam que o reino de Deus, de que Jesus falava, é um estado interno, que já existe dentro de nós, em estado embrionário, dependendo exclusivamente de nós para ser desenvolvido.

**39. E um dos malfeitores que estavam pendurados blasfemava dele, dizendo: Se tu és o Cristo, salva-te a ti mesmo, e a nós.**

**40. Respondendo, porém, o outro, repreendia-o, dizendo: Tu nem ainda temes a Deus, estando na mesma condenação?**

**41. E nós, na verdade, com justiça, porque recebemos o que os nossos feitos mereciam; mas este nenhum mal fez.**

**42. E disse a Jesus: Senhor, lembra-te de mim, quando entrares no teu reino.**

**43. E disse-lhe Jesus: Em verdade te digo que hoje estarás comigo no Paraíso.**

Os dois malfeitores simbolizam nossas reações em relação ao erro. Errar faz parte do nosso processo de aprendizado. Mas enquanto uns erram indefinidamente, sem aprender com os erros, outros se arrependem e tiram do resultado dos erros lições importantes, dispostos à reparação dos erros.

No versículo 43 encontramos uma antiga polêmica. A tradução diz: ***“E disse-lhe Jesus: Em verdade te digo que hoje estarás comigo no Paraíso”***. Lembramos que os manuscritos originais em grego não têm sinais de pontuação. A palavra “que” - te digo “que” hoje -, contida na tradução, também não consta no original.

O que se discute é a atribuição do advérbio “hoje”. Este advérbio está ligado a um dentre dois verbos. Se estiver ligado ao verbo “estarás”, esta tradução está correta: “Em verdade te digo: hoje estarás comigo no paraíso”. Se o advérbio “hoje” estiver ligado ao verbo “digo”, a tradução correta é: “Em verdade te digo hoje: estarás comigo no paraíso”.

Se a tradução que nós lemos está correta, o malfeitor teria ido para o paraíso com Jesus no mesmo dia, o que é inconcebível. Mesmo arrependido, o espírito colhe aquilo que plantou. O fato de arrepender-se proporciona ao espírito, encarnado ou desencarnado, condições de reparar o mal cometido, mas não o isenta da colheita. A cada um segundo as suas obras, disse Jesus (Mateus 16:27).

Além disso, Jesus não foi para o paraíso neste mesmo dia. Pedro, em sua primeira epístola, diz que Jesus, em espírito, foi pregar aos espíritos em prisão (1 Pedro 3:18-19). Os espíritos em prisão estão nas regiões purgatoriais, que nós conhecemos como umbral, ou no astral inferior, mas não no paraíso.

No Evangelho de João, quando Jesus aparece para Maria Madalena, ele lhe diz que ainda não havia subido para o pai (João 20:17), então é certo que o ladrão não esteve com Jesus no paraíso naquele mesmo dia, pois Jesus não estava no paraíso.

O ladrão pede a Jesus que se lembre dele quando Jesus entrar no seu reino. Jesus, em resposta, deixa claro que não é preciso que ele entre no seu reino para lembrar do ladrão, mas que desde já, desde agora, hoje mesmo, afirma que o ladrão estará com ele no paraíso. Quando? Quando o ladrão, que já se mostrava arrependido, estivesse suficientemente elevado para isso.

O ladrão não compreendia o reino de Deus, não sabia que o reino de Deus é um estado interno, mas Jesus, sabendo da incapacidade de compreensão do ladrão, em seu estágio evolutivo, não o corrige, fala a mesma linguagem que o ladrão, prometendo o paraíso, que era o máximo que o ladrão conseguia imaginar.

Na Septuaginta, a antiga tradução grega do Antigo Testamento, a palavra “paraíso” é como foi traduzida a expressão “jardim do éden”, que é citada no Gênesis (Gênesis 2:8).

**44. E era já quase a hora sexta, e houve trevas em toda a terra até à hora nona, escurecendo-se o sol;**

**45. E rasgou-se ao meio o véu do templo.**

Nenhum historiador registrou esse escurecimento da Terra. Temos que entender isso simbolicamente como um período de domínio das trevas sobre a luz. O véu do templo era o véu que protegia o chamado “Santo dos Santos”, uma parte do templo ao qual só quem tinha acesso era o sumo sacerdote.

O véu que se rompe simboliza o livre acesso a Deus proporcionado pelo ensinamento que Jesus nos legou. Não somos mais dependentes de templos ou religiões; Deus está ao nosso alcance, pois Deus está dentro de cada um de nós.

**46. E, clamando Jesus com grande voz, disse: Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito. E, havendo dito isto, expirou.**

**47. E o centurião, vendo o que tinha acontecido, deu glória a Deus, dizendo: Na verdade, este homem era justo.**

**48. E toda a multidão que se ajuntara a este espetáculo, vendo o que havia acontecido, voltava batendo nos peitos.**

**49. E todos os seus conhecidos, e as mulheres que juntamente o haviam seguido desde a Galiléia, estavam de longe vendo estas coisas.**

**50. E eis que um homem por nome José, senador, homem de bem e justo,**

**51. Que não tinha consentido no conselho e nos atos dos outros, de Arimatéia, cidade dos judeus, e que também esperava o reino de Deus;**

**52. Esse, chegando a Pilatos, pediu o corpo de Jesus.**

**53. E, havendo-o tirado, envolveu-o num lençol, e pô-lo num sepulcro escavado numa penha, onde ninguém ainda havia sido posto.**

**54. E era o dia da preparação, e amanhecia o sábado.**

**55. E as mulheres, que tinham vindo com ele da Galiléia, seguiram também e viram o sepulcro, e como foi posto o seu corpo.**

**56. E, voltando elas, prepararam especiarias e ungüentos; e no sábado repousaram, conforme o mandamento.**

A morte de Jesus na cruz é o último símbolo do Evangelho. Infelizmente a imagem que se mantém viva para muitas pessoas é Jesus pregado na cruz. Jesus continuou vivo e reapareceu aos seus discípulos. A morte na cruz simboliza a vitória sobre a matéria. A própria cruz representa o corpo material.

O Evangelho é o roteiro para o abandono da necessidade material, é o gabarito da prova terrena. Jesus nos legou com o seu exemplo um roteiro que devemos seguir para superarmos essa etapa da nossa evolução.

Jesus deixa o seu corpo físico com a cruz e entrega o seu espírito a Deus, entrega-se para Deus. É o nosso destino. Nos libertarmos da materialidade, dos desejos, das sensações, do orgulho, do egoísmo, disso tudo que é representado por uma palavra que personalizaram, a palavra “satanás”, que não é um ser, mas um estado de ser.

Esse é o destino de todos nós. Nosso livre-arbítrio, em última análise, é apenas a escolha sobre o maior ou menor tempo que levaremos para alcançar esse estágio.

#### **CAPÍTULO 24**

- 1. E no primeiro dia da semana, muito de madrugada, foram elas ao sepulcro, levando as especiarias que tinham preparado, e algumas outras com elas.**
- 2. E acharam a pedra revolvida do sepulcro.**
- 3. E, entrando, não acharam o corpo do Senhor Jesus.**
- 4. E aconteceu que, estando elas muito perplexas a esse respeito, eis que pararam junto delas dois homens, com vestes resplandecentes.**
- 5. E, estando elas muito atemorizadas, e abaixando o rosto para o chão, eles lhes disseram: Por que buscais o vivente entre os mortos?**
- 6. Não está aqui, mas ressuscitou. Lembrai-vos como vos falou, estando ainda na Galiléia,**
- 7. Dizendo: Convém que o Filho do homem seja entregue nas mãos de homens pecadores, e seja crucificado, e ao terceiro dia ressuscite.**
- 8. E lembraram-se das suas palavras.**
- 9. E, voltando do sepulcro, anunciaram todas estas coisas aos onze e a todos os demais.**
- 10. E eram Maria Madalena, e Joana, e Maria, mãe de Tiago, e as outras que com elas estavam, as que diziam estas coisas aos apóstolos.**
- 11. E as suas palavras lhes pareciam como desvario, e não as creram.**
- 12. Pedro, porém, levantando-se, correu ao sepulcro e, abaixando-se, viu só os lençóis ali postos; e retirou-se, admirando consigo aquele caso.**
- 13. E eis que no mesmo dia iam dois deles para uma aldeia, que distava de Jerusalém sessenta estádios, cujo nome era Emaús.**
- 14. E iam falando entre si de tudo aquilo que havia sucedido.**
- 15. E aconteceu que, indo eles falando entre si, e fazendo perguntas um ao outro, o mesmo Jesus se aproximou, e ia com eles.**
- 16. Mas os olhos deles estavam como que fechados, para que o não conhecessem.**
- 17. E ele lhes disse: Que palavras são essas que, caminhando, trocáis entre vós, e por que estais tristes?**
- 18. E, respondendo um, cujo nome era Cléopas, disse-lhe: És tu só peregrino em Jerusalém, e não sabes as coisas que nela têm sucedido nestes dias?**
- 19. E ele lhes perguntou: Quais? E eles lhe disseram: As que dizem respeito a Je-**

sus Nazareno, que foi homem profeta, poderoso em obras e palavras diante de Deus e de todo o povo;

20. E como os principais dos sacerdotes e os nossos príncipes o entregaram à condenação de morte, e o crucificaram.

21. E nós esperávamos que fosse ele o que remisse Israel; mas agora, sobre tudo isso, é já hoje o terceiro dia desde que essas coisas aconteceram.

22. É verdade que também algumas mulheres dentre nós nos maravilharam, as quais de madrugada foram ao sepulcro;

23. E, não achando o seu corpo, voltaram, dizendo que também tinham visto uma visão de anjos, que dizem que ele vive.

24. E alguns dos que estavam conosco foram ao sepulcro, e acharam ser assim como as mulheres haviam dito; porém, a ele não o viram.

25. E ele lhes disse: Ó néscios, e tardos de coração para crer tudo o que os profetas disseram!

26. Porventura não convinha que o Cristo padecesse estas coisas e entrasse na sua glória?

27. E, começando por Moisés, e por todos os profetas, explicava-lhes o que dele se achava em todas as Escrituras.

28. E chegaram à aldeia para onde iam, e ele fez como quem ia para mais longe.

29. E eles o constrangeram, dizendo: Fica conosco, porque já é tarde, e já declinou o dia. E entrou para ficar com eles.

30. E aconteceu que, estando com eles à mesa, tomando o pão, o abençoou e partiu-o, e lho deu.

31. Abriram-se-lhes então os olhos, e o conheceram, e ele desapareceu-lhes.

32. E disseram um para o outro: Porventura não ardia em nós o nosso coração quando, pelo caminho, nos falava, e quando nos abria as Escrituras?

33. E na mesma hora, levantando-se, tornaram para Jerusalém, e acharam congregados os onze, e os que estavam com eles,

34. Os quais diziam: Ressuscitou verdadeiramente o Senhor, e já apareceu a Si-mão.

35. E eles lhes contaram o que lhes acontecera no caminho, e como deles fora conhecido no partir do pão.

36. E falando eles destas coisas, o mesmo Jesus se apresentou no meio deles, e disse-lhes: Paz seja convosco.

37. E eles, espantados e atemorizados, pensavam que viam algum espírito.

38. E ele lhes disse: Por que estais perturbados, e por que sobem tais pensamentos aos vossos corações?

39. Vede as minhas mãos e os meus pés, que sou eu mesmo; apalpai-me e vede, pois um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que eu tenho.

40. E, dizendo isto, mostrou-lhes as mãos e os pés.

41. E, não o crendo eles ainda por causa da alegria, e estando maravilhados, disse-lhes: Tendes aqui alguma coisa que comer?

42. Então eles apresentaram-lhe parte de um peixe assado, e um favo de mel;

43. O que ele tomou, e comeu diante deles.
44. E disse-lhes: São estas as palavras que vos disse estando ainda convosco: Que convinha que se cumprisse tudo o que de mim estava escrito na lei de Moisés, e nos profetas e nos Salmos.
45. Então abriu-lhes o entendimento para compreenderem as Escrituras.
46. E disse-lhes: Assim está escrito, e assim convinha que o Cristo padecesse, e ao terceiro dia ressuscitasse dentre os mortos,
47. E em seu nome se pregasse o arrependimento e a remissão dos pecados, em todas as nações, começando por Jerusalém.
48. E destas coisas sois vós testemunhas.
49. E eis que sobre vós envio a promessa de meu Pai; ficai, porém, na cidade de Jerusalém, até que do alto sejais revestidos de poder.
50. E levou-os fora, até betânia; e, levantando as suas mãos, os abençoou.
51. E aconteceu que, abençoando-os ele, se apartou deles e foi elevado ao céu.
52. E, adorando-o eles, tornaram com grande júbilo para Jerusalém.
53. E estavam sempre no templo, louvando e bendizendo a Deus. Amém.

Não vamos analisar este capítulo porque nele já não encontramos os grandes ensinamentos e os simbolismos presentes ao longo do Evangelho. Neste capítulo é relatada a ressurreição ou aparecimento de Jesus aos seus discípulos, as reações dos discípulos e as últimas recomendações de Jesus. Há vários aspectos mediúnicos presentes neste capítulo que poderão ser analisados oportunamente, mas este não é o nosso foco de estudo.

Tudo o que sabemos de Jesus está nos Evangelhos. Os Evangelhos foram escritos por homens, por homens falíveis como nós. Por maior que tenha sido a inspiração espiritual durante a escrita dos Evangelhos, temos que lembrar que seus autores tinham suas limitações, suas idéias próprias e seus preconceitos.

Paulo começou a escrever as suas epístolas antes de os Evangelhos serem escritos. E Lucas foi, em maior ou menor grau, influenciado por Paulo. Por isso o mais importante é o ensino de Jesus, as suas próprias palavras citadas pelo evangelista.

Além das palavras de Jesus, acreditamos que os atos da vida de Jesus foram planejados por ele, provocados por meio de imagens fortes e símbolos facilmente perceptíveis, de modo a serem percebidos por espíritos atentos ao longo dos milênios.

Esse é o motivo de Jesus se expressar constantemente através de parábolas. Se Jesus usasse uma linguagem coloquial, convencional, sua fala ficaria restrita a assuntos bem delimitados e o seu ensino correria um risco maior de ser deturpado ao longo do tempo. Mas o ensino por meio de parábolas e de imagens e simbolismos atravessa o tempo.



Cada pessoa percebe neles o ensinamento que o seu grau de espiritualização é capaz de atingir. Há pessoas que ainda levam o ensino de Jesus ao pé da letra. Outros, por não compreenderem o seu sentido oculto, o distorcem. Temos plena consciência de que um dia, no futuro, as percepções que nós temos hoje a respeito do Evangelho parecerão primárias. Nós progredimos e progride a percepção do ensinamento cósmico e eterno de Jesus.

Com este estudo de Lucas não temos a pretensão, de modo algum, de esgotar o assunto. É um projeto a ser revisto e aperfeiçoado constantemente. Certamente perceberemos pontos a serem revistos, tanto de informações concretas quanto de interpretação.

Muito mais coisas podem ser vistas no Evangelho de Lucas. Muitos aspectos nos passaram despercebidos ou não foram abordados por exigirem uma série de outras informações que tornariam este estudo muito denso.

Tudo o que precisamos saber para o nosso progresso espiritual está contido nos Evangelhos. Mas para a sua compreensão precisamos de muitas outras informações, anteriores e posteriores ao ensinamento de Jesus. Não há como compreender a linguagem e os termos utilizados nos Evangelhos sinóticos sem conhecermos o Antigo Testamento. Não há como compreender a linguagem e os termos utilizados no Evangelho de João sem conhecermos a cultura grega.

Por outro lado, não há como assimilar completamente o ensino de Jesus sem considerarmos conceitos esclarecidos pelo Espiritismo, como a reencarnação, a Lei de causa e efeito e os fenômenos mediúnicos. Sem considerar estes fatores, o Evangelho fica capenga. Ou pendemos para uma análise paulina superficial, que privilegia a fé em detrimento das obras, e assim todo o ensino moral de Jesus se torna secundário, inclusive o Sermão da Montanha, o maior documento espiritual da Terra, ou transformamos Jesus em Deus e fazemos do Evangelho um manual de cultos, sacramentos e mistérios voltados para fora de nós, quando Jesus nos disse que o reino de Deus está dentro de nós e compete a cada um de nós, pelo nosso próprio esforço, desenvolvê-lo.

A única observação que fazemos sobre o capítulo 24 de Lucas é que a última recomendação de Jesus repete o começo deste Evangelho. O primeiro ensino prático do Evangelho de Lucas está em 3:3, quando é dito que João Batista pregava o batismo de arrepentimento para o perdão dos pecados - ou batismo de conversão para o perdão dos pecados. Agora, no último capítulo, no versículo 47, Jesus reco-

menda que se pregue **“o arrependimento e a remissão dos pecados”** - ou o perdão dos pecados.

O Evangelho de Lucas começa e termina com essa mesma recomendação. Tudo o que está contido no Evangelho é decorrência natural, para todos nós, da prática desta recomendação que abre e fecha o ensino prático do Evangelho de Lucas. Temos que mudar a nossa mentalidade, pois a palavra grega *metanoia*, que é traduzida como “conversão” ou “arrependimento”, quer dizer “mudança de mente”, “transformação mental” - e deixar os erros para trás, abandonar os erros, nos libertarmos dos erros, pois o “perdão dos pecados” é isso: a libertação dos erros.

Como fazer isso? Quando fazer isso? Onde fazer isso? Para quê fazer isso?

Essas respostas estão contidas ao longo do Evangelho. Mas é isso que temos que fazer. É isso que é recomendado no início e no fim do Evangelho de Lucas. Esse é o caminho da libertação, da espiritualização.

Força e paz!